

A ÚLTIMA VIRGEM

Dorie Graham



Sabrina Walker não está tendo um caso com Noah Banks! E foi isso que disse a ela mesma... várias vezes. Para Noah está tudo ótimo. Ela não faz mesmo o seu tipo.

Mas após a única noite maravilhosa que passaram juntos, Noah foi fisgado. Ele está decidido a seguir Sabrina por toda a parte para provar que eles estão vivendo o romance mais apaixonado de suas vidas.

Digitalização e Revisão:

Crysty



*Dorie Graham – A Última Virgem
(Grandes Romances 01)*

Dorie Graham descobriu seu talento para escrever quando, aos 9 anos, a revista Highlights aceitou publicar uma de suas reduções do colégio. Apesar da vocação precoce, foi apenas depois do nascimento de sua terceira filha que Dorie publicou seu primeiro livro. Atualmente, a escritora mora em Roswell, na Geórgia com suas três filhas.

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Copyright © 2002 by Dorene Graham
Originalmente publicado por Harlequin
Título original: THE LAST VIRGIN

Editoração Eletrônica: TopTextos Edições Gráficas Ltda. Tel.: (55 21) 2240-2609

Impressão:

RR DONNELLEY MOORE

Tel.: (55 11)2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Tel.: (55 21) 3879-7766

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondências para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capítulo Um

— Noah, estou desesperada! — O pânico tomava conta da voz de Mona Freeman.

Noah Banks engoliu em seco. Seu estômago contraiu. Normalmente mulheres lhe diziam tais palavras simplesmente sem fôlego, algo com o que ele se sentia mais capaz de lidar.

Ele entrara no escritório de seu sócio, Cliff Walker, sem nenhum objetivo em mente além de rever o balanço do dia e os portfólios de seus clientes depois da dose noturna de tequila. A última coisa que Noah esperava era participar de uma discussão entre Cliff e a futura esposa dele.

O olhar de Noah foi de Mona para Cliff. Ele estava sentado à sua mesa de madeira maciça. Sua expressão fazia Noah lembrar-se de seu próprio pai encarando a mãe, na época em que ambos toleravam ficar na mesma sala.

Mona correu até Noah e ele enrijeceu. As pequenas mãos da moça agarraram seu braço, demonstrando uma certa frustração. Por que ele sentia esse desejo de ajudá-la, uma vez que nunca fora adepto de resolver crises familiares?

Relutantemente, colocou as mãos sobre as dela. Quase teve medo de perguntar, dada a expressão severa de Cliff:

— Qual é o problema?

— Não! — Cliff saltou da cadeira, arremessando-a para trás de modo inesperado. — Eu já disse. Ele... — Seu dedo tremia enquanto apontava para o sócio. — ... não é uma opção.

Noah lançou-lhe um olhar. Qual era o problema de Cliff? Embora não fizesse idéia do que o sócio queria dizer, aquelas palavras machucavam. Ele abriu a boca para protestar, e depois a fechou.

Cliff tinha razão. O que quer que fosse, eles poderiam resolver sem sua ajuda. Cliff podia cuidar de sua mulher histérica. Noah deu um passo na direção da porta do escritório em que havia entrado relutantemente.

Mona caminhou com ele.

— Cliff, Noah é seu padrinho, e nossa única esperança. Com um leve sorriso, Noah bateu a mão sobre a dela.

— Eu volto mais tarde. Parece que vocês precisam resolver isso sozinhos.

— Ah, não! — Os olhos dela se arregalaram, suplicantes. — Precisamos de você.

— Não! — Em um instante Cliff se pôs entre os dois, com os cabelos escuros esvoaçando em várias direções, como se ele tivesse tentado literalmente arrancá-los do escalpo. — Apenas teremos de avisá-la para que vá por conta própria.

— Mas, Cliff... — O lábio inferior de Mona tremeu. Ela piscou. — Isso vai estragar tudo. Estou planejando há semanas. Ela tem de chegar exatamente às nove, ou a surpresa será arruinada. Você sabe o quanto estou apostando nisso. Ela me odeia e preciso dessa festa para conquistá-la. Acho que está chateada porque marquei o casamento numa data tão perto do aniversário dela. Oh, por favor. — Grandes lágrimas desceram pelas bochechas enquanto ela dava um soluço engasgado.

Noah intensificou as batidas em sua mão. O desconforto no estômago se tornou um nó. O que havia nas lágrimas de uma mulher que o fazia amolecer por dentro? Droga, ele nunca foi capaz de dizer não a uma mulher em apuros.

— Quem tem de chegar aonde?

— S-S-Sabrina — Mona soluçou. — Tem de chegar à festa surpresa dela.

— Sabrina? — indagou Noah, incapaz de reconhecer o nome.

— A irmã de Cliff.

Noah fitou Cliff, que continuava imóvel e em silêncio. Ele havia mencionado uma irmã quando estiveram em Auburn cinco anos antes, mas Noah nunca a conhecera.

— É isso? É esse o motivo de toda essa choradeira? — Mulheres são criaturas tão emotivas. Ele voltou o olhar do rosto cheio de lágrimas de Mona para a rígida expressão de Cliff. — Vocês só precisam de alguém para bancar o motorista?

— Para mim, significaria muito conquistar a simpatia dela. Acho que isso pode ser o bastante. — As lágrimas ainda saíam dos olhos de Mona enquanto o fitava, mas um brilho de gratidão preenchia o azul de suas pupilas. — Você não

pode comentar nada sobre a festa.

Ela soltou o braço dele e foi para o lado de Cliff.

— Cliff vai ajudá-lo com os detalhes. — Voltou o rosto para o noivo. — Certo?

— Não. — Sua voz perdera um pouco da veemência anterior.

As pontas dos dedos de Mona tocavam as bochechas dele. Ela apertou o corpo contra o de Cliff.

— Por mim?

Ele fechou os olhos por um momento e passou o braço ao redor dela, se rendendo.

— Eu realmente não gosto disso.

Com um grito de felicidade, ela entrelaçou os braços ao redor das costas de Cliff.

— Eu te amo. Eles vão estar em um lugar público e todos vamos estar lá para acompanhar. Tudo vai ficar bem.

Deu um beijo demorado em seus lábios e se afastou para pegar a bolsa. As lágrimas agora se reduziram a uma ocasional fungada.

— Tenho de cuidar das flores para o casamento. Explique tudo a Noah. — Mona saiu da sala em seguida.

Noah se voltou para Cliff com um sorriso. Agora que a discussão tinha passado, a tensão diminuía.

— Isso faz o estilo dela. Cliff balançou a cabeça.

— Você não faz idéia. — Virou na direção da mesa, pegou alguns formulários e arremessou-os contra a mesa. — Eu nunca teria concordado com isso se não fosse o último recurso.

— São seis horas. Hora de beber algo. — Noah ignorou o comentário de Cliff e guiou a conversa para o objetivo original de ter ido ao escritório. Foi até o armário atrás da mesa e pegou dois pequenos copos em uma prateleira.

O drinque das seis era um ritual que tinham começado durante o segundo ano do ensino médio. Era uma tradição honrosa que Noah herdara de seu pai, que adotara o costume depois de uma semana no México com seus colegas de faculdade. Durante a viagem, o pai desenvolveu muita afinidade pela tequila

José Cuervo, que agora era a única marca usada no ritual.

Noah deu um dos copos a Cliff, que o colocou sobre a mesa e, em seguida, pegou uma garrafa de uma gaveta mais baixa. Derramou o líquido dourado nos dois copos.

— Obrigado. — Noah ergueu seu copo oferecendo um brinde, seguido por Cliff. — Ao trabalho e ao prazer. Na mesma medida.

Noah bebeu o drinque em um gole. Repousou o copo vazio e se dirigiu à janela, observando o céu do centro da cidade de Atlanta. O sol se punha lentamente, lançando grandes sombras sobre os telhados. Seis andares abaixo, uma longa fila de carros se arrastava pela rua.

Ele olhou para Cliff.

— Então, finalmente vou conhecer sua irmã.

De forma repressora, Cliff apontou o dedo para o sócio.

— Leve-a até a festa surpresa, mas mantenha suas mãos longe dela! É uma boa garota.

Incomodado, Noah espremeu os olhos.

— Por que ficou tão nervoso? Não tenho planos em relação à sua irmã. Ainda nem a conheci, o que, aliás, me parece um pouco estranho. Dava para entender quando estávamos em Auburn, mas trabalhamos aqui por anos antes de eu me mudar para Denver. Já voltei há várias semanas, ela mora em Atlanta e mesmo assim ainda não nos conhecemos. Por quê?

Cliff o repreendeu.

— Eu já disse. Ela é uma boa menina. Não quero expô-la aos seus... seus hábitos pessoais. Acredite, tentei chamar todos para essa festa. Ninguém estava disponível.

— Hábitos pessoais?! Eu estava pensando em uma simples apresentação, não uma reunião de colegas de quarto. — Noah inclinou a cabeça enquanto sua indisposição com Cliff aumentava. — O que há de errado com meus hábitos pessoais?

Com um som de exasperação, Cliff gesticulou com a mão.

— Loiras nas segundas, morenas nas quintas e raivas no final de semana.

Sabrina não, é desse tipo. Ela é romântica. Acredita em amor e em viver feliz para sempre. Não quero que você a corrompa.

Noah se ressentiu.

— Essa doeu. Só porque gosto de mulheres não quer dizer que eu vá pular em cima de sua irmã. — Ele fechou a persiana. O céu de Atlanta desapareceu.

— Apenas leve-a para a festa e não tente nenhum de seus truques, senão... eu e você vamos ter de nos entender.

— Nos entender? — Noah riu. Era difícil levar Cliff a sério enquanto seus cabelos pareciam o de alguém sendo eletrocutado. — Você está exagerando. Eu consigo me controlar. Além disso, ainda não disse que concordo em levá-la.

— É claro que você vai fazer isso. Você precisa. E vai se controlar. — Ele exalou pesadamente. — Eu não pediria se não estivesse desesperado. Tenho de viajar até Boca para fazer a revisão trimestral do portfólio da Companhia Shoreland.

— Você ouviu a Mona. Ela contratou um bufê. Está empenhada. Por algum motivo ela enfiou na cabeça que Sabrina não gosta dela.

Tudo para agradar uma mulher. Cliff estava fora de si. Noah fechou os olhos. Aos trinta anos, ele havia aprendido do modo mais difícil que não há como satisfazer uma mulher. Pelo menos não nesse sentido...

Dois anos antes, ele deixara a sociedade com Cliff para acompanhar Rebecca até o Colorado. Ele teria dado tudo a ela: seu tempo, dinheiro, até havia oferecido seu nome. Graças a Deus ela recusara a oferta. Não importava o que ele oferecesse, nunca era o bastante. Noah saíra do relacionamento sem nenhuma ilusão. Isso quase custou sua carreira.

Cliff teria de aprender a mesma lição por conta própria, mas como Noah poderia deixar de quebrar um galho para o sócio?

Voltou-se para Cliff:

— Você pode levar sua irmã à festa. Eu vou a Boca por você. A velha senhora Shoreland gosta de mim.

— De jeito nenhum. Sua neta está visitando com o noivo, o que não significa um impedimento para você.

— Espere um pouco! Eu *não* sou o canalha que você pinta. Nunca roubei a mulher de outro homem.

— Não. Nunca precisou. Por algum motivo, as mulheres correm em sua direção. É irritante.

Com um resmungo, Noah foi até a mesa.

— Nem todas.

— É? — Cliff franziu as sobrancelhas. — Quer dizer que pelo menos uma ainda não gemeu nos seus braços?

— Aquela loira do quarto andar. Acho que trabalha na companhia de seguros.

— Ele deu de ombros. — Ela tem sido meio evasiva.

Um sorriso surgiu no rosto de, Cliff.

— Darcy. Almoçamos juntos ontem. Saíamos de vez . em quando na época da escola. — Ele limpou a garganta.

— É claro que agora eu tenho a Mona. Digo, foi só um almoço. Lá estava ela, sozinha naquele balcão enorme...

— Você a seduziu? — Noah o encarou, surpreso. As bochechas de Cliff pareciam um sinal vermelho. O bom e velho Cliff tinha almoçado com a vítima de Noah do mês? Como era possível?!

— Não, não! Nada disso. Darcy temo ritmo parecido com o seu. Bem, ela era bem direta no colégio. E claro que as pessoas mudam...

Noah se animou com a novidade. Darcy parecia ser exatamente o que ele precisava: um bom relacionamento descomplicado. Depois do desastre com Rebecca, ele achava que nunca mais ia querer alguma coisa com uma mulher.

— Posso cuidar disso.

Com as mãos nos bolsos, Cliff encarou o sócio.

— Então, você vai me ajudar ou não?

Noah afastou a mente das pernas compridas e curvas provocantes de Darcy. Preferia passar a noite de sexta com ela do que com uma "boa menina".

— Você não consegue arrumar outra pessoa?

— Não tem mais ninguém! Eu não teria pedido a você, se tivesse outra escolha.

Com a testa franzida, Noah verificou a lista na mesa. Percebeu a página inteira de nomes riscados. — Você pediu ao Fred, o cara do correio?

— Já disse que estava desesperado.

Noah apontou a lista.

— Meu nome nem está aqui.

Cliff o fitou.

— Certo. O que você quer? Quanto?

— O quê? Agora vai me subornar? — Uma gargalhada subiu à garganta de Noah. — Esqueça. Você não poderia pagar o bastante.

— Darcy! — Os olhos de Cliff se arregalaram. Ele andou até Noah. — É isso! Você leva Sabrina para jantar e depois até a festa. Vou falar bem de você para Darcy. Vou inclusive convidá-la para a festa.

Visões do decote generoso e dos quadris roliços de Darcy passaram pela mente de Noah. A expectativa percorreu seu corpo. Não podia ser tão ruim jantar com a irmã de Cliff. Além disso, ele havia perdido a maioria de seus clientes com sua última aventura, e Cliff estava lhe dando uma chance de reconstruir sua carreira. Ele devia algo a seu velho colega de quarto.

Após mais um momento de hesitação, Noah estendeu a mão.

— Combinado.

O alívio tomou conta da expressão de Cliff. Até o cabelo pareceu relaxar. Ele apertou a mão de Noah.

— Combinado. Você leva Sabrina para jantar e depois para casa. Meu vôo chega por volta das dez, mas Mona quer que vocês dois cheguem às nove em ponto. Direi a Sabrina que Mona vai até Boca comigo e que não voltaremos até domingo. Você pode dizer que está cuidando do cachorro.

— Cachorro?! — Noah cerrou os olhos — Aquela imitação de pastor alemão que odeia homens?

Cliff piscou.

— Opal é mestiça de pastor alemão. E ela não odeia to-, dos os homens. Já se acostumou comigo. Ela só tem ciúme da Mona. De qualquer jeito, você vai ter de cuidar dela.

— Certo. — Concordando, Noah se dirigiu à porta.

— Espere.

Noah parou e se virou para o sócio. Cliff fez uma pausa, encarando-o severamente.

— Há mais uma coisa que você tem de saber sobre Sabrina. Ela não é o tipo de mulher com que você está acostumado.

— Está certo. Você já me disse isso. Ela é romântica. Não se preocupe, vou levá-la a um lugar legal.

— Ótimo. — Cliff torceu o rosto. — Mas não é disso que estou falando.

Noah deu um suspiro impaciente.

— Então, do que se trata?

Um olhar de ameaça veio do rosto de Cliff.

— O que estou dizendo é que ela... é virgem. E quero que continue assim.

Sabrina Walker rosnou. Retirou o calendário da parede ao lado da caixa de fusíveis e começou a contar os quadrados que representavam os dias da semana, terminando na sexta-feira seguinte. Dia treze. Seria uma sexta-feira treze. Quem faz uma festa de aniversário nesse dia?

— É um mal sinal, Walker — ela murmurou consigo mesma. — Um péssimo sinal. — A depressão que a assombrava há meses se manifestava. Todas as pessoas que conhecia já estavam casadas e esperando o segundo ou terceiro filho.

Todas, menos ela.

Pulou na cadeira de escritório de metal que comprara do segunda mão para combinar com a mesa também era herdada quando adquirira a livraria, há quatro anos. Depois de um minuto procurando entre pilhas de catálogos e folhas de pedidos sobre a mesa, ela desenterrou o telefone. Discou um número e esperou três toques.

— Alô? — Bess Anderson, sua melhor amiga, atendeu.

— A vida está passando diante dos meus olhos, Bess.

— Sabrina?

— Eu sei que aos 16 anos jurei esperar alguém especial, mas pensei que já teria encontrado o amor a esta altura. — Sabrina enrolou o fio do telefone entre seus dedos. — Sou uma árvore. Fico sentada aqui e nada acontece na minha vida.

Não tem ninguém para me dar boa-noite no fim do dia. — Engoliu em seco. — Sem esperança de ter um filho.

— Oh, Brina... você pode ficar com um dos meus. Que tal os três? — Uma das filhas de Bess gritou ao fundo. — Com licença um instante. — Ouviu-se o som do telefone caindo e Bess gritou para que a filha ficasse quieta. — Desculpe — disse ela, enquanto voltava à linha.

Os dedos de Sabrina ficaram vermelhos.

— Eu só preciso de um começo.

— Tem um cara novo trabalhando para o Tom.

— Estou pensando seriamente nessa hipótese...

— Sério? Ótimo. Marcamos um encontro... —

Estourar a rolha, dar adeus à velha cereja...

— Como é que é?!

— Talvez seja a hora de perder minha virgindade. Ter um caso. Conhecer o lado selvagem. — Sabrina rangeu os dentes. Dizer essas palavras em voz alta enviou uma onda de satisfação por todo o seu ser. Puxou o dedo para fora do fio, permitindo que seu sangue circulasse num fluxo normal.

— Então, querida? Quem é ele? Não vai fazer nada precipitado, não é?

Sabrina riu.

— Eu me mantive virgem por quase 25 anos. O que há de precipitado nisso?

— Você entende o que quero dizer. Quem é ele? Você o ama? Por que não...?

— Eu não sei quem *ele* é, ou será. Do jeito que estou me sentindo, o próximo solteiro que passar na minha frente pode se dar bem!

— Sabrina? — Toby Baxter, um estudante do ensino médio contratado por ela para trabalhar no turno da tarde, colocou a cabeça para dentro do escritório. — Você pode ficar lá na frente um instante? Preciso ir ao banheiro.

— Claro, Toby. Só um instante. Ele sorriu, agradecido, e se retirou. Sorridente, Sabrina voltou ao telefone.

— Está legal. O *próximo* homem solteiro, então.

— Olhe, Brina...

— Eu preciso ir. Obrigada por me permitir a desabafar, Bess.

— Espere, não...

Ela desligou. Nada que Bess dissesse poderia mudar sua decisão. Além disso, Bess não era um poço de sabedoria. Olhe a bagunça que fez com sua própria vida. Sabrina suspirou e balançou a cabeça.

Pobre Bess. Quando tinham 16 anos, as duas choraram juntas quando descobriram que Bess estava grávida de Tommy Anderson, seu primeiro namorado "de verdade". Para o horror de Sabrina, Bess, com seu rosto de modelo, jogou fora um futuro brilhante na alta-costura para se casar com Tom e ter o bebê.

Nove anos e três filhos depois, Bess ainda estava presa em Atlanta e a Tom. O coração de Sabrina se contorcia. É claro que Bess amava seus filhos, mas que vida incrível ela poderia ter tido! Quantas noites tinham passado acordadas juntas planejando a sofisticada carreira de modelo que ela teria, o apartamento em Nova York e sua foto na capa da *Vogue*!

Sabrina parou. Para ela, tudo o que sempre quis era uma carreira, um marido que a amasse e admirasse, e filhos. Profissionalmente, estava fazendo exatamente o que queria, mas faltava a vida pessoal. Claro que sempre marcava encontros, procurando esse alguém especial. A tragédia de Bess a ensinou a não agir de outra forma. Infelizmente, nunca demorava muito para perceber que um homem não era O Homem, o certo, então seus relacionamentos tendiam a evaporar antes de se tornar algo sério.

Dando uma última olhada no calendário, ela se afastou da mesa. Sexta-feira treze! Por que logo esse dia para um aniversário?!

Parou à porta do escritório. Precisava fazer algo para se distrair. Fechando os olhos, se imaginou tomando sol em um lugar de areia cristalina. Era isso! Iria a seu *resort* favorito em Destin, na Flórida, e comemoraria seu aniversário sozinha.

Enquanto entrava na área da loja, sua mente viajava com a lista de coisas que teria de fazer para se preparar para a viagem: certificar-se de que alguém cuidaria da loja, ligar para o *resort* e marcar o voo. Com sorte, resolveria tudo até o fim do dia.

Com a resolução firme na mente, foi render Toby. A porta da frente da loja

estava aberta, recebendo a brisa de maio. A luz do sol inundou as colunas das janelas que iam do chão ao teto, embelezando a frente do estabelecimento. Plantas pendiam em vasos perto das janelas e encostavam nas várias estantes de livros, dando um leve toque de verde. Graves sons de *jazz* fluíam no ambiente, vindos de caixas de som no alto.

Com um murmúrio de alívio, Tom correu para a porta dos fundos, deixando a pequena livraria vazia, exceto por Sabrina e Libby Conrad, uma das clientes regulares. Um lenço florido prendia os cachos dos cabelos ruivos pintados de Libby atrás da cabeça. Ela se esticou para alcançar uma prateleira alta em uma das várias estantes.

— Precisa de ajuda? — perguntou Sabrina. Balançando a mão, a velha senhora a dispensou.

— Não se preocupe comigo, querida. Estou bem. Sei que você tem muito trabalho a fazer.

Sabrina deu um sorrisinho. Estava tão distraída agora que odiaria esbarrar inadvertidamente na pobre senhora. Pegando um regador atrás do balcão, Sabrina foi regar um vaso de samambaia. Cuidar das plantas normalmente a acalmava.

Libby raramente comprava ou trocava livros. Normalmente folheava e conversava com outros fregueses. Embora sentisse carinho pela velha senhora, Sabrina às vezes se perguntava quanto à senilidade de Libby. Ela costumava falar sem parar, viajando por histórias de um passado muito distante.

Ao terminar de regar as plantas, Sabrina puxou o caderno de pedidos dos clientes para comparar com seu mais recente estoque de livros. Ainda tinha uma generosa leva de produtos novos, embora a entrada de muitas megalivrarias na área a tivesse feito ampliar a sessão de livros usados. Precisava de um diferencial que lhe permitisse ter competitividade. Cliff ficou surpreso quando ela disse o tipo de investimento que estava fazendo, mas se não agisse assim, não duraria muito devido ao tipo de competição que estava tendo de enfrentar. Até agora, sua estratégia estava funcionando.

Tobby voltou dos fundos, dirigindo-se a uma pilha de livros usados no balcão.

— Já cataloguei estes — disse, erguendo um monte. — Parte dessa velharia é lixo. — Resmungou alguma coisa que Sabrina não entendeu e desapareceu por

um corredor de livros.

Libby fez uma súbita aparição no balcão. Sabrina se preparou.

— Henry me ligou?

Suspirando, Sabrina respondeu com um sorriso.

— Não, Libby. Sinto muito, mas ninguém ligou para você.

Uma expressão de esperança sumiu do rosto da senhora.

— Ele vai ligar. Ele prometeu — disse ela, com sua voz ríspida habitual.

Sabrina apertou a mão da velhinha. Toda vez que Libby aparecia na loja elas repetiam essa cena. Normalmente, Sabrina controlava o inevitável apelo de suas emoções. Hoje, no entanto, o coração disparou e os olhos se encheram de lágrimas. O que teria acontecido ao Henry de Libby?

— Sim. — Sua voz tremeu. — Ele vai ligar. — Piscou com lágrimas embaraçosas. Esse ridículo desastre de aniversário havia mexido muito com ela. Libby mexeu seu dedo enrugado.

— Ele é um amante incrível, sabe?

Sabrina se ajeitou. Isso não era parte da rotina.

— Tenho... certeza de que é.

— Sabe todas as posições!

— Que... que bom para você.

— Ele toca gaita. — Ela se empolgou. — E eu danço. Vou lhe mostrar.

— Não precisa. — Sabrina olhou em volta. Nenhum outro cliente havia entrado e Toby provavelmente estava perdido nas prateleiras da seção de ficção científica. — Não precisa se dar ao trabalho.

— Ah, sim, minha querida. Você tem de aprender, para poder fazer com seu rapaz. — Ela jogou as mãos para o ar e se sacudiu naquilo que devia considerar um movimento sedutor. A música as envolvia. — Isso deixa os rapazes no clima, sabe?

Sem saber como lidar com ela, Sabrina limpou a garganta, deu a volta no balcão e alcançou a velha senhora.

— E-eu não tenho um rapaz!

— Não? Talvez... seja... porque... você... não faz... essa dança. — A mulher mais velha intensificou os movimentos e controlou a respiração. — Isso faz o sangue fluir.

— Libby... por favor, por que não senta e descansa um pouco? Acho que já entendi como é.

— Não... não... Você tem de aprender!

Sabrina enrubesceu. A mulher parecia prestes a ter um ataque do coração, mas parecia determinada a continuar até que Sabrina se juntasse a ela.

— Certo. Disse Sabrina, erguendo os braços e balançando. — Mas só um pouquinho. — Olhou ao redor novamente para ter certeza de que ninguém estava olhando.

— Mais... com o quadril. — Os quadris de Libby se mexiam em círculos exagerados.

Sabrina mordeu os lábios, se concentrando. Depois de alguns instantes, seus músculos se aqueceram e ela sorriu. A música fluía pelo seu ser. Seu corpo se movia em harmonia com as notas do sax.

— Pronto. Acho que peguei o jeito.

— Ah, pegou sim. Com certeza. — Uma forte voz masculina ecoou atrás dela.

— A pergunta é: será que você poderia me ensinar um pouco disso?

O embaraço inundou Sabrina, enquanto ela se voltou para encarar aquele estranho alto. Estava parado logo na entrada da loja. A leve brisa levantava um pouco seus cabelos escuros. Seus olhos, negros como carvão, brilhavam com incontida admiração. Seu olhar percorreu os quadris de Sabrina e então subiu, parando por um longo momento em seus seios, antes de se erguer para encontrar os olhos dela.

Um arrepio a dominou. Homens já haviam reparado nela antes, até mais freqüentemente do que queria, mas sua admiração normalmente causava pouco efeito. Mas o olhar daquele homem provocou-lhe um frio no estômago.

Aquele sorriso demorado mostrou que ele não havia sido enganado pelo vestido simples de algodão.

— Viu? Já fisgou um. — Libby apontou na direção do recém-chegado. — Nada

mau para sua primeira vez.

O homem sorriu e se dirigiu até elas.

O calor subiu pelo pescoço de Sabrina até suas bochechas. Nunca tinha ficado tão mortificada.

Ele se movia com a graça e a precisão de uma pantera. Esguio. Sensual. O terno cinza lhe caía bem, como se tivesse sido feito sob medida. Os ombros largos e quadris bem definidos preenchiam suas medidas com precisão.

— E então? Poderia? — A voz dele chegou até ela.

Outro arrepio a dominou, agora vindo do fundo do estômago. A dança deve tê-la deixado tonta.

— Como é?

— Pode ir! — Libby pegou no braço dele. — Sabrina não se solta nem um pouco. — Ela olhou para Sabrina. — E talvez esse seja o problema.

Sabrina fitou Libby. As palavras se recusavam a sair de sua boca.

Em resposta, o homem parou. Ele disse, direto:

— Sabrina? — Encarava-a com olhos incrédulos. — Sim. — Ela ofereceu a mão, grata por ter encontrado sua voz, embora estivesse estranha, ligeiramente sem ar. — Sabrina Walker. Está procurando algo que eu possa ajudar a encontrar?

— Bom, na verdade... — Ele envolveu a mão dela com suas grandes mãos. — ...eu vim procurar você.

— Por mim? — Sabrina piscou. Seu coração bateu com o triplo da velocidade, enquanto o calor das mãos dele derretia nas suas. Um pequeno tremor nasceu em seus dedos e subiu pelo braço. Sentiu uma alarmante vontade de abraçá-lo. O que um homem lindo como aquele poderia querer com ela?

— Isso mesmo. — Soltando-a, ele abriu os braços. — Sou Noah Banks. Trabalho com seu irmão.

Um misto de excitação e surpresa percorreu o corpo de Sabrina.

— Noah?! Minha nossa... *Isso* é que é surpresa. Cliff me falou muito de você. — De como ela deveria correr na direção oposta, se por acaso esbarrasse com ele na rua.

Os olhos de Noah brilharam.

- Posso imaginar. Provavelmente só metade do que ele disse é verdade.
- Não sei, não. Tenho a impressão de que ele não deveria estar tão enganado.
- Sempre duvidara das histórias do irmão sobre as proezas sexuais de seu colega de quarto. Até agora. Cliff estava certo em preveni-la. Noah emanava perigo. E excitação.

Deu um passo para trás e quase esbarrou em Libby.

- Meu Deus, sinto muito. Onde está minha educação? — Sabrina gesticulou na direção da mulher. — Esta é Libby Conrad, minha mais valorosa cliente. Sra. Conrad, este é Noah Banks, devorador de mulheres.

Noah pôs uma das mãos sobre o peito.

- Assim você me magoa! — Pegou a mão estendida de Libby, beijando-a levemente. — Eu sempre deixo as mulheres sorrindo. E muito vivas, por sinal.
- Aposto que sim. — Libby puxou a mão. — Você é um rapaz sedutor, mas vamos ter de parar por aqui. Meu Henry vai estar aqui a qualquer momento, e ele é do tipo ciumento.

O coração de Sabrina apertou novamente. Noah olhou por cima dos ombros, como se estivesse com medo de dar de cara com o amante da velha senhora.

- Henry?

- Henry Thomas Watson, de Decatur. Um homem de verdade. — Com dedos trêmulos, Libby puxou um medalhão de ouro do meio dos seios. Ela o abriu e segurou na direção de Noah.

Apesar do que sentia, Sabrina se posicionou ao lado dele para dar uma olhada no famoso Henry. Havia dois pequeninos porta-retratos. Um deles tinha a figura de uma jovem de cabelo vermelho-fogo e um sorriso familiar, e o outro, a foto de um homem de cabelos ondulados, bonito mas sério, olhando em sua direção. Libby suspirou. Devem ter sido extremamente apaixonados.

Noah se ergueu, soltou o medalhão, fitou a senhora e sorriu.

- Um homem muito sortudo, o seu Henry.
- Pode apostar! — Libby deixou o medalhão cair novamente para dentro do decote.

Sabrina engoliu em seco e tentou acalmar o frio que sentia na barriga por causa

do toque accidental de Noah. Tinha de se recompor. Era só um homem.

Um homem solteiro.

Ela recuperou o fôlego e deixou o olhar deslizar pelos ombros largos, a cintura na medida certa e mais para baixo. A sensação de inquietação aumentou. Ele limpou a garganta. Os olhares se encontraram. Embora estivesse apenas parado na sua frente, o calor daqueles olhos perfurou Sabrina.

Então, aquilo era desejo.

— Olhem, vou sair do caminho e deixar os dois se conhecerem melhor. — Libby deu um tapinha no braço de Sabrina. — Viva um pouquinho. Piscou, se afastou e foi procurar Toby.

Noah ficou ao lado de Sabrina. Seu irmão tinha de estar errado. Era impossível ela ser virgem. Não pelo jeito que se movia e a maneira como o encarava com olhos famintos. Seu corpo o atraía com aquela dança de sereia e voz aguda que, sozinhos, bastariam para fazer um homem perder a razão.

— Cliff manteve um mistério tão grande sobre você que atizou minha curiosidade. Andava tentando descobrir um jeito de conhecê-la. — O olhar de Noah se dirigiu às estantes cheias de livros. Por algum motivo, não podia olhar direto para ela e dizer sua meia-verdade. — Perguntei a Tiffany, do escritório, sobre o que deveria dar a Cliff e Mona como presente de casamento e ela mencionou que eu deveria perguntar a você.

Olhando de volta para cima, ele foi novamente envolvido por aquele olhar brilhante e azul.

— Então, aqui estou, com o humilde propósito de pedir seu conselho e verificar essa mulher misteriosa, é claro.

Ela balançou a cabeça.

— Cliff sabe que você está aqui?

— É... não. Eu não disse aonde ia.

Ela sorriu e seus olhos acenderam com prazer.

— Bom, se você não contar, também não contarei.

— Meus lábios estão selados.

Os cabelos de Sabrina brilhavam de forma hipnotizante, banhados pela luz do

sol que atravessava a porta aberta. Noah cerrou a mão, para evitar tocar o cacho que pendia sobre os ombros dela.

— Você não se parece nada com seu irmão. Exceto pela cor dos cabelos.

Sua mão traiçoeira subiu. Os dedos passeavam pelas madeixas escuras. Macio como a seda. Ele se inclinou para a frente e sentiu o perfume de flores silvestres. O pulso disparou.

— Hum... o presente de casamento. — A voz de Sabrina flutuou até ele, macia e hesitante.

Os olhares novamente se encontraram. Claros e brilhantes, os olhos dela o envolveram até que ele sentisse como se estivesse se afogando neles. Aqueles olhos guardavam uma pureza que Noah nunca tinha visto.

Com uma sacudida nos pensamentos, ele desceu a mão e se endireitou. Era verdade. Ela *era* virgem. Emanava inocência. Um solteirão que não acreditava em contos de fada ou em "viveram felizes para sempre" não tinha o direito de se aproximar dela.

— Sim. — Ele limpou a garganta e tentou afastar a névoa em sua mente. — Sei que eles vão ganhar muitos presentes, mas gostaria de dar alguma coisa diferente.

— Diferente — repetiu Sabrina, enquanto franzia as sobrancelhas para se concentrar. — Vejamos. — Ela passou os dedos no queixo e, de repente, teve uma idéia. — Já sei! Mona gosta daquela galeria nova em Buckhead, aquela com gravuras coladas na frente. Arte contemporânea. A dona a conhece. Ela pode ajudá-lo a escolher alguma coisa. — Seus lábios se torceram numa curva sensual. — Desde que você agrade Mona, Cliff ficará feliz.

— Ótimo. Arte contemporânea. — Ele concordou. Conhecia o lugar. Dito isso, suas mãos suavam. Tinha de convidá-la para sair na sexta à noite, mas sua confiança e astúcia habituais tinham fugido. Ficou parado como um colegial pronto para convidar sua primeira paixão para Nair. E se ela dissesse não? Pior ainda, e se estivesse saindo com alguém?

Fez uma careta. Nunca havia se preocupado com esse tipo de detalhe.

— Então, estou feliz que tenha feito uma visita. É interessante comparar o mito com a realidade. — Os olhos dela brilharam.

Noah cerrou os punhos. Por algum motivo inexplicável, ele odiava o fato de Sabrina conhecer suas proezas.

- Engraçado como a realidade pode se transformar em contos tão exagerados.
- Sua voz soou mais rouca do que pretendia, mas ela sorriu, concordando com a afirmação.

Um momento de silêncio se fez. Ela olhou por cima do ombro quando um novo freguês entrou.

- Acho que é melhor voltar ao trabalho.

Ele rangeu os dentes. Sua língua parecia grande demais para caber na boca. Quando foi que tivera problemas para convidar uma mulher para sair?

Sabrina se voltou para o balcão, parou e o encarou novamente. O estômago de Noah apertou. As bochechas dela ficaram vermelhas.

- Talvez pudéssemos nos ver uma hora dessas — disse ela.
- Sexta-feira à noite. — Ele balançou a cabeça e tentou de novo. — Posso levá-la para jantar... sexta... nessa sexta à noite?

O coração dele disparou.

- Digo, só pensei que, já que você é irmã de Cliff, e com o casamento se aproximando, não faria mal se nos conhecêssemos... — Subitamente fechou a boca. Por que estava gaguejando?

- Certo.

- Certo? — A angústia em seu coração desapareceu ele queria se bater pelo alívio que estava sentindo naquele momento.

- Sim. — Ela ergueu o rosto. Os olhos brilhavam. — Vou sair com você na sexta-feira à noite.

- Ótimo! Que tal as sete?

- Sete horas está bom. Tome. Vou lhe dar meu endereço. — Ela andou até o balcão, escreveu alguma coisa num pedaço de papel e entregou a ele. — O número do meu telefone também, caso você precise. — Uma centelha acendeu seus olhos. — Esperarei ansiosa pela sexta-feira.

A voz tinha um tom angelical. Enquanto segurava o papel, os dedos de Sabrina deslizaram até os de Noah. Ele engoliu em seco e enfiou no bolso o papel que

estava nas mãos. Com um supremo esforço, evitou sair correndo. O que, em nome de Deus, estava errado com ele? Com uma despedida balbuciada, ele andou para trás e se dirigiu até a porta. Fez um esforço para não olhar para trás, mas o peso daquele olhar intenso o seguiu por toda a calçada.

Quando saiu do campo de visão, ele parou para enxugar o suor das sobrancelhas. Nunca tivera muito contato com virgens. Era normal ter alguma reação adversa. Aquelas noções de "viveram felizes para sempre" e "casinhas no campo com cercas brancas" associadas às virgens não faziam com que se sentisse bem. Ele era alérgico. Devia ser isso. Exalou fortemente e relaxou. Com certeza, nos próximos três dias, recuperaria a compostura.

Uma noite. Apenas algumas horas. Ele conseguiria agüentar esse tempo com a irmã de Cliff. Depois que a levasse até a festa, tudo estaria resolvido.

Ele reivindicaria seu prêmio.

Sorriu, fazendo um esforço para substituir a imagem de Sabrina em sua mente pela de Darcy. O jantar com Sabrina seria tranquilo. Só precisava se lembrar de evitar aqueles olhos e de não tocá-la. Uma nuvem escura cobriu o sol. Ele se apressou e correu até o carro.

Capítulo Dois

Uma música tocava levemente ao fundo, enquanto Sabrina colocava as mãos na etiqueta com o preço de um vestido preto apertado. Ela suspirou e olhou para Bess, sua companheira de compras. Graças a Deus a amiga tinha vindo junto para ajudar. Nada do guarda-roupas de Sabrina com vestidos e saias floridas estaria bom para seu encontro com Noah. Ela precisava dos olhos críticos de Bess para escolher o modelo certo.

Tirou o vestido preto do cabide e o colocou na sua frente.

— *Sexy*. É isso que eu quero. Nada de flores, tons pastel e babados.

— Bom, nunca pensei que veria esse dia. — Bess riu. Segurou uma saia vinho para ver o que Sabrina achava. — Ser *sexy* é algo em que posso ajudá-la.

Sabrina concordou. Bess juntou o vestido à pilha em seu braço.

— Então, fale mais sobre o senhor "alto, moreno e lindo" — pediu Bess, balançando a cabeça. — Ainda não consigo acreditar que está pensando em dar o grande passo. Você vai conhecê-lo *bem* antes. E tenha certeza de que gosta dele de verdade, hein?

— Ah, eu gosto dele. — Sabrina deu um longo suspiro. Seu olhar vagava pela pilha de roupas coloridas. — Ele tem uns olhos escuros tão intensos, como se estivesse olhando direto para a minha alma. E sua voz me dá arrepios na espinha. E aquela boca...

— Veja só. Nunca vi você assim. Sabrina encontrou o olhar de Bess.

— Acho que ele é "o certo".

Uma pequena ruga se formou entre as sobrancelhas de Bess.

— Oh, querida. Espero que sim. Ninguém merece ser feliz como você. Só acho que...

— Só não quer que eu exagere no romantismo. — Sabrina riu. — Só porque não acredita em amor à primeira vista, não quer dizer que não exista. Muitos estudos já comprovaram as mudanças psicológicas associadas ao amor. Basta a mistura certa de feromônios e pronto!

Ela sorriu com a expressão confusa da amiga.

— Não me olhe assim. Pode ser agora. Desta vez pode ser para valer.

Bess lançou um olhar de preocupação, depois ergueu um vestido longo e o virou de costas, para mostrar que era frente-única.

— Que tal este?

— Definitivamente *sexy*, mas aposto que Noah gosta de olhar para pernas. — Sabrina adicionou mais um vestido a sua pilha e percebeu a quantidade que Bess já carregava. — Isso deve dar para começar. Vamos ficar aqui a noite toda se continuarmos nesse ritmo.

— Sem problema. — Bess suspirou. Quando saí de casa, as meninas estavam brigando e Tom estava grudado na TV! — Ela franziu a testa. — Será que notaram que eu saí?

Uma empatia muito familiar tomou Sabrina. Balançando a cabeça, ela seguiu a amiga por entre filas de manequim sem rosto até a cabine para experimentar roupas. Embora a maternidade tivesse sido uma bênção para Bess, que adorava suas filhas, um certo ar de inconformidade às vezes tomava conta de seus olhos. Aquilo preocupava Sabrina.

— Eu jamais perderia este momento. — Bess lhe entregou vários itens da pilha quando chegaram à cabine. — Já era hora de você resolver se vestir como uma mulher.

— Como assim? — Sabrina pendurou as roupas. — Eu me visto como uma mulher.

— Sim. Tudo o que você tem exala feminilidade, como numa onda, mas neste aqui... — Pegou um vestido roxo de gola decotada. — Neste você será uma mulher de verdade.

Sabrina agarrou o vestido e fechou a porta da cabine.

Virou-se para o espelho de corpo inteiro que ocupava uma parede. Com a testa franzida, examinou a longa blusa solta e calças pretas que estava usando. Bess tinha razão. Um vestido apenas não seria o bastante. O guarda-roupas de Sabrina precisava ser renovado. Ela suspirou. Sua *vida* precisava ser renovada.

Arrancou a blusa e as calças. Teve de cavar fundo na gaveta para achar o conjunto de calcinha preta e sutiã meia-taça que agora usava. O tecido delicado a acariciava enquanto buscava o vestido roxo. Escorregou uma das mãos pela curva de seu seio, arredondado pelo sutiã com suporte. Fagulhas de desejo a atravessaram, fazendo com que suspirasse. Suas cintas-ligas de algodão nunca a fizeram se sentir tão *sexy*. Era como se seu encontro com Noah a tivesse libertado para explorar seu lado sensual.

Sabrina mordeu os lábios, enquanto a lembrança daquele olhar quente a inundava. Como ele reagiria ao vê-la naquela *lingerie* provocante? O calor a preencheu. O coração se acelerou da mesma forma que quando ele passara os dedos pelo seu cabelo. Aquele gesto simples havia feito seus hormônios viajarem. O que aconteceria se ele a tocasse de verdade?

Ele ocupava a mente de Sabrina com fantasias que se tornavam mais estimulantes a cada dia que passava. Ela enrubesceu à memória de ter acordado suada naquela manhã, com o lençol enroscado nas pernas e o sonho de Noah

fazendo amor com ela fresco em sua mente.

Com um grunhido, ela segurou os seios e apertou, enquanto pressionava as coxas. O desejo sexual apenas aumentava. Será que ela poderia fazer amor com Noah?

Sabrina se virou, e o Noah de seus sonhos, com a pele dourada brilhando em toda a sua glória, lhe dava um sorriso sexy. "Senti minha falta, meu doce? Você me quer mais uma vez?"

Ele se aproximou. Tão perto que seu hálito quente encostou na bochecha de Sabrina. "Aqui. Posso?"

Ela deixou que as mãos dele substituíssem as suas em seus seios. As palmas das mãos de Noah os envolveram e apertaram, enquanto os dedos brincavam com os mamilos sob o tecido. Um grunhido saiu de sua garganta. A boca quente cobriu o tecido. Ele a lambeu demoradamente e com força. O prazer era tão intenso que ela mordeu os lábios para não gritar.

O desejo entre as coxas se tornara quase insuportável. Ela engasgou enquanto ele a pressionou contra a parede, posicionando o joelho entre suas coxas e fazendo com que ela o apertasse. Ele clamou por sua boca. Aquela língua! quente contra a dela, as mãos guiando seus quadris para montá-lo, fazendo com que mais prazer queimasse por dentro dela.

Quando Sabrina encontrou seu ritmo, ele continuou a beijá-la, enquanto rolava os mamilos por entre os dedos, empurrando-a em um ritmo mais e mais rápido.

"Isso!" — ela gemeu enquanto a tensão chegava ao ápice dentro de seu ser. "Sim, sim, siiim!"

Sabrina pulou contra a parede da cabine. Essas fantasias estavam ficando mais intensas. Ela *precisava* fazer amor com Noah. Deu mais uma olhada no espelho. Não parecia mais tão inocente agora, vestindo aquela *lingerie sexy* e com as bochechas rosadas. A dúvida a assolou. Podia não parecer inocente, mas era. Nunca poderia se comparar às parceiras mais experientes de Noah.

Deixando de lado as incertezas, vestiu o vestido roxo e se virou para o espelho.

— Oh! — exclamou, maravilhada. Se é que era possível, o vestido ficou mais provocante que a roupa de baixo apertada. O tecido flutuava sobre ela, acentuando suas curvas e deixando um leve relevo de seda sobre as coxas. A gola reveladora expunha um decote inexistente sem o sutiã. Enquanto se virava

lentamente, Sabrina foi tomada pela confiança.

Nesse vestido, ela *era* uma mulher completa.

— Sabrina? — Bess chamou e bateu à porta. — Como ficou? Estou doida para ver...

Sabrina escancarou a porta, sorrindo com o queixo caído da amiga. Deu um passo adiante e foi até um espelho triplo.

— Minha nossa! — Bess parou ao seu lado. — *Sexy* definitivamente fica bem em você. — Ela esfregou o tecido fino entre os dedos. — Será que eles têm um desse no meu tamanho?

Uma gargalhada brotou da garganta de Sabrina.

— Eu nem me sinto como eu mesma. Me sinto tão... viva! — Ela abriu os braços e girou. Quando parou, sorriu para seu reflexo. Os olhos brilharam e as bochechas ficaram rosadas. — Quase sinto como se pudesse fazer qualquer coisa com esse vestido.

— Como conquistar o coração de um dedicado *playboy*? Eu conheço esse olhar, Sabrina.

— Pare! — Sabrina ergueu a mão. — Eu me recuso a ouvir qualquer aviso. — Viu o olhar de Bess no espelho. — Já sou adulta. Estou cansada de ficar esperando minha vida acontecer.

Endireitou os ombros e voltou a encarar o próprio reflexo.

— É hora de fazer minha vida acontecer.

— Querida, confie em mim. Com esse vestido, as coisas vão acontecer. A pergunta é: você está pronta mesmo? E será que consegue fazer isso sem se envolver emocionalmente?

Sabrina ficou parada. A excitação daqueles momentos com Noah a sustentara por dias. Se fechasse os olhos, conseguia ver a admiração em seus olhos escuros, sentia o coração disparar e a alma flutuar com o reconhecimento instantâneo. Era como se conhecê-lo a tivesse feito despertar.

— Ele é O Homem, Bess. — Deixou aquela declaração pairar sobre as duas e se virou com um sorriso. — Sabe, com o clima esquentando, eu também poderia comprar, um biquíni novo e um maio ou dois. Então, vamos ver o que mais a gente consegue achar. Acho que temos algo de bom por aqui.

O sol era filtrado pela janela da cozinha compacta de Sabrina, que dava para o jardim, banhando de luz sua variedade de begônias e rosas em miniatura. Uma curva de vapor subia de sua grande xícara de café. Ela deu uma olhada e verificou a data no calendário da cozinha. Sexta-feira treze. Seu grande dia. Ergueu a xícara num brinde.

— Feliz aniversário para mim.

Ignorando um vago pressentimento de perdição iminente, Sabrina se concentrou na noite que viria. O telefone na parede ao lado tocou. Ela engoliu a mistura quente e saudou a pessoa do outro lado.

— Bom dia, mãe.

— Bom dia, querida. Você não está bebendo logo cedo, está? — A voz de Gabriella Walker tinha o tom usual de censura.

— Na verdade, não. Só estava brindando a essa ocasião fantástica.

— Sabrina, são nove da manhã. Vai me dizer que andou bebendo?

— Só café.

— Descafeinado? Sabrina riu.

— Não.

— Essa cafeína vai envelhecer você, querida. Guarde minhas palavras. Você é tão linda agora. E jovem. Queria ser jovem de novo. Ter a sua silhueta, sua pele. Eu me cuidaria muito bem se fosse você, com certeza. Infelizmente, os homens notam a embalagem primeiro, você sabe. — Apesar do tom de bronca, as palavras de Gabriella eram repletas de carinho.

— Você ainda é bonita, mãe. E sei que papai acha isso. Você sempre vai ser o docinho dele.

Houve um breve silêncio na linha.

— Mãe?

A mãe limpou a garganta.

— Sim, querida. Estou com uma chamada na outra linha. Vou mandar seu pai ligar para você mais tarde. Aproveite o dia. Feche a loja. Tire um tempo para si mesma. Eu amo você, Sabrina, minha menina. — A voz dela tremeu de emoção.

— Eu também te amo. Está tudo bem?

— Sim. — Ela fungou. Apesar de toda a distância até West Palm Beach, Flórida, onde sua mãe estava, Sabrina quase podia ver as lágrimas em seus olhos. — Tenho de desligar. Vejo você na semana que vem.

Sabrina desligou e ficou olhando para o telefone. Sua mãe estava praticamente chorando. Ela balançou a cabeça. Era típico de Gabriella ficar emocionada com seu aniversário.

Lavou a xícara e pegou a bolsa. Bem, era um dia especial. Um sorriso tomou conta de seu rosto. E a noite... esta noite seria inesquecível.

Você está mesmo pronta? Ao final da tarde de sexta, Sabrina tinha tido bastante tempo para refletir sobre as palavras de Bess. Removeu algumas folhas secas de uma planta que pendia sobre a porta do banheiro. Montinhos de terra caíam sobre a pia e a enorme banheira que a fizera comprar o apartamento.

Ela se bajularia, levando tempo para se arrumar. Enquanto se afundava num banho com aroma de baunilha, fechou os olhos e o Noah de suas fantasias surgiu novamente, com os olhos ardendo de desejo.

"Ah, Sabrina, você não deve me deixar esperando tanto tempo." Tirou a camisa e se ajoelhou a seu lado. Os músculos de seu tronco se retesavam enquanto se aproximava dela. "Huum...". Enquanto mordiscava a ponta de sua orelha, ele passava a ponta dos dedos por seu pescoço. "Seu cheiro doce me deixa louco."

A palma da mão de Noah deslizou para acariciar seu seio. O coração de Sabrina disparou era expectativa enquanto ele descia a cabeça. Ele passou a pontinha da língua pelo mamilo, cobriu-o com a boca e sugou-o demorada e fortemente. Ela gemia enquanto a sensação se espalhava pelo corpo, alimentando o calor íntimo entre suas pernas.

Enquanto se movia para lambar o outro seio, Noah afundou a mão pela água com essências, em direção à curva trêmula de seu estômago. Ela ergueu os quadris e afastou as coxas, enquanto aqueles dedos fortes deslizavam por seus pêlos encaracolados, em direção às profundezas de sua feminilidade.

O sangue subiu à sua cabeça. O calor se apossou de Sabrina. "Noah!"

O som do telefone a trouxe de volta à realidade. A água derramou pelas bordas da banheira. Rosnando, ela saiu do banho e se enrolou numa toalha branca e felpuda.

Sabrina agarrou o telefone antigo ao lado da cama depois do terceiro toque.

— Alô?

— Sabrina? — A inconfundível voz de barítono de Noah fez com que seus braços se arrepiassem.

— Noah. Oi. — Ela parou, surpresa. Ele deveria buscá-la em menos de uma hora. Por que estava ligando?

— Olhe, só estou ligando para avisar que vou chegar um pouquinho atrasado.

— Ah. — Um alívio a tomou. Ele não estava cancelando o encontro. — Sem problema. — O calor enrubesceu suas bochechas enquanto ela olhava os dedos enrugados. Tinha passado muito tempo na banheira. — Leve o tempo que for preciso. Ainda não estou pronta.

Depois de confirmar as orientações para chegar a seu apartamento, ela desligou e correu para se aprontar. Pouco mais de uma hora depois, retocou o batom — o tom um pouco mais escuro que o de costume. Uma coragem sem precedentes tomou conta de seu ser enquanto encarava o espelho de corpo inteiro.

Cliff e Mona estavam fora da cidade e mais ninguém sabia desse dia especial. A não ser por uma ligação de sua mãe e, depois, de seu pai, o aniversário de Sabrina tinha passado despercebido. Mas, em vez de se entregar à depressão que a acometia anteriormente, ela saborearia a noite que se aproximava.

Sem dúvida, Noah havia pensado em sua noite com ela como um simples jantar, mas para ela era muito mais que isso. Quer terminassem a noite com um beijo casto ou seguissem adiante para algo de maior intimidade, uma coisa era certa: ela apreciaria o presente de aniversário dado a si mesma. O presente do faz-de-conta.

Esta noite ela jantaria com o amante de seus sonhos.

A campainha tocou. O coração de Sabrina pulou. Passou um perfume de essência floral exclusivo, e correu até a porta. Noah esperava do outro lado, devastador em sua calça justa, camisa sem gola e casaco esporte. Ela prendeu o olhar em sua direção, maravilhada com o fato de ele realmente estar ali por sua causa.

— Olá — disse ela. Os dedos cocavam de vontade de tocar o firme contorno daquele queixo, ver se era mesmo tão macio quanto parecia. Seu olhar parou

para admirar aquela boca, com uma pequena entrada no meio do lábio inferior. Seus beijos seriam tão empolgantes quanto imaginava?

— Você vai sair vestida desse modo?!

O olhar de Sabrina procurou o dele. Os olhos de Noah brilhavam, escuros e penetrantes como antes, mas sem um vestígio da aprovação esperada. Ele quase parecia zangado.

Ela fez um gesto para que entrasse.

— Não gosta do meu vestido?

Noah ficou sem se mover por um instante. O queixo franzido, o olhar na direção de seus seios. Inconscientemente, ela olhou para baixo e viu o decote que estava tão feliz em mostrar. Ele estaria desapontado?

— Você vai congelar. Vai fazer frio à noite. — Ele entrou no apartamento passando por ela, trazendo seu aroma silvestre. — Também deve estar frio no restaurante. É melhor se cobrir.

Sabrina observou suas costas. Esse era Noah, o devastador de mulheres? Ele deveria estar babando em cima dela e de seu novo decote.

— Não seja tolo. Está fazendo quase trinta graus lá fora. Vou ficar bem.

Com as mãos enfiadas nos bolsos, ele se voltou para ela.

— Está pronta, então? Nós temos uma reserva.

— Vou pegar minha bolsa. — Surpresa, Sabrina se afastou dele. Aquele homem podia fazer um curso de reciclagem sobre sutileza. Ela ergueu o queixo e decidiu se divertir, apesar dele. Certamente, não eram seus modos incríveis que faziam as mulheres voltarem implorando por mais.

Sabrina sorriu. Será que ele compensaria isso na cama?

O murmúrio de conversas os cercou, enquanto garçons se moviam com eficácia por entre as mesas de toalha branca. Noah segurou o copo de uísque e fitou a parede pintada de tijolos que mostrava a nobre transformação de um armazém militar anterior à guerra civil em restaurante. Uma lamparina pendia sobre o casal, criando sombras estranhas na parede de revestimento áspero.

A frustração o envolvia. Ele olhava pela sala. Era sua imaginação, ou todos os homens estavam olhando para Sabrina? Stephen, o garçom que servia a mesa

deles, se aproximou, e Noah poderia jurar que o rapaz deu uma olhada para o decote de Sabrina. Por que ela não se cobriu como ele sugeriu? Não houve um homem no restaurante que não tivesse notado sua entrada.

Ela estava brilhando, fazendo pescoços se virarem, onde quer que fosse.

Stephen se inclinou em sua direção.

— Eu sugiro Blush. Um belo vinho para uma bela dama.

Noah apertou a faca que segurava. Estaria o homem flertando com ela?

A risada melodiosa da moça preencheu o ar. Seus dedos apertaram o braço do garçom.

— Bom, confio em seu discernimento. Traga o Blush então.

Stephen se foi e ela olhou Noah de rabo de olho. O estômago dele apertou. Por que cada um de seus gestos casava uma resposta nele? Ele não havia esquecido o primeiro e breve encontro deles. Por toda a semana, e preencheria sua mente. E suas fantasias.

Sabrina moveu a cadeira um pouco para a frente e seus seios se mexeram em sincronia. Ele segurou um gemido. Ela não tinha o direito de soar nem de parecer daquele jeito.

Ela é virgem.

Noah ficou repetindo aquelas palavras para si mesmo quando ela o cumprimentou com aquele vestido, deixando a garganta dele seca. Ele silenciosamente as repetiu, enquanto a levava até o carro e seu perfume de flores frescas o deixou tonto de desejo. Novamente recitou o lembrete, enquanto a escoltava até a mesa.

Não obstante, sua mão havia sentido aquelas costas delicadas e o calor da pele sob o vestido fino. Ela se movera em direção a ele de modo convidativo, com o quadril roçando nele. A pulsação de Noah disparou e ele continuou silenciosamente recitando seu mantra. *Ela é virgem.*

— Você gosta de trabalhar com Cliff? — Ela tomou um gole de água e usou um guardanapo para secar uma gota que havia caído no seio.

Noah se esforçou para desviar o olhar.

— É ótimo. — Ainda segurando a faca, desenhou círculos no tecido da mesa

com a ponta do talher.

Ela é virgem.

— Ah, então você gostou de voltar para Atlanta?

— Por mim, tudo bem.

— Então sente falta de Denver?

— Na verdade, não.

— Bom, devo alertá-lo que essa foi uma primavera mais agradável do que de costume. Nos últimos dois anos, o pólen parecia ter ficado muito mais pesado. Eu fico dias em casa quando os pinheiros estão desabrochando.

Ele concordou e colocou a faca de manteiga de volta no prato de pão. Stephen se aproximou de Sabrina com um copo de vinho. Sem olhar muito na direção de Noah, ele pôs o copo na frente dela. Depois, se ergueu, ficando ao lado da cadeira dela, que tomou um gole para experimentar.

— Humm. Sim, este é perfeito. — A ponta rosa da língua passava pelos lábios.

Stephen se inclinou na direção dela.

— E para o jantar, posso sugerir pato assado? Ele é preparado na própria gordura, até ficar tenro e úmido. É muito suculento.

O sangue ferveu na cabeça de Noah. Estaria ouvindo coisas ou o homem tinha usado a palavra de forma detestável? Ele se jogara sobre Sabrina e parecia que estava praticamente babando sobre ela. Noah ficou tenso.

Ela torceu o nariz. Nem mesmo esse gesto diminuía sua beleza. Era a mulher mais *sexy* que já havia conhecido.

— Não sei. Passei mal na última vez que comi pato.

O garçom franziu os lábios.

— Talvez uma costela? — Aos ouvidos de Noah, a voz do homem ficou atrevida. — Que tal um grande pedaço de carne?

— Já chega! — Noah saltou de pé, batendo com a mãos na mesa. — Afaste-se dela! Ela é v... vegetariana!

Capítulo Três

O sangue subiu à cabeça de Sabrina enquanto Noah se recolhia de volta à cadeira. A cadeira rangeu com o súbito silêncio.

Stephen desceu a mão pela frente de sua camisa de tecido branco.

— Eu... vou trazer uns pães frescos. — Olhou de forma curiosa para Noah e se afastou sem olhar para trás.

Lentamente, as mesas ao redor voltaram ao burburinho normal. Sabrina encarou seu acompanhante com um silêncio sepulcral. Ele sabia. Maldito Cliff! Seu irmão não tinha o direito de divulgar uma informação tão pessoal.

O calor subiu pelo pescoço. O ódio e a vergonha se misturavam nela. Seria a virgindade o motivo para o comportamento brusco de Noah?

— Eu... sinto muito — Noah exalou pesadamente. — Não queria fazer uma cena.

Sem confiança para responder, Sabrina cerrou os lábios e contou até dez.

Ele teve a decência de parecer envergonhado.

— Acho que exagerei. Ele parecia estar flertando com você.

— Flertando comigo?!

— Você deveria ter se coberto, como eu sugeri. Todo mundo está olhando... — Ele parou com o retorno de Stephen. Com movimentos cuidadosos, ele os presenteou com uma cesta de pães quentinhos e partiu.

Sabrina olhou para o garçom. Se o homem havia flertado com ela, não havia percebido. E mesmo que tivesse, isso não dava motivo a Noah para agir como um homem das cavernas. Ele parecia não estar prestando muita atenção nela.

Tinha tentado de tudo para provocar uma reação nele. Seus olhares súbitos passaram despercebidos. Ele não foi afetado pela atenção voltada para ele e a linguagem corporal direta. Numa frustração crescente, ela até se esfregara nele. Noah não percebeu.

Sabrina se inclinou e passou os dedos pela cesta de pão.

— Ele não tinha o direito.

— O garçom? — Noah congelou, com um pãozinho no meio do caminho para o prato. — Ele *estava* flertando?

— Estou falando do Cliff.

Ele pôs o pão no prato. Os olhares se encontraram.

— Ah.

Apesar do calor nas bochechas, ela manteve o olho no olho.

— Deixe eu adivinhar. Ele descobriu sobre hoje à noite e abriu o jogo. É claro que se certificou de que você soubesse de *todos* os detalhes.

Noah a encarou novamente por mais um momento e então desviou o olhar para o prato.

— Não é nada demais. Seu segredo está a salvo comigo. É uma escolha sua querer se guardar para o verdadeiro amor.

O coração dela disparou.

— Tem razão. A escolha é minha.

— Você não acredita mesmo nessa coisa, não é?

— "Coisa"?!

Ele balançou a mão num tom de desprezo.

— Amor e viver feliz para sempre. — A cadeira rangeu de novo, enquanto ele apoiava os cotovelos na mesa. — Isso não existe de verdade. Já vi inúmeros relacionamentos se despedaçarem na tentativa de encontrar isso. Essa é a vida real, não um conto de fadas.

Sabrina se ergueu. A indignação atravessou seu ser. Como pôde pensar que aquele era O Homem?

— Talvez para alguém cuja expectativa de relacionamento seja de uma noite, o amor verdadeiro seja um conceito muito complexo de entender.

— O amor verdadeiro é um mito. Foi criado por pessoas que não se sentem confortáveis com a luxúria. Metade dos casamentos termina em divórcio. O que isso significa?

— Quer dizer que a outra metade funciona. Meus pais estão casados há mais de trinta anos, e o amor deles é puro como no dia em que se conheceram.

O homem teve a audácia de rir.

— Vou dizer o que eu acho. Você está totalmente na defensiva, porque no fundo tem medo que eu esteja certo. — Inclinou-se para trás e cruzou os dedos sobre o peito. — Você está ficando mais velha, o relógio biológico está batendo e onde está o "homem certo"? Talvez ele não exista.

Ela o encarou, muda e chocada.

Ele voltou para a frente.

— Olhe, eu realmente espero que você o encontre. O olhar encontrou o dela. — Tenho certeza de que ele ser um cara de muita sorte.

Aterrorizada pela pulsação subitamente acelerada, ela pegou a bolsa. Se passasse mais um minuto com aquele homem, ela gritaria.

— Não estou com muita fome. Se importaria de me levar para casa? — Torcendo o pescoço, ela olhou ao redor, procurando pelo garçom.

Por um momento, Noah pareceu querer argumentar, mas balançou a cabeça e se levantou.

— Tenho de dar um telefonema rápido, depois disso nós vamos. — Sem esperá-la responder, levantou-se e apressou-se na direção dos fundos do restaurante.

Sabrina fitou a rua pela janela do carro, ignorando Noah e o silêncio pesado que se abatera sobre eles. Não podia acreditar que havia pensado que ele poderia ser O Homem. Noah poderia parecer ser o amante dos seus sonhos, mas suas qualidades acabavam ali. O amante dos seus sonhos não pensaria que amor era apenas desejo disfarçado. Apesar de toda a atração física, ela não poderia sequer pensar em fazer amor com um homem tão cínico.

Uma placa de rua passou por eles. Ela se enrijecem.

— Para onde estamos indo? Meu apartamento fica para o outro lado!

As mãos grandes apertaram o volante. Ele se acomodou no banco do motorista, aparentemente alheio à atmosfera tensa. Claramente não percebera que sua falta de educação havia resultado no pior encontro da vida dela. E na destruição de sua fantasia.

Noah respondeu sem olhar para ela.

— Tenho de cumprir uma missão.

— Uma missão?! — Ela o fitou, incrédula. Ele havia planejado uma missão no meio do encontro? — Que tipo demissão?

Finalmente, ele a encarou. Um brilho surpreendente e maquiavélico preencheu seus olhos escuros.

— Prometi alimentar a cadela do seu irmão.

— Opal? Ela é da Mona. — Sabrina abriu os braços. Isso não fazia sentido. — Mas e aquele vizinho que toma conta dela?

— Está fora da cidade.

— Então por que ele pediu para você e não para mim? Eu sou da família.

Noah deu de ombros.

— Eu me ofereci. — Passou a se concentrar na rua. — Na verdade, achei que poderíamos fazer isso juntos. — Deu um sorrisinho para ela. — Preciso que você me proteja daquela devoradora de homens.

Sabrina deu uma pequena risada.

— E o que o faz pensar que não vou permitir que ela o devore?

Ele a encarou por um momento, antes de seus lábios se abrirem num sorriso.

— Vou correr o risco.

Pega desprevenida pela sensualidade daquele sorriso, ela só pôde concordar. Tentando controlar a pulsação que se acelerava involuntariamente, virou-se novamente para a janela.

Sabrina cocou o queixo. Teria de ficar de guarda para não ser enganada pela embalagem bonita de Noah. Ela *definitivamente* não estava interessada.

Após dez minutos de silêncio, adentraram a garagem de Cliff. O olhar de Sabrina se desviou para a grama bem aparada na frente da casa de seu irmão. Flores bem cuidadas acenavam para ela nas jardineiras das janelas ao longo do primeiro andar da casa duplex. Era uma imagem completa que refletia a vida de Cliff. Ele tinha tudo: carreira, casa e uma futura esposa amorosa.

O desejo cresceu dentro dela. Não havia trabalhado tão duro quanto o irmão em busca daquilo? Então, por que ela não tinha?

Noah saiu e andou até o lado do carona.

— Você vem?

Ela hesitou por um momento, mas não pôde resistir ao pensamento da imagem de Noah à mercê de Opal.

— Por que não? — Novamente, aquele sorriso fácil enviou ondas de *consciência* pelo seu ser. Ela cerrou os dentes e andou na frente dele.

Com o barulho de chaves, ele destrancou a porta e fez um gesto para que ela entrasse. Ela deu um passo no interior escuro.

— Engraçado, eles sempre deixam uma luz acesa por causa da cadela. — Virando-se, bateu a parede à procura de um interruptor, alarmada pela proximidade de Noah, que estava atrás, perto da porta.

O coração martelou. Como ainda podia ter esse tipo de reação depois daquele comportamento rude? A ansiedade aumentou, enquanto o interruptor a enganou. A última coisa que precisava era ficar sozinha no escuro com esse homem.

Sabrina balançou o braço numa busca frenética. Sentiu alívio quando finalmente alcançou o interruptor. Respirou fundo e apertou o botão. A sala ficou toda iluminada.

— Surpresa! — Um coro de vozes a recebeu.

Piscando, ela se virou, atordoada pelo mar de rostos familiares que inundavam o salão de Cliff. Uma grande faixa se erguia nas extremidades da sala, desejando um feliz aniversário. Balões de todos os tons adicionavam cor por todo o lugar aconchegante.

— Bess? O que é isso? — perguntou enquanto retribuía o exuberante abraço da amiga.

O som foi ligado com os acordes de uma velha canção de Jimmy Buffet. Bess se afastou, sorrindo, enquanto o grupo de convidados com votos de felicidade envolveu Sabrina.

— E a sua festa surpresa, boba. Feliz aniversário! — Ela riu e abraçou Sabrina novamente.

— Sabrina. — Mona se aproximou, com os cachos loiros cobrindo o rosto rosado. Deu um beijo no ar sobre a bochecha de Sabrina. — Foi mesmo uma surpresa? Noah não contou?

— Noah? — Ela o procurou, mas ele havia se misturado à multidão. Voltou-se novamente para Mona, estranhamente desapontada. — Não... Eu não fazia idéia.

— Ele nos deu um sinal quando ligou. Tivemos de nos aprontar. Não estávamos esperando sua chegada tão cedo.

O calor preencheu novamente as bochechas de Sabrina.

— Nós terminamos cedo.

Seu estômago traidor anunciou que estava vazio naquele momento.

Tendo ouvido ou não aquele ronco do estômago por cima da música, Mona levou a aniversariante pelo braço até uma mesa cheia de comida.

— Prove essas casquinhas de siri. Estou trabalhando com um novo bufê e preciso de sua opinião.

Sabrina se virou para Mona.

— Não posso acreditar que teve tempo de planejar isso tudo com o casamento marcado para o próximo fim de semana.

— Não queria que seu aniversário passasse despercebido com a correria. Eu nunca tive uma irmã, Sabrina. Queria que começássemos com o pé direito.

— Obrigada. — O olhar de Sabrina percorreu a sala, enquanto uma emoção indesejada apertava-lhe a garganta. — Foi muita consideração de sua parte.

A culpa sufocou seu peito. Talvez a tivesse julgado mal. Não era culpa dela que desde que Cliff a conheceu, o estado emocional de Sabrina parecia estar descendo a montanha.

Um sorriso iluminou o rosto de Mona.

— Na verdade, você tem de agradecer ao tio John. Foi idéia dele.

— Tio John?

— Ele está ansioso para conhecê-la. Falei tanto de como você se dá bem com o Cliff.

Hesitando, Sabrina passou a mão no estômago vazio.

— Será um prazer. Ele vai estar no casamento?

Mona riu.

— É bom que esteja. Na verdade, ele está vindo mais cedo de avião para me ajudar a cuidar dos últimos detalhes. Nunca conseguiria cuidar de tudo sem o talento do tio John para organizar as coisas. Ele certamente sabe como cuidar de tudo! É um planejador de primeira. — Ela apontou para o banquete. — Coma!

Atendendo à insistência do estômago, Sabrina deixou de lado as perguntas sobre o tio John e seguiu o conselho de Mona. Comeu o bastante e se juntou aos amigos. Percebeu alguns olhares de relance de Noah desde que chegaram. Colocando os pensamentos sobre ele de lado, não se deixou abater e aceitou uma taça de vinho oferecida por Pete Henderson, um de seus vizinhos.

Dois anos atrás, a mulher de Pete o havia deixado para viver com outra mulher. Sabrina já saíra com ele num encontro sem maiores acontecimentos. Embora tivessem continuado amigos, nenhum dos dois tentou convidar o outro para sair uma segunda vez.

Sabrina fitou seu cabelo espesso e sorriso fácil. Para a maioria dos padrões, seu vizinho poderia ser considerado um homem atraente. Será que ela o dispensara rápido demais?

Estudou seus lábios e o formato da boca. Como seria beijá-lo?

Ele passou um guardanapo pela boca.

— Será que fiz besteira com o último gole? Os olhares se encontraram.

— Não. Você está bem.

— Ah... é que, pelo jeito que estava olhando...

— Eu só... — ela hesitou. O calor preencheu suas bochechas. Por que nunca aprendeu a flertar? — ... você tem uma boca bonita.

Uma grande ruga se formou entre as sobrancelhas dele. — Obrigado. — Ele se endireitou. — Lá está seu irmão. Por onde ele andou? Ela se virou.

— Ele tinha negócios em Boca. — Cliff cumprimentou Mona perto da porta. Sabrina cerrou os olhos. — Com licença. Tenho de dar uma palavrinha com o meu querido irmão.

Um olhar de alívio cruzou o rosto de Pete, enquanto ela se virou para sair. Ela endireitou os ombros enquanto o ódio inicial voltava. Será que Cliff contou seu segredo para Pete também?

Respondendo rapidamente a vários cumprimentos, ela atravessou a sala. Cliff

foi até um corredor nos fundos, com uma pasta na mão. Sabrina o seguiu. O ódio crescia a cada passo. Irmão ou não, ele não tinha o direito de interferir em seus assuntos.

Ele entrou no escritório, deixando a porta semi-aberta. Ela apressou os passos.

— Cliff! Você conseguiu. — A voz de barítono de Noah a fez parar.

— Vejo que vocês gostaram um do outro. Espero não estar interrompendo nada.

Uma risada feminina de som baixo saiu pela porta.

— Claro que está, mas não posso reclamar, porque foi você que nos uniu.

Sabrina conseguiu chegar mais perto para espiar pela abertura. Noah estava ao lado de uma cadeira de encosto grande, com os braços em volta do peito. Uma loira curvilínea estava a seu lado, com as mãos possessivamente subindo por seus braços. Sabrina se sentiu totalmente ultrajada.

A loira passou o dedo de ponta vermelha pelo queixo de Noah.

— Quando Cliff me disse que eu era o preço para trazer a irmã dele aqui, fiquei lisonjeada a ponto de perder as palavras.

Preço? Sabrina cerrou os punhos. A fúria embaçou sua visão. Cliff usou aquela loira para subornar Noah para chamá-la para sair? Agora, lá estava ele, como um adolescente obedecendo seus hormônios e saindo com aquela vagabunda, enquanto ainda estavam no seu encontro? Quem ele pensava que era?

Ela se endireitou. Por que estava zangada? A vagabunda podia ficar com ele. Provavelmente foram feitos um para o outro. Noah Banks era o último homem na face da Terra que Sabrina poderia querer.

Virou-se e desceu o corredor. E pensar que se imaginou se apaixonando por ele. Como havia sido infantil. Bom, hoje era seu 25º aniversário. Estava velha o bastante para acabar com essas fantasias tolas. Talvez nunca fosse encontrar "o homem certo", mas isso não significava que não poderia começar a viver.

Noah ficou de pé ao lado da porta dupla e engoliu um grande gole de cerveja. Darcy se apoiava nele, continuando uma conversa unilateral. Ele sugerira que se juntassem à festa na primeira oportunidade. A respiração voltava ao normal quando eles chegaram até as luzes brilhantes, música animada e atmosfera festiva do grande salão aberto.

Tinha ido ao escritório de Cliff para avisar que não estava interessado em conhecer Darcy. Não parecia certo agora que tinha encontrado Sabrina. Infelizmente, Darcy o seguiu e fez as apresentações por conta própria.

A risada lírica de Sabrina se destacava sobre o tumulto de seus amigos. Esticando o pescoço, ele a viu rodeada de uma multidão de homens. Seu estômago apertou. Ela era uma conquistadora de primeira. Não tinha o direito de ser virgem.

Darcy se esfregou nele.

— Talvez devêssemos fugir. — E apontou para Sabrina. — Sua "acompanhante" mal notaria.

Rangendo os dentes, ele se afastou.

— Tenho de ver se ela terá carona de voltar.

— Querido, sinceramente, não acho que você precise se preocupar com ela. Vamos para minha casa. Não é longe.

Ele encarou a mulher que Cliff havia balançado na sua frente como uma cenoura oferecida a um coelho. De algum jeito, sua atração havia diminuído. As curvas continuavam todas no lugar e proporção certos, mas o entusiasmo havia evaporado.

— Se me der licença, preciso falar com Sabrina. — Enquanto Darcy o observava com olhos arregalados, ele se virou e andou pela sala. Noah havia trazido Sabrina. Apesar do começo menos que perfeito, ela era sua acompanhante. A boa educação exigia que ele tentasse socializar com ela. Ergueu os ombros e passou pelo meio da multidão.

Sabrina baixou o olhar e sorriu. Não era tão ruim em flertar, afinal. Pete e a outra meia dúzia de homens solteiros à sua volta estavam lhe dando total atenção. Ao contrário de Noah, eles reagiam bem a seus olhares ingênuos e a sua sugestiva linguagem corporal. Com um toque gentil aqui e um sorriso ali, ela incluía todos na conversa.

— Certo, quem pode responder essa? — Ela se inclinou para a frente e todos se moveram em conjunto, se aproximando e fechando o círculo.

Com movimentos deliberados, Sabrina ergueu a garrafa de *cooler* até os lábios e a esvaziou, então encarou um por um e sorriu. Um arrepio a atravessou. Pela

primeira vez na vida, se sentia desejada.

— Qual é a sua forma de sedução favorita?

— Sedução? — Pete piscou os olhos castanhos.

— Uh-huh. Se uma mulher fosse seduzi-lo, como você gostaria que ela fizesse isso?

— Bom... — Seus olhos deslizaram por Sabrina. — Ela teria de vestir algo leve e *sexy*...

— Algo que mostrasse os seios! — disse o ruivo atrás dele.

— Uma roupa de coelhinha! — acrescentou outro.

— Não. — Pete tocou a mão de Sabrina — Não é o que ela veste.

— Isso mesmo. — Brendan, o contador de seu irmão, deu um passo à frente. — É o jeito que uma mulher beija que realmente me excita.

— É!

— Isso aí!

— Oh! — Sabrina se voltou para Brendan. — Como assim?

Ele sorriu.

— Você sabe, ela começa devagar, com os lábios...

— Não! — interrompeu um dos amigos de Cliff à sua esquerda. — Quero que ela use a boca inteira.

— E o corpo se derreta! — acrescentou o ruivo. Um movimento atrás dele chamou a atenção dela. Seu coração disparou.

Noah abria caminho na multidão até eles.

A necessidade irracional de se mostrar desejável para ele tomou conta de Sabrina. Ela deu uma olhada para o grupo.

— Talvez um de vocês devesse me mostrar.

— Certo!

— Isso aí.

— O Cliff não vai gostar.

— É verdade.

— Que tal o cara alto que veio com você?

Em conjunto, o círculo se abriu. Sabrina abriu os braços de forma apelativa.

— Cadê o espírito de aventura de vocês?

— Seu irmão tem gênio forte.

— E seu acompanhante também não parece muito cordial.

— É. Por que ele não pode mostrá-la?

Noah se aproximou furtivamente. Sabrina mordeu os lábios. Deitou a garrafa vazia numa mesinha.

— Vamos escolher qual de vocês vai me mostrar. — Com um movimento do pulso, ela girou a garrafa.

Pete mergulhou para esquerda. Brendan se esquivou para a direita. O raivo se atirou por cima das costas do sofá, para fora do alcance da garrafa. Sabrina apertou os lábios. Era pedir demais querer se sentir desejada?

A rotação da garrafa parou. Ela engoliu em seco enquanto seu olhar viajava na direção das coxas alinhadas e do peito largo da figura brilhante parada de pé na sua frente. Um ar de desânimo preencheu.

— Bem, Noah — disse ela. — Parece que você ganhou.

Capítulo Quatro

A atenção de Noah se voltou para os admiradores espalhados de Sabrina. O que deu neles? O bando parecia ter fugido da escolha no corredor da morte.

— Ganhei o quê?

— Viu? — O rapaz ruivo que estava atrás do sofá apontou. — Eu disse que era ele que devia mostrá-la.

— Mostrar o quê? — Noah exigiu uma resposta.

Um brilho demoníaco iluminou o olhar de Sabrina. Ela ficou de pé, deu a volta na mesinha e parou a centímetros dele.

— Estávamos discutindo os meios mais eficientes de sedução.

Noah espremeu os olhos. Um ódio irracional percorreu seu corpo.

— Estavam coisa nenhuma!

— Ah, sim. — Ela se inclinou até ele. A palma da mão de Sabrina tocou seu peito. A pulsação de Noah disparou imediatamente. — Parece que o consenso é que o segredo de tudo está no beijo.

— Beijo?!

— Isso mesmo, mas nem todos concordam sobre qual seria o beijo mais *sexy*, então achei que alguém deveria me mostrar. — Seu olhar se voltou para a mesa.

— E eu deixei a garrafa decidir quem seria essa pessoa.

Noah olhou para a garrafa que apontava em sua direção. A adrenalina percorreu as veias. Ele havia ganhado o jogo da garrafa. Talvez fosse capaz de rir se todo o seu corpo não estivesse tenso de ansiedade.

Ele inalou o perfume de flores silvestres. O desejo o inundou. Ela ficou na ponta dos pés, se esfregando nele, com aquela boca lasciva a menos de um palmo de distância da dele. Noah deixou sair um grunhido abafado, fez um movimento para agarrá-la e parou.

— Não na frente de uma platéia — murmurou.

Levando-a pela mão, ele a conduziu até a saída mais próxima, uma porta lateral que dava numa varanda oportunamente vazia. Ela estava em seus braços antes que ele tivesse tempo de pensar. Não estava claro se ele a abraçava ou se ela mesma tinha se colocado nessa posição. Tudo o que sabia é que aquela doce boca apelava para ele com uma urgência que não poderia ignorar.

Noah explorou os lábios de Sabrina com leves toques e carícias gentis. Então, acariciando aquele rosto com a palma das mãos, se aventurou mais além em seu beijo receptivo. Ela ancorou os dedos em seus cabelos e sentiu o tentador avanço de sua língua. Por longos e inebriantes momentos, Noah se perdeu em seu calor.

Um pequeno gemido saiu da boca de Sabrina. Ela foi de encontro a ele, com os seios pressionando seu peito. As mãos de Noah deslizaram pelas costas dela, depois pelos quadris, enquanto ele saboreava aquele contorno firme. Doce. Ela era doce e selvagem ao mesmo tempo, como nada que já houvesse

experimentado. Uma emoção inominável percorreu seu ser, acionando um senso de segurança inato.

Inclinando a cabeça, ele conteve o movimento faminto daquela língua e deslizou as mãos sob seus braços, até abaixo da cintura. O coração martelava. Ela mudou de posição, permitindo melhor acesso, enquanto os polegares de Noah acariciavam a parte de baixo de seus seios.

— Er, com licença, pessoal. — A voz de Darcy veio de trás dele.

Noah se afastou de Sabrina. Vislumbrou um pouco de sua expressão de surpresa antes de se virar para a loira. O olhar de Darcy pousou tristemente sobre ele.

— Acho que isso quer dizer que você não vai para casa comigo.

— Darcy, eu...

— Tudo bem. — Ergueu uma das mãos. — Vale tudo no amor e na... você sabe. Vou sobreviver. Eu só queria mesmo avisar que Cliff está procurando a aniversariante. E alguma coisa me diz que ele não ficaria muito feliz em ver vocês dois brincando de esconde-esconde com a língua.

— Não. Acho que não ficaria. — Sabrina passou direto por Noah e parou ao lado de Darcy. Fitou Noah e um brilho severo surgiu em seus olhos. Então se voltou para Darcy. — Obrigada por me lembrar!

Noah se endireitou enquanto ela virava as costas. Deus, como era bonita. Seus olhos brilharam, as bochechas ficaram rosadas e todo o seu rosto se iluminou.

— Parece que perdi a cabeça por um momento. — Virou e se apressou para passar pela porta, voltando para a festa.

— Ei, espere! — Noah correu atrás dela com o coração na mão. Tentou alcançá-la, enquanto Sabrina se juntava novamente ao grupo de admiradores, mas ela correu para longe, ignorando-o.

Voltando-se para um dos membros do grupo, ela pediu:

— Pete, poderia me levar para casa?

Noah se empertigou com seu tamanho intimidador. O homem olhou em sua direção. Noah olhou de volta, enviando um desafio silencioso. Balançando a cabeça, Pete encolheu, sentando-se novamente entre as almofadas do sofá.

— Pelo amor de Deus! — Sabrina encarou Noah.

Ele a encarou de volta. Por que ela estava furiosa? Um momento antes, quase havia entrado em combustão espontânea em seus braços.

— Eu vou levá-la para casa.

Ela sorriu um sorriso gélido, olhando por cima dos ombros de Noah.

— Obrigada. Mas eu não ia querer afastá-lo do seu... suborno.

Um sentimento de remorso surgiu no fundo do estômago. Ele se virou e viu Darcy a seu lado.

— Já chega! — Noah se afastou de Darcy e seguiu na direção de Sabrina. Sua garganta se fechou diante da expressão de dor nos olhos azuis dela.

Uma loira alta e esguia empurrou Mona, que tinha acabado de chegar, com os olhos arregalados observando a todos.

— Eu vou levá-la! — afirmou a loira esbelta. Dirigiu um olhar curioso para Noah, enquanto se posicionava ao lado de Sabrina. — Vamos embora daqui.

— Obrigada, Bess. — Sabrina abriu as mãos e depois fechou-as com força. Seu olhar se voltou para Noah. — E obrigada pela noite... encantadora.

Noah engoliu em seco. A sensação ruim cresceu dentro dele. O que foi que ele fez?

— Sabrina...

— Boa noite, Mona. — Sabrina a abraçou rapidamente. — Obrigada pela festa.

Mona franziu a testa.

— Está tudo bem? Tem certeza de que quer ir embora tão cedo?

— Está tudo bem. Foi uma festa maravilhosa. Obrigada por todo o seu esforço.

— Sabrina olhou novamente para Noah. — Sinto muito. É que estou realmente muito cansada.

O tom frio de sua voz fez um arrepio percorrer a espinha de Noah. O arrependimento o manteve enraizado no chão, enquanto ela virava de costas com Bess e as duas saíam.

Vinte minutos mais tarde, Sabrina afundou na pilha de travesseiros de renda. Tinha passado dias procurando em pequenos brechós e negociantes de

antigüidades para encontrá-los. Abraçou um deles, apertando-o entre as palmas das mãos.

— É isso, Bess. Lá se foi a última ilusão.

A cama afundou um pouco quando Bess sentou-se a seu lado.

— Posso entender por que está chateada. Mas só porque seu irmão e o sócio dele são dois cretinos, não quer dizer que você tenha de deixar seus valores de lado.

Sabrina esmagou o travesseiro contra a colcha.

— E o que os meus valores me trouxeram de bom?

— Brina, você tem uma ótima vida. Já é dona do próprio negócio. Aos 25 anos, isso é uma conquista e tanto. Você tem esse apartamento maravilhoso, e é livre para ir e vir quando quiser. Nada prende você.

— Talvez eu queira alguns laços.

— E transar com o primeiro homem que quiser vai lhe dar isso?

— Ah! "Que quiser". Esse é o problema. Se ninguém me quer porque sou virgem, então como é que eu vou perder a virgindade?! — Rolou para o lado e jogou o travesseiro no chão. — Sei lá. Só sei que não posso continuar do jeito que estou. Alguma coisa tem de mudar. Eu tenho de mudar.

— Mas você não é do tipo que sairia apenas por uma noite. Pense nisso. Quando inicia um projeto, você sempre vai até o fim. Lembra quando resolveu pintar a sala de jantar e acabou toda enrolada aqui, pintando as paredes de todos os cômodos?

— E o teto. Nossa, meus braços doeram muito.

— E que tal a vez em que resolveu fazer uma prateleira para algumas das suas quinquilharias e acabou fazendo... — Ela gesticulou, apontando para o móvel que ia do chão ao teto na parede oposta.

— Quem imaginaria que eu tinha talento para isso?

— Além disso, olhe só a livraria.

Sabrina deu um suspiro. Tinha começado a trabalhar na loja num emprego de meio expediente e acabou comprando o lugar.

— Eu sempre planejei ter a minha própria livraria, desde que me formei em

administração.

— Você entende onde quero chegar. Não vai ficar satisfeita com uma noite apenas. Vai querer um relacionamento e, confie em mim, não é assim que se começa um.

Com um movimento súbito, Sabrina se ergueu e se sentou.

— Viu! É aí que você se engana. A velha Sabrina poderia se sentir assim, mas a nova, não. Ele aceitou uma mulher como suborno, Bess. E você a viu? Como posso competir com aquilo? Estou me redefinindo. Ocasões drásticas pedem medidas drásticas!

Ela se ergueu:

— Chegou a hora de perder minha virgindade!

— Sabrina...

— Já decidi. Na verdade, eu já tinha planejado o resto do fim de semana. E a oportunidade perfeita.

— Então, está falando de algum tipo de encontro amoroso? Porque eu ainda não consigo imaginá-la saindo com alguém por apenas uma noite.

— Um caso, eu acho.

— Um caso?

A excitação atravessou o corpo de Sabrina.

— Isso mesmo. Um caso de fim de semana. Isso resolveria tudo.

Bess balançou a cabeça.

— Você vai se apegar.

— Não se ele não for da cidade.

As sobrancelhas de Bess se ergueram em dúvida.

— Cliff provavelmente já alertou todo homem solteiro em Atlanta. Eu tenho reservas para um *resort* na praia. Partirei para a Flórida de manhã bem cedinho. Vou arranjar um caso de fim de semana para mim.

— Você não está falando sério.

Sabrina balançou as pernas do lado de fora da cama e apontou para o local onde suas malas estavam esperando prontas.

— Ah, vou sim!

Noah agarrou o volante e espiou o sinal vermelho. O ar tinha ficado pesado. A umidade envolvia as luzes da rua, distorcendo seu brilho.

Ele se remoia em culpa. A lembrança do olhar no rosto de Sabrina enquanto ela o encarava apertava seu estômago. Quando fez aquele acordo com Cliff, não havia pensado nas conseqüências. Não havia pensado em Sabrina. Na ocasião, ela não passava de alguém sem rosto, um meio para conseguir seu objetivo egoísta, não uma mulher de carne e osso.

O sinal abriu. Ele fez uma manobra e virou o carro em direção ao apartamento dela. Tinha de vê-la. Precisava pedir desculpas, de algum jeito, explicar que tudo mudou quando se conheceram. Darcy não significava nada para ele. Qualquer atração que poderia ter sentido por ela evaporou quando a viu ao lado de Sabrina.

Noah deixou sua memória voltar para o momento daquele beijo incrível. *Ela é virgem!* O velho mantra o assombrava. Cliff provavelmente estava certo ao mantê-lo afastado de Sabrina. Mas agora, tendo-a visto, conhecido, beijado... não havia possibilidade de Noah ficar longe dela.

Fechando os olhos, ele resmungou. Ela sabia sobre Darcy o tempo todo. Sabrina estava brincando com ele, sem dúvida, sabendo que a lembrança de sua boca quente o atormentaria. Provavelmente ele mereceu.

Um trovão rugiu ao longe, enquanto ele entrava na via expressa. As primeiras gotas de chuva se chocaram contra o pára-brisa quando ele fez a curva da esquina do apartamento. Afastada da estrada principal, a construção se erguia como uma fortaleza sombria, cercada por grandes carvalhos, pinheiros e bordos.

Deu uma olhada rápida no relógio antes de descer do carro. Passava da meia-noite. A pulsação disparou enquanto escalava o curto lance de escadas até a porta. A luz escapava pelas brechas das cortinas. Ela ainda estava acordada.

Se apegando à sua decisão, ele bateu à porta. As cortinas se abriram um pouco e depois voltaram para o lugar. Por um longo momento, Noah segurou a respiração, desejando que ela abrisse a porta. A porta se abriu o bastante apenas para Sabrina espiar o lado de fora. Ele suspirou.

— O que está fazendo aqui?

O tom seco da voz dela o fez vacilar.

— Posso entrar... por favor? — ele balbuciou a palavra não muito usada.

Ela hesitou por um momento, deu um passo para trás e falou:

— Por que não?

O perfume de flores o cercou enquanto passava. Sabrina vestia um fino robe que roçava contra suas coxas. O sangue aqueceu. Noah deixou o olhar vislumbrar a pontinha dos seios delineados pelo tecido sedoso e rapidamente desviou os olhos.

Analizou todo o espaço da sala de estar do apartamento com uma olhada. O brilho de um abajur de cerâmica em uma mesinha lateral emprestava calor e sensação aconchegantes ao ambiente que não havia notado antes, provavelmente porque não tinha sido capaz de tirar os olhos dela. A sala tinha um apelo convidativo. Quadros e estátuas de gatos chamavam a atenção, e vasos de plantas cobriam toda mesa e prateleira disponíveis.

— O que está fazendo aqui? — indagou ela novamente.

— Vim conversar com você... sobre hoje à noite — disse ele.

— Pensei que você estaria muito ocupado neste momento.

Ele suspirou profundamente. Ela não estava facilitando as coisas.

— Como eu disse, eu gostaria de explicar.

Ela o encarou, ergueu as sobrancelhas e cruzou os braços sobre os seios redondos.

Com esforço, Noah conseguiu erguer o olhar.

— Olhe, Sabrina, sinto muito por aquele acordo estúpido que fiz com seu irmão. Nunca pensei que isso afetaria você. Fui insensível e cruel.

O trovão soava ao longe. Ela cerrou os olhos e deixou os braços caírem para o lado.

— Tudo bem, desculpas aceitas. Foi bom ter se dado o trabalho de vir até aqui. Agora, eu tenho um grande dia planejado para amanhã.

Ele piscou.

— Só isso?! Não vai me dizer que eu fui um cretino?

— Já que tem consciência do fato, por que desperdiçar minhas palavras?

— O que fiz foi terrível. Gostaria de compensar de algum jeito.

Ela o fitou por um momento, então deu de ombros.

— Isso não é necessário. Já aceitei suas desculpas. Pode correr de volta para a sua vagabunda.

Ele rangeu os dentes e chegou mais perto.

— Eu não me importo se nunca mais puser os olhos em Darcy.

— Bom, certamente isso não é da minha conta. Não há a menor necessidade de você me dar um relatório dos seus passos. — Pegou um porta-retratos de bronze na ponta da mesa. — Por que não...?

— Por que não o quê?

Seus dedos tocaram levemente a fotografia coberta pelo vidro.

— Por que não está com ela? Achei que essa era a idéia. O motivo de ter me levado para jantar.

Ele xingou por entre os dentes.

— Era, mas eu ainda não conhecia você quando concordei com a coisa toda. Não estava certo.

Sabrina colocou a foto de volta na mesa.

— Bom, lamento que a noite não tenha dado certo para você.

— Não foi de todo ruim. — Os olhares se encontraram. — Partes dela serão inesquecíveis.

Ela engoliu em seco e fechou os olhos. Quando os abriu, um brilho quente os iluminou profundamente.

— Você não se importou, então... com aquele beijo? Acho que eu deveria pedir desculpas. Queria me vingar de você. Fazê-lo pensar que eu era desejável.

Noah não desviava o olhar de sua boca.

— Como eu poderia pensar de outro jeito? Caso não tenha notado, eu estava gostando daquele beijo muito mais do que tinha o direito.

Os dentes de Sabrina apertaram o lábio inferior. Ela deixou a foto no lugar e se aproximou dele.

— Eu fiz aquela cena para deixá-lo com ciúme. — As bochechas tornaram-se rosa. — Digo, a intenção era que um dos outros me beijasse. — Um suspiro lhe escapou. — Mas nenhum parecia interessado.

— Tolos.

— Então, você ficou? — Ela sorriu. O desejo pulsava em suas veias.

— Fiquei o quê?

— Com ciúme.

— Com certeza!

Os lábios dela se afastaram. Colocou a mão sobre o peito dele, no lugar onde batia o coração.

— Não precisava.

Deus, o que havia nela que o fazia querer bater no peito e urrar? Essa simples frase fez a euforia se apossar de todo o seu ser. Pressionou a mão sobre a dela.

— Sabrina, eu...

— Beije-me outra vez, Noah. — Ela prendeu seu olhar, com os olhos quentes, mas hesitantes. — Nunca alguém me fez sentir desse jeito.

Ele congelou. Ela ficou na ponta dos pés. Toda a extensão do corpo de Sabrina o abraçou. Seu hálito sussurrava entre os lábios de Noah, então a boca roçou na dele. Noah ficou paralisado, atormentado.

Ela fez um suave som de gemido e tocou seu lábio inferior com a língua. Com um grunhido, ele a envolveu em seus braços. Com um movimento único, Noah clamou sua boca, a língua não encontrou resistência alguma ao se unir à dela. Bebeu profundamente a sua doçura, de alguma forma se sentindo redimido pelo poder daquele beijo.

Fechou os olhos, o desejo o dilacerando enquanto ela movia o corpo contra o seu. Deslizou as mãos pelos braços de Sabrina, pelos ombros e desceu pelas costas. Ela passava os dedos em seu cabelo, enquanto ele descia ainda mais para alcançar suas nádegas. Ela gemeu suavemente em sua boca. Noah a ergueu, agarrando suas nádegas firmes e pressionando-as de encontro a sua rigidez.

Ela recuou, com os olhos dilatados, o rosto rubro e os lábios macios e tentadores. Lentamente, puxou o laço do robe até que se soltasse e escorregasse

até o chão. Arqueando as costas, se desfez da roupa.

— Toque-me.

O olhar de Noah se prendeu em seus seios desnudos. Era mais linda do que havia imaginado. O branco cremoso de sua pele acentuava o contraste com a cor dos mamilos. Ele ansiava por tocá-la, levá-la até a boca e prová-la.

O peito ficou pesado. Fechando os olhos, ele a deixou de pé.

— Sabrina, se fizer isso, não vou conseguir parar. Ela segurou seu rosto com a palma das mãos.

— Talvez eu não queira que você pare. Você me deseja, Noah. Posso sentir.

Uma risada seca saiu de sua garganta.

— Não posso negar, mas acho que não importa.

— É só o que importa. Eu também o desejo.

Aquelas palavras ao mesmo tempo o provocaram e detiveram. Ele respirou fundo e fez menção de se afastar dela, mas o calor daquele corpo e a promessa em seus olhos o impediram.

Ele balançou a cabeça.

A umidade preencheu os olhos dela.

— Por favor! Tenho 25 anos e sou virgem. Na época em que vivemos, isso me torna um tipo de aberração. Prometo não me afeiçoar. Só preciso saber como é se sentir uma mulher de verdade. Está na hora. Se não for você, vai ser outra pessoa. — O olhar o prendeu. — Eu não sei por quê, mas quero você.

Ele conseguiu sufocar o apelo ao orgulho masculino que vinha daquelas palavras. Seu peito apertou. Cliff não poderia protegê-la para sempre. A idéia de outro homem tocando fez um calor diferente subir pelo corpo de Noah. A expressão determinada no rosto de Sabrina confirmava sua intenção. Ela encontraria outra pessoa.

— Eu não acredito em amor, Sabrina.

O queixo dela se ergueu um pouco mais.

— Eu disse que não me afeiçoaria. Não estou pedindo para me amar, só para fazer amor comigo.

Sabrina ficou na frente de Noah, coberta apenas pela calcinha preta de renda, que oferecia dicas atormentadoras de sua verdadeira feminilidade. Com um dedo esguio, ela aproximou o rosto dele.

— Não quero ficar sozinha esta noite. E você?

Ele respirou, inalando aquele suave perfume de flores junto a alguma coisa mais elusiva, uma essência que era só dela. Era uma combinação poderosa; que Deus o ajude.

— Não.

Capítulo Cinco

Sabrina sorriu. Sentiu um imenso alívio. Sua própria audácia a surpreendeu, mas nunca havia ansiado tanto por algo. Noah a enchera de desejo, fazendo com que seu corpo doesse de tanta necessidade. Ela o agarrou pelas mãos — Então venha para a cama.

Ele não protestou, seguindo-a até o quarto, só parando ao chegarem à grande cama de dossel. Após puxar a colcha, ele se virou para ela, encostando seus lábios nos dela mais uma vez. Ele lhe reivindicou a boca, empurrando firmemente sua língua e beijando-a enquanto a deitava gentilmente. As mãos dele massageavam seus seios, friccionando seus mamilos rígidos até que ela gemesse de prazer. Ela puxou a camisa dele com força, tirando-a de dentro da calça. Ele parou para retirar a peça de roupa pela cabeça. Suspirando, ela deixou seu olhar passear pelo dorso esculpido de Noah. Sua pulsação acelerou.

Os sapatos e a calça dele se juntaram à camisa no chão, e ele se deitou ao lado dela. Com um longo dedo, acariciou a curva do seio de Sabrina. — Você me deixa sem ar.

O sangue lhe subiu até as orelhas. Nunca ficara a sós com um homem como aquele antes, mas, de alguma forma, com Noah ela se sentia segura. Ela se encheu de excitação e passou os dedos pelo peito forte de Noah, brincando com os mamilos másculos. E, para seu deleite, ele emitiu um som gutural de prazer.

— Me diga o que devo fazer — pediu ela.

— Deixe-me saboreá-la. — Ele abaixou a cabeça. A ponta de sua língua pincelou os mamilos dela.

Ela quase se levantou da cama. Sentiu uma onda de calor que se instalou no vértice de suas coxas. Ele sorriu levemente, e então a puxou até seus lábios. Ele a sugou por quase uma eternidade, indo de um seio ao outro.

Deliciosas sensações a fizeram tremer. Cada vez que ele sugava, ela sentia uma nova onda de prazer. Para espanto dela, seu ventre se movia num ritmo carnal. Sons que ela nunca emitira antes saíam de sua garganta.

Ele soprou o mamilo ereto dela, que brilhou. Quando suas mãos escorregaram pela parte baixa do ventre de Sabrina, seu corpo se ergueu. Ele parou com as mãos quentes e firmes na pele dela.

— Você está bem?

Ela fez que sim. Estava mais do que bem. Cada célula de seu corpo vibrava, renovada.

— Acho que foi só um reflexo. Ninguém havia me tocado lá antes.

Os olhos dele escureceram. Ele espalhou os dedos, cobrindo o corte de renda preta.

— Quero tocá-la em todos os lugares.

Mais uma vez, ela só conseguiu fazer que sim.

Ele a acariciou do pescoço até a cintura, passando por cada curva, até que seus dedos chegaram à calcinha. Ele a tocou através da renda, e apertou, pressionando os dedos contra a sensível junção entre as pernas dela. O olhar dele refletiu puro prazer.

— Você está tão molhada. O rosto de Sabrina esquentou. Ela engoliu em seco.

— Sim, eu diria que estou bem, e pronta. — Ela olhou para a cueca protuberante dele, tremendo em antecipação...

— E você?

— Não deveríamos apressar uma coisa boa.

— Oh, mas eu me sinto tão... necessitada. Os lábios dele se curvaram com aquele sorriso *sexy*. — Vamos retirar isso e ver o que posso fazer a respeito.

— Com um único movimento, ele puxou a calcinha, passando pela cintura e pelas pernas, e a jogou-a na pilha de roupas junto ao chão.

— Assim está melhor? — Ele passou os dedos pelos pêlos cacheados até encontrar sua feminilidade. Com movimentos hábeis, tocou a parte dela que ansiava por ser tocada.

— Ohh... sim. — Ela se agarrou a ele enquanto Noah fazia sua mágica, circundando seu ponto de prazer até que ela gemesse e seu corpo mais uma vez se movesse num ritmo erótico.

Ele a beijou, a boca passando pela nuca, pelo pescoço e mais uma vez pelos seios. A sucção firme de sua boca junto à pressão de seus dedos levou-a ao cume do prazer. A tensão extraordinária aumentava. Ela pressionou os dedos contra seus ombros e se jogou contra ele. Com um grito sobressaltado, ela gozou, indo aos céus com uma intensidade que a deixou sem ar.

Noah a segurou, acariciando suas costas gentilmente, até que ela se acalmasse.

Ela se aconchegou nele, balançada pela reação extrema.

— Foi... incrível.

O peito dele se moveu com uma risada suave.

— Você é incrível.

Os olhos dele brilharam em aprovação. O coração dela se dilatou. Ela o beijou, procurando seu calor, a carícia de sua língua.

Ele se moveu e sua ereção se pressionou contra a coxa dela.

— Sabrina, eu preciso de você.

Um turbilhão de desejo passou por ela.

— Sim. — Ela se ajoelhou e procurou o cóis da cueca dele. — É hora de deixá-lo um pouco mais confortável.

Com a ajuda dele, ela retirou a cueca. Ele se reclinou, sem se envergonhar de seu evidente desejo. Impressionada, ela foi em direção a ele e parou.

— Gostaria de tocá-lo.

Ele a olhou com os olhos entreabertos.

— Vá devagar. Não sei por mais quanto tempo conseguirei agüentar.

O tom rouco de sua voz a fez tremer. Ela se concentrou em sua ereção, segurando-a gentilmente e passando os dedos da base ao topo, circundando a ponta arredondada.

— É tão macio! — disse ela, maravilhada. — Duro, mas ao mesmo tempo macio. Como veludo — Inclinando-se, ela encostou o rosto na superfície lisa.

Noah deixou escapar um gemido rouco. Ela se endireitou, envergonhada por sua impulsividade.

— Desculpe-me.

— Querida, você não precisa se desculpar. — Ele a puxou até seus braços e a rolou para baixo dele, separando seus joelhos e ficando entre suas coxas. O pênis dele pressionava contra ela. Sabrina se moveu, esfregando-se nele experimentalmente e sentindo seu corpo reagir de imediato.

Ele segurou a cintura dela para acalmá-la.

— Espere.

Para desânimo dela, ele saiu da cama e pegou a calça no chão. Ela se sentou, aflita. Ele não podia ir embora.

— Noah...

— Eu quase me esqueci.

Ela olhou para o pequeno pacote quadrado nas mãos dele e se recostou nos travesseiros repreendendo a si mesma. Estava tão entusiasmada que não pensara em proteção.

Momentos depois, ele se deitou sobre ela. Sabrina o envolveu com as pernas enquanto um calor espontâneo vindo daquele homem impossível e irritante a preenchia. Ele tinha um jeito muito carinhoso para uma pessoa cínica.

— Me lembrarei de você para sempre por isso.

Ele a beijou mais uma vez e então apoiou sua testa na dela.

— Ainda não é tarde para desistir.

Em resposta, ela o envolveu com os braços e pernas.

— Não quero desistir de nada. Esperei muito por este momento. Me ame, Noah.

Então ele a tocou, provando-a e a sentindo-a com os dedos. Sua ponta

arredondada se pressionou por dentro dela. Ele empurrou um pouco e parou.

Ela podia senti-lo preenchendo-a, pressionando contra sua barreira.

— Está tudo bem. Só faça rápido.

Fazendo que sim, ele retirou os dedos. Ele a beijou rapidamente na testa e então murmurou:

— Feliz aniversário, Sabrina. — E, com um poderoso empurrão, ele a penetrou.

Ela engasgou com a dor, que passou quase instantaneamente. Ele estava dentro dela, completamente dentro dela, e ela não era mais uma virgem. Uma sensação maravilhosa e satisfatória a percorreu.

E então ele se moveu. Desta vez, o prazer se irradiava de dentro para fora num calor delicioso. Ela gemeu.

Noah parou em cima dela, se apoiando em seus próprios braços.

— Estou machucando você? Ela balançou a cabeça.

— Não, não pare. É tão... tão bom.

Noah riu suavemente e as palavras lhes faltaram enquanto ele a amava da forma que Sabrina sempre havia sonhado que faria. Seu olhar se juntou ao dela enquanto ele proporcionava prazer a ambos, e ela nunca se sentira tão conectada a outro ser vivo. A beleza e a delicadeza daquele momento a levava a um plano mais alto, e ele também estava lá. Ela podia ver na profundidade de seus olhos e sentir em cada movimento de seus corpos.

As lágrimas turvaram sua visão enquanto várias ondas de prazer passavam por ela. Noah enterrou o rosto nos cabelos de Sabrina, respirando quente em seu pescoço. O orgasmo veio com tanta força que ela abriu a boca num grito silencioso.

Ele caiu por cima dela. Por um momento, ela ficou deitada, estarrecida. Será que ela morreria bem ali, sem ar e cheia de um prazer além da experiência humana? Certamente ninguém jamais alcançara um ponto tão alto quanto aquele que haviam acabado de atingir. Aquilo não poderia ser sexo comum.

Com um gemido suave, Noah rolou para o lado, levando-a junto, para não atrapalhar o abraço íntimo. Sabrina deixou o olhar pairar sobre o rosto descansado dele, memorizando a curva de sua bochecha, a linha reta e forte de seu nariz e a sombra de seus cílios sob as pálpebras fechadas. O coração dela se

encheu de calor.

Os olhos dele brilharam. Ele retirou uma mecha de cabelo do rosto dela.

— Você está bem? Sabrina precisou engolir antes de responder. Por alguma razão, sua garganta estava comprimida.

— Estou bem, e você? Ele deu um sorriso *sexy*. Aparentemente, aquilo era tudo que ela precisava para sentir desejo por ele outra vez. O sangue dela correu mais rápido quando ele segurou seu rosto e beijou seus lábios delicadamente.

— Querida, não sinto dor alguma. *Você é uma deusa.*

— Não me coloque num pedestal.

— Não, senhora. — Ele se aconchegou nela, colocando suas pernas por entre as dele. — Gosto de você exatamente onde está.

Ela passou os dedos nas costas dele, arranhando-o suavemente com as unhas. Ele cheirou seu pescoço até que ela levantasse o queixo para dar-lhe melhor acesso. Após mordê-la gentilmente, ele beijou as nuances de seu pescoço e vagorosamente se afastou dela. Deu-lhe um último beijo nos lábios.

— Volto já.

— Não vá muito longe — disse ela enquanto ele saía de baixo das cobertas.

Com um sorriso por cima dos ombros, ele foi em direção ao banheiro. Ela se virou de barriga para baixo, sorrindo com a visão daquele maravilhoso homem nu entrando confiantemente em *seu* banheiro.

Uma satisfação que ela não conhecia a preencheu. Havia feito. Tinha perdido a virgindade. E em grande estilo.

— E feliz aniversário para mim — cantarolou suavemente para si mesma.

Noah retornou rapidamente, com uma toalhinha úmida nas mãos.

— Sentiu minha falta?

Apoiando-se nos cotovelos, ela sorriu para ele.

— Claro.

Ele passou as mãos pelas costas dela e por cima de seu bumbum, circundando um dos lados antes de parar. Consciente do que poderia vir a acontecer, ela sentiu um arrepio na espinha.

— Por mais que eu queira explorar esse seu lado, acho que gostaria de vê-la com o outro lado para cima agora. Se você não se importa — disse ele.

A mão quente de Noah se pressionou contra ela, que se contorceu. Quem diria que ter o bumbum acariciado seria tão bom?

— Promete começar de onde parou?

Os olhos dele brilharam e ele lhe deu um pequeno apertão antes de retirar a mão.

— Prometo. O que a senhora quiser. — Ele levantou a toalha. — Mas primeiro, você me permitiria cuidar de você?

— Cuidar de mim? — Ela se sentou.

Ele fez que sim, com seus intensos olhos escuros. Seu olhar pairou sobre ela, sobre a junção entre suas coxas.

— Oh. — Um calor a tomou. A idéia de Noah "cuidando" dela ali fez sua boca secar. E seu sexo pulsar. — Certo.

— Então deite e relaxe.

Sabrina fez o que Noah pediu, sem retirar o olhar dele. Era um homem magnífico. Os músculos ondulavam sob a pele morena conforme ele se movia. Pêlos negros faziam um redemoinho em seu peito escultural e se angulavam em direção ao abdome liso. Logo abaixo, seu sexo se enrijecia conforme ele se posicionava na frente dela. Bastava olhar para ele para querê-lo.

— Abra para mim, Sabrina.

Ela hesitou, se sentindo subitamente tímida e... decadente.

— Não venha com timidez agora.

A excitação nos olhos dele era o encorajamento de que ela precisava. Um gemido suave escapou da boca dele conforme ela abriu as pernas, lhe dando boas-vindas a sua parte mais íntima. Noah se ajoelhou em frente a ela, passando a toalha morna por dentro de suas coxas.

— Isso faz você me desejar outra vez? — A voz estava rouca e ele a afagava ainda mais para cima, roçando levemente a parte dela que ficara molhada para ele.

Ela fechou os olhos quando a toalha morna foi retirada e um ar fresco passou

por sua pele.

— Sim!

Ele foi para a outra coxa, acariciando até a parte de cima e parou. Ela gemeu suavemente.

— Não me provoque, Noah.

— Vou chegar lá, querida, só estou sendo minucioso. O calor do tecido cobriu seu centro ansioso. A mão dele se pressionou contra ela, os dedos provando sua entrada através do tecido. Com um suspiro, ela se moveu em direção a ele. Ela o queria outra vez.

— Você gosta disso, não é mesmo?

— Sim. — Ela tremia conforme ele passava o tecido por sua fenda. Cuidadosamente, ele explorou cada dobra e cada vinco, circundando a carne macia com a toalha morna até que ela gemesse e mordesse os lábios. Aquela deliciosa tensão mais uma vez cresceu por dentro dela, deixando-a sem fôlego e aguçando seus sentidos. O mais leve dos toques quase a fazia perder o controle.

— Devagar. — Quando ele retirou o tecido ela demonstrou seu desapontamento. — Não precisa se preocupar, amor. Ainda não terminei com você.

Seu hálito quente passou por dentro de suas coxas, momentos antes de sua boca se posicionar ali. E ele a beijou, seguindo o mesmo caminho da toalha. Sabrina fechou os olhos enquanto uma expectativa do que estava por vir a fez queimar por dentro. Ela sonhara com aquele momento. Ele procurou sua fenda e ela mordeu os lábios conforme ele passava a língua por seus grandes lábios.

O pulso dela acelerou e ela se contorceu enquanto ele, com os lábios, os dentes e a língua, explorava seu terreno mais íntimo. Finalmente, alcançou seu ponto de prazer. Ele provocou o clitóris, circundando-o até que seus quadris encontrassem o ritmo que a trouxesse de volta ao clímax. O prazer transbordou através dela em uma onda que se formou, a percorreu e se quebrou com uma intensidade de partir o coração.

— Noah!

Noah posicionou o corpo ao lado de Sabrina. Pretendia deixá-la recuperar-se após o primeiro *round*, mas ela se mostrou tão excitada enquanto ele a limpava,

que Noah começou a desejá-la novamente. O odor que exalava dela o havia distraído, até que ele começou a experimentá-la. Oh, o abençoado sabor de Sabrina! Ele lambeu os lábios e segurou os seios dela, tentando ao máximo ignorar sua in-controlável ereção.

Ela era virgem.

Este devia ser o motivo pelo qual o sexo era tão incrível. Ela era tão apertada. Tão pronta para ele. Tão proibida. Nunca havia tido uma virgem antes. Fazia sentido a reação tão forte ante a novidade.

Inspirando, tentou novamente controlar a libido. Era preciso ir devagar com ela, deixá-la ajustar-se. Por mais que ele quisesse, não podia esperar que Sabrina o amasse por toda a noite na sua primeira vez.

Ela rolou por sobre ele. Seus lábios roçaram a testa de Noah, enquanto sua mão pousou tranqüila no peito dele.

— Você é um homem maravilhoso. Obrigada.

Uma risada rouca rompeu de sua garganta. Ele estava tão excitado que doía, mas ainda era cedo para tomá-la novamente.

— Não precisa me agradecer. Definitivamente, o prazer foi meu.

Sabrina deslizou a mão pelo peito de Noah e, depois, mais. abaixo. O sangue dele ferveu e seus músculos se contraíam à medida que os dedos dela acariciavam seu ab-dome e continuavam a jornada rumo ao sul do corpo de Noah.

— Sabrina, você não precisa...

Os dedos dela se fecharam em torno da extensão latejante.

— Eu quero!

Ela tentou uma leve compressão, depois afagou a tenra carne dele.

— Não consigo superar esta sensação.

— Nem eu! — Ele suspirou enquanto ela massageava sua extremidade sensível.

— Me diga o que fazer. Quase doía rir.

— Você está indo... muito bem.

Ela o envolveu os dedos mais uma vez e massageou da base ao topo.

— Assim?

— Sim. — A palavra saiu quase como um sussurro.

— Você vai gozar se eu continuar. — Um tom de admiração lhe tocava a voz. Ela detinha total controle sobre ele, e sabia disso. Ainda assim, Noah não queria que ela parasse.

— Eu gosto disso — murmurou Sabrina em seu ouvido. — Gosto de tocá-lo desta forma, da sensação que me dá.

Um calor derretido se armazenou no corpo dele, indo em direção à inevitável erupção. Ele também gostava disso, muito até, mas ao mesmo tempo ela o fazia sentir-se inexperiente, fora de controle. Ele agarrou o pulso de Sabrina, acalmando sua mão, tentando lutar contra a irresistível vontade de imergir seu próprio corpo bem fundo no dela.

Ela ficou de joelhos ao lado dele, fitando-o com seus inocentes olhos azuis.

— Faça amor comigo, Noah.

As palavras soaram como música aos ouvidos de Noah.

— Não é cedo?

— Oh... existe um tempo mínimo que devemos esperar?

Ele sorriu da expressão de preocupação dela.

— Não, só pensei que você pudesse estar dolorida.

— Bem, eu realmente sinto algo, mas não creio que seja pelo motivo que você está dizendo. — Sentou sobre ele enquanto falava, selando sua fenda úmida ao calor de Noah.

Sabrina fechou os olhos e sua cabeça pendeu para trás. Noah perdeu o fôlego enquanto ela esfregava o corpo ao longo do pênis dele. Para a frente, para trás, e novamente para a frente, até que a ponta robusta dele roçasse a entrada dela.

— Eu gostaria... que nós não precisássemos... parar...

Parar? Ela não poderia sequer pensar em parar. Não agora.

— ... que eu pudesse ao menos... deixar você entrar em mim...

Foi necessário um momento para que ela entendesse.

— Querida, é melhor fazer isso agora, ou será tarde demais.

Ela abriu os olhos.

— Oh.

Sem deixá-lo, ela se debruçou para pegar um preservativo na gaveta de sua mesa de cabeceira. Sabrina corou.

— Eu esperava que fossem úteis.

Negando-se a lidar com o fato de que ela tinha um suprimento de camisinhas à mão, Noah pegou o pacote e se colocou de prontidão em tempo recorde. Ele a tocou entre as pernas, encontrando-a inchada e, oh, muito molhada.

Movendo os quadris, ele se posicionou na abertura dela. Ela se inclinou para a frente levemente, enquanto ele a penetrava. Com um movimento, ela se sentou firmemente em Noah, colocando-o totalmente dentro de sua cavidade aquecida.

— Oohh... — Ela se enterrou contra ele, experimentando usar o quadril. — Isso é muito bom.

— Monte em mim, Sabrina. Você vai satisfazer a nós dois.

Os músculos dela se apertaram em torno dele. Ela se movia, tentando no início, depois com crescente velocidade enquanto um rubor sexual lhe cobria a pele. Da serenidade do rosto aos mamilos róseos dos seios, ela figurava uma imagem de tamanha beleza que marcava a memória dele. Quando Noah relembresse esta noite, essa seria a visão que teria dela.

— Oh Noah... isso é... tão bom... tãoooo... booom...

— Sim... sim... sim...

Ela gozou primeiro, o rosto e o corpo se contorceram em uma visão de êxtase. Ele não conseguia deixar de olhá-la fixamente. Quando ela entrou em colapso por cima dele, sua fenda se apertou em convulsão, empurrando Noah a um abismo de prazer tão intenso que ele achou que morreria. Quando o longo orgasmo terminou, ele a embalou enquanto o coração voltava ao compasso e deitou, atordoado, maravilhado pelo sexo mais incrível que jamais tivera.

Por fim, ela se moveu, rolando para o lado e quebrando a união. Aninhou-se nas curvas do braço de Noah.

— Uma garota pode se acostumar com isso.

Ele a beijou na testa.

— Espero que sim. — Ele mesmo poderia se acostumar com aquilo. Um silêncio calmo os envolveu. Ele afagou uma mecha dos cabelos de Sabrina por entre os dedos.

— É sempre assim tão... tão... indescritível?

Ele deu um longo suspiro. O que ela diria se ele lhe contasse que nunca havia sido assim tão indescritivelmente indescritível?

— Foi normal. Sabrina o beijou no peito.

— Mentiroso. É impossível que seja sempre assim. Ninguém faria mais nada.

O orgulho estufou o peito dele. Ele havia tornado a primeira... e a segunda vez dela memoráveis... para ambos. É claro, não era somente mérito dele. Com os movimentos sensuais dela e o modo como respondia ao toque mais sutil, Sabrina possuía sensualidade suficiente para tornar qualquer homem o mais poderoso amante.

— Foi incrível — disse ele. — Nós somos bons juntos.

O olhar de Sabrina encontrou o de Noah, repleto de tanta felicidade que seu coração apertava. Será que ele um dia se cansaria de olhar para ela?

— Sabrina, há uma coisa que não entendo.

Ela virou o rosto em direção a ele, sobrancelhas levantadas em questionamento.

— Você é uma mulher incrivelmente sensual. Não consigo entender *por que* você esperou tanto.

Ela o observou em silêncio por um tempo, depois suspirou.

— Acho que sempre tive estes pensamentos românticos. Eu queria que fosse perfeito. Queria esperar pelo amor. Especialmente após tudo o que Bess passou; ela é aquela que me trouxe para casa mais cedo. Somos amigas desde sempre.

— De qualquer forma, ela engravidou com 16 anos e abriu mão de uma carreira bastante promissora como modelo para casar com o pai do bebê.

Sabrina balançou a cabeça.

— Era uma criança criando outra criança. Nunca teve a chance de descobrir quem é de verdade, o que poderia ter feito da vida. — Tudo isso cimentou ainda mais minha crença de que deveria esperar o homem certo, o amor verdadeiro.

— Mas após todo esse tempo, por que agora?

Os delicados ombros de Sabrina balançaram.

— Eu já disse. Aos 25 anos, me sentia uma aberração. Nunca havia me dado conta de que o amor verdadeiro seria tão difícil de encontrar.

— Nunca houve outra pessoa?

— Oh, houve alguns homens.

— Alguns?

— Não tantos quanto você.

— Ora, eu nunca tive nenhum homem.

— Não tantos relacionamentos. E obviamente, eu nunca... você sabe, com nenhum deles. Nunca demorou para eu perceber que não era o homem certo.

— E hoje?

— Bom, hoje eu abri mão do pré-requisito do amor verdadeiro e decidi pela paixão verdadeira. — Um sorriso se desenhou nos lábios dela enquanto percorria o peito dele com as mãos, penteando seus pequenos cachos com os dedos.

— Eu odeio ser o cínico por aqui.

— Mas você é.

— É mais fácil você conseguir achar uma paixão verdadeira do tipo que acabamos de dividir, o que, a propósito, *não* é tão fácil, do que achar o amor verdadeiro.

Os olhos de Sabrina escureceram e algo como tristeza se apoderou deles.

— Você *realmente* não acredita no amor. Ele não conseguiu respondê-la diretamente.

— Meus pais tinham o que eu acreditava ser um casamento feliz. Então, a um mês do meu 15º aniversário, a aparente vida perfeita deles se dissolveu em longos silêncios pontuados por discussões hostis. Eles se divorciaram em tempo recorde.

— Eu passei alguns anos pulando de um lado para o outro entre os dois, escutando as amargas reclamações de um contra o outro. Quando terminei o

ensino médio e me mudei para Auburn, já sabia que nunca me casaria.

Ela continuava acariciando Noah, passando os dedos gentilmente para cima e para baixo em seu peito. Ele trincou os dentes. Por que havia lhe contado sobre os pais? Nunca falava sobre eles.

— Sinto muito que você tenha passado por tudo isso. — A voz dela era baixa, acalmando o menino ferido dentro dele. — Mas o amor de verdade realmente *existe*. Meus pais fariam qualquer coisa um pelo outro.

— Certa vez, meu pai dirigiu mais de trezentos quilômetros em um dia para trazer para minha mãe a torta favorita dela, de sua padaria favorita, que ficava na cidade onde ela havia crescido.

Noah arqueou as sobrancelhas.

— Isso é dedicação.

— Ele demonstrou o tamanho do seu compromisso com ela. Minha mãe faria o mesmo por ele. *Isso* é o amor verdadeiro. Despender tempo e energia para dirigir essa distância, mesmo estando cansado e tendo um milhão de outras coisas para fazer. Perder noites de sono juntos porque um dos dois está com um problema a resolver. Ou ainda abrir mão de seu bichinho de estimação favorito porque seu amor é alérgico a pêlo de gato.

Um sentimento de melancolia se apoderou dele. Tinha tentado dar isso tudo a Rebecca. Aonde isso o levou?

— Acredito que se doar dessa forma é um exagero. É raro existir uma pessoa que reconheça. E a pessoa que se dá corre muito risco.

Sabrina traçou o contorno da bochecha dele.

— Quem te magoou, Noah?

Ele rangeu os dentes, sem querer ressuscitar antigas feridas. Mais uma vez, a delicadeza da voz dela e a compaixão em seus olhos fizeram com que ele falasse.

— Eu namorei diversas mulheres, sempre de forma casual. Houve uma mulher, porém. Arrisquei tudo por ela. Abri mão da sociedade com o meu irmão, desisti de uma carreira lucrativa para ir com ela para Denver e começar tudo de novo, do zero.

— Dei a ela tudo que tinha. O que era meu era dela. Meu tempo, meu dinheiro,

toda a atenção que uma mulher pudesse querer. — Noah fez uma pausa, todo o velho desapontamento estava renovado. — Não foi suficiente — continuou ele. — No final, ela encontrou alguém com mais tempo, mais dinheiro. Alguém disposto a satisfazer-lhe todos os caprichos.

— Me parece que você está melhor sem ela. — O tom protetor da voz de Sabrina fez com que ele virasse para ela, sorrindo, a despeito de tudo.

Os cabelos escuros dela caíram desalinhados em volta, dos ombros. O branco de sua pele cremosa apresentava uma succulenta visão de inclinações e curvas, e seus olhos o fitavam em extasiada atenção. Sim, ele estava bem melhor sem ela.

Ele correu seus dedos pelo braço dela.

— Que tipo de tolo ficaria aqui deitado, reclamando do passado, tendo uma linda mulher aqui ao seu dispor?

— Você não está dispondo de ninguém, meu caro.

— Não sou nenhum idiota. — Passou a boca sobre a dela, que se abriu, fazendo-o sentir-se bem-vindo novamente, varrendo as teias de aranha do passado da mente dele com uma carícia doce da língua.

Ela se moveu ao encontro dele, circulando seu mamilo com o polegar. Ele ficou instantaneamente excitado. Noah interrompeu o beijo, precisando limpar a mente, mas ela começou a beijá-lo numa trilha por seu queixo, descendo pelo pescoço até o peito. Quando a língua dela roçou seu mamilo, o corpo dele tremeu em resposta.

Com os olhos bem abertos, ela riu dele.

— Um pouco sensível, não é? Ele gargalhou.

— É melhor você tomar cuidado ou se tornará o objeto da minha luxúria outra vez.

Ela passou a língua pelo mamilo dele novamente.

— Uma garota só pode ter esperanças.

O sangue dele acelerou. Ela estaria realmente pronta para o terceiro *round*?

— Vamos começar pelo início. Uma toalha úmida não resolverá desta vez.

O lábio inferior dela se projetou, fazendo beicinho.

— Não vai "cuidar" de mim agora?

— Oh, cuidarei de você da maneira correta. Acredito em limpeza. — Deixou o olhar passear pelos seios dela de mamilos róseos, até o triângulo de cabelos negros. — Devemos ser ainda mais meticulosos que da última vez. No mínimo um trabalho da cabeça aos pés.

Ela revirou os olhos.

— Da cabeça aos pés?

— O que você prefere: chuveiro ou banheira? Os seios suculentos dela se arrepiaram. Suas pupilas dilataram.

— Não sei, acho que chuveiro.

O calor preencheu o corpo dele. Como se divertiriam com ele mostrando a ela todas as formas que um homem pode amar uma mulher? Pegou a boca de Sabrina, beijando-a profunda e minuciosamente até que ela gemeu e pressionou seu corpo contra a ereção dele.

— Fique aqui. Vou ligar a água e volto para você.

— Faça sair vapor. Eu gosto quente. Ele gracejou.

— É, eu percebi.

Sabrina aliviou a pressão e Noah escorregou de seus braços. Algum dia ela se cansaria de olhá-lo? Pela segunda vez esta noite, ele passeava pelo tapete enquanto ela se deleitava com a visão de sua glória natural.

Homem doce, *sexy*. Como alguém pode tê-lo magoado?

O desejo de apagar toda a dor do passado de Noah brotou em Sabrina. Talvez ela cancelasse a viagem à Flórida. Passaria o fim de semana aqui, com ele. Era um amante muito atencioso. Por que não ter um caso com Noah?

A mente dela lembrou o que acontecera nas últimas horas e sua pele aqueceu. O amante com que ela sempre sonhara tinha virado realidade.

A porta do banheiro abriu. Ele emergiu, os primeiros filetes de vapor dançando atrás dele. Sabrina fitou a ereção de Noah e sentiu-se umedecer-se entre as coxas. Nunca imaginou que os homens pudessem ser tão belos.

Ele a levantou, apoiando-a contra o peito. Uma camada fina de vapor cobria o espelho do banheiro, embaçando a imagem deles, à medida que ele abria a cortina do chuveiro. Noah entrou debaixo da água quente e foi deslizando

Sabrina por seu corpo até que ela ficasse sobre os próprios pés.

— Se ficar muito quente, é só falar.

Ele a beijou novamente. A água jorrava sobre eles enquanto ele a massageava dos ombros até os quadris. As mãos dele a deixaram. Um aroma de pêssego coloria o ar.

Um momento após, ele envolveu o pescoço dela com as mãos ensaboadas. Deslizou a espuma para cima atrás das orelhas de Sabrina, depois para baixo até a clavícula.

— Seus seios são perfeitos.

— São? Não achei que você tivesse reparado.

— Eu estava me esforçando muito para não reparar.

Ela esfregou a barriga nele enquanto Noah ensaboava seus seios, apertando as pontas com os dedos. O desejo percorreu o corpo dela. Bolhas de sabão lhe escorriam pela barriga.

Sabrina ensaboou a mão e retribuiu o favor, com atenção especial ao tórax de Noah. A pele dele estava quente e macia sob os dedos dela, os músculos duros e definidos. Ela deslizou as mãos para baixo, acariciando seu abdome rígido e reto.

— Se for um pouco mais para baixo, nós teremos o terceiro *round* aqui no chuveiro.

— Achei que esse era o plano. — Deslizou a mão mais para baixo, mas ele se afastou.

— Ainda não terminei de ensaboá-la. — Derramou mais gel nas mãos e se ajoelhou diante dela.

A água quente batia nas costas dele, espirrando espuma no corpo dela. Com movimentos longos e vagarosos, ele ensaboou as pernas de Sabrina, primeiro esfregando do quadril aos tornozelos, depois acariciando suas panturrilhas, os joelhos e as coxas. A respiração de Noah aquecia a barriga dela e desejo se apossava de seu corpo enquanto, ela pousava as mãos nos ombros dele.

As palmas das mãos dele alisaram as ancas dela, depois a parte de trás das coxas.

— Eu quase me esqueci da promessa que fiz mais cedo.

Ele segurou suas nádegas e apertou. Ela gemeu, agarrando com mais força os ombros dele enquanto ele a apertava. A língua de Noah provocou o umbigo dela.

Devagar, ele se levantou e fez um percurso beijando sua barriga, os seios, parando para lambar cada mamilo sensível, e foi até o pescoço. A boca de Noah pairou perto da dela enquanto continuava a afagar gentilmente seu bumbum. Ela fez um ruído baixo e se contorceu contra ele.

— Você realmente gosta disso — disse ele.

— Parece que eu gosto de tudo.

A ereção dele pressionava o abdome dela. Sabrina balançou os quadris e sua fenda encontrou o membro duro de Noah. De repente, ele parou, pressionando a testa contra a dela.

— Nós não trouxemos preservativos.

— Oh. — Ela piscou. Havia esquecido novamente. — Embaixo da pia. — Ela se escorou na parede, á água quente batendo em sua pele, enquanto Noah saía rapidamente e voltava mais depressa ainda.

Um som baixo e gutural vibrou da garganta dele, pouco antes de capturar os lábios dela. Sua língua invadiu a boca de Sabrina, forçando-a com o mesmo desejo que queimava dentro dela. Sabrina o acompanhou, golpe a golpe, enquanto ele a erguia, atando suas pernas por sobre seus braços.

Ela o imprensou contra a parede.

—Diga que me quer de novo.

— Eu te quero novamente. — Seus quadris moviam-se mais uma vez por vontade própria.

A ponta do sexo dele sondou a abertura dela. Sabrina se moveu, em seguida suspirou, à medida que ele arremetia para dentro dela, alargando-a e preenchendo-a. O prazer envolveu Sabrina, enquanto a água caía sobre eles, elevando a temperatura.

Noah a tomou com tamanha urgência que a fez estremecer até o âmago. Uma e outra vez ele a penetrou, cada movimento disparando ondas de calor que percorriam o corpo dela. Sons incoerentes romperam da garganta dela. Sabrina

incitava Noah, movendo os quadris no ritmo compassado da investida dele.

Enterrando a cabeça na curva do pescoço dela, ele deu um grito abafado junto à última estocada. Ela se retesou. Seu orgasmo veio com tanta força que a deixou sem ar e atordoadada.

Sabrina esmaeceu nos braços de Noah, enquanto ele se inclinava sobre ela. Por um bom tempo eles ficaram assim, enquanto a água corria em filetes pelos corpos entrelaçados. Ao final, ele se moveu.

— Você realmente sabe como acender um homem.

— Talvez devêssemos dar um tempo. Dormir um pouco. Ele a beijou com tamanho carinho que os olhos dela marejaram.

— Tudo bem, mas só até eu me recompor. Acho que alguma coisa está acontecendo aqui.

Um calor não-relacionado à água quente que corria sobre eles a preencheu. Com um sorriso sonolento, ela desligou o chuveiro e deixou que ele a conduzisse até a cama.

Capítulo Seis

Sabrina olhou de relance seu relógio na mesa-de-cabeceira. Quatro horas da manhã e ela estava completamente desperta. Noah estava deitado ao lado dela, respirando profundamente, com um braço esticado possessivamente sobre a cintura dela.

Ela não queria que a noite acabasse. O amante de seus sonhos não era nada comparado ao verdadeiro Noah. Ele fizera amor com ela com cuidado e intensidade tão profundos que a deixara confusa.

Com o olhar fixo, ela traçou os ângulos do rosto dele e um calor preencheu seu coração. Mordeu os lábios. Santo Deus, o que estava acontecendo? Ele fez com que ela tivesse *sentimentos* por ele. Como pôde passar de desprezo a... estes *sentimentos* por ele em tão pouco tempo? Não era de espantar que Bess estivesse tão apreensiva.

Sabrina foi tomada de pânico. O que estava fazendo? Estava se apaixonando por Noah, um cínico mulherengo assumido, um homem que aceitara uma vagabunda como suborno? O choque desses pensamentos fez com que ela ficasse desperta e fitando cegamente o teto.

Não podia ter um caso com Noah. Ele *realmente* não acreditava no amor. Agora que a tensão sexual havia dissipado, o impacto da situação a atingia. Não podia, de forma alguma, se apaixonar por ele — ela só se magoaria.

Quando os primeiros raios de sol apareceram através da cortina, Sabrina já havia revisto a catástrofe sob todos os ângulos, tentando achar algum sentido. Era simples, na verdade. Tinha esperado tanto pelo amor verdadeiro que sua psique a confundiu numa mudança precipitada de planos. Ele foi o primeiro. Conseqüentemente, seu subconsciente transferia para ele todas as emoções e fantasias guardadas.

Sabrina olhou para as malas prontas. Só havia uma coisa a fazer. Tinha de ir à Flórida. Precisava ter um caso. Assim, ela saberia se estes sentimentos existiam pelo fato de ela nunca ter estado com outro homem ou por causa de Noah. De qualquer forma, seu plano tinha ainda mais sentido agora.

Ela se liberou dos braços dele. Noah balbuciou alguma coisa ainda dormindo, mas não acordou. Com um suspiro, ela foi até o banheiro. Havia tempo suficiente para pegar o voo. Colocaria a noite anterior de lado, marcando-a como se fosse mais uma de suas fantasias. Hoje era um novo dia. Hoje encontraria um caso.

O barulho de uma porta impeliu Noah a um estado de total alerta. Procurou por Sabrina e franziu o cenho quando a mão alcançou os lençóis vazios. Rolou para o lado.

— Sabrina?

Ela se virou de onde estava, perto do armário, uma das malas na mão, a bolsa e uma segunda sacola penduradas num ombro.

— Você está acordado.

— Você está indo embora? — Ele franziu o cenho. Não era dessa forma que havia imaginado a manhã. Na verdade, depois da noite anterior, ele tinha vislumbrado um começo de fim de semana bem diferente.

O olhar de Sabrina se perdeu.

— Sim, eu avisei que tinha planejado um grande dia. Noah bateu na cama.

— Venha aqui. Quero desejar-lhe um bom dia de forma adequada.

Ela hesitou, os dentes mordendo o lábio inferior.

— Mude seus planos. Passaremos o resto do fim de semana juntos.

— Não posso... olhe, a noite passada foi maravilhosa, mas acabou. Não posso ter um caso com você.

— Um caso?

Sabrina gesticulou com a sua mão livre.

— Você sabe... tipo o que tivemos na noite passada, mas por um período maior de tempo.

Ele ficou de pé, depois pegou a roupa no chão. Como ela pode pensar em ir embora após a última noite? Ele vestiu a calça enquanto ela continuava parada, olhando para ele.

— Então, quer dizer que a noite passada foi uma coisa de um dia só?

— Nós concordamos sobre não haver laços. — É verdade. Você ia sem se despedir? Ela concordou com a cabeça.

— Claro que não.

Noah enfiou um braço na camisa e se remexeu por um momento antes de achar a outra manga.

— Sobre a noite passada...

— Oh, não foi nada — sussurrou Sabrina, mexendo inquietantemente na alça da bolsa. — Quero dizer, obrigada. Foi realmente legal da sua parte... você sabe... fazer isso por mim. Eu realmente agradeço.

Ela agradece? Ele se endireitou. Seu estômago revirou. Essa não era nem de perto a reação que ele esperava. Ele forçou um sorriso.

— Sem problema. Ficaria feliz em servi-la a qualquer momento.

Sabrina arregalou os olhos. Outra vez, sua cabeça balançou.

— Obrigada, é muito generoso de sua parte, mas, como eu disse, não será necessário.

Noah encarou Sabrina, profundamente decepcionado. O que ele esperava?

— Sabe, se isso é sobre o acordo de "sem compromisso" ...

— Oh, não. Você estava certo. Não daria certo. Você sabe que Cliff ficaria furioso se descobrisse.

— Cliff, certo. — Ela tinha um motivo. Noah provavelmente ficaria sem emprego, caso o irmão dela ficasse sabendo.

— Tenho de ir andando, ou perderei meu vôo.

Ele balançou a cabeça, depois olhou em volta procurando os sapatos. Ela segurava a porta enquanto ele pegava os sapatos e a seguia para fora. Embora o dia estivesse nublado, a luz ofuscou a visão dele. Encostando-se na parede, ele calçou um dos sapatos.

— Sabrina...

— Obrigada novamente, Noah. Eu realmente tenho de ir. — Tentou sorrir para ele e, antes que Noah tivesse a chance de responder, saiu apressada para o estacionamento.

Ele a observava enquanto ela corria para um Malibu azul. Resmungando, ele calçou o outro pé. Um trovão estrondou enquanto ele ia em direção a seu próprio carro. Sentou-se ao volante e um pressentimento apoderou-se dele. Grossos pingos estatelaram no pára-brisa.

A lembrança dos olhos dela, iluminados de desejo, re-lanceou a memória dele.

— Diabos.

Eles não podiam se separar dessa forma. Ele manobrou o carro pelo asfalto molhado e conseguiu avistar as lanternas traseiras do carro de Sabrina desaparecendo ao longe. Sentiu raiva de si mesmo. Ela estava chateada, provavelmente cheia de arrependimentos por ter deixado um patife como ele tocá-la.

No que ele estava pensando? Ele não estava pensando. Ao menos, não com a cabeça. Não depois da maneira que ela havia olhado para ele, tocado nele. Sacudiu a cabeça. *Me ame, Noah.*

Que homem teria recusado?

Um homem digno. Ficou aborrecido ante a pequena voz de sua consciência. Ela não havia desejado um homem digno na noite passada, diabos. Desejara *ele*. E ele a havia satisfeito muito bem. Não, ela não podia estar decepcionada nesse

ponto. Nenhuma mulher havia reagido daquela forma ao toque dele. O desejo fez ele estremecer à memória.

Ele nunca achou que estar com uma mulher pudesse ser tão... recompensador. Ela havia extraído tudo dele, mas havia se dado por completo. Olhou para o carro dela à frente. Maldição, ele não podia deixá-la partir.

Noah verificou os carros à frente, então entrou na rua atrás de Sabrina. Poderia dar a ela tudo que ela queria? A culpa amargou-lhe o pensamento. Quem ele era para sequer achar que teria uma chance com uma mulher como Sabrina? Ela estava aqui, fugindo dele tão rápido quanto o trânsito e o mau tempo lhe permitiam.

Se ele tivesse um pouco de orgulho, retornaria e a deixaria ir embora. Pisou mais fundo. Não sabia para onde ela estava indo, mas não poderia deixá-la ir sem saber como se sentia verdadeiramente sobre a noite passada.

Pegaram a saída para o aeroporto na estrada interestadual. Noah fez uma careta. Apertou o volante, estranhamente perturbado pelo fato de Sabrina estar deixando a cidade. Ele a seguiu até ao estacionamento do aeroporto Hartsfield. Logo em seguida, ela retirou a grande mala e a segunda sacola do porta-malas de seu carro.

Após trancar o carro, ele correu para o lado dela.

— Deixe-me ajudá-la com isso. — Ele se curvou para pegar a mala.

Ela se assustou, colocando a mão sobre o peito.

— Noah, o que está fazendo aqui?

Noah agarrou a mala, repentinamente sentindo-se tolo por correr atrás dela.

— Você não deixou eu me despedir.

— Oh. — Ela mordeu o lábio. — Me desculpe, eu estava com pressa.

— Vim ver você decolar.

O olhar de Sabrina se prendeu ao dele e, por um momento, os olhos dela refletiram um pouco do calor que haviam demonstrado na noite anterior.

— Não precisa. De verdade.

— Eu quero. — Ele apontou em direção ao terminal principal.

Ela concordou com a cabeça e eles se colocaram a caminho, precipitando-se

sobre as passagens do trânsito e desviando das gotas de chuva até o prédio. Viajantes matutinos se apressavam pela área congestionada.

— Então, para onde você está indo?

Ela forçou a passagem até o balcão de embarque.

— Vou para a praia. Flórida. A idéia é escapar por alguns dias.

Imagens de Sabrina vestida com sumárias roupas de banho romperam a mente de Noah. — Quer companhia? O sorriso dela congelou.

— Você?

Ele olhou em volta.

— Não estou vendo mais ninguém. — Ele sacudiu as sobrancelhas. — Você pode precisar de alguém para afugentar os estranhos.

Ela corou um pouco.

— Bom, na verdade, eu espero fazer alguns novos conhecimentos.

— Conhecimentos?

Ela se endireitou, levantando o queixo no ar.

— Suponho que devo agradecer-lhe. Você me ajudou a chegar a uma decisão.

— Seus lábios redondos curvaram em outro sorriso. — Eu me sinto livre de verdade.

O sangue pulsou nas orelhas dele. Ela não podia estar dizendo o que ele pensava.

— Livre?

As sobrancelhas dela levantaram.

— Sim, o que você fez por mim na noite de ontem. Bem, isso me deu muito mais liberdade.

Noah estreitou os olhos.

— Sei que não tenho o direito de perguntar e Deus sabe que eu não creio que queira ouvir a resposta, mas liberdade para fazer o quê?

Ela se posicionou em uma fila que se formava atrás de um dos balcões.

— Se quer saber, eu vou à procura de uma aventura de fim de semana.

Suas entranhas se contorceram.

— O quê?

— Uma aventura. Você sabe, como a noite passada, porém mais longa.

Ele olhou para ela estarecido, sem palavras, nauseado.

— Sim, você disse isso mais cedo, mas, se quer uma aventura, estou mais que disposto.

— Não! Muito obrigada. Quero alguém de fora da cidade. Uma pessoa com a qual Cliff não vá aborrecer-se, nem vá afastá-la. Além disso, estaremos os dois no casamento, não queremos causar constrangimentos.

Noah chegou mais perto dela.

— Você não pode estar falando a verdade. E todo aquele papo sobre o homem certo e "foram felizes para sempre"?

— Você não vê? Você estava certo, no jantar, quando disse que eu estava desperdiçando meu tempo.

— Eu não creio que tenha dito isso.

— Toda aquela história sobre meu relógio biológico era verdade. Acho que fiquei aborrecida porque você estava certo. — Ela deu um risinho. — O mais engraçado é que cheguei a achar que você era o homem certo.

O coração de Noah apertou.

Os ombros de Sabrina balançaram quando ela abafou uma gargalhada vigorosa.

— Eu realmente reconheço como você me ajudou a ver que já era tempo de eu viver a minha vida. — Ela deu de ombros novamente. — É claro que me ajudou a eliminar a barreira que me prendia. Vejo tudo isso como um trampolim para mim.

A náusea cresceu dentro dele.

— Trampolim?

Ela balançou a cabeça.

— Parece emocionante, não?

— Não. — Um tipo de pânico tomou conta de Noah. Ele a segurou pelo braço.

— Você não pode fazer isso, Sabrina. Estaria cometendo um enorme erro. Se

arrependeria pelo resto de sua vida.

Os olhos dela estreitaram-se.

— Como pode saber do quê eu poderia me arrepender? — A fila andou. Sabrina pegou a bagagem da mão dele para entregá-la ao atendente, depois se dirigiu ao balcão, colocando a mala de mão no chão. Noah rangeu os dentes. A culpa tomou conta dele. Precisava demovê-la desse plano ridículo.

Poucos minutos depois, ela se virou para ele, cartão de embarque na mão. Ele pegou a mala de mão e seguiu Sabrina até a fila para a verificação de segurança. Ela olhou no rosto dele e algo como arrependimento passou pelos olhos dela.

— Olhe, agradeço sua preocupação, mas sou uma menina crescida. Ficarei bem.

O olhar de Noah desejava a boca de Sabrina. A memória de tê-la amado derramou-se sobre ele, o calor da pressão dela contra ele, o golpe da língua ainda fresco na mente. Ele havia lhe tirado a virgindade e agora ela pretendia doar todas as suas qualidades a um estranho.

Porque Noah a havia liberado.

A culpa e um pouco de outra emoção não muito conhecida que ele não quis explorar cresceram dentro dele. Noah a encarou, sem palavras.

Depois que o segurança conferiu o bilhete e a identidade de Sabrina, ela colocou a bolsa na esteira rolante.

— Bem, até logo. Ele se endireitou.

— Espere. Sabrina, não vá.

— Isso é algo eu tenho de fazer. — Ela sorriu um sorriso tímido e caminhou em direção ao detector de metal.

O atendente olhou zangado para Noah.

— O senhor tem um cartão de embarque?

Sabrina recolheu a bolsa do outro lado da esteira rolante. Sem olhar para trás, seguiu em frente e uniu-se aos outros viajantes rumo à multidão.

Noah balançou negativamente a cabeça para o atendente.

— Eu só quero falar com ela.

— Daqui em diante, somente passageiros com cartão de embarque.

Noah recuou, se esgueirando para ver Sabrina mais uma vez enquanto ela desaparecia numa escada rolante. O coração dele pulsava forte. Não podia deixá-la ir. Não sem antes fazê-la recobrar o juízo.

Ele cerrou os punhos e percebeu que ainda segurava a mala dela. Encheu-se de determinação.

— É isso. Se tenho de comprar uma maldita passagem só para devolver a mala e falar com ela, então que assim seja.

Um suborno bem colocado para um estudante universitário no início da fila para compra de passagens encurtou a espera. Dez minutos depois, chegou ao portão dela. Sabrina tinha se jogado em uma cadeira de vinil. Noah sentou-se ao lado dela. Como ela reagiria a esse plano insano?

Ela o encarou, os olhos arregalados.

— O que está fazendo aqui?

— Você esqueceu a bolsa.

— Eles o deixaram entrar aqui sem passagem?

— Vale o preço de uma passagem se eu puder demovê-la dessa idéia. Você não pode fazer isso.

— Você comprou uma passagem só para falar comigo? Ele se inclinou em relação a ela.

— Eu não entendo por quê, Sabrina. Por que você quer fazer isso?

Ela olhou para a frente.

— Você nunca entenderia.

— Tente me explicar.

Os ombros dela se inclinaram.

— Você já se sentiu invisível? Como se estivesse do lado de fora, olhando para dentro? Como se todo o mundo estivesse numa festa maravilhosa e você não tivesse sido convidado?

Ele deslizou o braço ao redor dos ombros dela, mas ela se esquivou para longe dele.

— Sabrina...

— Bom, é tempo de eu começar minha própria festa.

A raiva brotou nele.

— Já pensou em doenças ou gravidez?

— Você parece o Cliff. Não se preocupe, terei cuidado. Usarei proteção.

Noah apertou os olhos. Ele nunca mais poderia viver consigo mesmo se não a impedisse.

— Já volto.

Os olhos dele saltaram. Ela ficou de pé ao lado dele.

— Aonde você vai?

— Ao banheiro feminino, passar pó-de-arroz no meu nariz. — Com um balanço de cabeça, ela fitou a multidão.

Noah fitava a janela do tamanho da parede, quase não vendo o alvoreço lá fora, na pista. Talvez se ela ficasse ausente bastante tempo pudesse perder o vôo. Ele se acomodou no assento e firmou o olhar num relógio pendurado em uma parede distante.

Quase quinze minutos depois, ele se levantou no meio da multidão, procurando por ela. Onde estava? Ela realmente perderia o vôo. Tinham anunciado há pouco o embarque. Ignorou o crescente desconforto e nutriu a esperança de que o plano dela pudesse falhar.

Finalmente ele a viu. Um homem alto caminhava ao lado dela. Muito perto. A mão dele pousada à base da espinha dela. O cabelo na parte de trás do pescoço de Noah arrepiou em atenção. Quem diabos era esse? Ela havia apanhado um estranho no caminho até o banheiro?

O casal aproximou-se. A risada inconfundível de Sabrina alcançou os ouvidos de Noah. Ele rangeu os dentes. Esse sujeito poderia ser qualquer pessoa.

— Noah — chamou ela, ao se aproximarem. — Você ainda está aqui. Não precisava esperar. — Lançou-lhe um olhar obtuso e apontou para o estranho. — Este é Michael. Ele é arquiteto. Tivemos uma disputa pelo último pacote de chiclete e decidimos dividir.

— Que interessante. — Noah levantou os lábios, numa tentativa de sorrir. Aquele velho mal-estar bateu no estômago dele.

— Michael Barnes. — O homem estendeu a mão. Noah encarou o gesto e virou para Sabrina.

— Você sabe que realmente não quer fazer isso.

O locutor anunciou o embarque final para o vôo dela. Sabrina arregalou os olhos.

— Acho que nos perdemos do grupo. Michael, você está com seu cartão de embarque?

— Aqui mesmo. — Retirou o papel do bolso.

— Espere um minuto! — Noah os encarou. — Ele está nesse vôo?

Sabrina sorriu.

— Não é maravilhoso? Nós dois vamos para Destin via Panamá City. — Ela se virou para Michael. — É melhor nos apressarmos.

Antes que Noah pudesse formular um protesto lógico, ela se voltou para ele.

— Tenha um ótimo fim de semana, Noah. A gente se vê por aí.

Por aí? O sangue de Noah pulsou forte. Seu pânico de antes voltou dez vezes mais intenso. Sabrina caminhou com o estranho ao lado, a mão dele nas costas dela. E se o sujeito fosse algum assassino psicopata?

Noah tinha de fazer alguma coisa. O pensamento voava enquanto ele se dirigia ao portão. Outros passageiros caminhavam em direção ao balcão de embarque. Mais uma vez, ele percebeu que ainda segurava a bolsa de Sabrina. Fechando os olhos, ele entrou na fila atrás do último passageiro. Parecia que finalmente faria valer a pena o dinheiro gasto na compra daquela passagem.

Balançando a cabeça, entregou o bilhete e a identidade ao atendente.

— Não acredito que estou fazendo isso.

Os motores do avião rugiram. Sabrina agarrou o descanso para braço e se forçou a relaxar. O que se passava com Noah para segui-la até o aeroporto? O homem devia estar sofrendo de um grande ataque de consciência. Ela franziu o cenho. Que pena que não tivesse sofrido isso mais cedo... antes de terem saído... antes de ontem à noite. O golpe faminto da língua dele, o corpo duro contra o dela e as mãos andarilhas de Noah tomaram seu pensamento.

Tinha perdido a virgindade. A percepção causou arrepios em seu corpo. A noite

inteira tinha assumido uma qualidade surrealista, como uma de suas fantasias. Entretanto, tinha sido real. Às juntas dela pareciam duras e os músculos doíam em lugares que ela sequer sabia que existiam.

Ele fora extraordinário, mas ela havia sido sincera em lhe falar sobre seus planos, em deixar claro que aquela noite não se repetiria. Embora recusá-lo de manhã — fingindo que a noite deles fora casual, quando na verdade tinha sido muito além de casual para ela — tenha sido a coisa mais difícil que Sabrina já teve de fazer.

Seguramente, ele a queria agora, mas... e amanhã ou semana que vem? Ela fechou os olhos. Não, só teria sofrimento se tivesse se envolvido com ele. Se ao menos não tivesse jogado aquele jogo infantil na festa. Talvez se ele não a tivesse beijado, ela não teria almejado isso novamente, quando ele bateu à sua porta.

Michael colocou a mão sobre a dela. Sabrina sentiu um nó no estômago. Estava agindo de forma infantil novamente.

— Nervosa? — perguntou ele.

Ela acenou com a cabeça. Voar nunca a perturbara. Entretanto, voar na companhia de um estranho viril estava destruindo seus nervos. O que estava fazendo?

Ela desembaraçou a mão para cavar na bolsa o meio pacote de chiclete. Era estranho como ontem, a essa hora, ela não tinha a menor idéia de como atrair um homem. A apreensão correu por seu corpo. O estômago apertou com a memória da expressão atordoadada de Noah. A atenção extasiada de Michael com certeza provou a ela que não havia dúvida de que ela era desejável.

Olhou para ele. Pelos padrões de qualquer pessoa, Michael era um homem bonito. Todos os cabelos em sua linda cabeça eram macios e lisos. Seus olhos azuis brilhavam com inteligência e interesse genuíno, e ele preenchia seu terno bem-cortado em todos os lugares certos.

— Aqui, deixe-me ajudar. — Pegou um chiclete para ela. Depois de desembrulhar com movimentos lentos e cuidadosos, levou o chiclete aos lábios dela.

Sabrina sentiu-se envergonhada. Endireitou-se no assento, pegando o chiclete com as mãos.

— Obrigada. — Não pôde olhar para ele enquanto colocava o chiclete na boca.

Uma comissária de bordo ligou o sistema de comunicação e explicou os procedimentos de emergência.

— Não se preocupe. — Ele descansou o braço ao longo da parte de trás do assento dela e se inclinou em direção à Sabrina. — Eu a protegerei.

O piloto deu boas-vindas a bordo. Momentos depois, o avião correu a pista. O estômago de Sabrina embrulhou à medida que subiram, alçando vôo.

Michael deixou o braço cair ao redor dela. Sabrina resistiu ao instinto de afastá-lo e prendeu o fôlego pela eternidade que o avião levou para se nivelar. O aviso para apertar o cinto de segurança apagou. Os outros passageiros começaram a se movimentar.

Ele ainda mantinha o braço apertado ao redor de Sabrina. Ela engoliu em seco. Tinha de relaxar, se pretendia levar a cabo seu plano. Talvez se passassem o dia juntos e tivessem um jantar agradável, ela estaria à vontade o bastante com ele no domingo para...

— Você já fez alguma vez em um avião?

O olhar dela voou em direção ao de Michael. Seu coração acelerou.

— Fez o quê?

Os olhos dele brilharam. Ele percorreu o braço dela com a ponta do dedo.

— Nós dois somos adultos, obviamente atraídos um pelo outro. Não há razão para ficarmos dando voltas, há?

— Retirou o braço e acenou com a cabeça para a parte traseira do avião. — Você vai para o toalete. Eu lhe darei um minuto e depois me unirei a você.

Ela piscou. Meu Deus, era uma namorada melhor do que havia imaginado. Tomando um fôlego profundo, ela se levantou. Era a chance de ela dar um impulso em sua vida e tirar Noah de sua mente. Embora estivesse atingindo sua meta mais cedo do que esperava, era isso que queria.

Sabrina ficou de queixo caído. O pânico tomou conta dela.

— Eu...

— Michael! — Um homem vestido de terno escuro parou ao lado deles. Michael se levantou. O homem lançou um olhar curioso para Sabrina e virou para

apertar a mão do companheiro dela. — Está indo para a reunião da St. Marks?

— Você achou que eu perderia a praia? O homem riu.

— Ótimo. Bateremos umas bolas. Trouxe sua raquete?

— E uma lata nova de bolas.

— Ótimo. Faremos isso, então. — Novamente, o olhar do homem a percorreu.

— Então, Lorraine e as crianças vão bem?

— Bem. Bem. As crianças estão crescendo como ervas daninhas.

— Muito bom. Elas o manterão sempre ligado. Nos vemos lá. — Com isso, o homem liberou o corredor.

Sabrina fitou Michael. Encheu-se de descrença. *Lorraine e as crianças!* Ela se virou para ele, enquanto ele afundava no assento.

— Você é casado?

Ele deu de ombros.

— Nós temos um acordo.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Ela sabe que você não usa aliança para poder seduzir mulheres estranhas em banheiros de avião?

Ele se recostou.

— Olhe, você veio até mim. Eu só ia dar o que você queria.

Ela o encarou em silêncio, chocada. Tinha ido até ele? Talvez ela realmente não quisesse aquele chiclete. Talvez tivesse paquerado Michael só para provocar ciúmes em Noah. Fazer sexo com um estranho talvez *estivesse* na ordem do dia. Mas de onde ele foi pensar que ela faria isso com um homem casado, no toalete do avião?

Enojada, ela agarrou a bolsa.

— Não posso fazer isso. Foi um engano.

— Azar o seu. — Ele cruzou os braços e deixou seu olhar passar por ela. — Me avise, se mudar de idéia.

Ela levantou do assento enquanto olhava para a parte de trás do avião. Acharia um assento o mais longe possível desse idiota.

Noah se afundou no assento e elevou uma revista para cobrir o rosto quando Sabrina entrou no corredor. Como ele explicaria sua presença ali? Ele sequer podia explicar a si mesmo por que tinha embarcado.

Ousou uma olhada por cima da revista. Ela estava andando no corredor na direção dele, provavelmente indo ao banheiro. Ele se recostou, mantendo a revista no lugar. Ótimo. Ela estava dando um tempo daquele Michael.

Noah estremeceu. O sujeito tinha se oferecido de todas as formas, desde que Noah ocupara em um assento várias filas atrás deles. Teve de evitar o olhar dele várias vezes para não precisar usar o saco para enjôo. Ele não sabia que a culpa podia deixar o corpo doente, mas seu estômago tinha se revoltado com a visão dos dois se aconchegando juntos.

Michael se levantou. Entrou no corredor, notavelmente indo atrás de Sabrina. Noah fitou, desanimado, o olhar do homem preso ao traseiro dela. Meu Deus, eles iam transar no banheiro!

Noah ficou de pé. Um som de angústia escapou de sua garganta. Ele andou pelo corredor em direção a Sabrina, o coração batendo forte, o intestino dando voltas. Não podia deixá-la fazer isso. Não dessa forma. Não depois da noite anterior.

Ela congelou, os olhos arregalados em descrença.

— Noah?

Com um olhar significativo para Michael, Noah a tomou em seus braços. Só havia um modo de mostrar para esse idiota que a moça tinha dono.

— Querida, afinal, consegui me unir a você.

Antes que ela tivesse tempo de reagir, ele a puxou para mais perto e a beijou. Ela hesitou durante um breve segundo, antes de se derreter, a língua cumprimentando a dele com o mesmo fervor da noite passada. O sangue de Noah correu intensamente.

Eles *eram* bons juntos. Ele não tinha imaginado isso. Por que ela estava tão propensa a achar outra pessoa?

Michael fez um som de desdém enquanto passava empurrando.

— Vocês dois podem ficar um com o outro. Sabrina endureceu, como se recobrando os sentidos.

Empurrou Noah para longe, com os olhos ardendo em fogo.

— O quê, agora você está me espiando? — Ela manteve a voz baixa, mas muitos dos outros passageiros fitaram-nos abertamente.

— Estou salvando você desse seu plano ridículo.

— Não preciso de salvamento.

— Precisa sim.

Uma comissária aproximou-se, falando entre dentes.

— Senhor, por que não se senta?

Noah a desprezou e virou-se para Sabrina.

— Não posso deixar que faça isso. Precisamos conversar.

O lábio dela tremeu. Ela chegou para trás.

— Acho que não. Você é louco? Achei que você não ia embarcar.

Ele voltou até seu assento para pegar a bolsa dela.

— Você esqueceu isto.

— Você embarcou só para me dar minha bolsa?

— Você é muito desligada. Ainda bem que estou aqui para cuidar de você. De modo algum eu deixaria aquele *varapau* a iniciar no Clube de Milhagem.

Os olhos dela se arregalaram.

— Todos vocês pensam da mesma forma, com suas mentes sujas.

A comissária se posicionou entre eles.

— Talvez vocês dois devessem sentar.

Noah encarou Sabrina, a raiva bombeando por ele.

— Ele fez a proposta a você!

— Senhor. Senhorita. Por favor, sentem-se. — A comissária cruzou os braços. — Vocês poderiam discutir isso posteriormente, em particular.

Sabrina ficou ereta, os olhos flamejando.

— Não temos nada a discutir. — Virou rapidamente, parou e voltou atrás. — *E não vou ter um caso com você!*

Dito isso, avistou uma seção de assentos depois do toalete. Noah a fitou. Aquele porco havia proposto algo a ela, mas Sabrina tinha se afastado dele o máximo possível. Um sorriso encurvou os lábios de Noah. Talvez a mulher estivesse recobrando um pouco da razão, afinal.

Sabrina estremeceu com o ar gelado que soprava por uma abertura acima do guichê de recepção do hotel. Enquanto esperava sua vez para registrar-se, observou o vasto salão de entrada com sua fonte reluzente e uma selva de árvores em vasos. Um homem de cabelos escuros chamou sua atenção. Ela ficou tensa e ele virou, revelando o perfil de um estranho. Relaxando, ela se voltou para a mesa.

Tinha perdido Noah no aeroporto, quando ele a perseguia na esteira de bagagens. O homem era intolerável. O que teria acontecido para ele segui-la?

Sabrina tinha sido muito clara sobre seus planos. Noah havia entendido que eles não o incluíam. Como, então, tinha vindo parar no avião, ou mesmo no saguão do aeroporto? Um outro calafrio lhe correu a espinha. Ele realmente tinha pensado que ela pretendia unir-se ao Clube de Milhagem com aquele calhorda.

O casal em frente a ela saiu acompanhado de um mensageiro, e uma mulher bem arrumada em um uniforme preto a cumprimentou com um sorriso.

— Posso ajudá-la?

Sabrina avançou e colocou as malas no azulejo espanhol.

— Sim, eu gostaria de me registrar.

— Certamente. Qual é o seu nome?

Sabrina lhe disse e algumas batidas de teclado depois, a mulher meneou.

— Aqui está, srta. Walker. Sua saída está marcada para terça-feira.

— Perfeitamente. — Isso lhe daria um pouco mais de tempo para realizar sua missão.

— Um momento, por favor. Deixe-me assegurar que seu quarto está pronto.

Ao passo que a mulher debruçava-se sobre o computador novamente, um homem jovem, também vestido em preto, uniu-se a ela atrás do guichê. A expectativa iluminou o rosto dele quando seu olhar se dirigiu para além de

Sabrina.

— Olá, sr. Perry. É bom tê-lo de volta.

Sabrina viu um homem de constituição mediana que separava várias notas de uma grande pilha e as dava para um sorridente camareiro. Os olhos do camareiro se arregalaram e ele acenou em agradecimento. Enquanto ele correu para segurar a porta rotatória frontal, chaves à mão, o homem encaminhou-se para o guichê, ao lado de Sabrina.

Era bem apessoado e tinha em torno de quarenta e poucos anos. Vestia uma camisa de seda furta-cor, com calças verde-oliva que ecoavam o verde pálido de seus olhos. O homem pôs o braço em volta de uma mulher mais velha.

Apesar da idade, ela possuía um porte orgulhoso, os ombros retos, os seios mais que adequados enfrentavam a gravidade com ajuda de uma quantidade chocante de Lycra em estilo leopardo. Calças compridas pretas e longas moldavam seus quadris, enquanto um lenço vermelho embrulhava-lhe os ombros. Só o inconveniente grisalho de seu grande cabelo de rainha indicava a verdadeira idade.

O sr. Perry sorriu ao jovem homem, os cantos de seus olhos verdes apertaram.

— Bom dia para você, Andrew. Yvonne. Ele acenou com a cabeça à mulher que ajudava Sabrina e ela lhe concedeu um sorriso luminoso.

— É sempre um prazer tê-lo conosco, sr. Perry.

— Decidi que minha querida mãe precisava de um repouso em suas águas curativas do Golfo, portanto eu a trouxe comigo desta vez.

Ele apertou a mãe afetuosamente,

— Ela anda abusando ultimamente, mas você vai descansar este fim de semana, não vai, Rosie?

Rosie deu uma risada grandiosa.

— Não se eu conseguir achar um cavalheiro forte para passar o tempo comigo.

— Elevou a mão ossuda até as bochechas do filho para dar-lhe uns tapinhas. — Não se preocupe, Bill, eu me divertirei sozinha.

Sabrina riu junto com os outros. Que figura era essa Rosie. Sabrina sorriu quando Bill a pegou olhando e piscou para ela. E que filho para tratar a mãe com tamanho cuidado. Um homem de valores fortes. Talvez isso estivesse mais

próximo do que Sabrina estava procurando.

Olhou de relance a mão esquerda dele, ficando aliviada com seu estado civil. Se bem que Michael também não estava usando aliança.

— Nós reservamos nosso último quarto de frente para a praia. — A atendente interrompeu os pensamentos de Sabrina. — Estamos com uma multidão para o fim de semana. — Ela deslizou um cartão pelo balcão.

Enquanto a atendente dava as instruções para chegar ao quarto, Sabrina trocou olhares com Bill novamente e sorriu. Ele era, com certeza, bastante encantador, com um bronzeado que denunciava horas ao ar livre. Ainda assim, tinha o que ela descreveria como um "ar sóbrio".

O olhar dele a avaliou da cabeça aos pés, então para cima novamente.

— Você está no prédio novo. Eles estavam quase acabando quando estive aqui da última vez. Fiz uma excursão pessoal dos apartamentos centrais. São bem acabados em vinho e dourado, uma combinação notável. Ela meneou.

— Sim, eu soube que eles estavam reformando uma antiga ala, mas não venho aqui há algum tempo. — Ela balançou o cartão. — Contanto que eu possa acordar e ver o Golfo da minha janela, estou feliz.

Sabrina agradeceu à atendente e afastou-se do balcão, a mala na mão, a bolsa pendurada no ombro. Bill virou-se com ela.

— Não me diga que uma beleza como você está viajando sozinha.

— Foi uma viagem muito... improvisada.

Rosie virou-se para Bill, entregando-lhe o cartão que Andrew acabara de dar a ela.

— Querido, vá indo. Preciso falar com Andrew por um momento. Preciso ter certeza de que terei uma daquelas novas camas confortáveis. Ele está verificando.

— Não se preocupe, vou esperar. — Ele murmurou em tom conspiratório a Sabrina: — Não há como prever em que tipo de problema ela se meterá por conta própria.

Sabrina sorriu e levantou a mala. Nunca havia namorado um homem mais velho. Talvez ele tivesse mais idéia do que uma mulher realmente quer. Ela ousaria fazer um convite a ele na frente da mãe?

— Bem, talvez eu esbarre em você novamente. O calor brilhou nos olhos dele.

— Vou me esforçar para garantir isso.

Manteve os olhos nos dela por um breve momento antes de voltar sua atenção para Rosie, que havia descoberto outro assunto para discutir com Andrew.

Sabrina andou em direção ao elevador, inspecionando, a praia por uma ampla janela. Amantes do sol pontilhavam a areia branca. Se não fosse Bill, certamente outro pretendente satisfatório a esperava ao longo da Costa do Golfo.

Fortalecida com otimismo renovado, apertou o botão para o seu andar e tentou expulsar todos os pensamentos de Noah de sua mente.

Capítulo Sete

Noah piscou ao reflexo da luz do sol na água azul esverdeada e na areia branca. Mesmo através dos óculos escuros a praia brilhava. Inspirou o ar salgado e procurou por Sabrina na área. A danada quase se livrou dele no aeroporto. No entanto, ele conseguiu se esquivar e a seguir até esse suntuoso *resort* em Destin, a oeste de Panamá City. O sol refletiu no relógio quando ele foi conferir a hora. Sabrina tinha estado no quarto por quinze minutos. Se seu palpite estivesse certo, ela iria direto para a praia.

Passou por um grupo de universitários que jogavam voleibol e foi em direção a uma cadeira desocupada ao lado de um guarda-sol distante. Teria uma boa visão da praia daquele ponto, mas não ficaria muito à vista.

Sabrina surgiu quando ele se sentou no assento de lona. Ele se agitou mais para a frente, a garganta apertando à medida que ela se encaminhava para um ponto perto dos jogadores de voleibol. Um biquíni meia-taça azul luminoso envolvia seus lindos seios, enquanto uma canga florida abraçava seus quadris. Ignorando os guarda-sóis, ela abriu uma toalha multicolorida na areia, espalhando seus pertences pelas laterais, enquanto se debruçava para endireitar os cantos.

Quando ficou de pé e deixou cair a canga, Noah foi atingido pelo calor. A

cintura estreita, curvada até os quadris bem torneados, o longo contorno das pernas complementando o firme bumbum de Sabrina. Noah encravou os dedos no próprio braço, abafando a onda de possessividade que tomava conta dele. De alguma maneira, resistiu à tentação de pular em cima dela e cobri-la. Ela havia deixado claro que o trabalho dele tinha acabado e que ela não tinha nenhum serviço futuro para ele.

Além disso, ainda não podia deixar Sabrina vê-lo. Ela provavelmente se fecharia e ele poderia perdê-la desta vez. Talvez se ele se mantivesse calmo, conseguisse bolar um plano.

Noah respirou fundo e se forçou a relaxar. Sabrina acomodou-se na toalha, com as pernas esticadas. Com movimentos leves, passou protetor solar na pele macia. Em pouco tempo, vários jogadores de voleibol a rodearam.

Noah esticou o pescoço quando um dos jovens espalhou loção nas mãos e passou pelas costas de Sabrina. O rapaz era alto como o idiota do Michael, e duas vezes mais louro. Noah cravou os calcanhares na areia. O que ela tinha contra cabelos escuros?

— Universitários. — Uma voz ao lado assustou Noah. Ele moveu seu olhar de Sabrina. Um casal mais velho deixou-se cair na sombra feita pelo guarda-sol. O senhor cambaleou enquanto se recostava em uma das espreguiçadeiras de lona.

— Estão por toda parte. — Gesticulou em direção ao grupo em volta da rede de voleibol.

— Pare de reclamar. — A mulher jogou uma toalha na cadeira adjacente. Ela piscou para Noah. — É como se ele não tivesse sido jovem um dia. Simplesmente não se lembra.

O homem fez um som enfadado. Inclinou-se em direção a Noah.

— Nós nunca nos comportamos como esses jovens. A mulher bufou.

— Você devia tê-lo visto. Não dá para dizer olhando para ele agora, mas aquele jovem corço — acenou com a cabeça em direção ao companheiro de Sabrina — não perderia em nada para meu Marvin. — Bateu levemente na mão do marido.

Marvin grunhiu. Ele acenou na direção de Sabrina.

— É como mel para as abelhas.

Engolindo, Noah seguiu o olhar do homem. O "jovem corço" tinha terminado as

costas de Sabrina. Moveu-se para a frente dela e alcançou o vidro de loção. Noah se rasgou de raiva. Onde será que aquele garoto estava pensando que esfregaria Sabrina agora?

Noah quase levantou da cadeira antes de Sabrina pegar o protetor de volta e acenar para o rapaz voltar para a rede onde seus amigos haviam retomado o jogo.

— Sua chance é agora. — O senhor apontou o dedo enrugado para Sabrina. — Vá até lá enquanto estão todos distraídos.

Noah encarou o homem duramente.

— O que o faz pensar que estou interessado?

Marvin cutucou a mulher com o cotovelo. Os dois se abriram em risadas de sabe-tudo. Noah fez cara feia.

— Algumas pessoas são um pouco mais maduras. Algumas pessoas não precisam agir a qualquer impulso.

Risadas repicaram do casal. Com um acenar de cabeça para Sabrina, o senhor bateu no peito.

— Não sei quanto a você, mas isso faz *algo* com meus impulsos.

A mulher o fitou, olhos arregalados, então esmurrou sonoramente o braço do homem. Noah voltou o olhar para Sabrina, repleto de medo.

Sabrina estava deitada de bruços. Seu delicioso traseiro contraía enquanto ela soltava os nós da parte de cima do biquíni. A garganta de Noah secou quando ela derrubou o fio, deixando as costas nuas ao sol. Engoliu em seco. Aquela extensão lisa de pele e os pensamentos dos seios de Sabrina livres *incendiaram* seus impulsos. Sua boca umedeceu ao lembrar-se do gosto dela.

— Olhe para aquele pequeno anjo — disse a senhora a Marvin. — Não lhe faz lembrar do nosso Justin, quando tinha aquela idade?

Apesar de tudo, Noah levantou o olhar de Sabrina para olhar para onde a mulher de Marvin tinha indicado. Duas mulheres, carregadas com bóias e sacolas de praia, marchavam ao lado de Sabrina. Atrás delas, uma criança vinha se arrastando, carregando um balde com água que derramava pela borda.

O menino se aproximou de Sabrina. Ele tropeçou. O balde voou de suas pequenas mãos. Noah prendeu a respiração. A água derramou em cima de

Sabrina. Ela guinchou e ficou prontamente de pé.

O jovem corço *viking* parou a meio passo, do outro lado da rede. Seu olhar se fixou em Sabrina. Seus olhos se arregalaram em apreciação. A bola de vôlei voou por sobre a rede. Com uma alto paulada forte, ela bateu na cabeça dele. O rapaz caiu na areia.

Noah saltou de pé. Meu bom Deus, ela o havia matado!

— Oh, meu Deus! — Sabrina puxou a canga para cima e a enrolou no corpo para se cobrir.

Seu olhar voou do pequeno garoto, que estava parado com a boca aberta, para seu novo amigo, Ben, deitado de cara na areia.

— Oh, meu Deus! — Horrorizada, amarrou o cordão com força nas costas. O que tinha feito? Era só um garoto.

— Timmy, peça desculpas para a senhora. — Uma mulher queimada de sol empurrou o menino adiante.

Sabrina ficou de frente para ela.

— Está tudo bem. — Dispensou a mulher e a criança e foi tropeçando pela multidão que se juntava ao redor de Ben. Ele tinha sido tão simpático passando o protetor solar nas costas dela. Um garoto tão agradável, estava terminando o primeiro ano na Universidade Estadual da Flórida.

Bom Deus, por que ela tinha desamarrado a parte de cima do biquíni? Uma pequena marca de bronzeado parecia tão pouco agora. A multidão dispersou. Ben continuava imóvel, deitado. Ela estava com um nó na garganta de medo.

— Ele está respirando? — perguntou ela, com falta de esperança, a um colega de equipe dele. O jovem virou-se para ela.

— Ele nunca perde um saque. O que pode ter acontecido?

As bochechas de Sabrina queimaram. Ela abriu a boca.

Ben gemeu e mexeu a cabeça. Sabrina fez uma breve oração de agradecimento. Abaixou-se ao lado dele. Colocando o braço ao redor dele, ela o ajudou a sentar.

— Pobrezinho. Você está bem? Ele fez uma careta, tocando a têmpora de leve.

— Minha cabeça.

— Eu sei. — Ela olhou em volta. — Você precisa de gelo. Sua mãe está com

você?

O queixo dele caiu.

— Ela está em casa, em Freeport.

— Oh. — Agora ela havia acrescentado um insulto ao dano. Devia ser sua primeira viagem por conta própria. Ele era tão jovem.

— Você tem seios bonitos. O calor aqueceu a face de Sabrina.

— Sinto muito. Não era minha intenção...

— Preciso de uma aspirina. Pode me ajudar a ir até o meu quarto? — O olhar verde de Ben sondou o dela.

Por alguns segundos, ela enrijeceu, mas ele gemeu novamente e afundou o rosto nela. Estava com dor e a culpa era dela. Além do mais, apesar do tamanho, ele era visivelmente apenas um garoto.

— Tudo bem. — Ela concordou com a cabeça. Com a ajuda dos amigos de Ben, ela o colocou de pé.

— Aqui. — Um deles pegou seus pertences, o biquíni errante inclusive, e os lançou na bolsa, escorregando a bolsa até o ombro de Sabrina.

Com Ben apoiando pesadamente nela, Sabrina foi tropeçando até o hotel. O ar interno causou arrepios ao longo da pele aquecida dela. Um cavalheiro mais velho segurou o elevador para eles.

— Quatro. — Ben esticou-se para tocar o botão. Seu braço roçou as pontas dos seios dela. Ela prendeu a respiração e chegou para trás, os mamilos formigando sob a malha fina.

— Desculpe. — Ele olhou para ela com uma expressão de arrependimento.

Ela acenou com a cabeça, relaxando um pouco. Seguramente ele não quisera fazer nada. Obviamente ainda estava com dor.

— Talvez devêssemos chamar um médico para você. Ben afastou a preocupação de Sabrina.

— Estou bem. Só preciso de umas duas aspirinas e deitar um pouco.

Quando chegaram ao quarto dele, Ben afundou em uma das camas de casal.

— Pode fechar as cortinas, por favor?

— Claro. — Sabrina se apressou para atender, fechando a visão do sol e do mar. Voltou-se para ele. — Você tem aspirina?

Ele acenou para o banheiro.

— No estojo preto de barbear perto da pia.

Com um aceno, ela se apressou para pegar. Parou por um momento na porta do banheiro. Havia areia pelo chão. Barbeadores molhados, pequenos calções de banho e papel higiênico cobriam a área. Todos os universitários eram bagunceiros assim?

Sacudindo a cabeça, ela alcançou a pequena bolsa preta perto da pia. Abriu o compartimento maior da bolsa e procurou dentro dela, apalpando até que seus dedos se fecharam no pequeno frasco. Após encher um copo com água, foi até o lado da cama, pisando em mais roupas pelo caminho.

— Obrigado. — Ele sorriu debilmente e engoliu as pílulas que ela lhe deu.

— Bom menino. — Pegando o copo de água, ela o colocou na mesa.

O olhar de Ben firmou no tórax dela.

— Então... posso vê-los novamente?

Sabrina piscou, sentindo-se repentinamente nua com fina canga. Talvez ele não fosse, afinal, uma criança.

— Por que não descansa? Quer um pouco de gelo?

— Oh, querida, gelo não vai ajudar o que está me afligindo. Tudo que preciso é de você, se aconchegando aqui ao meu lado. Você é uma *tortilla* quente, Sabrina. Você não gosta de mim? — Inclinou-se para a frente e pegou o braço dela.

Sabrina fechou os olhos. Apesar de seus impressionantes peitorais e tórax ondulado, Ben não poderia ter mais que 19 anos. E, apesar de sua constituição, não se comparava nem um pouco a Noah.

A lembrança de beijar o tórax de Noah — o tórax de um *homem* — flutuava sobre Sabrina. O tato e o gosto da pele dele banharam-na, antes que ela despertasse, apagando a visão. Não pensaria em Noah. E mesmo ele tendo aparecido naquele avião, ela *definitivamente* não teria um caso com ele.

Olhou novamente para Ben. Ele olhava para ela com olhos luminosos, cheios de esperança. Como ela poderia dispensá-lo tão facilmente? Não conseguia nem

pensar em fazer amor com ele.

— Olhe, Ben. Realmente você é um sujeito agradável. É tudo que uma menina poderia querer. Mas não estou confortável com essa diferença de idade.

Ele apoiou a cabeça para trás e riu.

— Eu estava com medo de que você estivesse me achando repulsivo, ou algo do tipo. — Deslizou os braços ao redor dela, puxando-a para perto. — Acho que você é sensual como o diabo para uma gatinha mais velha. Eu gosto que você seja mais madura que as meninas que conheço.

— Você tem, pelo menos, 20 anos?

A boca de Ben repuxou para um lado.

— Quase. Mas a maioria das gatinhas pensa que sou mais velho. Você sabe, eu tenho um bom físico. Eu malho. — Ele baixou a voz até um rosnado sedutor. — Além do mais, eu tenho a *performance* de um homem de 20 anos.

Sabrina tirou gentilmente os braços dele da sua cintura.

— Isso é muito bom. Você parece bem agora. Sinto muito que tenha sido atingido por aquela bola, mas eu tenho de ir.

— Ahh, por favoooooor — implorou ele com olhos de filhote de cachorro.

Ela foi andando, jogando a bolsa de praia no ombro.

— Tenha um bom fim de semana, Ben. Foi bom conhecer você. — Sentindo um pouco de contrariedade, ela partiu, fazendo o possível para ignorar o grito de contestação dele enquanto fechava a porta.

Noah apoiou-se na grade da varanda, olhando para baixo, para os pés, pendurados a quatro pavimentos do chão.

— Cristo, como fui me meter nisto?

A situação toda era engraçada, na verdade. Talvez mais tarde ele fosse capaz de rir de sua corrida atrás de Sabrina e seu patife nórdico, depois quase quebrar a perna num castelinho de criança. Talvez um dia achasse divertida a ameaça do pai superprotetor de golpeá-lo no chão. No momento, entretanto, Noah não estava rindo.

Pelo menos tinha escapado a tempo de ouvir o número do andar do patife enquanto corria para o elevador. Após subir as escadas correndo, ele irrompeu

no andar, à medida que o íntimo casal desaparecia em um quarto no final do corredor. Por sorte, um carrinho de arrumadeira estava parado do lado de fora do quarto ao lado.

Com toda pressa, ele entrou sorrateiramente pela porta aberta, passou pela arrumadeira agachada na banheira saiu para a sacada. Com um movimento rápido e insensato, ele se viu agarrando a sacada vizinha. Com esforço, Noah jogou uma perna para cima por sobre a grade e puxou o corpo para o lado de dentro.

— E agora? Seria um fiasco se ele não pensasse rápido em um plano. A mulher acabaria com ele. Ajeitando os ombros, ele ficou na frente da porta da sacada e bateu.

— Manutenção.

A porta abriu. O patife louro olhou de soslaio para Noah.

— Sou da manutenção do hotel... estamos verificando se todas as saídas externas estão em ordem.

— Ela já foi, cara.

Noah relaxou.

— Quer dizer que vocês dois não...

— Não, ela me dispensou. — Ben pressionou uma lata de cerveja gelada contra a cabeça. — Então, o quê... você a está seguindo, ou algo do tipo?

Noah piscou.

— Não. Eu não estou seguindo ninguém. Ela é... uma amiga e eu estou somente vigiando-a, para o seu próprio bem.

— Oh. — O garoto deu de ombros. — Eu vi você lá na praia, olhando para ela. Você se destacava um pouco. Era o único completamente vestido.

Noah olhou para suas calças e camisa, as mesmas que havia usado ao levar Sabrina para jantar. Teria de comprar umas roupas em algum lugar. Franziu a testa ao olhar para as manchas de suor que se propagavam debaixo dos braços.

— Não tive tempo de trocar de roupa.

O garoto catou um par de *shorts* do chão, levou-os até o nariz e cheirou.

— Estes estão passáveis se quiser emprestado. Você vai se misturar melhor.

— Ah, não, obrigado. Você não saberia me dizer para onde ela foi, saberia?

— Neste ponto não posso ajudar.

Noah sacudiu a cabeça e fez um gesto em direção ao quarto.

— Você se importaria se eu cortasse caminho? Com um aceno de mão, o garoto chegou para trás.

— Por favor. Sabe, da próxima vez, pode tentar essa história de manutenção pela porta da frente.

Noah o encarou com consternação.

— Certo. Obrigado. — Cruzou o quarto e já estava com a mão na maçaneta quando o garoto o chamou.

— Boa sorte com Sabrina. Você pode se dar bem. Ela parece gostar de caras mais velhos.

Noah apertou os olhos bem fechados. Tinha se dado muito bem.

— Eu só estou aqui para cuidar dela. O garoto teve coragem de rir.

— Certo, cara, se você diz.

Franzindo as sobrancelhas, Noah saiu do quarto. Por que ele se preocuparia com o que aquele garoto idiota pensava? Seu único interesse em Sabrina era colocar um pouco de juízo em sua cabeça, depois colocá-la no próximo avião para casa. Cara mais velho, realmente!

Um doce prazer disparou por ela. Balançou os quadris, enquanto empurrava seu corpo fortemente contra o dele: Sua respiração parou. Seu mundo estilhaçou. Ela gritou.

Quando se acalmou, ela ergueu a face dele para contemplar carinhosamente o homem que lhe concedeu tal êxtase. Noah sorriu para ela, os olhos escuros cheios de água. "Eu preciso de você, Sabrina. Sempre."

Sabrina gemeu e rolou para o lado. Ela estremeceu. Abrindo os olhos, contemplou o travesseiro vazio ao seu lado. *Noah*. Diabo de homem. Ele tinha de se insinuar em todo lugar?

Esmurrou o travesseiro. *Eu não acredito no amor, Sabrina*. Mesmo em sonho ele só falava de sua necessidade por ela. Tinha de esquecê-lo. Se pudesse ao menos seguir com essa história de ter um caso, poderia deixar de ter essas fantasias ridículas sobre esse homem.

Uma olhada rápida no relógio mostrou a Sabrina que ainda havia bastante tempo para tomar um banho e se aprontar antes que a *happy hour* começasse no bar da piscina. Depois da horrível experiência com Ben, estava louca por um cochilo. O que não era muito surpreendente, já que quase não dormira na noite anterior.

Depois de um rápido banho, Sabrina colocou um vestido de verão verde-claro. Ela o havia comprado na sua farra de compras com Bess. Quando rodopiou na frente do espelho e viu as costas nuas e o comprimento de pernas à mostra abaixo da curta linha da bainha, sua pele se aqueceu. Com um sorriso de satisfação, ela se dirigiu ao bar.

O sol de fim de tarde pairava por detrás de um solitário conjunto de nuvens. Uma gaivota guinchava acima, Sabrina sentou-se em um banco de canto e sorriu quando uma brisa morna soprou sobre ela.

— O que vai beber, linda moça? — O garçom limpou o balcão em frente a ela.

— *Frozen margarita.*

— É para já. — Ele saiu para cuidar do pedido dela, e ela olhou ao redor, para os outros clientes.

Um homem e uma mulher sentados em um canto, tomando um drinque com enfeites de guarda-chuva. Um casal de jovens, provavelmente em lua-de-mel, sentados, abraçados, e um grupo de universitários ao redor de uma mesa distante, Sabrina prendeu o fôlego e procurou por Ben no meio deles. Para seu alívio, nenhum deles lhe parecia familiar.

Ela realmente precisava encontrar alguém mais velho — alguém que não tivesse mulher e filhos em casa. Alguém por quem ela pudesse se apaixonar.

O garçom colocou a bebida na frente de Sabrina.

— Aqui está, senhorita.

— Obrigada. — Ela alcançou a bolsa.

— Por favor, permita-me. — O homem que havia se registrado no hotel ao mesmo tempo em que ela sentou em um banco à direita de Sabrina.

Ela retribuiu o sorriso.

— Só se você não for casado. Não tenho absolutamente nenhuma utilidade para homens casados neste fim de semana.

As sobrancelhas grossas do homem arquearam. Ele riu.

— Temo que eu tenha tentado isso uma vez... e uma vez já foi muito. Além disso, sou muito ocupado para manter uma esposa.

Ela sorriu e ele se virou para o garçom.

— Ponha isso na minha conta, Mark, e pegue outro para mim, se puder ser tão gentil.

— Nenhum problema, sr. Perry. Já estou trazendo. — Com uma saudação rápida, o garçom os deixou.

— Então — Bill virou-se para Sabrina —, você tem; aversão a homens casados?

Ela tomou um gole da bebida, saboreando o frio penetrante que deslizava pela garganta.

— Vamos dizer que eles não são adequados ao meu plano.

— Ótimo, eu também não gosto de vagabundos. — Ele estendeu a mão para ela. — Bill Perry, à sua disposição. Sinto muito por não ter tido a chance de me apresentar mais cedo. Rosie é um pouco difícil. Eu esperava poder encontrá-la aqui, entretanto.

Ela colocou a mão sobre a dele.

— Sabrina Walker. Eu acho maravilhoso como você cuida de sua mãe.

Ele apertou a mão dela entre as dele.

— Ela me ensinou tudo o que sei. — Uma leve olhada no relógio fez com que suas sobrancelhas se juntassem. — Ela deve me encontrar aqui. Gostaria de apresentá-la.

Sabrina sorriu. Um homem tão atencioso e carinhoso era raro de encontrar hoje em dia.

— Eu adoraria conhecê-la. Então, o que você faz para não ter tempo para uma esposa?

— Sou produtor.

— Aí está você. — A mãe de Bill, Rosie, com o cabelo tão grande quanto antes, entrou no bar.

A mulher sabia como fazer uma entrada. Tinha trocado a blusa de leopardo e as

calças pretas por um vestido de zebra com uma fenda de cada lado, revelando uma quantidade chocante de pernas. Entretanto, essas pernas continham fascínio suficiente para atrair os olhares boquiabertos da distante mesa dos universitários.

— Ah, mãe. — Bill levantou-se para cumprimentá-la, beijando-a levemente nas bochechas.

Ele fez um gesto para Sabrina, que se levantou do banco e parou a seu lado.

— Deixe-me apresentar a amável Sabrina Walker. Sabrina, Rosalie Perry, a mãe mais encorajadora que qualquer um poderia querer.

— O prazer é meu. — Sabrina sorriu, pegando a mão da mulher.

O aperto de Rosie era surpreendentemente forte. Ela devia ter cerca de 60 ou 70 anos, mas tinha a imagem de uma mulher muito mais nova.

Pequenos pés-de-galinha se formaram nos cantos dos olhos de Rosie quando ela sorriu para Sabrina. Tinha características notáveis, porém a tensão lisa de sua pele indicava uma cirurgia plástica.

— Agora, não precisa se preocupar, querida. Eu posso atestar pelo meu Bill. Ele é um bom homem. Um profissional.

— Rosie é minha maior fã, assim como uma de minhas principais conselheiras. Se eu tiver um problema, ela está lá para me ajudar a solucioná-lo.

Rosie sacudiu a mão cheia de anéis no ar.

— Comecei nesse negócio muito antes de você nascer. — Ela piscou para Sabrina. — Sei de tudo que está por dentro e por fora.

Ela olhou para Bill e ambos gargalharam largamente.

— Você ouviu isso, filho? Tudo que está por *dentro e por fora*.

Tiveram um pequeno acesso de riso enquanto Sabrina olhava de um para o outro. Com um suspiro, ela esperou que se recuperassem. Talvez então eles a deixassem por dentro da pequena piada.

Bill segurou o cotovelo da mãe, ainda sorrindo amplamente.

— Vamos encontrar uma mesa. Sabrina, você virá conosco?

— Sim, eu gostaria. — *Eu acho*. Pegou sua bebida que o garçom havia trazido para Bill. Manobrando por entre outras mesas, se apressou atrás deles.

Bill puxou a cadeira para a mãe enquanto Sabrina colocava as bebidas sobre a mesa. Ele moveu-se até a cadeira de Sabrina e puxou-a para ela.

— Obrigada.

— O prazer é todo meu. — Sentou-se ao lado dela e Sabrina ficou entre mãe e filho. — Sabrina, um nome tão encantador. Então, como uma beleza como você está sozinha aqui? Está esperando um jovem corço?

— De fato, já tive minha cota de jovens. Estava esperando achar alguém mais maduro.

Rosie acenou com a cabeça em sinal de aprovação. Uma luz de entendimento brilhou nos olhos de Bill. Ele apertou a mão dela.

— Ahh... está procurando um homem que tenha um pouco de experiência?

— Definitivamente, experiência é uma vantagem.

— Sou um homem de experiência variada.

— Oh, sim. — Rosie apoiou a cabeça. — Bill é absolutamente o melhor no que ele faz.

Sabrina teve de admirar o entusiasmo da mulher.

— Certo, você é um produtor. O que você produz?

— Filmes. — Ele tomou um gole da bebida, pensativo.

— Ele é o *melhor* na indústria. Um vencedor de prêmios, meu Bill.

— Deixe-me perguntar algo, Sabrina. — Os olhos de Bill brilharam com intensidade. — Você gosta de variedade? Gosta de tentar coisas diferentes?

Ela prendeu a respiração.

— Sim, acredito que esta viagem inteira é sobre experimentar o novo e desconhecido.

Um amplo sorriso iluminou a face de Bill. Ele bateu levemente na mão dela.

— Sim. Eu soube quando a vi que você tem um coração aventureiro.

— Você sabe escolhê-las, filho.

Sabrina correu o dedo ao longo do sal que cobria a borda de seu copo.

— Acredito que aventura pode ser exatamente o que eu quero.

Bill soltou um pequeno som de excitação.

— Tenho procurado justamente uma mulher assim, alguém que ouse deixar o caminho conhecido, que faça suas próprias regras, sem se preocupar com o que a sociedade impõe.

Ela riu.

— Acredite, eu definitivamente não tenho andado pelo caminho conhecido.

Ele e Rosie compartilharam um olhar de quem entende. Sabrina se endireitou, sentindo-se um pouco consciente de si mesma. Eles teriam adivinhado que ela falava de seu longo tempo como virgem?

A garçonete, uma mulher jovem bronzeada e com cabelos descoloridos, chegou à mesa deles. Enquanto anotava o pedido de bebida de Rosie, Bill inclinou-se mais para perto de Sabrina. Segurou sua mão e esfregou o dedo polegar ao longo da palma da mão dela, enquanto perguntava em voz baixa:

— E esse desejo de trilhar o caminho desconhecido aplica-se a todas as áreas de sua vida?

O olhar dela vagueou sobre ele. Poderia realmente fazer isso com ele? Lambeu o sal do dedo e tomou um trago, longo da bebida. Com um relance rápido, verificou se Rosie ainda estava ocupada com a garçonete e perguntou:

— Você quer dizer sexualmente? O olhar dele foi até os lábios dela.

— Você é uma mulher sensual. Só espero que esse espírito aventureiro a acompanhe no quarto.

Ela engoliu em seco e fechou os olhos. A noite anterior certamente poderia ser qualificada como aventureira. Ela mudou de posição, ainda sentindo dor nos músculos.

— Suponho que você possa dizer que minha experiência sexual se qualifica como incomum.

Ele chegou mais perto, a boca pairando próximo à orelha dela.

— Entendo completamente. Não se preocupe, vou tomar conta de você direitinho.

— Você vai? — Surpresa e alívio fluíram por ela. Não sabia como mostrar a seu potencial companheiro toda sua falta de experiência. Bill tinha feito isso ficar

tão fácil.

— Ela é adorável. — Rosie bateu levemente na mão de Sabrina. — Você lhe perguntou sobre amanhã?

— Ainda não. — Ele ofuscou Sabrina com um sorriso arrependido. — Pensei que chegaríamos a esse assunto.

— O que acontecerá amanhã?

Bill esfregou as mãos, a excitação revirando seus olhos.

— Estamos começando uma nova filmagem. Você gostaria de vir?

Rosie riu enquanto pegava a bebida de Bill.

— Sim, querida, *venha*. Gostaríamos de lhe mostrar tudo que está por *dentro e por fora* do negócio.

Os cantos da boca de Bill se contraíram, até que ele estava sorrindo amplamente.

— Sim, Sabrina, eu realmente gostaria que você viesse.

Uma risada borbulhou da garganta de Rosie.

— Vir é opcional, mas certamente animado.

Sabrina encarou a mulher. Será que Rosie teria alguns parafusos soltos?

Ainda sorrindo, Bill pegou a mão de Sabrina.

— Você é uma mulher notável. — Seu olhar a varreu da cabeça aos pés. — Será um acréscimo excitante ao nosso projeto. Eu poderia treiná-la. Tenho o pressentimento de que você tem um dom natural.

Uma sensação de apreensão pairou sobre Sabrina. Acréscimo ao projeto deles?

— Desculpe, não tenho certeza se entendi. O que é exatamente esse projeto? Não tenho nenhuma experiência com atuação, se é isso que você está pensando.

Rosie se inclinou para a frente.

— A maioria das pessoas não acha necessário ter experiência. O trabalho do meu Bill pode exigir um pouco mais dos atores envolvidos, mas, no seu caso, ser você mesma deve dar certo. — Outra gargalhada escapou dela. — Ah, *dar certo*. Eu acabo comigo mesma.

Ela se recostou na cadeira.

— Sério, ele é famoso pela profundidade de enredo em seus projetos. Um grande feito naquela área.

O tórax de Bill inchou.

— Sim, bem, penso que vale a pena empregar o intelecto tanto quanto a libido, se possível.

Dar certo? Libido? Sabrina moveu-se no assento, o olhar alternando de Bill a Rosie. Sobre o que eles estavam falando?

— Não seja modesto. Ele também é conhecido pelos inovadores ângulos de câmera que usa. Faz o espectador sentir-se como se estivesse presente.

O nível sonoro no bar aumentou alguns decibéis quando dois homens vestidos de calção de banho e uma mulher de cabelos escuros vestida no menor maio que Sabrina já havia visto entraram. Os três riam e falavam com muita animação, quando duas outras mulheres de biquíni e um terceiro homem se juntaram a eles. Era o grupo mais atraente e sensual que Sabrina já tinha visto. Para sua surpresa, eles se dirigiam para a mesa em que ela estava.

Rosie brilhou.

— Oh, que ótimo, parece que você vai conhecer o elenco.

— Boa tarde a todos. — Bill os cumprimentou. Pegou Sabrina pela mão. — Esta é Sabrina. Ela não é estonteante?

O calor subiu pelo pescoço de Sabrina à medida que vários deles se aglomeravam ao redor dela. *Estonteante?* Todos tinham corpos esculturais e bronzeados profundos, com sorrisos deslumbrantes. As três mulheres tinham seios do tamanho de melões maduros.

Sabrina sentiu-se uma caipira deselegante. O que será que Bill produzia? Esse grupo não parecia atuar em um documentário. Um sentimento de inquietação passou por ela.

Uma das mulheres de biquíni se agachou ao lado da cadeira de Sabrina. Os seios de melão apertaram-se contra o descanso de braço.

— Oi, Sabrina! Sou Tabby. — Ergueu uma mecha do cabelo de Sabrina. — Bonito.

Sabrina piscou e ficou inquieta. O olhar de Tabby se lixou no dela.

— Você vai nos acompanhar na filmagem? Bill disse que estava procurando outra menina.

— Bem, eu...

— Ela é uma gata. — O homem louro agarrou a mão de Sabrina e a sacudiu com um tremor amável usando suas grandes patas. — Sou Clarence — disse, piscando para ela —, mas todos me chamam de Thor. — Ele acariciou o braço de Sabrina. — Eu gosto de rugir — acrescentou, enigmaticamente.

Sabrina forçou um sorriso e puxou o braço de volta. Eles certamente eram um grupo e tanto.

— É um prazer, Thor.

— Sim, será. — O olhar dele a varreu da cabeça aos pés, demorando no caminho.

Sabrina olhou de relance para Bill. Ele estaria com ciúmes do flerte óbvio do ator? Ele sorria amplamente enquanto gesticulava a uma das outras mulheres.

— Esta é Ginger.

Ginger inclinou-se para a frente, os seios rechonchudos mal cabendo em seu pequeno *top*. Sabrina endireitou-se, tentando não se sentir inadequada. Ela meneou para a moça de cabelos escuros.

Olhando com esforço através de seus caros óculos de sol, Ginger nivelou seu olhar agudo ao de Sabrina.

— Espero que não se importe por termos vindo direto da praia. Estou poupando energia hoje. Esse tipo de trabalho exige tudo de mim.

— Claro que não. — Sabrina sorriu firmemente. Bill tocou seu cotovelo, desviando a atenção dela aos outros.

— Estamos sem o George aqui, meu diretor, mas este é o Frank, nosso operador de câmera número um, e Mojo e Priss.

Frank lhe dirigiu um aceno com dois dedos. Mojo acenou com a cabeça e deslizou a mão ao longo da coxa de Priss. Ela acenou e se inclinou para ele. Segurou seu rosto e pressionou a boca contra a dele. Com um gemido, ele a virou dando-lhe um abraço mais completo, sem quebrar o beijo. Priss contorceu-se e passou largamente os dedos dela pelo tórax nu de Mojo, enquanto o beijava com tudo que tinha.

Bill riu ao lado de Sabrina.

— Não é preciso de muito para esses dois começarem. Com alguma dificuldade, Sabrina limpou a garganta.

— Você não disse. O que é a filmagem de amanhã?

— Nós íamos chamar de *Raposas Vikings*, mas os capacetes com chifre estão sendo uma dificuldade.

— Eu o adverti quanto a isso — Rosie sacudiu o dedo em riste.

— Sim, você me advertiu, mas eu gostei da história dos escravos sexuais, então nós a mantivemos, fizemos uns pequenos ajustes no roteiro e adquirimos novas fantasias. Estou bastante entusiasmado. Contudo, ainda não estamos certos sobre o título.

Sabrina encheu-se de horror enquanto seu olhar arregalado se alternava novamente entre Bill e sua mãe, depois pelo grupo que os rodeava. Estavam filmando um filme pornô e esperavam que ela se juntasse a eles!

— Deve haver algum engano. — Ela virou para Bill. — Eu não tinha idéia... quer dizer, você estava lá com sua doce mãe... eu não sabia...

As sobrancelhas de Bill arquearam.

— De fato, Rosie é uma de minhas maiores financiadoras.

Rosie sacudiu a cabeça enquanto enrugava os lábios em decepção.

— Ela *parecia* o tipo aventureiro.

Ele virou os olhos preocupados para Sabrina.

— Sim, e o que você falou sobre sua necessidade de aventura... experimentar o novo e desconhecido... ousar quebrar as convenções?

Sabrina sentiu-se esquentar até as raízes do cabelo. Tinha dito que não vinha seguindo o caminho convencional, mas como eles podiam ter pensado que ela queria dizer isso?

— Eu sinto muito. Isso tudo é um mal-entendido. Acredite, nunca fiz *isso* antes.

— Ahhh! — Os olhos de Bill se iluminaram com entendimento. — Você está nervosa por causa da câmera.

— Você é virgem de vídeo? — Tabby se ajeitou, a esperança vislumbrando nos

olhos.

Sabrina baqueou para trás na cadeira. A humilhação percorreu seu corpo. Como havia se metido nisso? Apertou os olhos bem fechados.

— Algo assim.

Rosie se inclinou sobre a mesa.

— Sei exatamente como você se sente. Tabby pode te guiar, ou pode ser Thor, ou Mojo... ou Thor e Mojo.

Sabrina ficou de pé.

— Não!

Tabby ainda tentou.

— Priss?

Sabrina mordeu o lábio e sacudiu a cabeça.

— Tem certeza? — Bill franziu a sobrancelha. Desviando o olhar, Sabrina acenou com a cabeça, vigorosamente.

Quando ousou olhar, Bill estava com uma expressão de pura angústia.

— Estraguei tudo. Imaginei que pensávamos da mesma forma.

Ela sufocou a própria raiva. Não dissera que estava à procura de aventura?

— Não é culpa sua. Eu vim aqui procurando excitação. Bill inclinou-se em direção a Sabrina.

— Se *Raposas Vikings* não é o seu tipo de excitação, podemos consertar isso. Diga-me o que quer, Sabrina. Estamos no ramo de criar fantasias. Qual o seu desejo mais profundo?

Ela tomou um fôlego longo e expirou. *Desejo*. O que ela conhecia sobre desejo? Uma dor aguda a atravessou. Ela suspirou.

— Quero um homem que se preocupe comigo, que ponha minhas necessidades acima das dele, que queira me fazer feliz.

Rosie acenou com a cabeça.

— Você quer amor.

Amor? Ela balançou a cabeça. Não tinha mudado de Idéia sobre isso? Estava ficando muito velha para esperar algo tão evasivo.

— Eu me contentaria com atenção.

Novamente, Bill concordou com a cabeça. Olhou além dela.

— Eu diria que um homem que vem ao salvamento de uma mulher é do tipo atencioso.

Sabrina observou atentamente em volta de Tabby e viu um homem de cabelos escuros vindo na direção deles pelo bar. Seu coração disparou.

Ela apertou a mão contra o tórax, enquanto uma onda de surpresa e alívio a varria.

— Noah.

Capítulo Oito

Ele tinha vindo socorrê-la. Sabrina sorriu e se aproximou de Noah à medida que o elevador lotado os levava para cima e para longe do bar da piscina. Ela inalou seu odor, um pouco de ar marinho misturado com sua essência natural.

O elevador parou e a maioria dos ocupantes saiu em um dos andares. Uma maravilhosa alegria tomou conta dela.

Por que não vira isso? Noah se preocupava com ela. Tinha de se preocupar. Por que outra razão ele a teria seguido nesta viagem, chegando como um cavaleiro para salvá-la da dificuldade mortificante em que ela entrara há pouco? Esse cavalheirismo explicava tudo. Que boba tinha sido, tinha deixado que ele pensasse que ela não estava interessada. Não tinha sonhado com a admiração nos olhos dele quando fizeram amor. Ele também tinha sentido isso. Sim, Noah era um cavalheiro gentil, pronto para protegê-la. Claro que ele se preocupava.

Qual o seu desejo mais profundo? A pergunta de Bill lhe veio à memória, junto com a resposta. Ela queria Noah. Queria explorar cada centímetro divino dele, tocar, sentir o gosto e se esbaldar. Queria repetir a sensação dele a preenchendo, fazendo amor selvagem com ela.

O elevador parou novamente. Alguns passageiros esbarraram em Sabrina para sair e ela usou isso como uma desculpa para se apertar contra ele. O braço dele

veio ao redor dela, e Noah a segurou perto, mesmo após o último passageiro sair, deixando-os a sós. Ela aplacou a palma dela contra o músculo esticado do abdômen dele. Sentiu, mais do que ouviu, o gemido lânguido dele.

A satisfação ondulou por ela. Uma fantasia descarada de fazer amor com ele no elevador passou pela mente de Sabrina, mas ela acalmou o impulso para explorar mais com as mãos. O tempo para o sexo viria depois. Ela faria desta uma sedução lenta.

— Obrigada por me tirar de lá. Eu me coloquei numa enrascada ali. — Inclinou a cabeça para vê-lo melhor.

Um tremor o percorreu.

— O garçom disse que o sujeito gerencia um barco de prazer onde faz audições para supostas atrizes. E se ele a tivesse levado para lá? Como eu a teria encontrado?

— Oh, você teria. De alguma maneira, você teria vindo me salvar. Eu sei disso.

Os músculos da mandíbula de Noah se contraíram.

— Pelo menos você terá o bom senso de jantar no quarto hoje. Preciso de um descanso da função de afastar potenciais pretendentes.

— Você ficará comigo, não é? Noah deu uma bufada.

— Assim vai ser mais fácil manter o olho em você. Ela sorriu enquanto um plano se formava em sua cabeça. Até o cair da noite, Noah seria dela.

Sabrina atendeu o telefone e virou para olhar Noah. Ele estava parado além da porta aberta da sacada, admirando o Golfo a partir do ótimo ponto que Sabrina tinha no sétimo andar. O sol tinha imergido no horizonte e tons espetaculares de laranja e vermelho tingiam o céu azulado. Uma música calma no pátio fluía até eles.

Sorrindo, ela se uniu a ele na grade da sacada.

— A comida estará aqui em aproximadamente trinta minutos.

Ele acenou com a cabeça, o olhar firmado no horizonte.

— Que lindo.

Ele não respondeu. Seus ombros tremeram quando ele expirou intensamente.

Movendo-se para trás dele, ela alcançou seus ombros.

— Você está tão tenso. Afinal, ele virou para ela.

— E como esperava que eu estivesse? — Ele gesticulou de modo selvagem com os braços. — Persegui você o dia todo, repelindo todo sujeito disponível que chamasse sua atenção. — As sobrancelhas dele arquearam. — Eu... defendendo a virtude de uma mulher. E uma que não quer ser defendida.

— Mas eu agradeço seus esforços, Noah. Honestamente, eu agradeço. — Fechou os olhos e deixou o fluxo da música vinda do pátio lhe envolver. Lentamente, mexeu os quadris, balançando ao som das notas suaves.

— O que está fazendo?

Ela abriu os olhos enquanto seu corpo entrava em uma batida sensual.

— Estou lhe agradecendo.

Ele levantou as mãos, como se fosse afastá-la.

— Você não tem de me agradecer. Não me pediu que fizesse nada disso.

Ela se moveu e o tecido macio do vestido esbarrou em NCUS mamilos, acariciando-os com o movimento.

— Mmm... certo, então eu o estou seduzindo.

Ele emitiu um som sufocado.

— Pensei que não fôssemos ter um caso.

Incapaz de resistir a sensação, ela pegou os próprios seios e apertou, perdida no fascínio da própria dança.

— Não. Não um caso — disse ela, delirantemente, enquanto imaginava as mãos de Noah na sua pele.

— Mas, Sabrina, se você não parar, nós vamos terminar naquela cama. — Ele apontou para o quarto dela.

Contemplando Noah, ela acariciou seu próprio corpo, indo até as coxas e de volta aos seios.

— Se não me tocar logo, eu morrerei por negligência. Com uma blasfêmia sufocada, ele a pegou nos braços.

— Você é uma mulher muito frustrante.

Eles caíram sobre a cama, os lábios de Noah caindo sobre os dela, a língua dele

faminta. Enquanto ele vasculhava a boca de Sabrina, as mãos vagavam por todo o corpo dela. Parecia que a tocava em todos lugares: nos quadris, nas costas, nos seios.

Oh, a magia que os dedos dele faziam nos seios dela! Tocando-a pelo tecido fino, ele apertava seus mamilos entre os dedos, enviando ondas de calor diretamente ao âmago dela. Sabrina moveu-se em direção a ele, puxando a camisa do cós da calça, para poder deslizar mais abaixo e o provocar também.

Os dedos dele passearam pelo pescoço dela, atrapalhando-se com o fecho do vestido na nuca. Ela abriu rapidamente os botões pequenos para ele. O vestido caiu e ficou preso à cintura dela, desnudando os seios. Os olhares se cruzaram por um caloroso momento, então ele curvou a cabeça e colocou uma extremidade rósea na boca.

Ela gemeu com o prazer arrebatador que ele lhe dava/ enquanto a umidade se formava entre suas pernas.

— Isto é... tão bom. Excitando-a com golpes enérgicos, ele deslizou a mão pela coxa dela. A calcinha demonstrou-se uma barreira inadequada quando ele deslizou os dedos sob o elástico, desobstruindo a entrada dela.

— Eu adoro como você fica toda molhada para mim.

Noah beijou-a novamente, os dedos imitando a dança da língua enquanto a acariciava intimamente, mergulhando nas profundidades de Sabrina e retirando os dedos inúmeras vezes. As sensações aumentavam dentro dela desta vez, formando uma espiral mais e mais apertada.

— Eu quero estar dentro de você.

— Sim... sim. — Juntos, retiraram rapidamente a calcinha dela.

Sabrina alcançou o cós da calça dele, mas Noah afastou as mãos dela.

— Numa próxima vez, amor, eu deixo que você me dispa. Agora, não posso esperar.

Para seu próprio assombro, ela se lembrou do preservativo.

— Aqui. — Ela rolou para o lado, agarrou a bolsa na mesa-de-cabeceira, grata por estar tão perto, e tirou um dos pacotes quadrados.

Jogando-se para trás na cama, ela tentou respirar e acalmar o coração que batia forte. Seus mamilos formigavam. O sangue pulsava pelo sexo. Ela quase gritou

quando Noah a tocou novamente naquele lugar.

Ele a cobriu, sua boca conectada à dela, enquanto deslizava para dentro de Sabrina em um golpe longo. Com movimentos calmos e controlados, ele a montou, entrando fundo na intimidade dela, e saindo quase completamente antes de golpear novamente. — Sim... Sabrina... Oh, Deus... O desejo a consumiu. Sua vida inteira girara para ela chegar aqui, neste momento único, com este homem único e as sensações que ele provocava nela. Seu coração inflou com a magia que ele proporcionava, levando seu corpo a um momento bom, até que a tensão quebrou e ela se contraiu em torno dele, presa nas profundidades de um orgasmo poderoso.

Um gemido baixo separou os lábios dele e Noah estremeceu contra o corpo de Sabrina, dentro dela. Seus braços se apertaram fortemente ao redor dela e ele desmoronou, rolando para o lado com ela presa no abraço íntimo.

Ela se abraçou a ele, o coração de Noah batendo contra a orelha de Sabrina. Noah, seu gentil cavaleiro. O amante de seus sonhos. Sentiu-se confiante por afetá-lo daquela forma.

Olhando para baixo, ela riu da confusão que haviam feito. Seu vestido torcido e engruvinhado na cintura. Ele ainda vestido, com exceção da calça e da cueca que estavam na metade do caminho logo abaixo de suas nádegas finamente curvadas.

— Hum, nós vamos ter de fazer melhor que isso. — Ela puxou a camisa dele.

A boca sensual de Noah encurvou em um sorriso.

— Sinto muito. A culpa é sua por me deixar tão excitado.

Ele agarrou a camisa, mas ela o parou.

— Ainda não. Uma batida à porta e uma voz amortecida anunciaram que o serviço de quarto havia chegado. Ela puxou o vestido para cima e apontou para que ele fosse até a porta.

— Coloque sua calça, e atenda a porta. Quero o jantar na cama.

Ela ficou de joelhos, rodando o vestido para a posição certa, enquanto Noah ia em direção à porta.

— Depois *eu* vou despi-lo, como você prometeu. Ele sorriu para ela.

— Qualquer coisa que você quiser, querida. Qualquer coisa.

Algo luminoso contra as pálpebras arrancou Sabrina de seu sono. Bocejando, ela espreguiçou lentamente. A luz do sol adentrava pelas cortinas abertas. Um peso na sua cintura e um calor às costas lhe trouxeram a memória. Suas bochechas ruborizaram quando rolou cuidadosamente para o outro lado.

Noah resmungou algo em seu sono e apertou mais o abraço. Sua ereção parcial pressionada contra a coxa dela. Sabrina sorriu sozinha. O homem não parava. Parecia que estava gozando novamente nos sonhos.

Ela fechou os olhos enquanto os detalhes da noite anterior rodopiavam em sua mente. Ficou envergonhada.

Como podia agir assim de modo tão descarado, tão diferente dela mesma quando estava com ele? Era como se ele fosse algum tipo de droga que a fazia agir e falar de um modo que ela só ousaria sonhar na vida cotidiana.

Agora, à luz do dia, suas ações haviam terminado. Perdera a virgindade para o melhor amigo de seu irmão, um conhecido e admitido mulhereiro, perito em satisfazer mulheres, um homem que por alguma razão fazia brotar profundas emoções nela, emoções que a preenchiam agora, enquanto ela cedia à necessidade de tocá-lo e acariciar ligeiramente seu queixo.

Será que tinha se sentido tão aliviada em vê-lo na noite anterior que racionalizara toda essa teoria de cavalheirismo para se permitir uma outra noite de êxtase nos braços de Noah? *Tola!* As emoções com as quais tinha acordado no dia seguinte a seu aniversário se aglomeravam dentro dela com o dobro de intensidade, sufocando-a. Tinha ignorado a advertência estridente de seu cérebro e deixado seu corpo conduzi-la.

E todos esses *sentimentos* estavam de volta. Por que tinha se deixado acreditar que ele a queria? Será que estava tão sozinha, tão desesperada que chegou a pensar que suas fantasias eram reais?

— O que faz você parecer tão séria esta manhã?

O coração dela bateu forte. Ele a contemplou, os olhos escuros e sonhadores. Ela forçou um sorriso enquanto a ereção de Noah pressionava contra ela.

— Estava imaginando se você acordaria em algum momento.

Ele pousou a palma da mão no seio dela.

— Eu estava sonhando com você. Com isso aqui. Ele a acariciou suavemente.

Ela engoliu em seco. Não poderia fazer amor com ele agora, não quando se sentia tão vulnerável; suas emoções à flor da pele.

De alguma forma, conseguiu dar outro sorriso. Afastou-se para longe dele, embrulhando o corpo no lençol, enquanto tentava ficar de pé.

— Não podemos passar o dia inteiro na cama. Está lindo lá fora. A praia está esperando.

As sobrancelhas dele arquearam em surpresa. Não havia dúvida de que a rejeição não fazia parte da sua experiência.

— Isso pode esperar. A praia não vai fugir.

Tentou tocá-la, mas ela desviou para o outro lado. Ele franziu o cenho.

— Alguma coisa errada?

Aproximando-se tão composta quanto poderia em seu lençol, Sabrina se agarrou em toda sua dignidade.

— Não há nada errado. Só acho que talvez devesse deixar claro... Bem, ontem à noite eu estava me sentindo grata por você ter me tirado daquele... problema em que eu havia me metido.

— Grata? — Os olhos de Noah se arregalaram.

— Bem, aliviada...

— Aliviada? — Ele estava sentado agora, franzindo o cenho. — É assim que você chama isso?

Ela expirou com frustração. Estava dando tudo errado.

— Ontem à noite, no bar, por que veio me socorrer? Eu não sabia que você estava aqui. Pensei que tivesse perdido você no aeroporto.

Ele piscou, como se não estivesse entendendo.

— Por que você embarcou naquele avião e me seguiu até aqui, por que razão?

— Ela prendeu a respiração. Talvez estivesse certa na noite anterior. Talvez ele se importasse.

Depois de uma longa pausa, ele limpou a garganta.

— Bem, eu me sentia responsável por você.

— Responsável?

— Você mesma disse que devia me agradecer por tê-la "liberado". Além disso, devo muito ao Cliff. — Seus olhos se estreitaram. — E, aparentemente, alguém precisa tomar conta de você.

O lábio dela tremeu. *Eu não vou chorar.*

— É só isso?

Ele levantou as mãos, perplexo.

— Era a coisa certa a fazer. O que você queria?

— Eu não queria nada. — Dor e raiva a sufocaram. *Tola. Tola. Dez vezes tola.* Ele não a seguira porque se importava. Ele a seguira por senso de responsabilidade e obrigação para com o irmão dela.

Os olhos de Sabrina embaçaram.

— Só quero deixar mais uma coisa clara.

— Por favor, deixe, porque não estou entendendo nada. Num momento, estamos nos divertindo e, no outro, você está aborrecida comigo e eu nem sei por quê.

Nos divertindo. Era isso que o tempo que haviam passado juntos significava.

— Eu estou aborrecida comigo, não com você.

— Certo. Era isso que você queria deixar claro?

Ela tomou um fôlego profundo.

— Nós *não* estamos tendo um caso.

— Não estamos? — Os olhos dele se arregalaram em descrença.

— Não.

— Deixe-me contar uma coisa, querida, você pode não ter muita experiência nesse assunto, mas *eu* tenho. E *isto*... — Ele bateu na cama para dar ênfase — é um caso.

Sabrina cruzou os braços, olhando fixamente para ele. Por um momento, Noah só ficou parado, olhando de volta para ela.

— Ótimo. Isso significa que você está à caça de um caso novamente?

Ela acreditou que merecia isso, mas ainda assim doía.

— Já é domingo. Acho que não conseguiria encontrar um caso de fim de

semana a esta altura.

Os ombros dele relaxaram.

— Tudo bem, então acho que devo ir para o meu quarto e tomar um banho. Posso te levar para tomar café-da-manhã?

— Café-da-manhã? Ele olhou para o relógio.

— Ainda é cedo para o almoço, mas aposto que o restaurante prepara um café-da-manhã decente aos domingos.

— Certo. — Ela engoliu, surpresa e aliviada. — Um café-da-manhã seria bom.

Noah pressionou o copo de chá gelado contra a testa e se amaldiçoou como um bobo. Devia ter pego o primeiro voo da manhã para Atlanta, mas Sabrina estava tão chateada esta manhã. Ele não tinha certeza, mas suspeitava que era algo relacionado a ele. De alguma forma, não conseguiu deixá-la.

Felizmente, a tensão entre eles havia dissipado quando ele voltou para levá-la para tomar o café-da-manhã. Ela atendera à porta renovada e sorridente como se a discussão que tiveram mais cedo não tivesse acontecido.

Noah sacudiu a cabeça. A mulher tirava completamente seu equilíbrio. Parte dele exultava pelo prazer que ela lhe proporcionava, a outra parte lamentava sua inabilidade de resistir ao charme dela. Sabrina era irmã de seu melhor amigo, o homem que o estava ajudando a reerguer sua carreira, o homem ao lado do qual ele estaria de pé em menos de uma semana. E Noah havia tirado sua virgindade.

Deveria estar verificando os horários dos voos da noite, não desfrutando um café-da-manhã amigável com ela.

Recordações da doce boca de Sabrina vagando sobre ele, os olhos dela queimando de desejo enquanto tirava as roupas dele vagarosamente, e seus mamilos brotando contra os lábios dele caíram sobre Noah. A culpa lhe torceu o intestino. Sentia por ela qualquer coisa diferente de amizade.

Entornou todo o copo gelado garganta abaixo e baixou o zíper do blusão. Apesar do calor da tarde, ele não ousou tirar a jaqueta fina. Escondia a ereção em seu *short*.

Pelo menos tinha tido a chance de fazer compras ontem. Seria muito incômodo usar calças compridas neste estado. Diabo de mulher. Ela tinha de ser tão

sensual?

Nós não vamos ter um caso.

O fato de ela poder fingir que não via a atração existente entre eles estava além da compreensão de Noah, mas ele havia honrado os desejos dela. Não seria fácil, agora que sabia o que estava perdendo, mas ao menos um deles estava usando o bom senso.

A memória de tê-la encontrado no bar na noite anterior o fez estremecer. Mark, o garçom, havia lhe dado informações sobre a companhia de Sabrina quando Noah entrou no bar. Nunca se sentira tão em pânico e aborrecido quanto ao vê-la cercada, com os olhos arregalados de medo.

Agora ela sorria para ele, toda inocente, como se tivesse esquecido que ele a havia arrancado da beira de uma orgia na noite anterior. Ele estremeceu. Se aquele produtor a tivesse levado para seu barco do prazer...

— Qual o problema?

Ele apontou um dedo acusador para ela.

— Você me distraiu de propósito ontem, para que eu não pensasse sobre isso. Se alguma coisa tivesse acontecido a você, se aquele pervertido a tivesse forçado...

— Oh, você está falando de novo daquele assunto do bar. Não foi assim. Eu lhe disse. Bill estava realmente aborrecido. Foi um pequeno mal-entendido. — Suas bochechas coraram. — Eu realmente disse a ele que procurava excitação.

Noah bufou.

— Bem, você com certeza conseguiu. — Ele rosnou.

— Se Cliff desconfiar disso...

— Meu irmão tem de aprender a cuidar da própria vida.

— Os olhos de Sabrina faiscaram.

Tentando relaxar, Noah tomou um gole do chá gelado. Pelo menos ela ainda tinha coragem. Não parecia nem um pouco traumatizada pela provação. Mas, ele nunca conseguiria se recuperar. Estremeceu novamente. Pensar nela nas garras daquele homem velho e sujo.

— Isto é absolutamente maravilhoso. — Ela sorriu, o olhar examinando o ambiente onde estavam. A pedido de Sabrina, tinham sentado a uma mesa na área coberta do pátio do bar da piscina. Um funcionário levou as sobras do café-da-manhã deles.

— Admita. — Sabrina fez um gesto em direção ao Golfo do México, tão quieto em sua costa primitiva. — Você precisava de um dia de folga. Um dia para sentar e desfrutar a paisagem.

O olhar de Noah vagueou pelos lábios beijáveis de Sabrina, os ombros delicados, os seios arredondados, do tamanho certo para lhe encher as mãos. Ele acenou com a cabeça.

— Estou desfrutando um bom pedaço da paisagem.

Inclinando-se para a frente, ela brincou com uma fina cordinha do biquíni.

— Vamos nadar. Você não está quente?

Noah quase soltou uma gargalhada. Nunca havia estado tão terrivelmente quente em toda sua vida, mas saltar na arrebentação com Sabrina não parecia a escolha mais sábia no momento. Ele acabaria implorando que ela o deixasse voltar para sua cama, e seu ego ainda não estava curado da última rejeição dela. Sentia-se bem e seguro com a mesa entre eles. A mesa escondia seu desejo evidente que até a jaqueta estava sendo incapaz de mascarar.

— Precisamos deixar a comida assentar primeiro. Ele enrugou os lábios quando um rapaz que passava fito Sabrina. Noah não conseguia entender por que a mulher tinha de andar por aí sem nada para lhe cobrir o minúsculo biquíni além da pequena canga.

Ela empurrou a cadeira para trás e ficou de pé.

— Puxa, então um passeio tranquilo ao longo da praia Podemos ao menos molhar os dedos dos pés na água.

Dedos dos pés. Ele chegou a cadeira um pouco para trás. Os dedos dos pés pareciam seguros. Ao menos ela parecia ter abandonado o plano de pular no próximo homem disponível que aparecesse. Talvez ele fosse capaz de mantê-la distraída pelo resto do dia e depois colocá-la num vôo noturno para casa.

— Certo, um passeio tranquilo. Ela brilhou de contentamento e o conduziu ao deque de madeira de acesso à praia. Ele evitou olhar o balanço flexível dos

quadris dela e, silenciosamente, recitou as médias do índice Dow Jones até que a tensão em sua virilha aliviasse.

O sol bateu neles. A areia arranhava a sola dos pés. Ele tirou a jaqueta, puxou a camisa por cima da cabeça e tirou os sapatos, jogando todos os artigos em uma pilha sobre a areia. Olhou desejosamente a água.

— Também não quero levar tudo isso. — Ela chutou as sandálias, desamarrou a canga e a esparramou na areia. Depois de procurar na bolsa por um momento, Sabrina pegou uma pequena carteira.

— Você pode levar isto para mim? Não tenho bolsos.

Ele varreu o olhar pelos trajes escassos dela, uns poucos retalhos de pano amarrados por tiras. Não, ela não tinha bolsos. Seu sangue acelerou. A mulher tinha de parecer tão confiante? Ele estendeu a mão.

— Claro.

Ela colocou a carteira na mão dele, e o agraciou com um sorriso brilhante.

— Obrigada. Oh, só mais uma coisa...

Novamente, catou algo na bolsa e, desta vez, tirou um frasco de protetor solar.

— Eu preciso reaplicar. Só vai demorar um minuto.

Noah virou-se para olhar a vastidão de água azul-esverdeada. Por que se torturar olhando Sabrina espalhar a loção na pele macia? Ele tampouco ofereceria seus serviços. Deixe que ela alcance cada curva lasciva de seu próprio corpo. Olhe o que aconteceu com o último rapaz que a ajudou. Sem essa. Ela estava por conta própria.

Uma gaiivota guinchou acima. A risada de crianças flutuou na brisa leve. O rádio de alguém tocava uma das vinte melhores músicas.

— Pronto, já terminei. Você é o próximo — disse ela, ficando parada logo atrás dele.

Ele começou a virar, mas as mãos de Sabrina o seguraram pelos ombros.

— Fique parado. Moreno como você é, também vai se queimar.

Ele prendeu a respiração quando a loção gelada lhe tocou a pele. Deveria ter dito que nunca havia se queimado com o sol, mas os dedos gentis de Sabrina o estavam esfregando, acariciando sua pele aquecida. Abafando um gemido, ele

recorreu novamente ao truque de citar silenciosamente valores acionários.

As mãos dela planaram abaixo pela espinha dele. As pontas dos dedos roçaram o elástico do calção de banho de Noah e deslizaram novamente até seus ombros. Mais uma vez, a loção fria lhe tocou a pele, depois as mãos quentes de Sabrina. Ela ficou ao lado dele, espalhando loção por cima do ombro direito de Noah, depois par baixo em toda a extensão do braço. Se fosse qualquer outra mulher, Noah teria pensado que ela estava tentando seduzi-lo.

Mas nenhum brilho de sensualidade refletia dos olhos dela. Sua voz não tinha um tom abafado. Não, esta não era: uma mulher qualquer. Era Sabrina com seus instintos mar temais, suas maneiras irritantemente práticas ao se mover, para a esquerda dele.

Nós não estamos tendo um caso.

Um pequeno sorriso apareceu num dos lados da boca de Sabrina.

— Quase pronto.

Tentando não ficar desapontado, Noah a parou antes que ela começasse o outro braço.

— Eu continuo daqui.

Ela lhe passou o frasco. Ele colocou um pouco da loção na mão, depois fez alguns movimentos obrigatórios pelo braço e tórax.

— Pronto. Podemos caminhar agora?

Após enfiar o frasco de volta na bolsa, a qual ela deixou junto com a canga, Sabrina virou-se para ele.

— Vamos andar em direção ao píer. Se conseguirmos manter um bom passo, faremos um exercício decente.

Noah concordou com a cabeça. Ele estava com uma mulher desejável, em uma das mais bonitas praias do mundo, e eles estavam indo caminhar para se exercitar. Ele estava perdendo o jeito.

Ela marchou diretamente para a água, não parando enquanto a água não cobrisse seus tornozelos.

— Tem certeza que não quer nadar? Está ótimo. — Ela agachou e jogou alguns punhados de água sobre a face e ombros.

Ele engoliu em seco. Uma visão dela levantando molhada da arrebentação, pequenos fios d'água lhe descendo o corpo, passou ante os olhos de Noah.

— Mais tarde, talvez.

Eles andaram a passos largos em silêncio. Noah não pôde resistir a caminhar ao lado dela na água fresca. Ela tropeçou uma vez. Ele a pegou, o coração acelerando, mas ela se firmou com um riso e se afastou dele.

— Olhe. — Apontando, ela andou para fora da água e foi em direção a uma escultura de areia de um carro de corrida em tamanho real.

Noah a seguiu.

— Isso levou algum tempo.

A escultura se estendia para baixo e ao longo da areia. O artista tinha esculpido um assento no meio, completo com um volante.

Uma menina pequena com tranças correu até eles, uma pá de plástico em uma das mãos.

— Você pode dirigir ele.

Sabrina agachou, as mãos apoiadas nos joelhos, um sorriso largo no rosto.

— Você ajudou a fazer?

— Não. — A menina cocou o nariz. — Olhei eles. A gente está aqui a manhã toda. — Fez um gesto em direção a um guarda-sol que cobria um homem e uma mulher que segurava um bebê.

— Dois homens fizeram isso, mas eles foram embora. Eles disseram que qualquer um podia brincar. Eu dirigi um pouco, mas você pode usar agora, se quiser. — A garotinha sorriu esperançosamente para Sabrina.

Sabrina olhou a criança por um momento, antes de esticar o braço, talvez para limpar um pouco da areia em sua bochecha. Ela parou pouco antes de tocá-la, entretanto...

— Obrigada, talvez eu vá.

Com um olhar rápido para Noah, Sabrina escalou a escultura. Sorriu de novo para menina, e alguma coisa melancólica na expressão de Sabrina fez com que o tórax de Noah se apertasse.

— Eu sou Sabrina. Qual é o seu nome?

— Megan. Eu tenho 6 anos. E aquele é o Tyler. Ele é meu irmãozinho. Ele chora algumas vezes, mas eu ajudo a tomar conta dele. Eu dou mamadeira para ele, porque ele não pode comer comida de verdade ainda. Ele é muito pequeno.

Noah acompanhou o olhar de Sabrina quando ela o desviou para o irmão de Megan que estava no colo da mãe, à medida que esta se aproximava. A melancolia no olhar de Sabrina se intensificou. Ela pulou para fora do carro, sorrindo para a mulher.

— Oi, Megan está nos mostrando o carro.

— Ela falará até suas orelhas doerem. Ela está aborrecendo vocês? — Apesar das palavras, a mãe de Megan afagou os cabelos da filha com óbvio afeto.

— Viu Tyler? Não parece tão amassado como antes. — Megan foi, pé ante pé, espiar o irmão.

Noah chegou mais perto. O bebê piscou os olhos negros para Sabrina e seus lábios de botão de rosa se abriram em um sorriso desdentado. Noah sorriu, virando o olhar para Sabrina, mas ela parecia não notá-lo. O irmãozinho de Megan dominava sua atenção. Os olhos de Sabrina brilhavam macios e quentes, e estavam cheios de... desejo.

Noah ficou de queixo caído quando compreendeu. Sabrina queria um filho. Pelo olhar que lançava àquela criança, ela não só queria um filho como precisava de um.

— Ele é lindo. — Sua voz estava baixa, quase reverente. Finalmente voltou-se para Noah, como se acabasse de lembrar que ele estava ali.

— Ele é um anjo.

Noah limpou a garganta. Apoiou-se no ombro dela, tentando dispersar o desconforto que havia caído sobre ele.

— Ele é uma pessoinha.

Para provar para si mesmo que o pequeno pacote não lhe ameaçava, ele o cutucou. Cinco dedos em miniatura fecharam-se em volta do dele. Um estranho calor cresceu dentro dele. Noah olhou para a mãe do bebê.

— Qual a idade dele?

— Amanhã fará cinco semanas. — Ela moveu a criança nos braços, mas ele continuou a segurar firmemente o dedo de Noah.

— Você é muito abençoada. — A voz de Sabrina falhou. Ela piscou várias vezes.

O remorso se apossou do coração de Noah. Ele não estava em posição de dar a Sabrina o que ela queria, uma casa com cerca branca, muito menos um bebê. Se houvesse um pouco de honra dentro dele, se afastaria dela agora mesmo.

Noah livrou seu dedo e chegou mais perto de Sabrina.

— É melhor continuarmos.

A garganta dela estava seca, como se tivesse dificuldade de engolir. Ela balançou a cabeça e virou para Meg

— Obrigada pelo passeio. Tome conta de seu irmão

— Vou tomar. — Megan acenou enquanto eles se viravam para ir embora.

Noah acenou de volta.

— Criança simpática.

Sabrina acenou novamente com a cabeça, enquanto dava formalmente ao lado dele.

Ele suspirou. Ela estava se enganando com essa coisa de ter um caso. Queria filhos, um marido, um lar. Se e tivesse metade de um cérebro, a colocaria no próximo avião para casa e lhe diria adeus.

Sentindo-se inadequado, ele a olhou de relance. O desejo ainda tomava os olhos dela, só que agora combinado com uma tristeza que o rasgava.

Seguramente, um dia ela acharia alguém e teria um o dois filhos. Noah deixou seu olhar vagar sobre ela. Não havia dúvidas. Mulheres como ela não ficam sozinha neste mundo. O mistério estava em por que ninguém a havia agarrado ainda.

Ele engoliu e focalizou a faixa de areia na frente deles. Era bom que o sujeito a tratasse bem, entretanto, porque ela merecia o melhor. Merecia um homem que lhe desse tudo o que quisesse, inclusive a cerca branca.

Que pena que ele não era o tipo de homem de cerca branca.

Não conseguiu evitar olhá-la novamente. Desta vez, ela forçou um sorriso para ele. Revirava suas entranhas ver como estava triste o olhar de Sabrina. Sem ter o que dizer, pegou a mão dela e a apertou de forma reconfortante.

Ela chegou um pouco mais para perto enquanto continuavam á andar pela

praia de mãos dadas, sem falar. Um sentimento suave tomou conta de Noah. Sim, com certeza era uma pena que ele não fosse o tipo de homem de cerca branca.

Capítulo Nove

— Aquela ali parece um rato de pára-quedas. — Noah apontou para uma nuvem fofa sobre eles.

Voltaram para o ponto onde haviam deixado seus pertences. Sabrina estava deitada na canga, enquanto Noah usava a jaqueta para proteger a cabeça e as costas da areia. Por mais atencioso que ele tivesse sido o dia todo, ela não conseguia deixar de demonstrar um pouco de melancolia.

Sabrina levantou a cabeça. O vento moveu as nuvens.

— Acho que parece um desses palhaços assustadores.

— Ah... pode ser.

Olhando para Noah de relance, ela apontou para uma nuvem com formato indiscriminado.

— Aquela parece uma rosa murcha.

— Parece mesmo.

Virando de lado, ela olhou para ele. Precisava sair desse mau humor. Não era justo com Noah. Ele estava tentando mimá-la com tanto empenho.

Ele estava perto o suficiente para ser tocado, se ela esticasse a mão. O olhar de Sabrina passou longamente por ele. A luz do sol brilhava no corpo bronzeado de Noah. O homem era pura tentação.

— Você está sendo estranhamente agradável hoje.

Ele a havia surpreendido mais cedo ao convidá-la para o café-da-manhã. Pensava que ele queria lavar as mãos em relação a ela, uma vez que Sabrina tinha deixado claro que eles não teriam um caso. Se ela estivesse em seu pleno juízo, provavelmente teria recusado educadamente. Os Olhos de Noah

continham tamanha esperança que ela não pôde recusar.

— Sou um sujeito agradável. Ela tentou um pequeno sorriso.

— Você parece ser.

— Não, de verdade... pode me testar. — Os olhos dele brilharam.

— Certo, vamos nadar. — Talvez o calor a estivesse acometendo, abatendo. Um mergulho refrescante poderia ser o que ela precisava.

Ele parou.

— O sol está quente.

— E a água parece fresca e fria.

— Rejuvenescedora.

— É.

Ele ficou de pé, limpou a areia das costas e estendeu a mão para ela.

— Venha. Engolindo, ela colocou a mão sobre a dele e se deixou ser levada para onde as ondas quebravam na praia.

— Venha. — Ele a persuadiu para dentro da água azul. Quando ela já estava com a água pela cintura, ele a soltou.

— Tudo bem? Ela jogou punhados de água sobre o tórax e ombros.

— Está maravilhoso.

Com um pequeno esguicho, Noah desapareceu embaixo da arrebentação. Apareceu novamente alguns metros frente, acariciando suavemente a água, com os músculos dos braços e dos ombros ondulando em um espetáculo* força. Ele era uma beleza misteriosa, raios de sol refletindo na água em volta dele, à medida que Noah mergulhai e voltava à superfície.

Sabrina tomou fôlego e deu um mergulho longo e raso. A água fresca girou a seu redor. Ela nadou algumas braçadas e virou de costas, chutando a água à toa, enquanto nuvens vagueavam sobre ela. Fechando os olhos, ela bloqueou todos os pensamentos e se concentrou na respiração, inspirando calmamente pelo nariz, e expirando pela boca.

Gradualmente, ela relaxou. Uma brisa quente passou sobre ela. A água a embalou, levando-a para longe com sua lenta corrente. Uma música tocava ao

longe, em u rádio na praia.

— Um centavo pelos seus pensamentos.

Assustada, ela virou de lado, engolindo água. O sal fez arder seu nariz. Ela se debateu e inspirou mais água, depois boiou para cima novamente, ofegando em busca de ar.

— Opa, espere. — Firme e seguro, Noah colocou o braço ao redor da cintura de Sabrina e a arrastou para onde seus pés alcançavam o fundo.

Ele a trouxe contra seu tórax, a água batendo nos ombros dela. As sobrancelhas de Noah enrugaram-se enquanto ele batia levemente nas costas de Sabrina.

— Respire.

— Eu estou bem. — Ela tossiu, bem consciente da parede de músculos que a sustentava. Seu coração acelerou, enviando calor por todo seu corpo. — Você me assustou.

— Sinto muito, eu não pretendia pegá-la de surpresa. A testa de Noah franziu de preocupação. Ela sorriu e alisou a sobrancelha dele com a mão, incapaz de não tocá-lo. Os músculos do tórax de Noah contraíram ao toque da outra mão de Sabrina. Está tudo bem.

— Tem certeza? — Um brilho de provocação iluminou nos olhos dele. — Porque eu adoraria ajudar com uma respiração boca a boca, se fosse necessário.

Sabrina encheu-se de desejo. Por que será que ela sempre, perdia a cabeça quando ele a tocava? Alguma parte dela gritou em advertência, mesmo quando ela se apertou contra ele, seu braço curvado em volta do pescoço de Noah.

— Bem, agora que você mencionou, *estou* me sentindo um pouco... sem ar.

Ela pressionou a boca contra a dele, tão incapaz de parar quanto era de impedir seu coração de bater. Deslizando o outro braço ao redor do pescoço dele, ficou nas pontas dos pés, se abrindo para ele, alegrando-se ao toque da língua de Noah. Ele a beijou gentil e docemente, como se o tempo tivesse parado e tudo o que importasse era aquele beijo entorpecente.

A água ondulou ao redor deles. Uma gaivota gritou em algum lugar ao longe, O beijo continuou em uma dança lenta e vagarosa de línguas, dentes e lábios. O desejo aqueceu o sangue de Sabrina e endureceu seus mamilos. Ela se afastou, só para se fundir novamente na confusão extasiante.

Noah deslizou as mãos pelas laterais de Sabrina até a extremidade da parte de cima do biquíni. Um leve puxão e ele estava solto. Noah a tocou por debaixo d'água, massageando-a, enquanto sua boca continuava o tenro ataque.

Um gemido baixo escapou da boca de Sabrina enquanto Noah rolava seus mamilos entre os dedos. Um fogo líquido brotava entre as coxas dela. Inclinado os quadris ela se pressionou contra ele, contorcendo-se para chegar mais perto.

Alguma coisa atingiu a superfície perto deles com uma pancada forte e sonora, espirrando água sobre eles. E a pulou para trás, virando em direção à confusão. Noah moveu-se com ela, protegendo-a dos que estavam na praia embora a água a cobrisse.

— Desculpe, senhor. Esta foi muito longe. — Um menino, provavelmente por volta dos 10 anos, berrou da praia. Estava com água pelos joelhos, a uns cem metro deles. Outro garoto, bem menor, cobriu o rosto e foi andando para a praia, em direção a uma figura maternal.

Um disco flutuava na água perto deles.

— Aqui estou eu, perdendo meu biquíni de novo. — Aflita, Sabrina torceu e puxou até colocar a vestimenta errante de volta no lugar. Mais que depressa, amarrou um nó, nas costas.

— Ei, atleta! Preste atenção. — Com um movimento ensaiado do punho, Noah lançou o disco que voou em um arco perfeito até o menino.

Confusão e frustração sexual agitaram Sabrina. Agora que Noah não a estava tocando, os alarmes em sua cabeça tocavam um pouco mais alto. Ao mesmo tempo, ela ânsia por mais do toque de Noah.

Ele se virou para ela.

— Desculpe, eu não pretendia me distrair dessa forma.

Ela deu de ombros, esforçando-se para parecer o mais casual possível. Estava completamente envergonhada. Tinha estado tão absorvida na luxúria que provavelmente não se lembraria de onde estava até que eles tivessem feito amor ali mesmo no Golfo.

— Está tudo bem.

Com um pequeno aceno, ele esticou a mão para ela.

— Venha, você está ficando um pouco vermelha. Está na hora de levá-la para

dentro.

Um tremor a sacudiu por dentro quando pegou na mão dele. Noah a estaria levando embora para terminar o que haviam começado? Ele a deixou livre tempo suficiente para pegarem seus pertences na praia. Quando ele já havia vestido a camisa e Sabrina amarrando a canga em volta dos quadris e pendurado a bolsa no ombro, ele segurou a mão dela outra vez.

Sabrina sentia seu coração pulsar nas orelhas enquanto eles passavam pela porta lateral e encontravam o elevador dos fundos. Muitas outras pessoas entraram com eles no elevador, molhadas da piscina ou sujas de areia da praia. As portas se abriram no andar dela e Noah apertou sua mão enquanto abria caminho para os dois por entre os outros passageiros.

Sabrina olhou rapidamente para trás enquanto as portas se fechavam. O que teria acontecido se tivessem ficado sozinhos naquele elevador? Fechou os olhos ante o pensamento, ao mesmo tempo em que o calor brotava nela.

— Chave?

Abrindo os olhos, ela sacudiu a bolsa para procurar entre seus pertences. Achou a chave no mesmo momento em que chegaram à porta do quarto. Parecia que toda a saliva tinha ido embora de sua boca no instante em que ela abriu a porta.

Ela se virou para Noah, dividida entre lhe dar um adeus precipitado ou arrastá-lo para a cama.

— Noah...

— Por que você não toma um banho, tira um tempinho para si mesma, e eu a encontro mais tarde?

— Oh... — Ela não deveria se sentir tão desapontada. Deveria estar aliviada. — Certo.

Ele abaixou a cabeça para plantar um beijo casto na bochecha dela e se virou para partir.

— Jantar?

Ele parou e virou para ficar de frente para ela.

— Com certeza.

— Olhe. Não estou com disposição para sair outra vez. Gostaria de fazer uma

coisa mais calma, se estiver de acordo.

— Por volta das sete?

Agora o alívio fluiu, fazendo com que um sorriso surgisse nos lábios dela.

— Às sete está ótimo.

Noah estremeceu quando se feriu novamente com a navalha. Ele exalou, se concentrando, à medida que guiava a lâmina ao redor do queixo.

— Você só vai fazer companhia para ela, camarada, animá-la, só isso. Não é um encontro.

Franziu a sobrancelha diante de seu reflexo. A verdade era que ele não confiava em si mesmo sozinho com Sabrina, não com a memória do doce corpo dela o assombrando. Rangeu os dentes e expulsou a imagem de sua mente.

Ela não estava certa se queria Noah e, admitindo ou não, ela não queria ter um caso. Queria o que ele não podia lhe dar: um final feliz.

Ele enxaguou a navalha e a colocou de lado enquanto esfregava o rosto com uma toalha. Sabrina tinha estado tão tristonha hoje. De alguma forma, conhecer Megan e seu irmãozinho tinha extinguido o brilho nos olhos dela.

Noah havia se sentido estranho, ficando ao lado de Sabrina e observando aquele bebê. Ele realmente nunca tinha notado bebês. O garotinho era tão novo, tão inocente.

Sacudindo-se, Noah vestiu o *short* caqui e a camisa pólo. Tinha tomado a liberdade de solicitar serviço de quarto a ser entregue no quarto de Sabrina. Na verdade, tinha ficado aliviado quando ela sugeriu que não saíssem. Pelo menos não ficaria afastando nenhum pretendente.

Ele franziu o cenho novamente. Ela parecia ter abandonado seu plano louco. Isso era bom. Então, por que o estômago dele estava dando um nó?

Colocando as incertezas de lado, chegou a porta de Sabrina. Ela atendeu prontamente à batida de Noah. Havia prendido o seu cabelo a esmo no topo da cabeça, e alguns fios perdidos lhe roçavam as bochechas e a nuca. Vestia um *short* com fendas e uma frente-única azul que acentuava a cor de seus olhos. Uma camada de esmalte rosa nas unhas dos dedos dos pés completava o traje.

Noah engoliu, o sangue esquentando. Talvez os dedos dos pés não fossem tão seguros.

— Oi.

— Oi. — Ela sorriu, e recuou para que ele pudesse entrar.

Uma música lenta tocava no rádio à mesa-de-cabeceira de Sabrina. A porta corrediça estava aberta, deixando entrar uma brisa suave e o quebrar distante das ondas. O poente enchia o céu de ricos tons de laranja e vermelho. Ela pedira que o serviço de quarto arrumasse o jantar deles em uma pequena mesa de frente para tal paisagem. Ela entregou-lhe uma taça de vinho.

— Obrigada por ter feito o pedido. Ele meneou e a seguiu enquanto ela saía para a saca

— É tão calmo aqui. — Ela contemplou o horizonte. Assistiram ao pôr-do-sol em silêncio. O olhar de Noah passeava por Sabrina. De alguma forma, a beleza espetacular do momento parecia aumentar a melancolia dela. Ele segurou a grade, sentindo-se inútil. Como poderia devolver o brilho dos olhos dela?

Ela se virou para ele depois que as últimas fagulhas vermelho dourado enfraqueceram e as primeiras alfinetadas de luz brilharam no pálido escurecimento.

— Com fome? — perguntou ele. Concordando, ela o conduziu até a mesa. O aroma de frutos do mar marinados subia dos pratos. Noah desdobrou o guardanapo.

— Sabe, eu adorei este fim de semana.

— Estou um pouco surpresa de Cliff não ter aparecido.

— Cliff? Você acha que ele viria atrás de você? Ela o fitou.

— Ele poderia, se percebesse que nós dois sumimos ao mesmo tempo.

Movendo-se desconfortavelmente, Noah sorveu um gole de vinho.

— Como ele saberia onde procurar?

— Eu sempre falei desta região... mas posso estar errada. Ele está tão envolvido com Mona e o casamento por esses dias. — Deixando escapar um suspiro pesado, ergueu o copo novamente até os lábios.

Noah acenou com a cabeça, mas um sentimento de desconforto o tomou.

— Dança comigo? — Sabrina levantou e estendeu a mão para ele. O rádio sussurrava uma melodia suave.

O olhar triste e esperançoso nos olhos dela o fez ficar de pé. A lua tinha subido, lançando um brilho suave. Eles Coram para a sacada, e ela deslizou para os braços dele. O cheiro fresco de Sabrina o envolveu. Ela cheirava a sabonete e mulher.

Ela encostou a cabeça no ombro dele, e Noah inalou aquela essência que era só dela. Ela aconchegou o corpo macio no dele, deixando todos os nervos de Noah totalmente em alerta.

Nós não vamos ter um caso.

O pulso dele acelerou. Murmurou o nome de Sabrina no cabelo dela. Deveria se afastar. Deveria ir embora. A mão dele acariciou as costas nuas dela.

Os dedos dela se prenderam da parte da frente da camisa dele. Ela virou o rosto para o dele. A respiração dela vibrou sobre as bochechas dele, então os lábios se roçaram. Quando Sabrina pressionou a boca contra a de Noah, ele ignorou sua consciência gritante e a beijou.

Ela gemeu, se apertando nele, enquanto Noah aprofundava o beijo. Ela se abriu para ele, permitindo acesso a toda doce cavidade de sua boca deliciosa. A língua dela golpeou a dele com tanta ânsia que o coração de Noah disparou. Ela tinha sabor de vinho e Sabrina — uma combinação irresistível.

Ele deixou as mãos vagarem coluna abaixo até a curva firme do bumbum. Com um gemido próprio, ele a segurou, erguendo-a, ajustando-a à parte dele que desejava preenchê-la.

Ela se moveu contra ele, suspirando o nome dele em seu ouvido. O desejo estremeceu o corpo de Noah. Chegando para trás, ela pegou o rosto dele entre as mãos o olhar dela o prendeu.

— Faça amor comigo, Noah.

Ele ficou imóvel. O sangue corria nas orelhas. Por que ele poderia sofrer ao deixá-la, mas naquele instante não poderia negá-la, da forma como ela o contemplava. Ao menos tinha encontrado uma forma de colocar o brilho no olhar de Sabrina novamente.

Sabrina tomou um fôlego longo, o coração acelerando Deixou o olhar vagar pelos lábios de Noah antes de voltar aos olhos dele. O desejo reluzia do fundo deles. A pulsação dela acelerou.

— Vamos entrar.

Ele virou para erguê-la nos braços. A expectativa tomou conta dela enquanto Noah a carregava para a cama; Ele a colocou de pé, deslizando-a pelo corpo e tomando sua boca em um novo beijo ardente. Ela acariciou as costas dele enquanto os lábios de Noah deixaram os de Sabrina para lambiscar um caminho ao longo do pescoço dela.

— Sabrina... — Ele segurou os seios dela através da blusa e passou os polegares pelos mamilos enrijecidos. — Você não sabe o que faz comigo.

Ela suspirou e puxou a camisa dele para fora da calça.

— Acho que faço idéia.

— Eu quero ver você... toda. — Ele tirou a camisa e olhou para ela, os olhos escurecidos de desejo.

Com os dedos tremendo, ela tentou desabotoar os botões nas costas.

— Vire-se. Deixe-me ajudá-la. — Ele foi para trás dela, para sentar na beirada da cama.

Ela virou. As articulações dele roçaram as costas dela enquanto ele soltava os botões ao mesmo tempo em que ela soltava o nó no seu pescoço. O coração dela acelerou quando a blusa deslizou para o chão.

Noah colocou os braços em volta dela e sua boca passou pelas costas até a lateral de Sabrina. Ele correu as mãos para cima para massagear os seios dela.

— Olhe como você é linda.

Ela levantou os olhos. Seu coração disparou à visão refletida no espelho pendurado do outro lado. Os dedos bronzeados de Noah contrastavam com a pele alva de seus seios. Ela abafou um gemido, incapaz de desviar o olhar, enquanto ele acariciava seus mamilos intumescidos.

— Agora este. — Noah desamarrou o *short* dela e puxou-o até os quadris de Sabrina.

O calor apossou-se dela quando virou para olhar para ele, vestindo nada mais que uma calcinha branca de algodão. O olhar dele passeou por ela. Noah enganchou o dedo no elástico da cintura dela.

— Você inteira. — Com um movimento suave, deslizou a vestimenta pelas

pernas de Sabrina.

Ao retirar a calcinha, ela apoiou as mãos nos ombros de Noah. A pele dele estava quente e macia sob os dedos dela, os músculos duros e bem definidos. Mais uma vez, o olhar dele a percorreu, enviando ondas de calor para baixo da barriga dela.

— Primoroso. — Ele correu a mão pelos quadris dela até os seios. Mais uma vez, passou o polegar pelo mamilo intumescido. Então, inclinando-se para a frente, ele a capturou com a boca.

— Noah. — Ela afundou os dedos no cabelo dele, enquanto ondas de desejo se formavam dentro dela. Assim como antes, a resposta de seu corpo era imediata. A umidade formava-se entre suas coxas, a ânsia naquele ponto se intensificando a cada sugada da boca de Noah.

Quando ele se dirigiu ao outro seio dela, Sabrina ofegou, excitada quase além do suportável.

— Preciso que você... me toque.

Noah ergueu-a e a deitou na cama. Se não estivesse tão excitado, talvez tivesse rido. Ela sempre tinha sido incrivelmente corajosa, apesar de sua inocência. Deus, ela era linda. Roçou a palma da mão pela barriga acetinada dela, saboreando o toque macio e firme dela.

— Mas eu estou tocando você. Ela mordeu o lábio. Suas bochechas coraram.

— Sim, eu percebi... e eu gosto do jeito como está... me tocando com as mãos... e a boca. Mas... eu estou... ardendo.

Ele sorriu, inundado com orgulho masculino, e lhe roçou a barriga com o rosto. Ele poderia ensinar uma coisa ou duas a ela sobre arder de desejo. Depois de mergulhar a língua no umbigo dela, ele levantou a cabeça.

— Aqui?

Ela se contorceu, os dedos presos no cabelo dele. Sabrina molhou os lábios. O rubor em suas bochechas ficou mais forte.

— Mais para baixo. Ele exalou. Com o olhar preso no dela, permeou os dedos pela confusão dos cachos dela. O coração de Noah pulsava enquanto o corpo de Sabrina tremia e ela ofegava.

Ele parou, mas ela balançou a cabeça, encorajando-o a continuar. Afastando-lhe

as pernas, ele escorregou para baixo para explorá-la de modo mais íntimo. Ele inspirou o cheiro de mulher dela e a tocou.

Sabrina gemeu, levantando os joelhos para garantir a Noah melhor acesso.

— Estou tão... tão quente.

Um riso sufocado ficou preso na garganta de Noah. Ele também estava um pouco inflamável. Mergulhou a cabeça para saboreá-la.

Ela se inclinou contra ele. Os ruídos sensuais que fazia criavam ondas de desejo dentro dele. Ela respondia a todo toque, todo movimento da língua dele. Noah a amou com a boca e com as mãos, procurando tesouros escondidos enquanto saboreava sua doçura.

Ela inclinou os quadris e o dedo dele deslizou para dentro dela. Sabrina era tão apertada. Ele olhou para cima. Os olhos dela estavam vidrados, os lábios separados. Ele empurrou mais fundo dentro dela, reivindicando-a, exaltando por saber que nenhum outro homem a havia tocado desta forma.

Beijou-lhe o interior da coxa. Sabrina suspirou quando ele colocou a boca novamente sobre ela, provocando-a com a língua e os dentes. Ele deslizou um segundo dedo para dentro dela para se juntar ao primeiro, golpeando-a até que ela começasse a gemer e seus adoráveis seios subissem e descessem com a respiração ofegante.

Ele colocou a outra mão embaixo dela para apertar suas nádegas firmes, enquanto a erguia novamente até a boca. Ele gemeu, perdendo-se no sabor e na sensação dela.

Ela se movia de encontro a ele. Um gemido baixo rasgou a garganta de Sabrina, então ela enrijeceu e gritou. Ele a agradou com a língua e a introdução firme dos dedos enquanto os quadris dela arqueavam para cima.

Só depois que ela se acalmou foi que ele se virou para o lado e a tomou nos braços. Beijou-lhe o cabelo e acariciou-lhe as costas, enquanto ela permanecia agarrada nele. Por um bom tempo, ele a segurou, e um calor estranho se espalhou por dentro dele.

Surpreendentemente, o olhar de anseio que Sabrina tinha ao olhar aquele bebê na praia inundou Noah novamente. Ele engoliu em seco. Ela queria tanto. Merecia o homem que pudesse lhe dar o pacote completo. Ele beijou o topo da cabeça dela. O arrependimento que havia sentido mais cedo voltou com mais

ímpeto. Se ao menos e fosse o tipo para casar.

A culpa veio na esteira do arrependimento. Ele devia deixá-la agora. Não tinha de ficar com ela desta forma, que não podia se entregar para sempre.

Ela se mexeu, sorrindo para ele, o brilho dançando nos olhos. Bateu os dedos no tórax dele.

— Acredito que agora é a sua vez. Abaixando a cabeça, ela lambeu o mamilo dele e quanto a mão vagava pelo estômago abaixo. Ele engoliu em seco. Se tivesse um grama de honra, ele a faria parar. Ela beijou-lhe um caminho pelo tórax, a boca quente na pele dele.

Noah fechou os olhos.

— Sabrina, você não precisa fazer isso. Ela zangou-se em desaprovação.

— Vamos lá, eu deixei você fazer da sua forma comigo. Agora é a minha vez de encantar você.

Roçou os lábios sobre os dele e o beijou, a língua massageando a dele de uma forma que ele a puxava mais para perto. À medida que ela esfregava os seios contra o tórax nu de Noah, ele lutava para se controlar. De algum lugar, de alguma maneira ele precisava dragar alguma força de vontade.

Sabrina deslizou a mão pela parte da frente do corpo de Noah. Seus dedos vaguearam por cima do *short* dele. O desejo o queimou. Ele se afastou e tomou uma respiração falhada. Agarrando seus punhos, ele tirou as mãos dela do corpo.

— Talvez não seja uma boa idéia.

— Eu só quero tocar você. Quero que faça amor comigo.

Noah bufou e se soltou dela.

— Eu me preocupo com você, Sabrina.

— Eu também me preocupo com você, Noah. — Ela o segurou pelo rosto e o beijou com tanto calor e paixão que ele soube que não poderia se negar a ela.

Só uma última vez para lembrar e guardar, depois vou deixá-la em paz.

Ele a rolou para baixo dele, cobrindo-a com seu corpo. Saboreou a boca de Sabrina, catalogando cada gosto e textura enquanto suas mãos memorizavam as curvas do corpo dela. Uma reentrância aqui, uma curva ali. Mamilos macios e

sensíveis que ficaram de prontidão para cumprimentá-lo quando passou os dedos sobre eles em uma longa carícia de adeus.

Chegando para trás, ele se moveu. *E um lento beijo de adeus aqui.* Sugou o mamilo rosado, acariciando-o com a língua até que ela o puxou pelos ombros.

— Oh, Deus, Noah, não me faça esperar mais. Quatro mãos o despiram do resto das roupas com muita rapidez. Sabrina apareceu com um preservativo de algum lugar e ele se condenou por não ter sequer pensado nisso. Na pressa, ela rasgou o pacote. Os dedos dela tropeçaram nos dele enquanto ela o ajudava a desenrolar.

Noah encontrou o olhar de Sabrina enquanto deslizava para dentro do calor acolhedor dela. Sabrina se ajustava a ele tão firmemente que ele suspirou de prazer. Jamais seria tão bom assim novamente. O corpo dela tinha sido feito para o dele. Cada contorno era um complemento para a forma dele, envolvendo-o, acariciando-o, levando-o a um lugar de êxtase que ele nunca havia sonhado existir.

Os quadris dela encontravam os dele a cada investida. Seus gritinhos interrompidos aumentavam o desejo dele, apressando-o. Noah manteve o ritmo compassado, sem querer que o momento acabasse, suspendendo-os no fluxo de seu amor.

— Oh... oh... ooohh, Noah. — Ela se agarrou a ele, muito cedo, movendo-se contra ele, enquanto seu corpo entrava em convulsão a primeira vez, então de novo, e de novo em um orgasmo que roubou a respiração dele e ativou seu próprio clímax.

Ele estremeceu dentro dela, então caiu tremendo sobre Sabrina. Os músculos internos dela continuaram tremendo ao redor dele em pequenos abalos secundários enquanto ele ficava deitado, entorpecido. Um senso de ironia o preencheu. Como Deus tinha feito uma mulher tão perfeita fisicamente para ele, e tão emocionalmente fora do seu alcance?

Ela queria demais. Deus o ajudasse, ele simplesmente não era homem para ela.

Deslizou para fora dela, cheio de amargura e ressentimento. Nunca estaria à altura das expectativas dela. Este tinha de ser o fim da história.

— Tudo bem, então talvez nós *devêssemos* ter um caso.

— O quê? — Ele virou para ela, recobrando-se à visão dela.

Os olhos dela brilharam, as bochechas estavam rosadas, os lábios inchados pelos beijos dele. Parecia completamente amarrotada e completamente amada.

Nunca tinha estado tão bonita.

Ela se aconchegou mais para perto dele.

— Eu realmente poderia me acostumar com isso. O coração dele balançou.

— Sabrina, isso... não é o que você realmente quer.

— Eu sei que é isso que venho dizendo, que não é um caso, mas você está certo. Nós sempre acabamos juntos na cama. Deve ser um caso.

— Sabrina...

— Vai ficar tudo bem. Na verdade, o casamento será daqui a alguns dias e as festividades começam logo que voltarmos. Eu estava pensando, pode parecer estranho, mas... se estendêssemos isto até o próximo fim de semana, poderia ser realmente bem divertido.

— Sabrina, não podemos. Eu não posso. Não seria certo.

— Por que não?

Ele pegou a mão dela.

— Você não quer um caso. Você quer muito mais. E merece mais.

Ela fez um som exasperado.

— O que faz você pensar que sabe o que eu quero?

— Eu vi seu olhar hoje, com aquela menina e seu irmãozinho. É isso que você quer, querida.

Ela piscou, prendendo o lábio inferior entre os dentes. Então olhou em volta, agarrou o lençol e se cobriu.

— Nós concordamos em não criarmos laços.

— Sim, é verdade. Os lindos olhos de Sabrina embaçaram quando ela olhou para ele.

— Você acha que não posso fazer isso. Ter uma relação sem laços afetivos com você.

Ele passou os dedos pela bochecha dela.

— Acho que é da sua natureza ter sentimentos mais profundos que isso.

Ela piscou, como se estivesse lutando para não chorar.

— Por que me seguiu até aqui? Por que me salvou ontem à noite?

A garganta dele fechou. Ela voltava ao assunto.

— Eu já disse. Eu me sinto responsável por você.

— Responsável? — A voz dela foi sumindo enquanto falava.

Ele gesticulou com a mão.

— Toda aquela conversa de que eu havia liberada você. Se eu soubesse que você reagiria desta forma ao ser amada...

— Ainda assim você teria feito amor comigo. Você me quis. Acho que ainda me quer. Você só está com alguma idéia cavalheiresca na cabeça de que tem de ser nobre.

Nobre? Ele? Seu coração golpeou contra a caixa torácica. Claro que a queria. Ele a desejara desde o momento: em que entrou na sua loja e a encontrou com os quadris, balançando naquela dança sensual. Queria devorar sua boca quente e mergulhar tão fundo dentro dela que talvez nunca mais achasse a saída.

Mas ela era uma sonhadora. Uma sonhadora que acreditava em amor e "foram felizes para sempre". Não era, nada tão nobre quanto o cavalheirismo que o impedia de se comprometer em um caso. Era instinto de autopreservação.

Ele deixou o olhar cair até os lençóis amarrotados.

— Você me entendeu mal.

— Acho que não.

Ele olhou para cima e encontrou a boca de Sabrina à distância de um fio de cabelo da sua.

— Vamos ter um caso, Noah.

Uma profunda tristeza se abateu sobre ele.

— Não posso. Eu estaria prestando um grande desserviço a você.

— Não estaria, não. Eu posso agüentar.

Com um cansado balançar de cabeça, ele deixou o olhar vagar por sobre ela uma torturante última vez. O que tinha esta mulher que o tentava além da sua resistência? Dor e esperança reluziam nos olhos dela, perfurando o coração de

Noah. Ficar significava machucá-la mais.

O coração dele, se é que tinha um, estrondeou estupidamente.

— Não, Sabrina. Eu sinto muito.

Os olhos dela se arregalaram, mas ela não disse mais nada quando ele virou e juntou suas coisas. Ele se vestiu e foi embora, deixando a porta bater atrás dele. Inferno! Quando ele tinha desenvolvido uma consciência?

Capítulo Dez

Sabrina rolou, ficando de costas, e encarou o teto. Droga de homem. Como podia tê-la abandonado dessa forma? O, coração dela se contraiu.

Eu me preocupo com você, Sabrina.

Como poderia se preocupar com ela e partir? Um vírus no cavalheirismo dele. Não precisava que ele fosse nobre. Precisava dele nu ao lado dela, dentro dela.

Apertou o travesseiro e gemeu. Pensar que havia deixado que ele a tocasse e beijasse em todos os lugares. Com certeza, ele tinha dado a ela o que deveria ser o pai de todos os orgasmos. Muitas vezes. Fazer sexo com Noah tinha ultrapassado suas mais selvagens fantasias. Queria experimentar novamente o sentimento de liberação que tinham compartilhado na primeira noite. Suspirando, bateu com o travesseiro no colchão.

Quem ela estava enganando? Sabrina queria que ele se preocupasse com ela, realmente se preocupasse com ela. *Quero um homem que se preocupe comigo, que coloque minhas necessidades acima das dele, que queira me fazer feliz.*

Não era exatamente isso que Noah tinha feito?

Desde o começo, tudo o que ele fizera contradizia a imagem que ela fazia dele antes de se conhecerem. Noah, o arrebatador de mulheres, não poderia ter nem um osso de cavalheirismo nele, diferente do seu Noah, do Noah que ela conheceu na última semana.

Seu Noah. Sabrina fechou os olhos. Quando tinha começado a gostar tanto dele?

Aqui estava ela, tentando defender suas ações, até parecia que estava... se apaixonando por ele. Ela se endireitou, o coração estrondando.

Amor? Aquele sentimento doentio era amor?

Ela afundou na cama. Um caleidoscópio de memórias piscava à sua frente. Noah aparecendo do nada para beijá-la sem sentido na frente daquele idiota casado no avião. Noah chegando como um tipo de anjo vingador para libertá-la das garras do produtor questionável e sua equipe. Noah segurando-a, levando a ela prazeres como nunca tinha imaginado.

Eu me preocupo com você, Sabrina.

Ele tinha um modo engraçado de demonstrar isso.

O que tinha feito com que ela o seduzisse? Após a caminhada deles, ela havia decidido abandonar o plano. Ver Megan e seu irmãozinho a fez lembrar que ela não havia mudado o que queria da vida. Seduzir Noah não a teria levado nem um pouco mais perto de seus objetivos.

Convidá-lo para jantar tinha sido somente uma estratégia para lutar contra a depressão. Ele deveria ter feito companhia para ela. Então, a lua e o vinho, combinados com a irresistível atração que ela sentia por ele e seus hormônios estabanados, conspiraram contra ela.

Ela sabia como ele era desde o princípio. Ele não tinha feito nenhuma promessa a ela. Não a havia seduzido de nenhuma forma. Ela tinha sido tola de glorificar o comportamento dele. Noah tinha sofrido de um grave ataque de culpa, nada mais.

Rangendo os dentes, ela foi a passos largos até o banheiro, para abrir o chuveiro. Entrou debaixo da água quente. Com movimentos fortes, esfregou cada centímetro do seu corpo, como se pudesse lavar a memória do toque de Noah.

Você consegue fazer isso sem se envolver emocionalmente? As palavras de Bess rasgaram os ouvidos de Sabrina.

— Eu *não* estou emocionalmente envolvida! — Saiu do chuveiro e jogou a toalha em volta do corpo, as mãos trêmulas.

Sabrina cerrou os punhos e foi para o quarto se vestir, o olhar caindo nas cortinas que tremulavam com a brisa fina. O luar iluminava a pequena sacada,

lançando um brilho sedoso sobre a pequena mesa onde ela e Noah tinham* compartilhado o jantar.

Ela engoliu em seco. O olhar de Sabrina voltou para a cama, com o acolchoado desordenado e os travesseiros' amarrotados. O estômago dela embrulhou. Não consegui-s ria ficar ali. Nem por mais um minuto sequer.

Correu para o armário e arrancou a mala da prateleira de cima. Até onde sabia, esse caso estava acabado.

O avião mergulhou e nivelou, os motores vibrando em/ um zumbido constante. Sabrina virou para olhar pela janela escura. As nuvens tinham se movido para esconder a lua e as estrelas. Ela suspirou.

Após despertar o recepcionista cansado, ela tinha escapado de modo impetuoso do hotel. Dirigindo o carro alugado a toda velocidade, chegou à Cidade do Panamá em tempo recorde. Para seu profundo alívio, pegou o vôo de meia-noite para Atlanta.

Casa. O pequeno apartamento de Sabrina nunca lhe pareceu tão bom. Tinha combinado que um de seus funcionários abriria a livraria na manhã seguinte. Sabrina poderia dormir e lambar as feridas.

Fechou os olhos, descansando a cabeça no encosto alto do assento. Seus membros pareciam muito pesados para se movimentar. Ela fez uma careta. Os músculos internos de sua coxa e nádegas estavam doloridos, sem dúvida por causa de sua acrobacia de antes com Noah, e por alguma razão inexplicável seu peito doía.

— Sabrina?

Ela acordou com a voz masculina. Seu pulso acelerou. Um estranho de cabelos escuros tinha passado despercebido para o assento ao lado dela. Pelo menor milissegundo, ela nutriu a esperança de que Noah a tivesse seguido.

Mas este homem a investigava com olhos claros, azuis, e seu cabelo tinha um toque ruivo. Ela se endireitou.

— Eu o conheço? Ele balançou a cabeça.

— Ainda não nos conhecemos, mas eu já ouvi tudo a seu respeito.

Ela levantou a cabeça, franzindo o cenho, enquanto ele procurava alguma coisa nos bolsos do casaco. Após um momento, o rosto dele brilhou.

— Ah, aqui está. — Ele segurava um envelope amassado.

— Desculpe, eu não...

— Meu nome é John Dalton. Eu sou como um parente da Mona. Ela me pediu para ir ajudar a resolver alguns pequenos problemas para o casamento.

— Então, você é parente da Mo... *tio John*. Você é o *tio John* da Mona? — Ela olhou para ele com desconfiança.

O homem não poderia ter mais que 35 anos.

— Como pode ser?

Ele riu e o sorriso transformou sua aparência comum. Os olhos dele brilharam e o rosto ficou mais atraente. Sabrina ficou chocada. Ela estava paquerando o tio da Mona.

John abriu o envelope enquanto explicava.

— Minha irmã, que é uns bons dez anos mais velha que eu, casou-se com o pai da Mona, que é uns bons doze anos mais velho que minha irmã.

— Sua irmã é madrasta da Mona.

— Então, nós não somos parentes consangüíneos, mas já que tínhamos idades parecidas, e como ela não tem mais ninguém na família, eu e Mona simplesmente resolvemos assim. Ela achou que seria engraçado me chamar de tio. Acho que pegou.

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu sempre estive por perto para ajudá-la a se organizar. Não me surpreendeu quando ela me pediu que viesse antes.

Entregou a Sabrina a fotografia que havia retirado do envelope. A foto era dela, Cliff e Mona. O garçom tinha batido a foto para eles quando saíram para jantar uma noite. Mona e Cliff sentados juntos aconchegados, sorridentes, enquanto Sabrina se empoleirava reprimida do outro lado.

Devolveu a foto a John.

— Ela foi tirada no Blarney's. É um barzinho onde eu e Cliff costumávamos ir.

— Ela fechou a boca, surpresa com o ressentimento contido em sua voz.

A atenção de John continuou na fotografia.

— Eu gostaria de ter estado lá. — Ele levantou a cabeça. Seu olhar conectou-se com o de Sabrina. — Eu não teria deixado você se sentir deslocada.

— Eu... — Sabrina caiu para trás no assento.

Como ele tinha feito isso? Ela tinha estado desgostosa por meses, incapaz de admitir para si mesma o motivo. John tinha acertado na mosca. Ela tinha se sentido deslocada. Desde que Mona havia entrado na vida de Cliff, Sabrina vinha se sentindo estranha.

Ela investigou o novo companheiro.

— Então, você está indo a Atlanta a esta hora.

— Estou pensando em levar minha empresa para lá. Eu queria ter um pouco de tempo para encontrar alguns dos meus contatos e verificar a área. E tem o casamento, é claro.

— Que tipo de negócio?

John enfiou a foto no envelope e o guardou no bolso de trás.

— Propaganda. Eu já passo uma boa parte do meu tempo em Atlanta.

— Por que este vôo da madrugada? Ele encolheu os ombros.

— Foi o melhor que consegui conciliar com minha agenda. Eu poderia perguntá-la o mesmo.

Sabrina bufou.

— Você não quer saber.

Ele se inclinou mais para perto. Sua água-de-colônia envolvente girou ao redor dela. Um olhar de simpatia encheu os olhos de John.

— Claro que quero.

Algo nele a fez seguir adiante. Talvez fosse sua sinceridade, ou seu olhar empático, ou talvez o fato de que apesar de ser um completo estranho, ele conseguiu extrair uma reação verdadeira dela. Conversar com ele era tão confortável quanto conversar com Bess. O que quer que houvesse em John Dalton, ele fazia Sabrina sentir-se segura.

A chance de desabafar foi irresistível. Ela contou tudo a ele. Claro que deixou de lado qualquer menção sobre as emoções intensas que tinha experimentado durante o fim de semana. Ao explicar sobre o plano e seu fracasso absoluto,

uma luz de lamento se derramou na vida dela.

A depressão de Sabrina estava mais pesada que nunca. Noah poderia estar certo? Será que o amor verdadeiro era somente uma invenção de sua imaginação? Será que ela nunca acharia o "Homem Certo"?

John bateu de leve na mão dela, as sobrancelhas arqueadas em compreensão.

— Eu sei que é difícil enxergar isso agora, mas foi melhor assim. Você vai encontrar alguém que mereça, alguém para amar, que amará você de volta.

Sabrina estreitou o olhar para John.

— Você acredita no amor?

Ele a olhou por um longo momento, depois meneou, alguma coisa morna brilhando nos olhos dele.

— Pode-se dizer que sou uma pessoa crédula.

— Então, você já o experimentou em primeira mão? O calor nos olhos dele pareceu brilhar e crescer, deixando Sabrina perplexa.

— Eu acho que a resposta seria sim.

Ela o fitou por um momento, ficando tensa sob o olhar dele. Não era possível que todo aquele calor fosse direcionado a ela. A lembrança de uma outra mulher certamente fez brilhar aquele olhar morno.

Suspirando, Sabrina virou-se para contemplar através da janela enquanto luzes brilhavam ao longe, embaixo deles. Estavam chegando ao destino.

— Você tem sorte.

— Esta noite eu tenho.

Ela virou para dar a ele um olhar de indagação.

— Estava morrendo de vontade de conhecer você desde que Mona me enviou aquela fotografia. Não pude acreditar quando a vi. Deve ser o destino.

Uma sensação de desconforto correu por ela. *Destino*. Ela franziu a testa.

— Talvez não haja destino. Talvez não haja nenhum poema ou motivo para o universo. O mundo e nossas vidas são governados pelo caos e por acontecimentos fortuitos. Nada importa. Nada que fazemos ou acreditamos é significativo.

— Eu tinha ouvido que você era uma romântica inveterada. Isso não me pareceu muito romântico.

O piloto anunciou que estavam chegando ao aeroporto. Sabrina brincou com o cinto de segurança.

— Talvez eu tenha finalmente criado juízo.

— Oh, eu espero que não. — O comentário foi tão suave, que ela não teve certeza se tinha ouvido.

O avião começou a descer e ela virou para ele.

— Não me diga que você é um romântico de verdade?

Um sorriso lento encurvou os lábios de John, e ela não pode deixar de reparar novamente como isso o transformava. Ele faria alguma mulher feliz.

— Sou conhecido por declamar uma linha ou duas de poesia.

— Verdade? Poesia? — Apesar da melancolia, o coração dela baqueou.

— E eu definitivamente acredito em finais felizes, então, se isso faz de mim um romântico, eu me declaro culpado.

Sabrina apurou a cabeça e o avaliou. Era bom demais pura ser verdade. Ele acreditava no amor e "viveram felizes para sempre". Se ela pudesse ter projetado o homem perfeito para ela, John poderia ter sido ele.

O avião atingiu a pista e planou até parar. Ele apertou a mão dela.

— Isso foi muito bom, Sabrina. Não importa o que você diga, eu acredito que o destino nos uniu neste vôo.

Ele inclinou a cabeça de forma pensativa.

— Você vai almoçar comigo amanhã... — Olhou para o relógio. — Quero dizer, hoje, não vai?

Ela engoliu ante a esperança aparente nos olhos dele. Como poderia rejeitar um sujeito que acreditava em finais felizes?

— Com certeza. — Ela ignorou o modo como seu estômago se retraiu. — Almoço seria ótimo.

A porta do elevador abriu. Noah endireitou os ombros e olhou para o longo corredor que conduzia ao conjunto de escritórios que ele dividia com Cliff.

Respirando fundo, ele pisou sobre o caminho acarpetado. Tinha gastado boa parte da manhã na viagem de volta, mas ainda poderia trabalhar algumas horas. Tinha tempo para fazer algumas transações. Além disso, quanto mais cedo ele encarasse o sócio, melhor.

A caminhada até as portas de vidro duplo levou um tempo incomum. Noah parou com a mão na maçaneta metálica. Uma luz fluorescente brilhava no letreiro dourado com o nome de Cliff e depois o seu.

A culpa queimava o estômago de Noah. Quando ele tomou um tombo em Denver, Cliff o recebera de volta sem perguntar nada, acolhendo-o de braços abertos. Então, menos de um mês depois, a irmã dele havia feito o mesmo. Só que Sabrina tinha feito isso literalmente.

Faça amor comigo, Noah.

Com a expressão firme, ele empurrou a porta. Agora não era hora de chorar o que passou. Tinha trabalho a fazer. Sem dar sequer uma olhada para os lados, ele andou a passos largos, passando pela mesa da recepcionista, em direção ao isolamento de seu escritório.

— Noah! Graças a Deus você está aqui. — Tiffany, recepcionista e secretária dos dois, surgiu na frente dele, a mão cheia de pequenos bilhetes. — O sr. Cramer insiste que você telefone para ele imediatamente. Já ligou três vezes. Alguma coisa sobre a divisão de ações da Home Depot e...

— Obrigado, Tiffany. — Ele arrancou a pilha de mensagens da mão dela e recuou em direção ao escritório, as têmporas pulsando.

— Hum, e Cliff disse que se você tivesse, uh, colhão de aparecer, ele queria vê-lo imediatamente... no escritório dele.

Noah parou e girou nos calcanhares. Tiffany mordeu os lábios. As sobrancelhas bem-feitas dela arquearam até a linha de contorno do cabelo.

— Ele parecia um pouco transtornado. Está tudo bem?

— Ótimo.

— Oh... devo pegar café para você? Ele balançou a cabeça.

— Não, obrigado. Acho que devo resolver isso de uma vez.

Um momento depois, Cliff respondeu à batida à porta com um afiado "Entre".

Ele olhou para cima quando Noah entrou. Seus lábios tremeram e seus olhos se estreitaram à medida que ele empurrava a cadeira para trás e ficava de pé.

— Diga-me, velho amigo, o que foi isso de você e minha irmã sumirem da festa dela quase ao mesmo tempo, depois ficarem incomunicáveis pelo resto do fim de semana?

Noah plantou os pés separados.

— Oi, Cliff.

— Você não pôde deixá-la em paz, não é? Tinha de fazer mais uma marca na sua cabeceira, não é?

— É verdade, eu não achei que poderia deixá-la...

— Eu sabia. Você a arruinou!

Uma risada seca saiu da garganta de Noah. Como se alguma coisa pudesse arruinar Sabrina. A mulher era perfeita em todos os sentidos.

— Arruiná-la? Não nos dias de hoje, não com a idade dela.

— Que droga, Noah! Como você pôde? — Cliff moveu-se para a frente dele. O estômago de Noah se apertou ao brilho de angústia nos olhos do sócio. O cara realmente se preocupava com a irmã.

— Ela é uma mulher crescida. Você tem de deixá-la viver sua própria vida.

— Mas ela é minha irmã, pelo amor de Deus.

— Olhe, não existe nada entre nós.

— Quer dizer que vocês não...

— Quero dizer que ela é especial, como você disse. Ela merece alguém que vá tratá-la corretamente.

Cliff o encarou por um momento. Sentou-se na beirada da mesa, os braços cruzados sobre o peito.

— Então, você não está dormindo com ela? Noah balançou a cabeça.

— Não. — *Ao menos, não mais.*

Por um longo tempo, Cliff encarou Noah, os olhos estreitos. Então encolheu os ombros.

— E como foram as coisas com Darcy?

— Darcy?

Parecia ter sido há um milhão de anos que tinham conversado sobre ela pela primeira vez. Ele realmente tinha estado interessado? Parecia duro entender que ele tinha aceitado a mulher como suborno para sair com Sabrina. Ele se sentou em uma cadeira na frente de Cliff.

— Olhe, eu apreciaria se você contivesse seu instinto casamenteiro no futuro.

— Você não ficou com Darcy? Mas eu pensei...

— Eu mudei de idéia.

Cliff o encarou novamente.

— Então, o que você fez neste fim de semana?

Noah sacudiu a cabeça. Como poderia explicar o tempo que passou com Sabrina?

— Sabrina descobriu tudo sobre nosso acordo com Darcy. Eu não sei, ela deve ter escutado alguma coisa. Ficou transtornada e deixou a festa. Eu fui atrás dela. Tinha de explicar. — Ele fez uma pausa. Não havia sentido em revelar tudo a Cliff. Só o aborreceria. — Eu acabei a seguindo até o aeroporto para tentar falar com ela.

Noah levantou-se e afastou-se.

— Ela estava planejando algum tipo de caso de fim de semana. Não queria ouvir a voz da razão. Então um cara deu em cima dela. Eles embarcaram juntos... Eu não podia deixá-la fazer qualquer coisa precipitada. Eu os segui.

— Um caso? Ela deixou um sujeito estranho pegá-la dessa forma?

Noah o encarou e meneou.

— Depois houve um jovem patife na praia e um sujeito mais velho no bar.

— Meu Deus. — A face de Cliff tinha ficado pálida. — Ela não fez... você sabe... com nenhum deles?

— Não.

— Tem certeza?

— Sim. Eu mantive o olho nela. Por que diabos eu a teria seguido? — A meia verdade caiu pesada no estômago dele. Tinha se mantido fiel à verdade... na

maior parte do tempo.

— Por quê, afinal? — Por um momento, Cliff o encarou, os olhos apertados. Então ele se moveu. — Eu sei que virgens não fazem o seu estilo, mas depois que vocês dois desapareceram... bem, eu pensei que com certeza...

Noah fitou o vazio à sua frente, a culpa contorcendo-lhe as entranhas.

Cliff apoiou-se na escrivaninha.

— Então, está preparado para esta semana?

— Esta semana?

As sobrancelhas de Cliff arquearam.

— O chá-de-panela, ensaio na igreja, jantar de ensaio... o dia do meu casamento. Você ainda é o meu padrinho, não é?

A sensação ruim cresceu dentro de Noah. O casamento de Cliff. Como poderia ter se esquecido?

— Claro, eu não perderia.

— Ótimo. Para ser honesto, eu só quero terminar logo com isso.

Noah ficou de pé.

— Eu preciso trabalhar.

Com um rápido olhar para o relógio, Cliff balançou a cabeça.

— Tenho um cliente que está para chegar. Acho que é melhor eu ir trabalhar também.

Meneando, Noah virou-se em direção à porta.

— Não trabalhe muito duro, entretanto. Mona me culpará se você aparecer exausto no casamento. Ela quer tudo perfeito. Não pode haver um padrinho cansado.

Olhando por cima do ombro, Noah apertou o punhado de mensagens.

— Tenho algumas ligações a fazer.

Cliff assentiu com a cabeça e Noah virou-se novamente para partir. Talvez se ele se concentrasse no trabalho, esqueceria o último fim de semana. Estalou o queixo e rumou ao escritório. De alguma maneira, tinha de esquecer Sabrina e o fato de que ele a veria durante toda a semana. Se passassem mais uma vez pela

sua mente aquelas horas gloriosas que havia passado ao lado dela, ele ficaria louco ou, pior, imploraria para ela terminar o que eles haviam começado.

— Você teve um fim de semana de aniversário agradável? — Libby emergiu de um corredor, os óculos de leitura na ponta do nariz, um livro de capa dura na mão.

Sabrina parou a caminho do escritório. Estava extremamente atrasada. Perdera a noção da hora enquanto almoçava com John.

— Oi, Libby — ela suspirou. — Foi tudo bem. Como foi o seu fim de semana?

— Fomos a uma festa no Shady Grove. Eu ensinei os Petersons a dançar tango.

— Os olhos dela se arregalaram. — Você gostaria de aprender?

— Uh, não, obrigada. — As bochechas de Sabrina se aqueceram. Ela teria estado muito melhor se não tivesse aprendido a última dança de Libby. Ficou mortificada ante à memória de ter dançado para Noah e os resultados desastrosos.

Libby viu suavemente.

— Foi muito ruim, querida?

A campainha da porta tocou. Trish, o funcionário de meio expediente, acenou pela loja enquanto se dirigia para cumprimentar o cliente que entrou. Voltando para Libby, Sabrina suspirou.

— Foi... desastroso.

— Você não foi para a Flórida para se mimar?

— Não vale a pena relembrar. Não tenho energia para isso.

— Sinto muito. Não pretendia fazer uma inquisição. Você só não está com a sua tagarelice habitual.

Uma resignação entorpecida recaiu sobre Sabrina.

— Acho que vou passar por um período de ajuste filosófico.

— Oh, isso parece sério. Guarde suas coisas e me encontre no canto de leitura. Vou preparar chá para nós duas.

Sabrina abriu a boca para protestar enquanto Libby se afastava, mas mudou de idéia. Trish poderia atender ao pequeno número de clientes que entravam, e os pedidos na mesa de Sabrina continuariam ali. Além do mais, tomar chá com

Libby era classificado como boa relação com os clientes.

Pouco tempo depois, ela se acomodou à frente de Libby em uma das poltronas que não combinavam, na parte de trás da loja. O vapor subia da caneca que Libby a entregou. Sabrina inalou o odor cítrico.

Libby se inclinou em direção à caneca.

— É chá de laranja. Agora, me conte sobre esse ajuste filosófico.

Sabrina tomou um gole da bebida calmante.

— Minha experiência durante o fim de semana me levou a repensar minhas idéias sobre o amor verdadeiro.

— Ah, o amor verdadeiro. Um tópico com o qual estou muito bem familiarizada. Então, a que conclusão chegou?

Uma risada amarga emergiu da garganta de Sabrina.

— Que toda a minha idéia romântica de achar o amor verdadeiro não foi nada além de tolice.

Libby franziu a sobrancelha.

— Oh meu Deus, isso é sério. Eu diria que você teve um interlúdio romântico que foi menos que satisfatório.

Gemendo, Sabrina segurou a cabeça com as mãos.

— Oh, Libby, eu fui tão idiota. Realmente achei que ele era o "Homem Certo".

— Ela levantou a cabeça, sorrindo amargamente. — Entretanto, eu devo dizer que em certos aspectos ele foi *extremamente* satisfatório.

— Ah. — As sobrancelhas de Libby levantaram em entendimento. — Bem, você sabe, querida, sexo extraordinário é certamente parte de um relacionamento de amor verdadeiro. No momento em que vi o meu Henry, as fagulhas começaram a voar. Quando dançamos, eu soube que seríamos ótimos juntos. Quando nós realmente fizemos sexo... bem, eu soube sem dúvidas que ele era o homem certo. Eu posso não ter querido admitir na hora, mas lá dentro de mim eu sabia.

— Como... como você soube? — Sabrina inclinou-se para a frente, ansiando pela resposta de Libby.

Uma luz brilhou nos olhos da mulher mais velha.

— A Terra tremeu.

Com um suspiro, Sabrina jogou-se para trás na cadeira. A *Terra tremeu*. Ela entendia isso. O que ela e Noah tinham experimentado se qualificava como uma saída dos eixos.

— Eu entendo, mas o amor não é só físico.

— Claro que não, mas muitas vezes, especialmente se os envolvidos forem honestos sobre as coisas, o físico vem primeiro. E o resto cresce daí.

— Ou é somente físico e tudo cai por terra. Libby a olhou de forma cortante.

— Você tem de perseverar! Ninguém disse que seria fácil. Só porque é amor verdadeiro não significa que tudo cairá do céu. Às vezes você tem de batalhar.

A frustração ondulou por dentro dela.

— Eu não posso. Ele... ele me dispensou. — Os cantos da boca de Sabrina caíram com a memória dolorosa.

— Tolice. Eu dispensei o Henry pelo menos uma dúzia de vezes.

Sabrina piscou.

— Você fez isso?

— Eu não era muito confiante. Já tivera meu coração partido uma vez. Só queria um relacionamento físico, mas sabia que Henry queria mais. Ele merecia mais.

— Você está falando como o sujeito que me dispensou. Ele disse que não poderia me dar tudo o que eu merecia. — Um nó cresceu na garganta de Sabrina.

— Bem, meu Henry simplesmente se recusou a desistir. Ele persistiu até botar abaixo a minha resistência. Como eu disse, eu estava atraída por ele desde o início, mas tinha medo de confiar e me casar com ele. — O lábio dela tremeu. — Mas ele me desarmou.

Os olhos dela assumiram aquele olhar distante.

— Eu me lembro do dia em que aceitei a proposta dele.

Ela ficou quieta e o coração de Sabrina inflou. Libby merecia o Henry dela.

Depois de um momento, Libby piscou e voltou para Sabrina.

— Ele virá atrás de mim. Eu não sei o que o está impedindo, mas ele é o homem mais persistente da face da Terra. Ele virá aqui um dia desses e terá uma

maldita desculpa.

A garganta de Sabrina ardia com tanta força que ela mal conseguiu falar. Inclinou-se para dar um tapinha de leve na mão de Libby.

— Nós vamos perseverar, Libby. Nós vamos perseverar.

Capítulo Onze

Sabrina passou os dedos pelo copo de vinho e olhou em volta no Blarney's. O bar estava quieto esta noite, com apenas alguns poucos clientes espalhados e reclinados sobre as mesas. Um relógio que mostrava o logotipo de uma cerveja popular brilhava na luz escura.

Onde estava Bess? Sabrina estava quase estourando de necessidade de falar com ela. Quem melhor que Bess para entender seu remorso sobre ceder a seus anseios físicos por Noah, um homem que era completamente errado para ela?

Bess saberia o que dizer para aliviar a náusea que havia se instalado no estômago de Sabrina. Falar com ela seria um tremendo alívio. Talvez tudo o que Sabrina precisava era derramar toda a sua história sobre o fim de semana horrendo, o fiasco com Noah e seu encontro subsequente com John Dalton.

John Dalton. Ela tomou um gole de vinho e deixou escapar um pesado suspiro. Ele a havia levado ao mais característico restaurante italiano essa tarde. Embora seu apetite estivesse em falta, ela se encantara com o xadrez vermelho e branco das toalhas de mesa, as velas brancas curtas e grossas e o violinista que havia feito uma serenata na mesa deles.

O proprietário, de rosto redondo, havia, evidentemente, reconhecido John e os atendido pessoalmente. O serviço e a comida tinham sido primorosos, e John fora caloroso e agradável. Nunca houve homem mais gentil na Terra.

Infelizmente ele não era para ela.

Sabrina balançou a cabeça. A linguagem corporal aberta dele e o contato visual fixo mostraram claramente seu interesse. Esse olhar caloroso apareceu nos olhos

de John diversas vezes e ele não deixou passar nenhuma oportunidade de tocá-la. Na verdade, ele pediu para deixar agendadas todas as horas livres que Sabrina teria durante o resto da semana. Era tudo que ela podia fazer sem se comprometer.

O sino acima da porta do bar tocou. Sabrina olhou para cima. O alívio correu por ela quando Bess caminhou em direção à mesa.

— Eu estava ficando preocupada com você. — Sabrina cumprimentou a amiga, enquanto Bess se estatelava no banco à sua frente.

Bess fez um sinal para a garçonete, que parecia ser a única a servir o lugar.

— Sinto muito pelo atraso. As meninas, pela primeira vez, estavam no porão entretidas com um vídeo, e Tom estava se sentindo um pouco romântico.

Ela se abanou com a mão e, se os olhos de Sabrina não estivessem enganados, um rubor denunciante rastejou pelas bochechas da amiga.

— Seria de se pensar que depois de todos esses anos... bem, o homem sabe como manter as coisas excitantes. — Bess virou-se para pedir um copo de vinho quando a garçonete chegou.

Ela esperou até a garçonete sair antes de continuar com uma voz rouca e terrivelmente ofegante.

— Na verdade, ele me comprou calcinhas comestíveis. Você pode acreditar?

— Calcinhas comestíveis?

— Um-hum. Foi incrível. Ele estava incrível. Estava tão excitado que poderia ter continuado a noite toda. Eu precisava de uma pausa, entretanto. Ele só queria que eu continuasse... bem, você sabe, de novo e de novo.

Ela passou as mãos pelas sobrancelhas.

— Quantos orgasmos múltiplos uma mulher pode ter? Não que eu esteja reclamando, mas juro que quase tive um ataque cardíaco.

Sabrina balançou a cabeça, estupefata. Bess não pareceu perceber.

— Eu precisava de uma pausa para recuperar o fôlego. Tive de convencê-lo que valeria a pena esperar se me deixasse escapular por uma hora. — Inclinou-se para a frente e abaixou ainda mais a voz. — Ele vai vestir a outra calcinha. — Ela chegou para trás. Uma risadinha baixa borbulhou na garganta de Bess

enquanto ela se abanava novamente.

A garçonete voltou com o vinho de Bess e Sabrina tomou um grande gole do dela. Ignorando o copo de vinho Chablis, Bess virou-se para Sabrina quando elas ficaram novamente sozinhas.

— Eu fico quente só de pensar nele. Desde que... meu Deus, eu ainda nem contei para você. Este fim de semana foi uma loucura.

Sabrina balançou a cabeça.

— Eu que o diga. Eu...

— Nós deixamos minha mãe ficar com as meninas ontem e fomos a um desses hotéis. — Bess olhou de relance para um casal na mesa vizinha e se debruçou ainda mais sobre a mesa. — Um com vídeos e brinquedos eróticos. A princípio, eu estava muito desconfortável, mas o Tom realmente entrou no clima, e bem... eu não pude evitar depois disso.

— Bess. — Sabrina parou. O que poderia dizer? Que achava a atitude da amiga chocante? Que a última coisa que precisava ouvir agora era o quão perfeita era a vida sexual de Bess? Que até agora ela nunca tinha ouvido falar em calcinhas comestíveis?

Os olhos de Bess se arregalaram.

— Oh, meu Deus. Como eu pude ter esquecido? — Ela agarrou o braço de Sabrina. — Você teve o seu caso?

Sabrina fez uma pausa. Será que seus inúmeros encontros com Noah constituíram um caso? Ela sacudiu a cabeça. Ele havia declinado seu pedido para terem um caso. De repente, já não estava mais tão ansiosa para contar tudo à amiga.

— Na verdade, não.

Bess a fitou com as sobrancelhas levantadas e encolheu os ombros quando Sabrina demorou a responder.

— Ótimo. Eu realmente esperava que você não tivesse. Acredite em mim: vale a pena esperar o homem certo. Eu achei o meu.

Ela sorriu.

— Ultimamente, o sexo tem sido melhor do que eu poderia sonhar, mesmo

antes deste fim de semana, mas a melhor parte é... — Ela fez uma pausa, os olhos faiscando.

Sabrina esperou por um momento. O que poderia ser melhor do que sexo incrível em um relacionamento de compromisso? Finalmente, ela suspirou.

— O quê?

— Nós vamos renovar nossos votos.

— Vocês vão o quê?

— Vamos nos casar novamente — irradiava Bess.

— Por quê? — Sabrina não pôde evitar o tom de incredulidade na voz.

Bess se aproximou um pouco.

— Bem, você se lembra... a primeira vez não foi na melhor das circunstâncias. Estávamos ambos um pouco... resistentes, mas parecia necessário na ocasião. Quero dizer, nós nos amávamos, mas o momento... — Ela fez um gesto para fora com a mão.

Sabrina franziu a testa. Na ocasião, Bess dizia amar Tom, mas Sabrina sempre sentiu que ela dizia isso para se convencer que era a coisa certa a fazer. Tinha apenas 16 anos, afinal. O que poderia entender de amor?

— Bess, você chorou por semanas antes do casamento.

— Exatamente. — Bess relaxou, mostrando-se aliviada porque Sabrina a havia entendido, o que não ocorreu.

Nem um pouco.

— Por que você precisa renovar os seus votos? Esse tipo de coisa não tem data de validade.

Bess inclinou a cabeça.

— Céus, você não está parecendo nem um pouco você mesma, Sabrina. É claro que não tem data de validade, mas queremos celebrar o fato de nosso amor ter durado tantos anos, apesar do nosso começo estremecido.

Ela suspirou de um modo sonhador, distante. .

— Desde que nos decidimos, tem sido como começar do zero novamente. Ele me liga duas, três vezes durante o dia. Eu até fui escondida ao escritório dele na

semana passada enquanto as meninas estavam na escola. Nunca subestime o poder de uma rapidinha.

— Então, vocês dois estão tendo sexo do bom. Isso é ótimo. Isso é incrível. — Sabrina fez o possível para forçar algum entusiasmo na voz.

Queria estar feliz por Bess, realmente queria. Só que as confissões francas de Bess tinham deixado Sabrina deprimida. Como se estivesse soterrada por tijolos.

— Oh. É tão mais do que sexo do bom. Eu me sinto quente e vibrante só de sentar de mãos dadas com ele em frente à televisão.

Sentindo-se decididamente insegura, Sabrina mudou.

— Bess, está me dizendo que está apaixonada pelo seu marido?

Os olhos de Bess brilharam.

— Eu sempre o amei, Brina. Ultimamente, entretanto, parece que estamos nos apaixonando novamente. É por isso que queremos renovar nossos votos.

Ela balançou o copo pela base.

— Foi tudo idéia do Tom. Dá para acreditar? Num minuto eu estava falando sobre o casamento de Cliff e Mona e a próxima coisa que me lembro é que ele estava de joelhos.

Ela balançou a cabeça e fungou. Os olhos dela nublaram.

— Foi o momento mais romântico da minha vida. Tenho tanta sorte em tê-lo.

Sabrina olhou longa e fixamente para a amiga.

— Você está feliz de verdade, não é? Quero dizer, todo esse tempo ao lado de Tom você tem sido feliz?

Bess balançou a cabeça e juntou as sobrancelhas.

— Claro. O que você pensava?

— Honestamente? Pensava que você era muito infeliz todos esses anos, que você se arrependia de ter desistido de Nova York.

— Nova York?

— A fuga. *Vogue*.

Uma risada curta abriu os lábios de Bess.

— Ah, isso. — Seus ombros subiram, depois desceram. — Isso foi um sonho que eu tive há muito, muito tempo.

— Você nunca se arrependeu de ter desistido?

— Pelo Tom? Pelas minhas meninas? Não. Nem uma vez. Não consigo imaginar viver uma outra vida. Não consigo imaginar a vida sem eles.

Sabrina meneou, maravilhada com a revelação. Bess era feliz. Imagine só.

— Então, estou feliz por você.

Bess estendeu a mão sobre a mesa para apertar a mão de Sabrina.

— Eu sabia que você ficaria. Agora, você é uma das madrinhas de Mona, mas sei que você não vai me desapontar. Vai ser minha dama de honra, não vai?

Um nó se formou na garganta de Sabrina. Outro casamento, outra noiva. Ela não tinha ido nenhuma vez até o altar e Bess estava pronta para o segundo tempo. Com o mesmo homem.

Sempre a dama de honra, nunca a noiva. Ela inspirou e impediu a onda de autocompadecimento que a tomava.

— Com certeza. Eu ficaria honrada. Mais uma vez. Um sorriso radiante estourou no rosto de Bess.

— Eu sabia que você não me decepcionaria. — Ela olhou para o relógio na parede. — Tom está contando os minutos. É melhor eu ir. Ele prometeu um castigo malcriado se eu me atrasar.

Ela começou a levantar e parou.

— Você quer falar sobre alguma coisa? Sabrina mordeu o lábio e sacudiu a cabeça.

— Eu estou bem. Vá se divertir.

— Tem certeza? Você parece um pouco, não sei, alheia de algum modo. — Bess estreitou os olhos e voltou para a cadeira. — Não está chateada ainda por Cliff ter subornado o seu encontro? Diga-me que não passou todo o fim de semana amuada e que por isso não levou seu plano adiante.

— Eu... só estou um pouco cansada. Vá logo, a não ser é claro, que esteja querendo um pouco de castigo.

Bess ficou de pé e foi para o lado de Sabrina. Jogou os braços ao redor dela em

um abraço rápido.

— Você é um amor, Sabrina. Contarei todos os detalhes a você assim que nós os resolvermos.

Caminhou alguns passos em direção à porta, antes de virar.

— Liguei para você amanhã.

Sabrina forçou um sorriso e acenou para ela.

— Divirta-se.

Muito depois de Bess ter ido embora, Sabrina ainda estava sentada fitando o vazio. Sua melhor amiga em todo o mundo era feliz, tinha sido sempre feliz. Sabrina estava satisfeita por ela. Aqui estava a prova de que o amor existia, que tinha perdurado por todos esses anos em circunstâncias menos que desejosas.

Levantou seu copo e ignorou a sensação esquisita no âmagô e o vazio no peito.

— Ao amor — disse e tomou um longo gole. — O que quer que seja isso.

Cedo na manhã seguinte, Sabrina fez uma careta e apagou o que havia anotado na agenda. Embora tivesse planejado ficar bastante tempo esta semana na loja, com todas as festividades do casamento, ela ainda tinha de espremei; algum tempo para revisar a atualização do seu orçamento O problema era que entre o chá-de-panela na quarta-feira o jantar de ensaio na sexta-feira e o casamento no sábado não sobrava muito tempo para trabalhar.

Precisaria de qualquer tempo ocioso que tivesse par controlar seus nervos para ver Noah outra vez. Por que havia concordado em ser madrinha de Mona? Mona tinha obviamente, se sentido na obrigação de convidar a única, irmã de Cliff, e Sabrina não conseguiu pensar em uma só, desculpa que a habilitaria a recusar.

Agora estava fadada a encontrar com Noah em todos os eventos. Uma onda de agonia a varreu por dentro. Com seria possível encará-lo novamente?

Apoiou-se no balcão da livraria e desejou fervorosa' mente uma xícara de café. Não dormira muito ontem noite, depois do surpreendente anúncio de Bess.

A porta da loja gemeu. Ela olhou para cima de seu labirinto de rabiscos. John Dalton pisou na soleira, segurando duas xícaras fumegantes. O aroma de café forte a alcançou, trazendo um tanto de conforto, da mesma maneira' que o próprio John parecia fazer.

Ela deu um sorriso pequeno. O homem era uma maravilha. Por que *ele* não fazia o pulso dela acelerar como Noah?

— É, aqui está um homem atrás do meu coração.

— Ah, um prêmio verdadeiramente glorioso. — Ele colocou uma das xícaras na frente dela e retirou vários pacotes de açúcar e de creme do bolso.

— Obrigada. Eu precisava disto. — Ela inclinou a cabeça enquanto adoçava a bebida. — Eu não estava esperando você esta manhã. É uma surpresa agradável.

— Bem, acontece que Mona desaprovou meu *smoking*. Ela vai me encontrar perto daqui para escolhermos outro. E a verdade é que eu cheguei mais cedo de propósito para poder começar o dia vendo uma das mais bonitas mulheres que eu já tive o prazer de conhecer.

— Eu? — Sabrina repuxou a boca para um lado. Tinha olheiras gigantescas sob os olhos. A última coisa que se sentia era bonita. — Nossa, estamos exagerando hoje.

Ele olhou para ela com curiosidade declarada.

— Você não acredita que seja bonita?

Ela suspirou. Gentil e cego como a tia da Bess, Hattie.

— Eu não quero fazer disso uma discussão. Foi uma observação amável. Obrigada.

A mão dele cobriu a dela. Uma vez mais, Sabrina foi golpeada pela bondade de John e o triste fato de não sentir nada com seu toque. Ainda assim, um sentimento caloroso caiu sobre ela. Ele debruçou por cima do balcão mais para perto dela, os olhos cheios de empatia.

— Sei que nos conhecemos há pouco tempo e que não sou mais que um estranho para você, Sabrina, mas quero que saiba que me importo com você. Estou aqui para você, em qualquer função que você precisar.

Ele sorriu.

— Você tem um ombro para chorar e ouvidos para ouvir.

Ela balançou a cabeça.

— Acho que já fiz bastante disso na outra noite.

— Ah, mas ainda tem alguma coisa pesando no seu pensamento. Alguma coisa que não me contou. — As sobrancelhas dele enrugaram. — Um assunto do coração, acredito.

Endireitando-se, ela puxou a mão da dele.

— Meu coração está perfeitamente bem. Só estou um pouco cansada esta manhã. Nada que um pouco de cafeína não resolva. — Ela o saudou com a xícara antes de dar um longo gole.

Ele a olhou atentamente por um momento e foi para longe do balcão.

— Nós ainda iremos juntos ao chá-de-panela amanhã à noite?

No momento, ela estava tão cansada que sentia que poderia passar os próximos dias dormindo. Mas, quando dormia os sonhos vinham, reavivando as memórias dos momentos ao lado de Noah quando ela havia perdido o controle. Mas se tinha de enfrentá-lo, ao menos teria John para apoio moral.

Ela suspirou.

— Sim, iremos.

Ele balançou a cabeça.

— Ótimo. Não quero tirá-la de seu trabalho. Pego você amanhã por volta das seis da tarde?

— Estarei pronta.

Ele balançou a cabeça novamente.

— Só tem mais uma coisa que você deveria saber, Sabrina.

Ela levantou as sobrancelhas e esperou que ele continuasse.

— Você estava certa quando disse que eu era um homem atrás do seu coração.

Ela o encarou com surpresa. Abriu a boca, mas não tinha idéia do que dizer ante a franqueza dele, então fechou-a novamente.

Ele levantou o queixo.

— Eu queria deixar claro desde o começo. — Os olhos dele estreitaram. — Vou fazer o possível para fazê-la esquecer quem quer que tenha colocado esse olhar ferido em seus olhos, depois vou mostrá-la o quanto um homem pode apreciar

uma mulher.

— John... — Mais uma vez, as palavras lhe faltaram.

— Não diga nada. Vai dar tudo certo. Você vai ver. — Deu outro aceno decisivo, virou-se e foi embora, batendo a porta atrás dele.

Sabrina passou a mão pelos olhos. Por quê, ah, por que ela não podia se apaixonar pelo homem certo?

Como Cliff tinha achado a mulher certa? Noah colocou o presente na crescente pilha de embrulhos que transbordava de uma mesa decorada com sinos e fitas brancas. Cliff e Mona estavam perto, lado a lado, dando boas-vindas alegremente a cada convidado do chá-de-panela que Tiffany preparara para eles. O casal parecia emanar um deprimente brilho de felicidade.

Mais sinos fofos estavam pendurados na entrada para a sala nos fundos do Casey's, um restaurante de madeira polida e com cabines no primeiro andar do prédio comercial deles. O dono, um dos clientes de Cliff, tinha conspirado com Tiffany para preparar a festividade.

— Parece um quadro — disse Tiffany ao lado dele, enquanto se inclinava para ajeitar o laço no presente de Noah.

— É um quadro.

— Legal. Dei a eles uma cafeteira com timer. — Ele encolheu os ombros. — Estava na lista. — O olhar dela se fixou atrás dele. — Oh, lá está Sabrina. Quem é aquele sujeito com ela? Não me lembro de tê-lo visto na festa dela.

Sabrina tinha acabado de passar pela entrada da sala. Como uma noiva em um bolo de casamento, ela parou debaixo de um par de sinos de casamento decorativos, o braço encaixado no braço de um estranho de cabelos escuros. O olhar dela encontrou o de Noah e o tempo parou.

Um pouco de emoção obscura se desencadeou nele. Os lábios dela se separaram e o estômago dele se contraiu ao lembrar-se da boca quente de Sabrina. Ela piscou, os olhos azuis se arregalaram quando ela desviou a atenção para seu acompanhante. Algo que Noah temia era o ciúme fervendo dentro dele, torcendo seu interior. Cliff moveu-se para perto dele quando Tiffany saiu de perto, resmungando alguma coisa sobre o ponche.

— Quem diabos é aquele homem? — Noah encarou fixamente o homem de pé

ao lado de Sabrina. Teria ela retomado a idéia de ter um caso? Ou pior, teria realizado?

— Oh, esse é o tio de Mona, John.

— Tio? Ele não parece ser tio de ninguém para mim.

— Você parece estar com ciúmes.

— Só estou curioso.

— Ela tem passado *bastante* tempo com ele esta semana.

— Bom para ela.

— Ele é realmente um bom sujeito. Mona espera que eles se acertem. Ela vem tentando fazer com que ele se mude para cá há anos. Ela achou que Sabrina poderia ser o incentivo necessário. Parece que é.

— Oh. — Noah fez o possível para manter o tom e a expressão de desinteresse. Por que deveria se preocupar se Sabrina se envolvesse com o tio de Mona?

— Eu soube que eleja achou um local para o escritório e fez uma proposta para uma casa, uma casa grande. A proposta foi aceita ontem à noite. Ele certamente não perde tempo.

Uma gota de desconforto atravessou Noah. Ele encolheu os ombros como se para desalojar o sentimento.

— Bom para ele. Mona deve estar contente.

— Exultante — interrompeu Cliff, levantando as sobrancelhas sugestivamente.

— Parece que é uma ótima casa, Sabrina a viu. Tem um jardim bem grande, uma cerca branca e, ao lado do quarto principal, um quarto de bebê. Ele disse a Mona que tem um plano.

Noah inclinou a cabeça em direção a Cliff.

— Oh, eu esqueci de adverti-lo. — As sobrancelhas de Cliff arquearam em um pedido de desculpa. — Eu convidei Darcy... você sabe, antes que você dissesse que não estava interessado.

Noah seguiu o olhar de Cliff para onde a loura, bebida na mão, traçava o caminho em direção a eles. Ainda tinha todas as curvas certas em todos os lugares certos, mas os hormônios dele não queriam apreciar tal fato.

— Olá, bonitão. — Ela encaixou o braço no dele.

— Darcy.

— Venha. — Mona adiantou-se para agarrar Cliff. — Tiffany quer que a gente abra os presentes.

— Certo, certo... — Cliff sorriu de forma indulgente enquanto ela o arrastava para mais perto da mesa.

— Não é divertido? — murmurou Darcy. Tomou um gole da bebida.

Noah balançou a cabeça displicentemente, enquanto esquadrihava a multidão que havia se juntado. Sabrina estava de pé, perto da parte de trás, o "tio" de Mona ainda preso ao lado dela. O olhar de Sabrina permanecia em Cliff e Mona, porém, o olhar de anseio daquele dia na praia roubava os olhos dela enquanto ela os assistia abri os presentes.

Noah fechou os olhos, evitando uma onda de arrependimento. Um grito de prazer chamou a atenção dele. Com um último rasgão, Mona abriu a embalagem do quadro que ele havia comprado. Redemoinhos de cores luminosas dançavam pela tela.

— Noah, eu amei! Como você sabia? — Os olhos de Mona brilhavam.

Sabrina tinha se movido para a frente e Noah acenou em direção a ela.

— Sabrina sugeriu a galeria.

O olhar dele cruzou com o dela e, por um momento, ele foi transportado para aquela tarde do primeiro encontro deles. Se pudesse voltar atrás e fazer tudo diferente, ele o faria?

— Você, querido. Obrigada. — Mona lançou os braços ao redor dele, desalojando Darcy.

Depois de um abraço rápido, ela o libertou, virando-se para Sabrina.

— Obrigada, Sabrina. Foi muito gentil de sua parte sugerir a galeria.

— Eu sabia que você gostava de arte contemporânea. — Sabrina moveu-se desconfortavelmente, enquanto John parou ao lado dela e colocou os braços possessivamente ao redor de seus ombros.

As palavras de Libby ecoaram na mente de Sabrina. *Você deve perseverar! Ninguém disse que era fácil.*

A raiva acometeu-a quando Darcy espremeu-se ao lado de Noah. O olhar de

Sabrina percorreu a mulher antes de pousar novamente em Noah. O homem não deveria mais ser capaz de aquecer seu sangue, especialmente com o suborno dele nos braços.

— Olá, Noah.

— Sabrina. Você está adorável como sempre. — O olhar dele passou por John, o canto da boca de Noah levantou em um movimento lânguido que poderia ser o início de uma carranca. A satisfação correu dentro dela. Será que ele estava com ciúmes?

Sabrina fez um gesto em direção a John.

— Este é John Dalton. John, Noah Banks.

Noah aceitou o aperto de mão de John, mas, para satisfação de Sabrina, o músculo de seu queixo se retraiu enquanto eles se cumprimentavam. Será que ele ainda estava interessado? Se ela o persuadisse do modo como Henry havia persuadido Libby, ele acabaria cedendo?

— E eu sou Darcy Reynolds. — Darcy inclinou-se para a frente, apertando a mão de John. — Muito prazer.

Enquanto John estava ocupado com Darcy, Sabrina chegou mais perto de Noah.

— Posso falar um instante com você?

Ele deu uma rápida olhada em John e Darcy, que já estavam engajados em uma conversa.

— Eu não...

— Por favor. — Ela pegou a mão dele, apertando seus dedos com esperança. Ela perdia completamente a razão quando ele a tocava. Talvez ela tivesse um efeito similar nele.

— Tudo bem.

O pulso de Sabrina acelerou um pouco enquanto ela o guiava através da multidão. Cliff e Mona estariam ocupados por um bom tempo com a enorme pilha de presentes. Agora, tudo o que ela queria fazer era achar um local quieto onde pudesse tentar colocar algum juízo na cabeça de Noah.

O olhar dela balançava de lado a lado. Um corredor curto no fundo da sala levava à cozinha. De um lado do corredor, antes da cozinha, havia duas portas

fechadas. Ela tentou a maçaneta da primeira. Seu coração bateu forte quando a porta abriu.

Parecia ser uma despensa de mantimentos. Grandes latas, caixas e sacos revestiam as prateleiras que iam do chão ao teto.

— Aqui — disse ela, arrastando Noah atrás dela.

— Sabrina, eu não acho...

— Então, não faça. Só escute. — Depois de acender a única lâmpada suspensa no teto, ela fechou a porta.

— Este provavelmente não é o melhor lugar para conversar.

— Você preferia ter essa conversa lá fora, aos ouvidos do meu irmão?

Ele tomou um fôlego e se apoiou contra uma prateleira.

— Olhe, se é sobre o fim de semana...

— Por que está com medo de ficar aqui sozinho comigo? O queixo dele se ergueu.

— Eu não estou com medo.

Ela deixou o olhar passear por ele. O sangue dela aqueceu ante a lembrança do corpo firme dele, de seu toque macio. Apesar de tudo que havia acontecido entre eles, ela ainda o queria, que os céus a ajudassem. *Você deve perseverar!*

— Então, você não vai se incomodar se eu chegar mais perto... — Ela se moveu de forma que seu corpo roçou no dele. — ...desta forma.

As mãos dele moveram-se para os quadris de Sabrina e ela se preparou, mas ele nem a repeliu, nem a puxou para ele.

— Você disse conversar.

Um tom rude na voz de Noah fez com que a felicidade florescesse dentro de Sabrina. Ele estava nervoso. Ela se moveu, pressionando os seios contra o tórax dele enquanto corria as mãos pelos músculos sólidos dos braços de Noah.

— Você consegue negar que me quer? Ele fechou os olhos.

— Sabrina... — Quando os abriu novamente, as profundidades escuras arderam com o desejo que ele havia compartilhado tão livremente com ela apenas alguns dias antes.

— Eu sabia. Você *ainda* me quer. — Pressionou os lábios contra os dele, desejando que retribuísse o beijo.

Pelo tempo de uma batida do coração, ele permaneceu rígido, então passou os braços ao redor dela, cavando sua boca com toda a paixão de seus encontros anteriores. A língua de Noah acariciou a dela com uma fome igual à de Sabrina. Ela bebeu o beijo dele, saboreando o calor delicioso que percorria cada célula de seu corpo.

Ele escapou para murmurar o nome dela depois pegou a boca de Sabrina novamente, enquanto suas mãos repassavam o corpo dela. A mão deslizou para cima, por dentro do vestido dela para tocar suas nádegas, enquanto a outra apalpava o seio. O desejo disparou dentro dela. Ela se gloriou na sensação das mãos e da boca dele.

— Noah — ofegou ela quando ele quebrou o beijo, arrastando os lábios pelo pescoço até a clavícula dela.

Ela se livrou dos botões da frente do vestido, abrindo o caminho para a boca de Noah. Um puxão rápido no fecho dianteiro do sutiã dela e a língua dele reivindicou o mamilo de Sabrina, fazendo dele um cume. Ela enterrou os dedos no cabelo dele e o embalou em seu seio, a boca dele provocando uma umidade entre as coxas dela.

— Você me deixa tão quente. — Ele se dirigiu ao outro seio dela, usando os dentes e a língua como havia feito com o primeiro.

Ela se moveu contra ele e gemeu.

— Oohh. Você também me deixa quente. Toque-me. — Guiou a mão dele até o centro de anseio dela.

Ele não precisou de mais nenhum encorajamento enquanto deslizava os dedos pelo elástico da calcinha para tocar o ponto inchado do desejo dela. Com a boca e os dedos dele fazendo sua magia, a tensão cresceu e girou dentro dela. Ela tocou a dureza do sexo dele por meio das calças compridas e apertou-o.

Uma batida leve soou na porta. Noah parou e ela engoliu um grito de frustração. A batida soou novamente e ele se endireitou, afastando-a para que ele pudesse começar a ajeitar as roupas dela. O sangue pulsava nas orelhas dela. O corpo de Sabrina doeu com a paixão não resolvida.

— Sinto muito — murmurou ele.

A garganta dela se apertou. Sabrina repeliu as mãos de Noah, terminando de abotoar o vestido em silêncio. Noah moveu-se para longe dela o máximo que o pequeno espaço permitia. A mortificação a dominou mediante a expressão fria dele. Noah não parecia nem um pouco feliz de ter sido pego com ela.

Ele ajustou o queixo e abriu a porta.

— Hum, com licença. — Darcy olhou para dentro, para eles. John estava parado ao lado dela. — Cliff está procurando você, Noah.

Sabrina não sabia se ficava grata ou não por Darcy ter desenvolvido esse hábito aborrecedor de interrompê-los. Ela com certeza serviu como uma lembrança descarada de por que Sabrina deveria parar de se atirar para Noah.

— Obrigado. Eu sairei em um segundo. — Quando Noah voltou-se para Sabrina, ela estava surpresa de ter visto a mão de John na cintura de Darcy enquanto eles retornariam para a festa.

Qualquer culpa que pudesse ter sentido evaporou naquele momento. Talvez ela tivesse imaginado o interesse de John nela, ou talvez ele tivesse percebido que eles nunca seriam mais que amigos.

Noah parou, apoiado na porta.

— Eu deveria ter mostrado mais comedimento.

Ela abriu a boca para protestar, mas ele colocou o dedo nos lábios dela.

— Você tinha razão antes. Nós *não* estamos tendo um caso.

Um sentimento de afronta a preencheu quando ele virou e saiu. Ela poderia não saber muito sobre essas coisas, mas tinha uma boa idéia de que todo esse tempo quente e intenso juntos constituía um caso. A teimosia dele tornou mais difícil a resolução dela. Ele certamente não facilitaria, mas ela certamente ia perseverar.

Ela encontrou John um momento depois.

— Pode me levar para casa, por favor?

Ele olhou para Darcy, e de novo para Sabrina.

— É claro.

Uma pequena alfinetada de culpa atingiu Sabrina por tirá-lo da festa. Ele estaria interessado em Darcy? Bem, Sabrina se preocuparia com isso depois. Porque agora ela precisava do espaço e da solidão da sua casa. Tinha planos a traçar.

Da próxima vez, ela teria Noah só para ela, e teria certeza que ninguém os interromperia.

Capítulo Doze

O líquido âmbar girou e parou no fundo do copo de Noah. Ele o ergueu para um longo gole. Fechou os olhos enquanto o líquido lhe queimava a garganta e sacudiu a cabeça. Ainda podia se lembrar do olhar de afronta de Sabrina quando ele a deixou.

Depois de Sabrina ter ido embora com John, Noah havia saído discretamente da sala dos fundos para o bar na parte da frente do Casey's. Ele chamou a atenção do garçom, quando este levantou os olhos após servir uma caneca de cerveja.

— Outra!

O homem encolheu os ombros, mas depois de servir a cerveja, levou a Noah uma outra bebida.

— Você está com a cara de quem perdeu algo muito especial.

— Talvez. — Olhando para o copo, Noah ajeitou o queixo. Uma imagem de Sabrina, os olhos bem abertos e os lábios separados em convite, flutuou pelos olhos da mente de Noah. Ele tinha perdido muito.

— Fracassado — murmurou ele para o uísque, quando outro cliente chamou o garçom do outro lado do balcão de grades de bronze.

O que Noah sabia sobre dar a uma mulher como aquela o que ela queria da vida: uma casa, filhos... amor? Como poderia dar a ela uma coisa que não existia?

Ele bebeu outro gole e fechou a mão. Seus dedos estavam entorpecidos. Ele grunhiu de satisfação.

— Vou querer o mesmo que ele — disse uma voz feminina atrás dele. O banco ao lado foi arrastado. Um cheiro de flores flutuou em cima dele. Ele cocou o nariz e sorriu quando atingiu a boca em vez do nariz.

— E aí, garotão?

Ele virou para fitar a recém-chegada. Era loura e curvilínea e terrivelmente familiar. Seu olhar fugiu para a parte de trás dela. Ele franziu o cenho.

— Darcy.

O rosto dela se abriu.

— Claro. Foi muita falta de consideração de sua parte ter sumido com a irmã de Cliff novamente. Ainda bem que achei vocês antes que ele o fizesse.

Ela se inclinou para perto de Noah. O olhar dele fixou-se nos seios dela, presos firmemente pela camiseta fina amarrada. Ele olhou para o próprio colo. Nada. Nem um movimento. Abriu a boca. Ou ele havia se embebedado até a obscuridade, ou Sabrina o tinha arruinado para outras mulheres.

— Então, o que está acontecendo entre você e Sabrina? — Darcy recebeu a bebida do garçom e deu um gole cauteloso.

— Quem quer saber? — Aborrecido, Noah piscou, enquanto tentava se concentrar melhor. Suas pálpebras estavam pesadas.

Ela encaixou o braço no dele.

— Por que não vamos para casa? Parece que você está prestes a cair.

Ele piscou para ela. O bar girou por um momento vertiginoso. *Dormir*. Ele concordou com a cabeça. Dormir parecia bom. Com uma grande dose de dificuldade, ele ficou de pé. Noah pescou as chaves no bolso. Elas caíram pelas pontas de seus dedos até o chão.

Darcy abaixou-se para pegá-las, depois ficou ereta, colocando as chaves no próprio bolso.

— Por que eu não dirijo?

Ficar de pé parecia impossível, então deixou que ela colocasse o braço dele ao redor do ombro dela enquanto deixavam o Casey's. Do lado de fora, ele olhou para o céu. A luz da rua balançou e rodou. Ele fechou os olhos. *Dormir*. Tudo que precisava era dormir um pouco. Tudo estaria bem pela manhã.

Sabrina estava deitada acordada, olhando para o teto. Parecia ter virado um hábito desde que conhecera Noah. Fie havia dito que se preocupava com ela. Será que de alguma forma ele não se achava merecedor, que seu passado o

havia manchado de forma que ele não se permitia ser feliz ao lado dela? Se Noah gostava dela, poderia aprender a amá-la?

Jogando as cobertas para o lado, rolou para o lado e ficou de pé. Tinha de descobrir. A única maneira de conseguir dormir um pouco era ir vê-lo e deixar as coisas claras. Tinha muitas perguntas e nenhuma resposta.

Além disso, na privacidade da casa dele, ela poderia encontrar uma forma de convencê-lo de uma vez por todas que eles deveriam ter um caso.

Achou o endereço dele na lista telefônica e hesitou brevemente antes de decidir não ligar para avisar. Tinha o elemento surpresa a seu favor. Não havia sentido em eliminá-lo.

Momentos depois, andou em direção ao carro. A viagem pela cidade parecia não terminar, mas a determinação a conduziu para a casa de subúrbio de Noah. Quando chegou lá, parou, o coração batendo forte. Então, tomando um longo fôlego, bateu à porta dele.

A dobradiça velha rangeu. A porta se abriu. Sabrina piscou. Darcy estava parada à porta, apertando um roí masculino ao redor de suas abundantes curvas. O roupão de Noah.

As sobrancelhas dela se arquearam.

— Sabrina? Isso não é...

— Não. — Sabrina abriu a boca, mas nenhuma outra palavra saiu. A dor apertou sua garganta enquanto descia os degraus.

— Espere!

Sem olhar para trás, Sabrina fugiu.

Umas batidas altas ecoaram nos tímpanos de Noah. Rolou para o lado, estremecendo com a dor. A cabeça dela pulsava, o estômago pesava e a boca tinha um gosto como se alguém houvesse morrido ali dentro.

As batidas soaram novamente.

— Que diabos é isso? — Ele agarrou a cabeça e gemeu. Até seus cabelos doíam.

— Pode deixar que eu atendo. É o entregador de pizza. Eu pedi alguma coisa para almoçarmos. Você perdeu o café-da-manhã dormindo. — Uma figura feminina enfiada em um roupão que lhe parecia familiar passou em frente à

cama, indo em direção à porta.

O coração dele disparou. Uma vaga lembrança de Sabrina e seus olhos negros de paixão flutuou através de sua consciência e ele piscou, tentando decifrar a trança loura caindo pelas costas de uma mulher.

— Quem...

Lembranças borradas da noite anterior se aglomeraram no cérebro dele, a expressão chocada de Sabrina quando ele a havia deixado, ele entornando bebida atrás de bebida no bar do Casey's, e um bumbum arredondado que não o impressionou da forma como ele esperava.

— Darcy — resmungou ele e gemeu novamente, lançando os braços sobre os olhos.

— Boa tarde, bonito. — O lado da cama afundou um pouquinho quando ela se sentou. O cheiro de *peperone* pairava no ar. — Cliff ligou. Estava muito aborrecido por você não ter aparecido no escritório esta manhã, mas ficou aliviado por eu estar aqui tomando conta de você. Eu o tranqüilizei dizendo que você estava doente e que eu estava cuidando para que melhorasse.

Mastigou silenciosamente um pedaço de *pizza* e assobiou suavemente.

— Achei que você fosse um caso perdido. Ele moveu o braço e abriu um olho turvo.

— Cliff?

Ela repuxou a boca para um lado.

— Mona o está fazendo correr. Ele me pediu para pedir a você que vá experimentar seu *smoking* e para lembrá-lo que o ensaio é amanhã à noite, seguido de um jantar.

Maldição. Ele teria de encarar Sabrina outra vez, e tão cedo.

O olhar dele caiu sobre Darcy. O cabelo caído em espirais desordenadas. A abertura do roupão revelava um bom decote.

— Nós não...

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Escute, querido, se tivéssemos feito alguma coisa, você se lembraria. Café? — Ela colocou o último pedaço de *pizza* na boca enquanto ele balançava a cabeça.

Alguns minutos depois, ele se sentou e aceitou a xícara fumegante, mas o aroma forte do café embrulhou-lhe o estômago.

— Obrigado.

— Espero que não se importe com minha intromissão, mas o que está acontecendo entre você e a irmã de Cliff?

Ele olhou para ela.

— Não que o que você faça debaixo dos lençóis seja do meu interesse.

— Não é mesmo.

Ela o inspecionou pela borda da xícara.

— Só que ela apareceu aqui na noite passada enquanto você estava caído. A propósito, ela foi embora quando eu atendi a porta, vestida desta maneira, bem...

— Maldição. — As têmporas dele pulsaram. Todo o corpo ficou tenso. Como era possível ele se sentir pior? Sabrina tinha vindo vê-lo na noite anterior após ele tê-la abandonado e tinha encontrado Darcy na casa dele.

— Por que você está vestida assim?

— Tomamos um tombo no jardim da frente enquanto entrávamos. Meu vestido ficou sujo. Você é um cara grande, sabe?

Ele enterrou as palmas das mãos nos olhos. Isso só estava ficando pior.

— Eu vou pagar pelo seu vestido.

— Não tem problema. Vai ficar bom depois de lavar. Eu tentei explicar, mas ela não quis ouvir. Sinto muito.

Ótimo. Sabrina provavelmente havia vindo falar para ele que tipo de porcaria ele era. Agora nunca falaria com ele novamente. Não importava que ele não tivesse ficado com Darcy. Em circunstâncias normais, ele não teria hesitado em deitar aqueles grandes seios louros em sua cama.

Maldição, se ele não quisesse fazer exatamente isso, não teria feito aquele acordo estúpido com Cliff em primeiro lugar. Nunca teria tido de sair com Sabrina. Toda esta semana teria sido completamente diferente. Quem poderia dizer se ele não teria acabado em algum hotel com Darcy?

— Aqui, aspirina para a sua cabeça. Eu nunca saio sem elas. — Ela estendeu a

mão para ele com duas drágeas brancas na palma.

Após um momento de hesitação, ele deslizou as pílulas para dentro da boca e engoliu-as com um gole de café. Resmungando, ele alcançou o telefone para discar o número de Sabrina.

Tinha de falar com ela. O que diabos ele diria ainda não sabia, mas esperou com o coração batendo em algum lugar na garganta. Depois de vários toques, a secretária eletrônica atendeu.

Ele desligou, o coração ainda golpeando é uma dor sombria enchendo seu peito. Ele remoeu o problema. Era quinta-feira. O casamento seria dali a dois dias. Fazia sentido que ela não estivesse em casa. A mulher tinha uma vida, afinal de contas.

E não o incluía.

O arrependimento o sufocou. Sabrina o odiava, sem dúvida. Provavelmente nunca falaria com ele novamente, o que era bastante justo.

— Olhe, Noah. — Darcy moveu-se ao lado dele na cama. — Eu falarei com ela, se você quiser. Explicarei que eu só estava tentando ajudar.

Ele levantou a cabeça e a encarou por um longo momento, cheio de raiva de si mesmo.

— Obrigado, mas acho que é melhor deixar tudo como está.

— Tem certeza? Acenando com a cabeça, ele alcançou a calça que estava jogada no encosto de uma cadeira. De alguma maneira, Darcy o havia despido na noite anterior. Ela se moveu para trás dele.

— É uma pena que as coisas não tenham funcionado entre nós. Poderia ter sido divertido.

Ele exalou e olhou fixo para ela. Darcy era uma mulher bonita, sem dúvida. Deus a tinha abençoado abundantemente em todos os lugares certos. Era lamentável que Noah não conseguisse demonstrar nenhum entusiasmo»' Ele nivelou seu olhar ao dela.

— Talvez em outro lugar, num outro momento.

As sobrancelhas dela se arquearam e a boca arredondou em um beicinho.

— Bem, eu conheci uma pessoa na noite passada e parece que há um interesse

mútuo. — Ela foi em direção ao banheiro, pegando o vestido que estava pendurado na maçaneta ao passar.

— Bem, boa sorte. Acho que evitarei relacionamento por um tempo. Eles são simplesmente muito complicados. — Puxou uma camisa limpa da gaveta.

— Você realmente deixou isso mal resolvido.

Ele estreitou os olhos.

— Mal resolvido?

— Você deixou isso mal resolvido para ela, Sabrina. Talvez vocês dois devessem ter um romance selvagem e liberar essa sensação incômoda em seu ser.

Ele franziu o cenho.

— Eu não tenho ela, nem ninguém, em meu ser.

Ela se contorceu dentro do vestido. A vestimenta se agarrou ao corpo.

— Se você diz. Tudo o que sei é que, da última vez que fui dispensada, o cara estava caidinho por uma *stripper*. Pobre sujeito, ela fugiu com um vendedor de aspirador de pó. De qualquer forma, você tem o mesmo tipo de olhar abandonado.

— E você é perita no assunto?

— Eu reconheço um caso de paixão quando vejo um. — Lançou um olhar direto para ele.

Noah não respondeu. Pelo que ele sabia, Darcy não se qualificava como perita em amor. Ele andou pelo quarto, catando a gravata, as meias e os sapatos.

Quando já estava vestido, parou ao lado dela.

— Preciso ir trabalhar. Obrigado por tomar conta de mim ontem à noite. Você precisa de uma carona?

— Um amigo está vindo. Posso terminar de me aprontar? Trancarei tudo.

— Acredito que uma mulher que deixa uma festa para tomar conta de um bêbado caindo pelos cantos já provou ser de confiança.

— Obrigada.

— Obrigado a *você*. Eu não costumo beber daquela maneira. Uma dose de

tequila é o bastante.

Ela parou de aplicar rimei nos olhos para olhar para ele.

— Talvez você devesse dizer para Sabrina que está apaixonado por ela.

Ele agarrou a pasta e fez um grunhido ridículo.

— Eu não acredito no amor... ou em finais felizes.

— Oh. — Ela voltou ao rimei. — Então deve ser só a ressaca.

Ele acenou com a cabeça. *Certo*. Era a ressaca. Deu uma última olhada em Darcy antes de ir embora. Uma coisa era certa. Só porque ele tinha perdido de repente o gosto por louras de seios grandes não significava que ele estava apaixonado.

Nenhuma dúvida a esse respeito. Definitivamente era a ressaca.

O sol brilhava através dos galhos altos, marcando o asfalto, enquanto Sabrina forçava os passos em direção às portas principais da Igreja Católica de São Pedro. Ela respirou fundo e endireitou os ombros, à medida que subia os degraus na frente da igreja. As pernas dela cambalearam e ela desejou muito que John estivesse a seu lado. Entretanto, ele não faria parte do ensaio e tinha ido se reunir com o corretor de imóveis para finalizar o contrato da casa que estava comprando.

O medo a tomou ante a expectativa de ver Noah novamente. Uma dor renovada queimou por dentro dela à memória de ter encontrado Darcy à porta dele, vestida em nada além do roupão. Que idiota tinha sido! A humilhação a tomou com o pensamento de todas as vezes que se atirara para ele. Lá no fundo, tinha se convencido de que ele a queria.

Só podia culpar a si mesma. De sua própria maneira, ele deveria querer bem a todas as mulheres com as quais já havia dormido. Ele jamais fizera uma promessa e tinha sido honesto sobre suas intenções. Como uma boba, deixou as emoções alcançarem grandes proporções, convencendo-se de que ele simplesmente ainda não tinha compreendido seus sentimentos verdadeiros.

Parou diante das portas duplas de madeira. Por que tinha escutado Libby? Perseverar? Como alguém poderia perseverar com isso? A tristeza pesou fortemente no coração de Sabrina. Uma lágrima caiu e rolou pela bochecha. Ela deveria perseverar pelos próximos vinte e tantos anos, esperando que Noah criasse juízo?

— Sabrina! Aqui, querida! — Ao som da voz da mãe, limpou a umidade das bochechas e se virou em direção ao estacionamento.

A visão dos pais sorrindo amplamente enquanto se aproximavam, de braços dados, liberou o nó no estômago dela e enviou um leve toque de confiança que fluiu por ela. Como não poderia ser encorajada pelo evidente afeto deles um pelo outro?

Sim, o amor verdadeiro vivia nos corações de seus pais. Até Noah, descrente como era, deveria ser capaz de ver isso. Tinha sido abençoada por ter sido criada por esses exemplos. Empurrando para o lado a própria tristeza, ela firmou um sorriso.

Gabriella jogou os braços em volta de Sabrina antes que ela alcançasse o último degrau.

— Minha menina linda. Deixe-me vê-la. — Inclinou-se para a frente, encolhendo os ombros. — Por que, olhe para essas olheiras embaixo dos seus olhos, não tem dormido direito ultimamente?

— Ela está maravilhosa, Gaby, pelo amor de Deus. Você precisa começar a criticá-la imediatamente? — Don Walker sacudiu a cabeça felpuda, a boca dela repuxava em desaprovação.

— Pai. — Sabrina libertou-se da mãe para se enterrar no abraço aconchegante do pai. — Você andou malhando novamente, não foi? — Ela apertou o bíceps inchado dele.

Ele grunhiu em resposta, chegando para trás.

— Eu não sei por que ele é tão fascinado por essa malhação. Frequentando uma academia com essa idade. Por que não pode se unir ao grupo com o qual eu faço caminhadas? — A mãe inspecionou o pai por olhos estreitos.

Don olhou para ela.

— São um bando de velhas gazelas. Por que eu ia querer ser visto com elas?

Espantada, Sabrina encarou os pais. O que havia acontecido com aqueles dois? Nunca os tinha visto brigar daquela maneira.

— Nós deveríamos entrar. Estamos atrasados. Eles já devem ter começado.

Os ombros de Gabriella caíram.

— Desculpe, querida. Nós estamos cansados da longa viagem.

— Vocês vieram *de carro*! — Mais uma vez, Sabrina olhou com espanto.

Três anos atrás, seus pais se aposentaram e foram morar em West Palm Beach, na Flórida. Tinham feito a longa viagem de volta para Atlanta somente em uma ocasião, desde então. A mãe havia passado tão mal durante a viagem de dez horas que tinha jurado que nunca mais viria de carro novamente. Depois de cuidar da mãe por dois dias, Sabrina havia concordado.

— Seu pai, que não se importa de pagar uma *personal trainer*, disse que é muito caro viajar de avião.

Antes que Don pudesse refutar, a porta da igreja se abriu. Cliff os cumprimentou com um aceno apressado.

— Eu pensei ter ouvido alguém aqui fora. Venham, padre O'Connal está começando.

Ele abraçou o pai e a mãe enquanto entravam rapidamente. Sabrina piscou os olhos, ajustando-os à iluminação escura. Ela se apertou contra uma parede para ficar fora do caminho de várias pessoas que estavam no pequeno saguão. Uma menina pequena com trancinhas e um menino da mesma idade, presumivelmente a dama e o pajem, pulavam para dentro e para fora da roda de adultos. Padre O'Connal estava de pé no meio deles, falando e gesticulando muitos.

Mona surgiu do aglomerado de pessoas, os olhos calorosos dando boas-vindas.

— Sabrina, tive medo que você estivesse presa em algum lugar.

— O trânsito estava bem pesado na rodovia. — Ela analisou a ponta do sapato.

Não podia admitir que desde que havia descoberto o quão tola havia sido por ter um "quase caso" com um *playboy*, o simples ato de levantar-se da cama a cada manhã havia se tornado a mais assustadora das tarefas. Na verdade, ir para a igreja onde sabia que veria Noah havia tomado cada grama de resolução dela. Ela estava grata pelo trânsito.

Mona apertou o braço de Sabrina.

— No caso de eu ainda não ter lhe dito, estou muito agradecida por você ter aceito ser uma das minhas damas. Sei como você é ocupada. Isso significa muito para mim.

— Estou feliz por fazer isso, Mona. — *Apesar de se muito duro estar aqui.* Pelo canto dos olhos, ela olhou d relance para Noah. Ele estava conversando com uma mulher raiva que Sabrina não reconheceu. Sua garganta apertou. Com força.

— Bem, eu tenho sido meio empurrada para você. Só que não tivemos muita chance de nos conhecermos, ma espero que isso mude daqui para a frente.

A profunda sinceridade no olhar de Mona tocou Sabrina.

— Eu sempre quis uma irmã. Os olhos de Mona embaçaram.

— Eu também.

Padre O'Connal bateu palmas.

— Certo, vamos colocar todos alinhados. Vocês dois cavalheiros — apontou para Cliff e Noah —, vão estar bem na frente comigo. A procissão começa com os padrinhos em fila indiana, depois as damas, seguidas pela dama de honra. — Ele fez um gesto em direção à ruiva.

— E eu? — A menininha de trancas balançou anima nos calcanhares. Não devia ter mais que 4 anos.

Padre O'Connal sorriu de forma benevolente e a guiou até a fila, atrás da moça ruiva.

— Você fica aqui.

— E depois eu? — perguntou o menino.

— Sim, você é depois.

— E eu não vou perder a aliança.

— Não, tenho certeza que não vai. — O padre passou mão no cabelo dele. — Agora, vamos tentar com música Mary? — Padre O'Connal gesticulou para uma mulher robusta que se apressou.

Um súbito sentimento de consciência arrepiou os cabelos da nuca de Sabrina. Ela olhou para cima. Por um momento repugnante, ela congelou quando seu olhar cruzou com o de Noah.

— Para a frente comigo, cavalheiros. Por aqui. Noah? — O padre esperou pacientemente.

Sabrina lançou o olhar para o chão, torcendo para que o zumbido nos ouvidos

aquietasse. Apertou as mãos para evitar que tremessem.

Para seu alívio, a música começou. Pelos próximos poucos minutos, ela se concentrou em colocar um pé na frente do outro, obrigando-se a caminhar atrás da outra dama e mantendo-se em sintonia com a música. A luz do sol penetrava através de grandes janelas de vidro que subiam alto acima deles pelos dois lados do ambiente com bancos alinhados. Ela se desequilibrou uma vez, quando olhou para cima e viu Noah observando-a. Estava parado de pé, rígido e alto, ao lado de Cliff.

Depois que todos já haviam achado seus lugares designados na frente, Mary começou a *Marcha nupcial*. Até usando roupas comuns Mona provou ser uma noiva bonita. Os olhos dela arderam em calor e seu sorriso se ampliou quando viu Cliff.

Ele irradiou em retribuição, seu excitamento quase tangível. O coração de Sabrina se encheu quando Mona se uniu a Cliff diante do altar. Eles estavam tão obviamente apaixonados. A medida que ensaiavam os votos de casamento com o padre O'Connal, a profunda emoção que os dois compartilhavam parecia extrapolar e tocar a todos. A mãe de Sabrina chorava ruidosamente no banco da frente. A ruiva suspirou e olhou para Noah, mas ele parecia fixado em Mona e Cliff, o olhar misterioso e sério.

Lágrimas encheram os olhos de Sabrina. Ela não tinha sido nada além de uma bagunça hormonal ultimamente chorando ao primeiro sinal.

— Aqui. — Outra dama, uma morena baixinha, entregou a ela um lenço de papel. — Eu sempre choro em casa mentos. E ensaios. — Ela sorriu ligeiramente e enxugou os próprios olhos. — Espere até amanhã. Eu parecerei as cataratas do Niágara.

Sabrina acenou em agradecimento e secou discretamente ás lágrimas. Mais uma vez, o arrepio de consciência a percorreu. Lentamente levantou os olhos e viu que era o alvo do olhar intencional de Noah. A compaixão que enchia os olhos dele fez com que ela derrubasse lágrimas novamente.

Felizmente, o padre começou a organizar a procissão para a retirada. Cliff e Mona precederam todos os outros os rostos brilhando em sorrisos. A pequena dama salto logo atrás dele, espalhando flores imaginárias, enquanto pajem se apressava para tentar manter o ritmo dela. Noah seguiu, com a raiva agarrada em seu braço.

Sabrina pegou o braço que um dos padrinhos oferece e permitiu que ele a acompanhasse, deixando a última dama e o último padrinho para segui-los.

— Sou Antônio. Conheço Cliff desde o colégio. Agora entendo por que ele nunca deixou nenhum de nós conhecê-la.

As bochechas de Sabrina coraram.

— Sinto muito por isso, Antônio. Cliff sempre foi super protetor.

Talvez se Cliff a tivesse apresentado para mais amigos, ela poderia ter encontrado alguém e se estabelecido há muito tempo. Ela deu um suspiro quando o órgão ecoou a última nota.

Antônio parou, ficando ao lado dela quando chegaram ao saguão. Noah parou na frente deles, a raiva ao lado. Ele firmou o olhar em Antônio.

— Antônio, pode deixar a Sabrina ir agora. O ensaio já terminou. Você sabe como Cliff é protetor. Você não ia querer que ele tivesse uma idéia errada.

O acompanhante de Sabrina franziu o cenho enquanto olhava dela para Noah e depois para a raiva. Sabrina segurou a língua, aborrecida com as táticas usadas por Noah. Ela não faria uma cena e envergonharia Cliff e Mona, mas de onde Noah tirou a idéia de que era seu cão de guarda?

— Está tudo bem, Antônio. — Ela agarrou o braço dele ainda mais apertado, mesmo quando ele tentou se afastar.

— Eu não sei. Noah tem razão. Seu irmão pode ser realmente irracional. Eu o conheci anos antes de saber que *tinha* uma irmã. Eu preciso, hum, verificar uma coisa. — Fez um gesto torto e Sabrina soltou seu braço.

— Bem, foi um prazer finalmente conhecê-lo. Acredito que nos encontraremos amanhã.

Antônio deu uma última olhada cautelosa para Noah e encolheu os ombros.

— Com certeza. Espero ansioso por isso. Você vai ao jantar?

— Sim. — Não podia deixar de ir. Era ela que tinha resolvido tudo.

— Quer uma carona? — perguntou Antônio.

— Ela já tem carona, não é, Sabrina? — Noah arqueou a sobrancelha, como que a desafiando a dizer o contrário.

— Na verdade, vou dirigir meu próprio carro. O restaurante fica no meu

caminho para casa.

— Bem, então eu verei você lá.

— Certo. — Sabrina balançou a cabeça e o padrinho sumiu na multidão. Ela se virou para a ruiva. — Desculpe-me, mas você poderia nos dar licença por um instante?

A mulher lançou para Noah mais um olhar ardente e encolheu os ombros.

— Com certeza. — E desapareceu na direção em que Antônio partira.

O saguão estava ficando vazio à medida que os membros do grupo partiam para o restaurante. Sabrina foi até os degraus da frente. Noah a seguiu até que ela conseguiu um ponto perto de um grupo de árvores ao longo de um dos lados da igreja.

Ela o atropelou.

— O que foi aquilo?

— O quê?

— Toda aquela atitude de cão de guarda. Se eu quiser segurar o braço do Antônio, se eu quiser ir com ele para o restaurante, isso é problema meu.

Os olhos de Noah escureceram quando ele se inclinou para perto dela.

— Como eu disse antes, alguém tem de tomar conta de você. Você tem uma tendência a se meter em confusão.

A raiva queimou dentro dela.

— Você não é meu guardião. Você não é meu nada. Nós não estamos tendo um caso.

A faísca nos olhos dele enfraqueceu.

— Não, nós não estamos.

— Certo, bem... então está bem. Estou feliz que tenhamos deixado isso claro. — Ela deveria ter sentido alguma satisfação quando se virou para ir embora, mas durante o caminho para o jantar de ensaio tudo o que ela sentiu foi angústia.

O dia seguinte amanheceu ensolarado e luminoso. John telefonou para dizer que se atrasaria um pouco, mas ainda leriam bastante tempo. Ouvir a voz dele já era um bálsamo para o coração dolorido de Sabrina. Ele aparecera para o

jantar de *ensaio* e ela conseguiu sobreviver ao jantar com um sorriso engessado e meneando e concordando com todos. Era incrível como tantas pessoas conseguiam levar um monólogo com o mais leve encorajamento. Tinha ido embora o mais cedo que a educação permitira, alegando uma dor de cabeça.

John chegou perto da hora que prometera. Eles haviam entrado há pouco no saguão, quando foram de encontro aos pais de Sabrina. Gabriella exagerava na arrumação da gravata do marido.

— Por que resolveu usar esta aqui? Eu tinha escolhido uma boa para você. Esta aqui tem uma volta engraçada. Acho que não foi bem cortada. O que você fez, comprou de segunda mão?

Com um grunhido impaciente, Don afastou suas mãos.

— É uma gravata boa. Gloria me deu de aniversário. Pelo menos ela teve a decência de comemorar comigo.

— Eu estava pronta para comemorar. Você que simplesmente escolheu sair com aquela sua treinadora desfrutável antes que eu chegasse da minha caminhada em grupo.

Sabrina alcançou a mão de John, o estômago afundando. Limpou a garganta para se fazer notar.

— Mãe, pai, eu gostaria que vocês conhecessem um amigo meu. Este é John Dalton.

De uma só vez, Gabriella e Don calaram a boca e viraram para olhar para John. Um pequeno rubor róseo surgiu nas bochechas de Gabriella. Ela abriu a boca, depois fechou, piscando rapidamente.

Don estendeu a mão.

— Prazer em conhecê-lo. Desculpe por nossas maneiras rudes. Este é o primeiro casamento de nossos filhos.

— Sim — acrescentou Gabriella —, nós só estamos um pouco nervosos. Está tudo bem.

John deu um passo à frente e apertou a mão dela.

— Eu estava ansioso para conhecer vocês. Sabrina me contou que estão se preparando para comemorar 30 anos de casados.

Foi a vez de Don ficar vermelho, enquanto Gabriella ficou envolvida com o padrão de desenho do carpete. O desconforto anterior de Sabrina voltou, só que agora tinha ganhado intensidade. Alguma coisa estava terrivelmente errada com os pais.

Ela mudou de assunto apressadamente e, depois de alguns instantes, eles já estavam de braços dados de novo, sorrindo amplamente. Sabrina deslizou a mão pelo cotovelo de John e suspirou. Talvez seus pais ainda estivessem cansados da árdua jornada. Também, como eles haviam dito, o casamento poderia estar deixando-os um pouco estressados.

Sabrina alisou seu vestido de dama. Mona havia escolhido cetim pêssego com cintura baixa e decote aberto. Sabrina tinha ficado satisfeita de não precisar de nenhum ajuste depois da primeira prova.

— Quero achar Cliff, depois vou avisar Mona que estou aqui. Ver se ela precisa de alguma coisa.

John acenou com a cabeça, apertando a mão dela enquanto se espremiavam por um pequeno agrupamento de convidados que estavam no vestibulo. Ela mordeu o lábio enquanto olhava para os rostos desconhecidos. De alguma forma, tinha de passar por essa provação com o mínimo contato com Noah.

— Sabrina? Você está ótima. — Brendan, um dos amigos de Cliff presentes na festa dela, a tocou no braço. Deu a John uma olhada curiosa.

Mais uma vez, Sabrina fez as apresentações necessárias e se virou para Brendan.

— Você viu meu irmão em algum lugar?

Ele acenou com a cabeça em direção a um corredor lateral curto.

— Acho que o vi escapar naquela direção. Tente a porta da direita.

— Obrigada. — Ela virou quando os pais pararam atrás dela. — Talvez possamos dizer um rápido olá antes da cerimônia.

Sem esperar uma resposta, ela guiou o pequeno grupo até a porta que Brendan tinha indicado. Talvez Cliff pudesse fazer algo para reparar as coisas entre os pais deles. Bateu suavemente à porta.

Um amortecido "Entre" foi a resposta. Ela girou a maçaneta e abriu a porta. O brilho do sol atravessava uma cortina pendurada em uma pequena janela lateral. Na frente de um espelho envelhecido, Mona estava de pé, brincando

com o véu que fluía descendo por suas costas sobre um vestido que parecia brilhar à luz.

Ela virou, e Sabrina tomou fôlego. Mona parecia uma princesa de conto de fadas. O desejo nasceu no peito de Sabrina. Para seu horror, a sala tornou-se embaçada. Ela piscou. Meu Deus, com tantos dias para os hormônios despertarem, este não era um deles.

— Mona, querida! — Para mais um desânimo de Sabrina, sua mãe correu pelo quarto para se lançar nos braços de Mona.

Os olhos de Mona se arregalaram em surpresa.

— Sra. Walker! — Elevou o olhar a Sabrina e a seus companheiros.

— Você está tão bonita. — Gabriella soluçou sobre o véu translúcido.

Sabrina deu um passo adiante.

— Mãe. Você vai arruinar o vestido. — Lançou um olhar de desculpas para Mona, movendo-se para retirar a mãe de cima dela. Obviamente essa coisa de hormônio era hereditária. — Eu sinto muito. Este é um dia muito emocionante para ela.

— Está tudo bem. — Mona acalmou a mulher mais velha. — Eu também estive um pouco chorosa esta manhã.

Gabriella se endireitou e enxugou os olhos com um lenço que retirou de uma minúscula bolsa pendurada ao pulso.

— Oh, deixe-me ajudá-la com isso. — Melhorou imediatamente quando começou a ajustar o véu.

— Você poderia? Obrigada. — Mona virou-se novamente para o espelho, enquanto a futura sogra agitada lhe arrumava o vestido.

A garganta de Sabrina queimou. Mais uma vez, piscou para eliminar a umidade aborrecedora dos olhos. Olhou para o pai e para John, que estavam parados um de cada lado da porta. John levantou a mão em um gesto interrogativo.

— Nós estávamos procurando Cliff. — Sabrina ainda queria passar um pouco de tempo com Mona antes do casamento, mas esperaria até a mãe terminar o que estava fazendo.

Mona olhou para cima e encontrou o olhar de Sabrina no espelho.

— Ele está do outro lado do corredor.

— Obrigada.

— Diga a ele que o verei mais tarde. — A mãe acenou para eles, os olhos brilhando. — Estou cuidando da noiva dele.

Sabrina meneou a cabeça duramente, odiando o ciúme que a queimava por dentro. John colocou um braço reconfortante ao redor dos ombros dela quando cruzaram o corredor. O pai dela bateu à porta.

Cliff respondeu quase imediatamente.

— Papai! — Deu um tapinha no ombro do pai quando se abraçaram rapidamente.

John chegou à frente para apertar a mão de Cliff. Sabrina relaxou. Sem a mãe, a tensão acabou no pequeno grupo.

— Boas notícias sobre aquela casa, John. Parabéns. — O sorriso de Cliff esparramou-se. — Acho que você sabe o quanto Mona está emocionada. Ela está ansiosa para ter você por perto.

— Bem, ela me verá muito agora. Eu planejo apressar o fechamento. Mal posso esperar para me mudar para cá.

O coração de Sabrina acelerou. Será que ela tinha cometido um erro não procurando John? Ele tinha tanto a dar. A memória da mão dele na cintura de Darcy flutuou por sua mente e ela pareceu zangada. John estaria interessado naquela mulher?

A cabeça de Sabrina latejou. Não podia pensar naquilo agora. Tinha de se concentrar em superar os próximos dias. Esperançosamente, John acharia alguém que merecesse a vida de conto de fadas que ele parecia ansiar dar a uma mulher de sorte. Era uma pena ela não ser essa mulher.

Cliff olhou o relógio.

— Escutem, é melhor vocês irem se sentar. Já está quase na hora.

Ele olhou para Sabrina e abriu os braços. Ela caminhou até eles, deixando-o envolvê-la num abraço forte.

— Seja feliz, Cliff — murmurou ela.

Ele chegou para trás e acenou com a cabeça, então a encostou sob o queixo dele.

— Você também, Brina. — O olhar vagueou até John e novamente para ela. — Você também.

As bochechas dela esquentaram. Cliff não conseguia ver que eles não eram mais que amigos? Pelo menos John não tinha tido sucesso em sua promessa de ganhar o coração dela.

Eles saíram para o *hall*. Sabrina parou na frente da porta de Mona.

— Pode ir. Vou ver como Mona está.

Para a decepção dela, Mona estava rodeada de ajudantes. A outra dama e a dama de honra ruiva tinham se unido a Gabriella, exagerando nos cuidados com a noiva. Sabrina ficou parada de forma desajeitada à entrada, antes que Mona virasse e a fizesse entrar.

— Sabrina, entre. Acho que não as apresentei corretamente, com todo o alvoroço de ontem. Achei que talvez vocês tivessem se conhecido no chá-de-panela. Estas são Heather e Connie. — Ela indicou primeiro a ruiva e depois a morena atraente.

Sabrina balançou a cabeça.

— A gente se conheceu ligeiramente. — Tinha estado muito distraída com Noah para notar os outros convidados no chá-de-panela.

Heather estava abrindo os botões minúsculos na parte de trás do vestido, libertando a longa cauda. Sabrina moveu-se, sentindo-se um pouco fora de lugar, mas querendo deixar tudo certo entre ela e Mona antes da cerimônia. De alguma forma, parecia importante.

— Mona... — ela brincou com o bracelete no pulso. Um que sua mãe havia lhe dado no aniversário de 21 anos. — Se você não tem nada emprestado, eu adoraria que você usasse isto.

Os olhos de Mona se arregalaram enquanto ela pegava o bracelete.

— Não, eu não tenho. Eu havia esquecido, na verdade. Obrigada.

— Eu trouxe uma liga azul para você. — Connie pulou para procurar em sua bolsa sob uma mesa por perto.

— E seu vestido é novo, certo? — Gabriella sorriu.

— Está correto. E o meu cordão é velho. — Mona deslizou a liga para baixo do

cetim cor de marfim. Respirou fundo quando Heather afofou a cauda uma última vez. — Acho que estou pronta.

— Vou avisar ao padre O'Connal. — Heather saiu graciosamente do quarto.

Connie pegou Gabriella pelo cotovelo.

— Vamos procurar um dos padrinhos para levar você para sentar. Ela olhou para Sabrina. — Nós deveríamos ir para nossos lugares.

— Irei em um instante. Quero desejar boa sorte a Mona.

Com um aceno, Connie saiu com a mãe de Sabrina. Sabrina virou-se para Mona.

— Bem... boa sorte.

— Obrigada. Eu me sinto tão honrada de fazer parte da vida de Cliff.

— Na verdade, eu realmente queria me desculpar por não ter sido mais receptiva com você antes. Acho que, de certa forma, eu sentia que você estava tirando o Cliff de mim.

— Oh, Sabrina, eu nunca quis fazer isso. Eu invejo seu relacionamento com Cliff. Ele fala de você e se preocupa com você o tempo todo. Acho que *eu* fico um pouco ressentida de vez em quando.

— Não precisa ficar. Qualquer um pode dizer que meu irmão está de quatro por você. — Sabrina apertou as mãos de Mona. — Estou tão feliz por você. Estou tão feliz por mim. Estou ganhando uma irmã.

— Eu também. — Mona abriu os braços e Sabrina a abraçou, com cuidado para não desprender-lhe o véu.

Ela se endireitou, sorrindo de verdade pela primeira vez em dias.

— Pronta?

— Pronta.

A música de órgão encheu o ar, em harmonia com os aromas de variadas flores. Buquês de flores adornavam várias mesas auxiliares, inclusive os bancos. Pelo menos cerca de cinquenta convidados sentaram-se de cada lado do corredor dividido por fitas decorativas. Muitos murmuravam suavemente uns com os outros. Na parte de trás, uma mulher mais velha fazia com que dois meninos jovens se calassem.

John estava sentado na seção da noiva.

Por mais que odiasse admitir, Sabrina precisava do apoio moral dele agora. Se ao menos pudesse estar sentada ao lado dele. O órgão deu início à música de entrada e Sabrina caminhou em seu lugar atrás de Connie. Manteve o olhar deliberadamente afastado da frente da igreja enquanto se movia calmamente pelo corredor em direção ao altar onde Noah estava de pé solenemente ao lado de Cliff.

Ao passar por John, ela virou a cabeça para buscar o olhar tranquilizador dele, mas seus olhos estavam fixos na frente da igreja e seu olhar era qualquer coisa, menos amigável.

Confusa, ela virou a cabeça para seguir o olhar fixo de John. O coração dela pulou em um salto. Noah estava de pé do lado do altar, os pés afastados, os braços ao lado do corpo, as mãos fechadas. Ela buscou um pequeno gole de ar. Ele estava arrasador de *smoking*, e seu olhar negro estava fixado nela.

Capítulo Treze

O coração de Noah baqueou quando Sabrina andou pelo corredor. O que era isso — agora que ela estava tão além do alcance dele, tinha ficado ainda mais bonita? O olhar dele varreu sua forma esbelta sob o vestido de cetim. Mentalmente, atravessou cada côncavo, cada curva do delicioso corpo dela.

Cliff tossiu ao lado dele, trazendo Noah de volta ao presente. Meu Deus, ele estava de pé no altar de uma igreja, desejando Sabrina. Se existia um inferno, ele tinha acabado de ganhar a entrada.

Ela pisou na plataforma elevada e manobrou para junto da pequena morena. Quando Heather se uniu a elas, a organista começou a tocar a *Marcha nupcial*. A noiva de Cliff apareceu na parte de trás da igreja, radiante, num vestido cor de pérola, o pai ao lado.

Mantendo a boca fechada, Noah estava formalmente de pé ao lado de Cliff enquanto Mona se aproximava conforme as notas triunfantes do órgão. A cerimônia procedeu em um borrão. Concentrar-se nas núpcias foi impossível para Noah, quando tudo no que podia pensar era em Sabrina e no homem com

um plano para dela.

Ele cerrou os punhos e se forçou a focalizar em Mona, enquanto ela sorria e contemplava o noivo. Os olhos dela brilharam, a face se iluminou com um brilho vistoso. Cliff também tinha um certo brilho sobre ele.

Franzindo o cenho, Noah sentiu uma dor aguda, pouco conhecida, de inveja. Obviamente, esses dois compartilhavam uma emoção mais profunda que a luxúria. Teria o bom e velho Cliff achado de fato o amor?

Sentindo-se mais desconfortável do que gostaria, Noah suspirou de alívio quando o padre os pronunciou marido e mulher. Uma determinação severa fez com que ele passasse pela sessão de fotos com os recém-casados. E com Sabrina. Teve a sorte de manter sempre um número de pessoas entre eles. Ela também parecia propensa a manter a distância, entretanto ele teve a dolorosa consciência da presença dela o tempo todo. Ao final, o fotógrafo pediu para tirar fotos somente com os noivos.

Noah não hesitou em se dirigir para fora. Precisava de ar. Ignorando tudo o mais, focalizou um fecho de luz do dia fluindo por uma das portas duplas abertas. Enquanto se esquivava da multidão de convidados, uma mecha de cabelo castanho capturou o olhar dele.

Ele diminuiu a velocidade e virou. Sabrina havia, de alguma maneira, chegado até ali. Estava de pé do outro lado do vestibulo. Como se sentisse o olhar dele, ela se endireitou e olhou para ele. Novamente os olhares se cruzaram. Os olhos azuis dela se arregalam e seus lábios se abriram.

O coração de Noah bateu forte. Ela havia enrolado o cabelo, prendendo-o com arte sobre a cabeça, de forma que se formasse uma cascata de cachos. O ajuste do vestido acentuava as curvas dela de uma maneira que o calor cresceu dentro dele. Ao mesmo tempo, ela parecia inocente e sensual como o inferno.

Antes que pudesse perceber o que estava fazendo, ele tinha se espremido através da confusão de corpos em direção a ela. O que ia dizer ou fazer quando a alcançasse escapava de seu controle no momento. De alguma forma, somente ficar perto dela parecia mais importante que qualquer outra coisa.

Estava a um passo de distância quando John apareceu novamente ao lado dela. Com um olhar de advertência para Noah, ele colocou os braços ao redor de Sabrina. Ruborizada, ela desviou o olhar enquanto John a virava em direção à

porta.

Noah os encarou. Desta vez, tinha de ser honesto consigo mesmo. A sensação devastadora que o torcia por dentro pouco tinha a ver com ciúme. Tinha tudo a ver com o fato de Sabrina ter encontrado um homem capaz de lhe dar um final feliz.

— Você gostaria de algo para beber? — John pousou o braço no encosto da cadeira de Sabrina.

Ela retirou seu olhar de Mona e Cliff, que circulavam pela pista de dança.

— Que tal vodca e tônica? — Ela também poderia chafurdar no desespero.

Os pais dela tinham voltado a brigar pouco tempo após a cerimônia, e a mãe havia se recusado a ir para a recepção com o pai. Desde que haviam chegado, nenhum tinha falado com o outro. Cliff só tinha olhos para Mona. Estava inconsciente do comportamento estranho dos pais.

John deu um beijo rápido em sua bochecha e saiu para o bufê e bar no outro lado do salão de dança. Como prometido, o casamento estava sendo um evento para superar todos os demais. Sabrina viu quando John sumiu na multidão.

O homem era perfeito. Era uma rocha. Tinha sido uma âncora ao longo da cerimônia, lançando-lhe olhares de apoio sempre que ela estivera em perigo de desmoronar.

Ela achou que estivesse pronta. Tinha se certificado mentalmente, mas nada poderia tê-la preparado para a visão de Noah naquele *smoking*. Quando ela o viu e seus olhares colidiram, ela mal pôde respirar, quanto mais deixar de olhá-lo. O coração havia acelerado e o calor, inundado seu copo.

Tudo o que poderia fazer era continuar andando. Mesmo agora, as bochechas coravam às suas lembranças. Como Noah poderia afetá-la estando do outro lado do salão?

Depois que todos saíram da igreja, Noah tinha andado até ela. Como uma tola encantada, ela ficara parada no lugar, até que John a enlaçasse com seu braço protetor e a guiasse para fora. O que ele pensaria dela? Agora, ele seguramente já tinha adivinhado o papel que Noah exercia na vida dela.

Mas ele se absteve de mencionar a fascinação inapropriada dela. O bom e velho John. Ele a mantinha a salvo e segura. Era reconfortante tê-lo por perto. Como

tinha sorte por tê-lo conhecido, mesmo que nunca passassem de bons amigos.

Talvez ele estivesse certo. Talvez o destino os tivesse unido. Se não tivessem se encontrado naquele avião, num momento em que ela estava tão emocionalmente abalada, provavelmente ela não teria derramado sobre ele toda sua triste história. Eles certamente teriam se conhecido, mas, sob diferentes circunstâncias, não teriam se unido tão rápido. No curto espaço de uma semana, ela sentia como se o conhecesse por toda a vida.

— O que aconteceu com seu cão de guarda? — disse Noah calmamente ao seu ouvido.

Ela se assustou, quase batendo nele. O coração quase saiu pela boca.

— Noah! Você me assustou.

Ela levou a mão ao peito e lançou o olhar em volta procurando por John, olhando para todos os lugares, menos para Noah.

— Está falando de John? Foi pegar alguma coisa para , beber. Ele voltará em breve, acredito.

— Não com as filas do tamanho que estão. — Ele puxou a cadeira ao lado dela e se jogou sobre ela. — Então, de qualquer modo quem é esse sujeito?

Endireitando-se, ela afastou os joelhos dos dele. Depois de tomar um bom fôlego, ela falou o mais tranqüilamente possível, enquanto sentia o sangue pulsar nas orelhas.

— O nome dele é John Dalton. E é meio aparente de Mona. É dono de uma agência de propaganda em Panamá City e está se mudando para cá, para Atlanta.

— E ele acredita em contos de fadas.

Sabrina o encarou. Arrependeu-se imediatamente. Ele a recompensou com um de seus sorrisos devastadores. O pulso dela batia forte, e ela franziu o cenho firme.

Os ombros largos dele se moveram.

— Certo, bem, talvez somente em cercas brancas e finais felizes.

— E se ele acreditar? Muitas mulheres acham isso extremamente atraente.

— Ah! Mas o que a atrai exatamente? O conto de fadas brilhante ou o homem

propriamente dito?

Ela hesitou. Noah achou que ela estava interessada em John.

— O homem, é claro.

As sobrancelhas grossas de Noah se ergueram. O olhar escuro dele a penetrou.

— É claro.

— O que você quer? Seu bibelô precioso não pôde resolver?

— Está falando de Darcy?

— Quem quer que seja. — Onde estava John?

— Ela me disse que você foi até a minha casa na outra noite.

Sabrina o encarou com as bochechas queimando. Tinha esquecido o quão direto ele poderia ser.

— Olhe, até onde eu sei, aquela noite nunca aconteceu. Na verdade, toda esta semana não aconteceu. Entendeu?

— Por que foi até a minha casa? O que você queria de mim?

A raiva a impeliu contra ele. Cresceu dentro dela e a ajudou a lembrar-se do quanto ele era vulgar. A lembrança de Darcy atendendo à porta com o roupão dele queimou em sua mente.

— Não era nada. Eu estava enganada.

— Sobre o quê? Estreitando os olhos, ela se inclinou para ele.

— Sobre você. Sobre a noção errada de que poderia existir um coração nessa carcaça que você chama de corpo. E a ridícula idéia de que talvez aquele coração pudesse ser nobre. — As palavras verteram antes que ela pudesse impedi-las. — Sobre o pensamento absurdo de que talvez nós pudéssemos compartilhar mais do que um caso.

A boca de Noah se transformou em uma linha, e seus olhos nublaram, mas ele levou um tempo antes de responder.

— Entendo. — Ele empurrou a cadeira para longe da mesa. — Sinto muito que você se sinta dessa forma, mas está tudo bem, já que não somos... feitos um para o outro.

Ele ficou de pé e olhou para ela.

— Vou lhe dizer uma coisa, entretanto. Você pode esquecer o que aconteceu entre nós, se quiser, Sabrina, mas Deus sabe que eu nunca esquecerei.

Depois que ele se virou e foi embora, ela fechou os olhos. *Eu não vou chorar.* Por que ele a havia aborrecido? Ela cometera um erro, enchera a cabeça com idéias apesar de saber tudo sobre ele desde o início. Tudo o que tinha a fazer era enterrar essa história no passado e fixar as visões no futuro.

O futuro. O que reservava para ela? *O que a atrai exatamente? O conto de fadas brilhante ou o homem propriamente dito?* Ela deu um suspiro. Ar, ela precisava de ar. Precisava ir para longe desse barulho, dessa multidão.

Olhando em volta uma última vez em busca de John, ela abriu caminho pelas fileiras de mesas até um jogo de portas que se abriam para um terraço. Levantou o rosto para o sol morno e respirou fundo.

— Eu estou cansado, Gabby, Estou cheio dessa sua atitude de santa. Quanto mais cedo resolvermos isso, melhor. — A voz raivosa do pai chegou até ela vinda do canto.

Franzindo o cenho, Sabrina foi em direção ao som, mas hesitou quando a mãe começou a falar.

— Por mim, está ótimo. Não agüento mais essas brigas. Vamos ligar para o advogado quando voltarmos.

A voz dela oscilou.

— Vamos simplesmente vender a casa. Eu não a quero. Nunca quis. Vou pegar minha metade e me mudar para cá, onde sou querida, onde posso ver meus netos crescerem. — Um soluço alto amorteceu a última palavra.

Chocada, Sabrina fez a curva.

— O que está acontecendo aqui?

Os pais viraram-se para ela, os olhos arregalados.

— Sabrina... — começou o pai. A mãe colocou o rosto entre as mãos e chorou, os ombros sacudindo.

— Ah, inferno. — Don colocou seu braço ao redor dos ombros dela com grosseria e bateu de leve. — Está tudo bem. Talvez possamos ao menos ser amigos novamente, assim que estivermos assentados. Talvez tudo o que precisamos seja de um pouco de espaço.

Gabriella lamentou mais intensamente.

— O que está acontecendo? — repetiu Sabrina, olhando de um para o outro. — O que vocês querem dizer com vender a casa?

O olhar triste do pai encontrou o dela.

— Não é óbvio, Brina? Estamos nos separando.

— Não. — Sabrina sacudiu a cabeça. — Vocês não podem fazer isso. Vocês dois se amam. — Ela apontou para a mãe. — Você sempre disse que ela era seu docinho.

Gabriella pegou o lenço que Don ofereceu. Assoou o nariz com uma explosão forte.

— É verdade, meu bem. — Os olhos dela brilharam. — Eu sinto muito. Não queríamos que você descobrisse dessa maneira, íamos contar a você e seu irmão em algum momento depois do casamento. Não queríamos estragar as coisas.

— Estragar as coisas? — A garganta de Sabrina queimava. Ela piscou, mas desta vez suas lágrimas se recusaram a ser educadas. Elas se derramaram por sua face abaixo em torrentes quentes. — Vocês estão arruinando tudo!

Estava agindo como uma criança mimada quando se virou e correu para longe deles. Tudo o que queria era se jogar na cama, espernear e gritar até perder o fôlego.

Como eles podiam? O mundo estava conspirando para provar a ela que Noah estava certo? Finais felizes não existiam. O amor era realmente uma invenção da imaginação dela.

Ela parou e se apoiou em uma parede baixa de tijolos. Uma porta vizinha rangeu ao abrir e fechou. Ela esfregou os olhos com as mãos, olhou para cima e viu Noah parado na frente dela. Seus olhos negros diabólicos a encaravam com uma quantia enervante de compaixão. De todas as pessoas no mundo que podiam vê-la em desespero, ele era sua última escolha.

Empertigando a coluna, ela ergueu o queixo.

— Espero que você esteja satisfeito agora. As sobrancelhas grossas dele se juntaram.

— Você tinha razão. — Ela ergueu os braços e os deixou cair em derrota. — Sobre tudo. — A voz falhou quando novas lágrimas desceram por sua face.

— Sabrina, não faça isso. — A voz dele, cheia de preocupação, reverberou por ela. Ele estendeu a mão.

Ela vacilou.

— Não, não faça *você*. — Ela se ajeitou e empurrou-o para trás. — Fique longe de mim, com seus olhos malditos.

— Sabrina. — Desta vez, ele esticou a mão e pegou o braço dela.

Ela escapou dele.

— Não faça isso.

A porta rangeu ao abrir novamente. Lançando um olhar escuro a Noah, John se apressou para o lado dela.

— Sabrina, o que aconteceu?

Arrastando o olhar de Noah, ela se virou para o John.

— Você poderia me levar para casa, por favor?

Ele hesitou, olhando de volta para a porta que conduzia à recepção. Então ajeitou os ombros.

— Certamente.

Com o braço seguro sobre Sabrina, ele a conduziu até o carro.

O cheiro de cloro queimou as narinas de Noah na manhã seguinte quando ele manobrou passando pela piscina do condomínio de casas de seu pai. Trabalhadores tinham removido a cobertura da piscina, evidentemente preparando-o para a nova estação. A primavera estava chegando.

Passando por várias fileiras de vasos de plantas, ele rumou para a casa de seu pai, no final de uma pequena passagem. David Banks respondeu o seu toque quase imediatamente.

— Noah. Entre. Acabei de preparar um café. Quer uma xícara?

— Parece ótimo. Como você está, pai? — Ele pisou no batente. Como sempre, a casa do pai cheirava a fumo em uma tabacaria.

— Não muito bem. Meu coração tem me dado um pouco de trabalho. — Ele conduziu Noah à pequena cozinha e encheu duas xícaras.

Erguendo as xícaras, acenou em direção à varanda que circundava a parte de

trás da casa.

— Vamos sentar lá fora. O doutor disse que preciso de bastante ar puro.

Noah o seguiu. Eles se instalaram em cadeiras de ferro forjado colocadas junto a uma mesa que combinava.

— Que tipo de trabalho?

Dave balançou a mão em negação.

— Nada sério. Só estou ficando velho, eu acho. As partes estão gastando. Preciso fazer uma dieta, não ficar muito estressado. — Ele franziu o cenho. — Preciso parar de fumar e de beber.

Noah deu um gole no café. Conhecendo o pai, a situação tinha de ser séria para ele sequer mencionar.

— Seu médico é bom?

— É. O melhor. Ele vem me remendando há anos. Dr. Stevens. Sua mãe também o consultava, antes de fugir para as malditas montanhas. Mulher insana.

— Bem, você parece forte o bastante.

— Com certeza. Tenho caminhado todos os dias. Ainda gosto de jogar um pouco de golfe. Tênis de vez em quando, quando consigo achar um jogador que valha o esforço. — Ele suspirou. — Acho que não tenho muita alternativa, a não ser viver uma boa vida estes dias.

— Engraçado. — Noah se mexeu no assento acolchoado. — Tenho pensado muito nisto ultimamente: o que constitui uma vida boa.

As sobrancelhas de David se ergueram.

— Estou com um sentimento que não estamos falando sobre parar de beber tequila.

— Eu costumava achar que tudo o que eu queria da vida era uma boa dose de tequila, uma carreira desafiadora e uma boa mulher para namorar, mas ultimamente... não sei mais o que quero.

— Eu sei o que eu quero. — Seu pai olhou ao longe, por cima do declive gramado.

— O quê?

Ficou em silêncio por tanto tempo que Noah achou que ele não ia responder. Então dobrou as mãos sobre o colo e olhou atentamente para o filho.

— Quero sua mãe de volta.

Noah arregalou os olhos, surpreso. Encarou o pai sem ter certeza de como responder.

— É tolice, todos esses anos desperdiçados. Ela está sozinha. Eu estou sozinho. Eu esperava que ela cedesse muito tempo atrás. Mulher teimosa.

— Ceder? Do que você está falando? Vocês se odeiam.

Os olhos de Dave brilharam com recordações de um passado mais feliz.

— Nós nos amávamos. Nunca duvide disso. Nosso amor era digno de livros.

— Por favor. Eu estava lá, lembra? Ele inclinou a cabeça.

— Você só está se lembrando dos últimos meses. Pense em antes, quando você era garoto. Lembra?

Enrugando as sobrancelhas, Noah tentou se lembrar. Recordações nebulosas apareceram na mente dele — seu pai brincando de pega-pega com ele enquanto a mãe os olhava com os olhos brilhantes, seus pais se beijando na cozinha; carinhos sussurrados à noite. Todo esse tempo ele tinha focalizado em apenas alguns meses ruins? Espantado, ele olhou para o pai.

— Mas as coisas estavam realmente ruins perto do fim. — Tão ruins, que aparentemente ele bloqueara todos os momentos felizes.

— Isso foi um erro, meu erro. Eu também admiti isso, pedi desculpas até perder o fôlego, mas aquela mulher tem um coração duro. Quando ela se fecha para você, pode esquecer. — Ele fez um movimento cortante com a mão. — Nunca fique mal com ela. Não que eu já tenha lhe dado muito motivo para me perdoar. Não posso dizer que eu tenha me perdoado.

— Que tipo de erro? David encolheu os ombros.

— Uma pequena transgressão.

— Você quer dizer um romance? — Noah o fitou, descrente.

— Não um romance, na verdade. Foi só uma vez, bem, houve aquela vez no vestiário do clube, também.

— Você teve um caso. — Ele nunca tinha pensado nessa possibilidade. Seu pai

era um homem honrável. Pelo menos Noah sempre pensara nele dessa forma. Nunca fora do tipo que corria atrás das mulheres, nem mesmo após o divórcio.

— Você precisa entender. Eu estava tendo uma crise de meia-idade ou algo do tipo. Eu precisava provar que ainda era jovem e atraente. Aquela jovem me fez sentir invencível novamente. — Ele inclinou a cabeça para trás e contemplou o céu.

— Quem era ela?

Endireitando-se, o pai nivelou o olhar ao dele.

— Era uma garçonete no restaurante em nosso clube de tênis. Tinha... — Fez movimentos com as mãos na frente do corpo para mostrar o tamanho dos seios dela.

— Meu Deus. — Noah bateu com a mão na testa. — Bonnie, ou algo assim. Eu me lembro dela.

— Sim. Ela mesma. Você sabe, a forma como ela me olhava me fazia sentir dez anos mais jovem. Me fazia sentir como se eu fosse um herói ou algo assim. O estresse do trabalho, a rotina do dia-a-dia de um casamento não existia no momento em que eu estava com ela. — Ele parou, um olhar aflito no rosto.

— A segunda vez foi no vestiário. Sua mãe nos pegou. Eu sabia, no momento em que a vi, que nosso casamento tinha acabado. — Ele balançou a cabeça. — Eu poderia ter arrancado meu coração pela dor nos olhos dela. Eu a amava... ainda amo.

— Pai... — Noah estava sem palavras.

— Aquela garçonete não significou nada para mim. Era somente aquela mulher que momentaneamente me distraiu do que era realmente importante. Não consigo me perdoar por ter causado tanta dor à sua mãe. Se eu tivesse a chance, faria tudo diferente, mostraria a ela o quanto eu realmente a amava. Eu daria tudo por uma segunda chance.

Ficaram sentados em silêncio por um momento. O vento rufou por eles, fazendo um jogo de sinos de vento tilintar por perto. Noah inclinou-se para a frente, colocando a mão sobre a do pai.

— Sinto muito. Eu não tinha percebido o quanto você amava mamãe.

— Ah, eu não sei por que estou lhe dizendo tudo isso agora. Só estou me

sentindo um pouco melancólico ultimamente. Talvez você não cometa o mesmo erro, não é?

— Se você encontrar uma mulher para amar, agarre-se a ela. Mantenha-a em primeiro plano em seus pensamentos. Não a perca por uma fantasia passageira. Uma pequena aventura é uma coisa se você está livre e solteiro, mas não vale a pena abrir mão de uma boa mulher por isso.

Ele ergueu a xícara de café e fez uma pausa antes de beber um gole.

— Nada é melhor que uma boa mulher que ame você.

Noah concordou com a cabeça. Os sinos de vento cantavam suavemente. Seu pai estava certo. Talvez Noah soubesse a verdade dessas palavras desde o início. Talvez V tivesse começado a sentir isso quando conheceu Sabrina.

De longe ela era a melhor mulher que conhecia. Era' terrível não conseguir tirá-la da cabeça.

Ele a tinha visto fugir para o terraço durante a recepção, sabia que devia deixá-la quieta, mas alguma coisa na expressão dela o fez segui-la. Quando ela levantou os olhos chorosos, ele quase perdeu o controle.

Tudo o que ele queria fazer naquele momento era abraçá-la e acalmar seu sofrimento,

Mas ela não era dele, para ele poder abraçá-la. Ele tinha tido um caso — aquele interlúdio muito curto que o deixou desejando e esperando. Mesmo agora, ele não conseguia esquecer como tinha sido com ela.

— Nunca subestime o poder do amor. — A voz do pai interrompeu seus pensamentos. — Ele pode virar um ódio, poderoso. Estou vivendo com este último. Ela me odeia agora. Vai continuar me odiando até que estejamos os dois muito velhos e decrepitos.

Noah inclinou a cabeça.

— Como você pode estar tão certo? Tem falado com ela ultimamente? O tempo cura tudo. Talvez ela esteja com mais tendência ao perdão agora.

Uma pequena risada estourou dos lábios do pai.

— Ela não me escutará. Por que acha que ela se mudou para as montanhas? Ela não consegue ficar nem no mesmo estado que eu.

— Sinto muito, pai. Talvez as coisas se ajeitem um dia.

O pai grunhiu e baixou a xícara de café com um estrondo.

— Chega de conjecturas. Que tal bater uma bolinha com seu velho? — Ele gesticulou para a quadra de tênis, além da área da piscina.

Noah ficou de pé.

— Hoje não. Talvez da próxima vez. Tenho algumas coisas muito sérias em que pensar.

— Pensar em largar as doses de tequila? — Os olhos de David brilharam.

Após olhar para ele por um longo momento, Noah meneou.

— É, talvez algo assim.

Capítulo Quatorze

O murmúrio constante de vozes se misturou ao tilintar dos talheres de prata contra a porcelana fina. Sabrina abaixou o copo de água e deu um sorriso valente para John.

— O que farei até você voltar? Fiquei tão acostumada em tê-lo por perto.

Ele esticou o braço para apertar a mão dela.

— Eu fiquei feliz de poder apoiá-la esta semana.

— Não foi uma das minhas melhores. Espero que você saiba que me pegou no meio de uma confusão. Eu não costumo ser tão lastimável.

— Você teve seus momentos. Eu vi fagulhas suficientes nesses olhinhos azuis para ter uma idéia, de qualquer forma.

— Espero que sim. — Ela afastou a mão dele para brincar com o garfo. — Você vai estar muito ocupado com a mudança.

— Eu gosto de estar ocupado. Faz o tempo passar mais rápido. Vou estar de volta antes de você se dar conta.

A garganta dela apertou. Como ela poderia ter sobrevivido à última semana se não fosse por ele?

— Vou sentir falta de conversar com você. Os olhos dele se aqueceram.

— Também vou sentir saudades de você. Não se preocupe. Você não está se livrando de mim. Espero que possamos nos ver quando eu voltar.

Ela balançou a cabeça enquanto a tristeza a dominava. Sentia como se estivesse perdendo um amigo querido.

— Sabrina, você se importa se eu fizer uma pergunta?

O olhar sério nos olhos de John a deixou um pouco apreensiva.

— Nem um pouco. O que quer saber? Ele arrastou a cadeira mais para perto.

— Foi Noah, não foi? Ela piscou.

— Como assim, Noah?

— Noah. Foi ele que a seguiu até a Flórida para impedi-la de executar o plano do caso. O homem que você não conseguiu parar de olhar ontem na igreja. Noah, o homem que tirou sua virgindade.

— Oh. Esse Noah.

Ele manteve a voz calma e casual, como se estivessem discutindo sobre o tempo.

— Algo aconteceu entre vocês dois na Flórida, não foi? Quero dizer, algo além do físico.

Engolindo em seco, ela agarrou o guardanapo e começou a torcê-lo.

— Não o que você pensa... exatamente.

Ele a encarou por um longo momento. — Você sabe, eu não perguntaria nada disso, mas passei a gostar de você. Agora que Cliff e Mona se casaram, sinto como se fôssemos uma família.

— Eu também gosto de você, John. — Um riso curto borbulhou dela. — Sabe, estou um pouco aliviada por termos esta conversa. Sobre nós sermos uma família, quero dizer. Eu me senti assim desde o momento em que nos conhecemos, como se já tivéssemos essa conexão. Depois você me deu muita atenção e eu fiquei com medo... bem, que você estivesse interessado em mim. Ele inclinou a cabeça.

— De fato, eu estava interessado.

— Oh.

— Mas eu acho que talvez nós sejamos muito parecidos. Nós, realmente, demonstramos que seremos grandes amigos. Além do mais, eu acho que conheci alguém.

A imagem de Darcy atendendo à porta de Noah flamejou pela mente de Sabrina. Seu impulso inicial era alertá-lo sobre ela, mas Darcy e Noah eram solteiros. Havia alguma coisa errada com o fato de os dois terem ficado juntos além de ter devastado Sabrina? Ela e Noah haviam concordado em não criar laços. Ela não tinha o direito de se sentir magoada.

— Você está falando de Darcy, não é? — pergunto ela.

Os olhos dele clarearam.

— Sim. Eu não sei, há algo maravilhoso nela. Não consigo tirá-la de minha mente.

Será que ela deveria revelar que Darcy tinha estado com Noah? Teria algum efeito além de desencorajar John? Talvez Darcy não tivesse conhecimento do interesse dele na ocasião.

— Ela é uma garota de sorte. Você é tudo que uma mulher pode querer. Eu estava começando a pensar que homens como você não existiam. É uma pena que você não tenha um clone para mim.

Os dedos dele se entrelaçaram nos dela.

— Não, você precisa de um clone com cabelos pretos e olhos escuros, mas com um coração que veja o prêmio maravilhoso que está só esperando ele reivindicar.

Lágrimas encheram os olhos dela. Sabrina acenou com a cabeça, incapaz de falar.

— Quer que eu converse com ele?

— Não, mas obrigada por oferecer.

— Tudo acontecerá para você, Sabrina. Eu posso sentir. Você está destinada a ter um grande amor.

Ela teve de rir da frase.

— Você é muito bom para mim.

Ele se inclinou para a frente a fim de pegar a mão dela novamente.

— Tem certeza que está tudo bem para você sobre mim e Darcy?

Ela concordou com a cabeça, enquanto um nó formou-se no estômago dela. Será que estava predestinada a sempre estar do lado de fora, olhando para dentro?

— Positivo. Eu lhe desejo toda a felicidade.

— E a garantia de que seremos sempre amigos?

— Oh, sim. Eu não aceitaria de nenhuma outra forma.

Bolos de poeira voaram em toda a direção quando Sabrina passou o espanador de penas em cima de um fileira de livros. Ela espirrou violentamente, piscando para manter a sujeira a distância. Ótimo. Hoje ela não parecia conseguir realizar nem a simples tarefa de tirar pó.

Sem aviso prévio, lágrimas brotaram em seus olhos. Santo Deus, nova maratona com os hormônios, não. Era tudo que ela precisava. Por que estava tão emotiva esses dias? Tinha sobrevivido ao casamento de contos de fadas de Mona. De alguma forma, estava lidando com a separação iminente dos pais. Tinha até conseguido não pensar em Noah durante grande parte da manhã.

O sino na porta da loja tocou. Secando o rosto, ela desceu do banquinho usado para alcançar a parte de cima da estante de livros. Um jovem casal entrou, os braços ao redor um do outro, as cabeças encostadas. Como eles caminhavam sem tropeçar era um mistério.

— Bom dia — cumprimentou ela, forçando seu melhor sorriso.

A garota a avaliou, com olhos redondos e enormes enquanto o rapaz retribuiu a saudação.

— Podemos folhear um pouco? — perguntou ele.

— Claro. Meu nome é Sabrina. Podem me chamar se, tiverem alguma pergunta, ou se precisarem de alguma coisa.

A garota puxou o rapaz pelo colarinho e sussurrou no ouvido dele. Ele sorriu e virou para Sabrina.

— Você tem algum livro de poesia? Elizabeth Barrett. Browning ou talvez algum Keats?

A garganta de Sabrina apertou.

— Certamente. Por aqui. — Ela os conduziu através das fileiras e entrou em um corredor curto. — Todos os nossos livros de capa dura estão aqui. Tenho alguns de' capa mole na seção de usados.

— Legal. — A jovem soltou-se do namorado somente o suficiente para alcançar um livro em uma prateleira.

Sabrina meneou a cabeça quando os dois curvaram as suas em cima do volume. Suspirando, ela foi em direção à parte de trás do balcão. Por que deveria ficar aborrecida com um casal de jovens fantasiando com Keats e um com outro?

O sino da porta chamou sua atenção mais uma vez. Olhou para cima e viu Libby Conrad entrar. Os cachos brilhosos estavam amarrados para trás com um lenço turquesa, e levava uma pequena cesta pendurada no braço.

— Bom dia! — exclamou ela.

Balançando a cabeça, Sabrina saiu de trás do balcão. Dia com certeza era, mas ainda tinha de encontrar o que havia de bom nele.

— Bom dia, Libby, como está hoje?

— Maravilhosa, querida. Encontrei um azulão cantando no beirai da minha janela ao amanhecer. Tenho certeza que é um bom presságio. — Seus olhos brilharam. — Meu Henry ligará hoje, com certeza.

Sabrina encostou a mão em seu peito. Como conseguiria terminar este dia?

— Eu realmente espero que ele ligue. — A voz tremeu. Libby colocou a cesta no balcão e se virou para Sabrina.

— Meu Deus, querida, o que está deixando você tão para baixo? Já está com saudades de John?

Ele só tinha ido embora há quatro dias, mas já havia telefonado duas vezes, fazendo o possível para animá-la, portanto ela tentou colocar um sorriso no rosto. Ele e Darcy já estavam ocupados planejando sua vida de "viveram felizes para sempre". Pelo menos alguém teria a cerca branca.

A verdade era que Sabrina estava realmente feliz por eles. O relacionamento deles reforçava sua crença no amor verdadeiro. Se ao menos pudesse compartilhar o otimismo de John de que ela estava predestinada a encontrar o amor.

— Veja. Eu fiz isso para animar você. — Libby entregou a ela a cesta com aroma

doce. — São biscoitos de vários sabores. Têm pedacinhos de três tipos de chocolate, baunilha, manteiga de amendoim e caramelo.

Ela puxou um biscoito das dobras de um guardanapo que arrumara para mantê-los quentes.

— Eles são para as pessoas que não conseguem se decidir.

Sabrina examinou o biscoito quando Libby o colocou na mão dela.

— É uma pena que não podemos fazer a mesma coisa com homens, assá-los todos juntos em um só biscoito, então não precisaríamos escolher somente um.

Com os olhos bem abertos, Sabrina encarou a mulher mais velha.

— Eu não tenho nenhum homem para escolher. Libby arrumou um cacho perdido no lenço.

— Você terá, querida. E, se não estou enganada, existe alguém. Não o John. Ele estava interessado por um tempo, mas não era o homem certo para você. Tem mais alguém, não tem?

A garganta de Sabrina travou.

— Garanto a você que não há nenhum outro homem na minha vida.

— Tem certeza?

O vazio de seus dias pressionou Sabrina, ameaçando sufocá-la. A sala parecia fechar. A garganta queimava como se tivesse engolido facas de fogo.

Libby a observou atentamente.

— Nem o adorável sr. Banks, que veio aqui à sua procura algumas semanas atrás?

Um soluço explodiu a fina compostura de Sabrina, conduzindo-a a uma cachoeira virtual. Ela se jogou sobre o ombro reconfortante de Libby e deixou a tempestade abater sobre ela. Depois de uma quantidade infinita de tempo, os pesados espasmos se transformaram em soluços intermitentes.

Libby pegou um lenço bordado e tocou de leve as faces de Sabrina. Meu Deus, quando tinha se tornado um espécime tão lamentável?

— Isso, querida. Assim está melhor. — Com os olhos cheios de preocupação, ela guiou Sabrina até um banco atrás do balcão. — Um coração partido é algo difícil de se remendar.

— Um coração partido? — Sabrina fitou o lenço bordado que Libby lhe entregara. Por que era sempre a última a descobrir o que a estava aborrecendo? Claro que estava com o coração partido. Tinha encontrado o homem errado e tinha sido tola o bastante para se apaixonar por ele.

Libby colocou a mão sobre seu próprio coração.

— Eu gostaria de poder dizer que o tempo cura todas as feridas. — Os olhos dela turvaram. — Mas receio que ainda estou esperando.

Uma lágrima solitária riscou a face dela. Sabrina estendeu as mãos para tocar as de Libby.

— Oh, Libby, o que faremos?

— Bem, primeiro você vai vender este livro a esses jovens. — E apontou para os dois de outro lado do balcão.

Sabrina virou-se e viu os jovens amantes encarando-as, de olhos bem abertos.

— Se estiver tudo bem... — O jovem colocou o livro sobre o balcão e pegou um maço de notas.

— Sim, é claro. — Sabrina pulou do banco para efetuar a venda. — Sinto muito que vocês tiveram de esperar.

O jovem cocou a cabeça.

— Você contou ao cara?

Com o recibo na mão, Sabrina o fitou.

— Que você o ama. — A garota pareceu intranquila. Os jovens se viraram e trocaram olhares.

— O amor tem um enorme poder de transformação — disse ele.

— Pode curar qualquer ferida, acertar o que está errado — acrescentou ela.

Sabrina colocou o livro em uma sacola e o entregou ao jovem. Teve de pigarrear duas vezes antes de obter a atenção dele. O jovem sorriu e prendeu a sacola debaixo d braço livre.

— Obrigado. E boa sorte.

Tudo o que ela conseguiu fazer foi assentir enquanto os dois partiam, de braços dados. Como conseguiam caminhar daquela maneira?

— Maravilhosos! — Libby pegou outro biscoito. Sabrina virou-se para ela e apontou os pombinhos.

— Você acha que devo dar ouvidos a esses dois?

— Eles parecem ser especialistas no assunto. — Ela ofereceu o biscoito a Sabrina.

Sabrina olhou para o fio de chocolate escuro e meio amargo derretido no biscoito dourado. Ela seria capaz de fazer isso? Conseguiria contar a Noah que o amava? Toda a angústia e a raiva que sentira quando ele a abandonou na Flórida voltaram à sua mente.

— Não posso.

Libby apertou os lábios.

— O que você vai fazer?

— Vou juntar os pedaços e seguir adiante.

— Boa menina. Com o tempo, você verá que isso é o melhor. Talvez a ferida nunca cicatrize completamente, mas vai melhorar.

Sabrina concordou, com o coração pesado.

— E chocolate, muito chocolate ajuda.

Forçando um sorriso, Sabrina pegou outro biscoito.

Uma brisa suave embaralhou os cabelos de Noah quando ele parou na entrada da loja de Sabrina. Uma sensação de *déjà vu* apossou-se de seu corpo enquanto as notas de uma melodia de jazz ecoavam pelo ar. Vislumbrou o espaço na frente do longo balcão, onde vira Sabrina pela primeira vez. A lembrança de seus quadris flexíveis balançando ao som do sax o dominou. Logo depois, uma segunda lembrança assombrou seu devaneio: Sabrina seduzindo-o com sua dança de sereia naquela última noite na Flórida. Noah fechou os olhos.

— Oi. — Uma voz simpática interrompeu sua quimera. Uma morena robusta aproximou-se, segurando um prato de biscoitos de doce aroma. Ela estendeu o prato para oferecer os biscoitos. — Eles são biscoitos de tudo ou algo assim. Recheados com um pouco de tudo. Nunca provei nada tão decadente.

Ele se conteve. A decadência já tinha lhe causado problemas demais.

— Não, obrigado.

Ela deu de ombros e apontou com a cabeça para um canto mais distante.

— As moças vão devorá-los, sem dúvida. Sempre providenciamos algo para mordiscarem.

Ele acompanhou o olhar dela para uma área aconchegante, mobiliada com várias cadeiras que não combinavam, mas que pareciam confortáveis, além de uma resistente namoradeira. Uma dezena de mulheres conversava. Em uma mesa central de café havia uma jarra e copos do que parecia ser limonada rosa.

— Nosso grupo de leitura. — A morena o informou, sem que ele tivesse perguntado. — Formam um grupo leal. Devoram romances.

De sobranceiras erguidas, Noah assentiu.

— Deve ser bom para os negócios.

— Ah, sim. Além disso, elas ganham um desconto nos dias de leitura.

Novamente, ele assentiu, impressionado. Sabrina não era só um arraso: também tinha talento para os negócios.

— A sua chefe está?

— Sabrina? Ela está nos fundos. Vou deixar isso ali e vou chamá-la para você. Sinta-se à vontade para dar uma olhada na loja enquanto isso. Estamos liquidando alguns livros especiais. Estão naquela mesa ali. — Ela indicou uma mesa à direita do balcão e em seguida virou-se com os biscoitos.

Enquanto esperava, Noah examinou os livros, tentando não se esquecer do verdadeiro motivo da visita. A verdade era que ele não sabia exatamente por que estava lá. Tinha adiado o máximo possível, porém, mais uma vez, deixou-se dominar pelos impulsos.

Tudo o que sabia é que não conseguia esquecer a dor nos olhos de Sabrina quando a encontrou chorando do lado de fora da recepção. Apesar da explicação de Cliff sobre a separação de seus pais, Noah não conseguia deixar de pensar que era de alguma forma responsável pela tristeza de Sabrina.

Tinha de se certificar que ela estava bem. Além disso, precisava resolver sua relação com ela. Talvez assim Sabrina saísse de seus sonhos e ele conseguisse continuar com sua vida.

— Noah?

O coração dele disparou ao som da voz de Sabrina. Ele se virou. Ela estava a um passo de distância, apertando as mãos, com um olhar desconfiado.

— Sabrina...

— O que está fazendo aqui? — perguntou Sabrina, surpresa.

Ele pigarreou, momentaneamente paralisado.

— Eu estava passando... Ela cruzou os braços.

— Poderíamos ir a algum lugar para tomar uma xícara de café?

— Por quê?

— Eu só... — Ele sacudiu a cabeça e decidiu tentar dizer a verdade. — Após a recepção, bem... Cliff me contou sobre seus pais. Eu queria saber se estava tudo bem.

Ela deixou os braços caírem ao lado do corpo, com ar surpreso. Em seguida, desviou o olhar.

— Estou bem... obrigada.

Ele a encarou por um momento, franzindo a testa.

— Você parece cansada.

Na verdade, ela parecia cansada e frágil. Os instintos de proteção dele começavam a assumir o controle.

— Venha, uma pausa para o café pode ser útil. Ela olhou para o grupo de mulheres no canto.

— Eu não devia. Tenho de sair mais cedo.

— Não vamos demorar muito. Há um lugar calmo não muito longe. Poderíamos caminhar até lá. — Determinado e aproveitando-se da hesitação de Sabrina, Noah abriu seu melhor sorriso. — O ar fresco lhe fará bem.

Após um instante de indecisão, ela chamou a morena.

— Trish, vou fazer uma pausa e volto já. Trish prestou continência:

— Tomarei conta do forte.

Um lampejo de otimismo passou pela cabeça de Noah quando pegou o braço de Sabrina para acompanhá-la para fora da loja.

— Gostei da idéia do grupo de leitura.

Ela manteve o olhar distante, fixo na calçada.

— Eu não devia fazer isso.

— Por que não?

Ela ignorou a pergunta e os dois caminharam até a cafeteria em silêncio. Depois que receberam os pedidos, Noah acompanhou Sabrina até uma pequena mesa. Ele apertou os lábios ao ver o confortável sofá perto da lareira apagada. Evidentemente, ela escolhera a mesa para manter alguma distância entre os dois.

Sem problemas. Afinal, ele só estava ali para encerrar a história de uma vez por todas, nada mais. Sabrina colocou açúcar no *cappuccino* e assoprou um pouco da fumaça quente. Ele engoliu em seco, incapaz de tirar os olhos de seus lábios arredondados.

— Você ficou muito bem de *smoking*. Ele pegou a xícara.

— Você também... de vestido, quero dizer.

Ela tomou um gole, deixando o café descer suavemente pela garganta e passou a língua pelos lábios.

— Você... estava sozinho.

Ele assentiu, com a garganta seca. *Encerramento*.

— Eu não achei que fosse obrigatório ter uma companhia.

— Ah, não! — Um leve rubor coloriu sua face. Franzindo a testa, ele colocou a xícara na mesa.

— Olhe, Sabrina, eu lhe devo desculpas. Ela ficou imóvel, o olhar fixo na bebida.

— E por que você está se desculando? — Sua voz soava forçada, como se falasse com os dentes cerrados.

Ele se moveu, tomado de um pesado senso de inaptidão.

— Droga, se eu soubesse! Acho que deveria me desculpar por me aproveitar de você naquela noite, após a sua festa. Devia me desculpar por nosso caso, que tivemos, quer você admita ou não. Mas tenho de ser honesto. Não consigo me sentir culpado por nada do que fizemos.

Depois de suspirar profundamente, ele continuou.

— Mas sinto que errei com você de algum modo, então, acho que estou me desculpando por isso. E por não estar triste pelo que aconteceu.

Passando os dedos pelo cabelo, Noah lançou um olhar para ela. Sabrina o observava com os lábios tão apertados que pareciam apenas uma linha fina; os olhos vigilantes.

— Você não se aproveitou de mim. Eu me ofereci e estava ciente das conseqüências.

Noah sentiu o estômago embrulhado. Deus, ela se oferecera e ele compartilhara de todas as suas maravilhas. Ele estava sufocado pela lembrança dos gemidos dela, o corpo tremendo, levando-o ao êxtase. Ele ainda podia sentir seu corpo, seu gosto... mas o remorso o dominava. Se ao menos ele a merecesse.

— Mesmo assim, eu não devia ter me aproveitado de sua generosidade.

— OK. Desculpas aceitas. — Ela sustentou o olhar dele enquanto se afastava. Em seguida, levantou-se. — Tenho de ir.

O coração dele disparou.

— Espere. Não é só isso.

— Noah, não estou entendendo. Você disse que não éramos compatíveis.

— Eu disse um monte de coisas. Acho que também vim aqui para lhe dizer que posso estar errado com relação, à maioria delas.

Lentamente, ela se sentou outra vez.

— Por exemplo? Seu coração acelerou-se outra vez. O que ele estava tentando dizer? Que desde que a conhecera Noah estava perdido e confuso? Que estava errado em não acreditar em contos de fadas? Que de repente, Noah só queria que esses contos fossem verdade? Ele deu de ombros.

— Eu estava errado sobre finais felizes. Às vezes eles acontecem.

Os olhos dela enevoaram-se.

— Quando, Noah?

— Bem, veja o exemplo de Mona e Cliff.

— Aquilo não foi um final. Foi um começo. Meus pais começaram da mesma maneira.

Ele assentiu, sentindo como se estivesse se afogando.

— Estou certo de que existe alguém, em algum lugar, vivendo feliz para sempre com sua cara-metade.

Ela ficou em silêncio por um longo instante.

— Isso quer dizer que os finais felizes estão reservados para um poucos escolhidos.

Se estivesse perto de uma parede, Noah teria batido sua cabeça contra ela. A conversa não estava seguindo o rumo que ele esperava.

— Eu não sei. Eu acho.

— E isso é tudo? É tudo o que tem a me dizer? — A mistura de esperança e tristeza nos olhos dela o distraíram. Ele estava tentando, mas não tinha idéia de como consertar as coisas entre os dois.

Noah respirou profundamente.

— Só queria que você soubesse que, na recepção, quando você disse que esperava que eu estivesse feliz, que eu estava certo sobre tudo... bem, eu não estava.

Ela assentiu.

— OK. — Levantou-se e parou. — Obrigada pelo café.

Noah permaneceu sentado, inerte enquanto ela virou e saiu. Ainda a olhou durante uma infinidade, com o coração tão apertado que seu peito doía. Um sentimento de perda tomou conta de Noah, e finalmente ele sabia.

Ele estava errado sobre a droga do fim do relacionamento, porque, na verdade, essa era a última coisa que queria com ela. Estava errado em deixá-la partir, tanto na Flórida quanto agora. Porém, acima de tudo, estava errado em ter dúvida da existência do sentimento mais poderoso de todos. Estava errado em não acreditar no amor.

Noah caminhava sobre o tapete de Cliff com um copo vazio na mão.

— Então, o que ela disse sobre o cara? Ela está feliz por que ele está se mudando para cá?

— Mona?

Noah virou, sacudindo a mão em frustração.

— Sabrina. Ela gosta dele?

Com os braços cruzados sobre o peito, Cliff encarou Noah por um instante, antes de responder.

— Já passamos por isso antes. Ainda não tenho certeza se confio em você perto da minha irmã. Por que devo responder a todas essas perguntas?

Rosnando, Noah colocou o copo na mesa de Cliff.

— Você tem todo o direito de desconfiar de mim. Eu admito. No passado, nós víamos as mulheres de modos diferentes. — Ele encolheu os ombros. — Talvez eu não as tenha levado a sério, mas agora estou vendo as coisas por outra perspectiva.

— Que tipo de perspectiva?

A cadeira na frente da mesa de Cliff rangeu quando Noah desabou sobre ela. Nunca pensou que teria esta conversa.

— Bem, veja você e Mona. Vocês têm uma coisa muito boa: amor, casamento, a possibilidade de ter filhos. Talvez eu esteja começando a pensar sobre essas coisas.

Cliff ficou de queixo caído.

— Você está pensando em amor... e filhos?

— Não sou tão superficial quanto todos pensam! OK, talvez eu tenha sido cético com relação ao amor, mas estou pronto para admitir que estava errado.

— Sou todo ouvidos.

— Estou pensando sobre isso e não quero me ver daqui a vinte, trinta anos e descobrir que sou um solitário, sem nada, que desperdiçou o tempo com uma longa seqüência de relacionamentos superficiais.

— Uau!

Noah respirou. O que exatamente ele queria?

— Quer ter lembranças, muitas lembranças felizes de uma família e um lar. Quero uma esposa amorosa e filhos, que ainda gostarão de mim quando meu cabelo cair e minhas economias acabarem.

Cliff inclinou-se e o examinou por algum tempo, do outro lado da mesa, com ar surpreso.

- Você está dizendo o que eu acho que está dizendo? Noah retribuiu o olhar.
- Estou dizendo que é hora de mudar algumas coisas na minha vida, em meus hábitos pessoais.
- Nada mais de uma mulher a cada semana? — Cliff estava ainda mais surpreso.
- Quem precisa delas quando pode ter uma única boa mulher?
- E você acha que Sabrina é essa mulher?

Noah respirou profundamente. Estava travando uma batalha contra seus sentimentos desde a primeira vez em que a vira. Admiti-los não era tão assustador quanto havia imaginado.

- Sem dúvida nenhuma.
- Verdade?
- Verdade.

Cliff empurrou a cadeira para trás e levantou-se, caminhando até a janela.

- Como posso ter certeza que você está falando sério sobre mudar seus hábitos?

Noah lançou um olhar significativo sobre o copo que havia deixado sobre a mesa de Cliff.

- Você já me viu deixar uma garrafa de tequila fechada?

Cliff arregalou os olhos. Ele pegou o copo.

- Caramba! Nunca pensei que esse dia chegaria. Acho que você está falando sério sobre a mudança de hábitos. — Ele sacudiu a cabeça. — Ainda não sei como me sinto em relação a isso. Você e Sabrina, é?

- Se ela me quiser.
- Ela vai querer o pacote completo, você sabe.

Um arrepio de expectativa percorreu as costas de Noah. Ele assumiu um ar determinado.

- Estou contando com isso.
- Acho que você precisará de ajuda.
- Eu sei. Eu sei. Ela acha que sou a pior pessoa do mundo.

— Podemos consertar essa coisa toda de Darcy. Vou tentar. Vou colocá-la em contato com você, em primeiro lugar.

— E quanto a Dalton?

— Acho que ele está fora da jogada. Mona diz que eles são apenas amigos.

Noah sentiu-se aliviado.

— E Sabrina está bem com isso? Não está presa ao, cara, nem nada?

— Não, tenho certeza disso. No entanto, você ainda tem um grande problema.

A cadeira estalou quando Noah se inclinou.

— O que é?

Cliff ergueu as sobrancelhas enquanto falava.

— Você, é claro.

— Eu? O que você quer dizer?

— Para conquistar Sabrina, você terá de se transformar em um homem realmente romântico.

Uma sensação inquietante tomou conta de Noah. Ele olhou perplexo para o amigo.

— Como vou conseguir fazer isso?

Capítulo Quinze

Franzindo as sobrancelhas, Noah ajustou os óculos escuros. O mês de junho atingira a Geórgia violentamente, provocando temperaturas máximas recordes. O sol batia nele. O calor tremeluzia da rua, enquanto ele fitava a loja de Sabrina.

Ele fora um cínico completo na maior parte de sua vida adulta. Como se transformaria em um verdadeiro romântico da noite para o dia? Andar em círculos pelo escritório de Cliff enquanto organizava as idéias não rendera nada além do olhar feroz de seu sócio.

Noah pensou em escapar para seu lugar predileto para pensar, o telhado, mas

se perdeu nos pensamentos, pegou o elevador e parou no andar térreo. Saiu e continuou a caminhar.

Não tinha percebido para onde estava indo até que chegou a este lugar. Em algum lugar no meio do caminho ele perdeu a gravata e enrolou as mangas da camisa. Apesar disso, sua camisa estava ensopada de suor. Toda essa caminhada e ele ainda não conseguira pensar em nenhum plano infalível, que a impressionasse.

Olhou de esguelha para Sabrina através da janela da loja.

— Meu Deus, estou virando um crápula.

Apertando os pulsos, sufocou a vontade de entrar de supetão na loja, seqüestrá-la e levá-la para seu apartamento, onde fariam amor selvagem até ela prometer que ficaria com ele para o resto da vida. Apesar de a idéia ter um certo charme, ela provavelmente o consideraria mais um homem das cavernas do que uma pessoa romântica.

Ele usaria isso como última alternativa.

Colocando as mãos nos bolsos, ele se balançou nos calcanhares. Para provar que era um verdadeiro romântico, tinha de provar que acreditava no amor e nos finais felizes. A verdade era que, mesmo que viesse a acreditar nessas malditas coisas, ainda teria de descobri-las.

Tentando se fazer passar por cupido, ele poderia viajar para ver a mãe e convencê-la a dar outra chance ao pai. Ele partiria sentindo que deixara as coisas piores do que antes de sua interferência. Apesar disso, no entanto, não podia deixar de lembrar que sua melhor aposta era ajudar a criar um final feliz para alguém próximo a Sabrina.

Ele estremeceu ao pensar em se meter na vida dos pais dela. Eles precisavam de ajuda profissional, não de um cupido inapto. Não, os pais delas estavam por conta própria. Quem mais, então?

Frustrado, Noah ergueu o olhar para o céu.

— Deus, sei que o Senhor está chocado de ouvir isso de mim, mas preciso de uma certa ajuda. Não estou pedindo um milagre, apesar de não rejeitar um. Apenas queria um pouco de inspiração.

Por longos minutos, ele fitou a livraria, os pensamentos em uma confusão

caótica. Aquilo era muito para a intervenção divina. Talvez pudesse dar outra investida em Cliff. Ele saberia sobre a vida pessoal de cada amigo de Sabrina. Com certeza um deles poderia se beneficiar de um final feliz.

Quando Noah virou para ir embora, uma Mercedes antiga virou a esquina. Diminuindo a velocidade, entrou em um estacionamento em frente à livraria. Com um estalo, a porta do motorista foi aberta. Libby Conrad, com os cabelos vermelhos envoltos em um lenço violeta, saiu do carro. Como se fosse algo que acontecesse todos os dias, ela se ajeitou e acenou para Noah.

Ele levantou a mão para acenar de volta, lembrado-se repentinamente da fotografia de Henry no medalhão dela. Um leve sorriso curvou seus lábios.

— Bingo!

O coração de Noah disparou quando olhou para o pedaço de papel que Tiffany lhe entregou.

— Há quanto tempo ele ligou? Ela apontou para a mensagem.

— Não tem nem cinco minutos.

— Ótimo, talvez eu ainda consiga pegá-lo. — Já estava na metade do corredor quando se lembrou de berrar um obrigado.

Quando chegou no escritório, olhou para o número que ela anotara no papel. O telefone chamou uma, duas vezes. No quinto toque, ele estava pronto para desligar, quando finalmente uma voz respondeu.

— Alô? — Era uma voz rouca de um homem mais velho.

Noah sorriu. Podia ser ele. Podia ser o homem.

— Alô. É o sr. Henry Thomas Watson?

— Henry, você quer dizer?

Falando mais alto, Noah tentou novamente.

— Estou procurando o sr. Henry Thomas Watson. Me informaram que eu o encontraria neste número. Estou retornando a ligação dele.

— Um momento. — O telefone fez um barulho forte. Um murmúrio de vozes cruzou a linha. Noah prendeu a respiração.

— Alô?

— Alô. Meu nome é Noah Banks. Sou de Atlanta, Geórgia, e estou procurando o sr. Henry Thomas Watson, que morava em Decatur.

— Ah, sim, sr. Banks. Bem, meu nome é Henry Thomas Watson e vivi em Decatur há muitos anos.

— O senhor conheceu uma mulher chamada Libby Conrad?

Henry deixou escapar um leve suspiro de prazer.

— Jovem viúva com cabelos com as cores do pôr-do-sol? Uma das mulheres mais lindas que já andaram nas calçadas de Atlanta?

Noah bateu os lábios e fez uma breve oração de agradecimento.

— Ela mesma. Diga-me, sr. Watson, o senhor se interessaria em vê-la novamente?

Um momento de silêncio se instalou entre eles, então:

— Meu Deus, você está dizendo que ela está *viva*, que ainda está aí?

— Está e posso lhe garantir que ela se lembra do senhor.

— Minha Libby está *viva*! Como pode? Estou de luto por ela há trinta anos. Disseram-me que ela morreu em um incêndio.

— Bem, não sei nada sobre o incêndio, mas juro que Libby Conrad está viva e muito bem. Deve ser a sua Libby. Ela usa um medalhão com uma fotografia sua.

— O medalhão! — A excitação fazia a voz de Henry tremer. — Meu Deus, sonhei por tantos anos como poderia ter sido.

Um sorriso estampou a boca de Noah.

— Então, Henry, sugiro que marquemos uma pequena reunião. Você e eu?

Henry respondeu tagarelando de prazer.

— Conte comigo, sr. Banks, apenas me diga onde e quando.

Dois dias depois, um cheiro de óleo diesel preenchia o ar à porta de trás da livraria de Sabrina. Ela verificou uma última caixa de livros que um entregador corpulento deixava no estoque. Depois de assinar rapidamente, devolveu a ele uma cópia da nota fiscal e o encaminhou até a porta.

Com um profundo suspiro, retirou as luvas e olhou as vinte e poucas caixas que

vieram no caminhão. Mas não podia reclamar. Queria manter-se ocupada. Tinha muita coisa na cabeça nos últimos dias.

A mãe dela ligara de manhã. Seus pais estavam adiando a separação enquanto procuravam ajuda com um terapeuta para casais. Apesar de esse passo ter amenizado algumas das preocupações de Sabrina, ainda não era suficiente. Com outro suspiro, ela abriu uma das caixas.

A porta da livraria foi aberta. Toby observou.

— Sabrina? Há um senhor lá fora. Ele precisa vê-la.

— Está bem, Toby. — Ela o seguiu para a frente da loja, fazendo anotações mentais sobre onde colocaria a nova mercadoria.

Toby a levou para o canto de leitura e depois a deixou para atender outro cliente. Um senhor mais velho estava sentado na borda de uma poltrona. Quando a viu, levantou-se vagarosamente e se ajeitou, erguendo os ombros e levantando o queixo. Ele virou a cabeça trêmula, coberta por uma grande quantidade de ondas prateadas.

— Você é Sabrina Walker? — perguntou ele, com os olhos brilhando.

— Sim, senhor. Posso ajudá-lo? — Sabrina inclinou a cabeça. Aquele homem parecia familiar, mas tinha certeza de que jamais o encontrara.

— Espero que sim. Vim da Califórnia. Ela ergueu a sobrancelha.

— Da Califórnia?

— Sim. É uma longa história, mas vim para desfazer um mal-entendido de trinta anos. Me informaram que você é a pessoa que pode me ajudar a colocar as coisas no lugar.

— Desculpe, não estou entendendo. Ele franziu o cenho.

— Não estou fazendo as coisas corretamente. Me desculpe, estou um pouco nervoso.

Ela franziu a testa.

— Posso assegurá-lo, sr....

— Watson. — Ele levantou a mão. — Henry Thomas Watson, de Decatur, mas que vive em Los Angeles há trinta anos.

Por alguma razão que ela não conseguia entender, o nome dele causou um

senso de reconhecimento. Ela apertou a mão dele.

— Já nos encontramos, sr. Watson?

— Não. Como eu disse, vivi na Califórnia nos últimos trinta anos.

Ela balançou a cabeça.

— Sim. Bem, posso assegurá-lo de que o ajudarei da forma que puder, se o senhor me explicar por que razão veio até aqui.

Ele suspirou e um sorriso largo iluminou seu rosto.

— Essa parte é fácil. Vim ver minha noiva.

Ela moveu a boca para um dos lados. Outra noiva, não.

— Bem, parece que há várias delas por aí. O senhor está em busca de alguém especificamente?

Os olhos dele brilharam.

— Sim. Vim por causa de Libby Conrad. Estou trinta anos atrasado, mas finalmente estou aqui.

Sabrina ficou parada e seus olhos se arregalaram quando ela percebeu tudo. Ela engasgou.

— Oh, meu Deus, o senhor é o Henry! O senhor é o Henry de Libby!

Ele sorriu profundamente.

— Ela falou de mim, é?

— Se falou do senhor? Ela vem aqui diariamente e pergunta se o senhor ligou.

— Apesar de não ser da conta dela, Sabrina não pôde deixar de perguntar. — O que aconteceu com o senhor?

Ele sorriu suavemente.

— Você sabia que há trinta anos este lugar era um café?

Ela o fitou, com uma sensação de admiração por dentro.

— Não, não sabia disso. Estou aqui há apenas cinco anos. Já era uma livraria naquela época.

— Bem, foi aqui que nos conhecemos, no café. — O olhar dele se perdeu no tempo. — Ela era a coisa mais doce que meus olhos jamais viram. Trabalhava aqui.

Ele olhou de soslaio e apontou para a livraria.

— Havia um balcão comprido ali. Eu costumava vir depois do trabalho com meu colega, sentar e tomar xícara atrás de xícara de café, só para observá-la. Levei quase dois anos para tomar coragem e falar com ela. Fui presenteado pelo destino quando ela derramou uma xícara de café no meu colo.

— Mas o que aconteceu?

— Ela tentou secar com uma toalha.

— Não, quero dizer, por que vocês não se casaram? Ele balançou a cabeça.

— Uma coisa estúpida, realmente. — Suas sobrancelhas se arquearam. — Nos metemos em uma briga bizarra. A igreja foi o nosso desentendimento. Eu queria fugir para casar, mas Libby não queria saber disso. Tinha de casar na igreja.

Ele interrompeu, passando a mão enrugada pelo rosto.

— Achei que ela estava adiando muito. Todas as igrejas do local estavam reservadas pelos meses seguintes.

— Meu irmão já morava em Los Angeles. Ele tinha um café, mas não como este aqui. Era maior, mais na moda. Libby e eu já tínhamos decidido segui-lo. Ela trabalharia para ele. Ele tinha um pequeno apartamento sobre o café e nós íamos alugá-lo. Eu era representante de vendas na época, e viajava um bocado. Havia uma empresa tentando me contratar, na qual eu não teria de viajar tanto. Mas precisava fazer uma viagem a Houston antes, na semana anterior à nossa mudança. Ele suspirou.

— Libby ainda não estava falando comigo quando eu parti. Eu tinha muita pressa de casar com ela. Não gostava da idéia de ficarmos separados. Tinha de começar no emprego novo. Uma fuga fazia sentido para mim, mas eu não suportava vê-la chateada.

— Então, liguei para meu irmão e pedi que verificasse as igrejas perto dele. E fiz uma pequena prece. Mal acreditei quando ele ligou dizendo que tinha achado uma igreja que poderia realizar a cerimônia naquele fim de semana. O telefone de Libby já tinha sido desligado, então enviei-lhe um telegrama e deixei um recado urgente no café.

Ele fez uma pausa.

— Entretanto, acho que ela nunca chegou a receber a mensagem. Houve um incêndio terrível aqui. Pelo que eu soube, destruiu o lugar. — A voz falhou. — Me disseram que Libby estava trabalhando naquele dia. E que não escapara.

Ele engoliu em seco e enxugou os olhos.

— Pensei que não fosse continuar vivo por muito tempo. — O olhar dele estava fixo em Sabrina. — Se não fosse por meu irmão, acho que teria perdido a cabeça. Não podia aceitar que minha Libby estava morta.

Piscando para conter algumas lágrimas, Sabrina colocou a mão no braço dele.

— Ela não estava. Estava esperando por você, todo esse tempo. — Ela respirou rapidamente. — Temos de ligar para ela. — Excitada com a possibilidade de ver os dois amantes reunidos novamente, Sabrina correu para o balcão para pegar o catálogo de clientes. — Tenho certeza de que possuo o telefone dela em algum lugar.

Enquanto ela virava as páginas apressadamente, Henry continuou de modo sonhador.

— Que mulher! Nunca entendi por que ela foi gostar de mim.

Sabrina encontrou a lista. Pegou o telefone e digitou o número enquanto Henry continuava com suas reminiscências.

— Ela tinha uma alma passional, minha Libby.

O telefone tocou na casa de Libby.

— Ela dançava para mim enquanto eu tocava gaita. — Ele levantou os braços. Devagar, girou seus pequenos quadris enquanto imitava as notas da flauta.

Se Sabrina tivesse alguma dúvida se aquele era o Henry de Libby, elas sumiram naquele momento. Sem tirar os olhos de Henry, esperou o telefone de Libby tocar seis irritantes vezes. Ela se encheu de desapontamento.

— Ela não atende.

O tocar do sino atraiu o olhar de Sabrina para a porta. Libby Conrad entrou, com seu emaranhado de cachos rui-vos preso a um lenço, como sempre. O olhar dela encontrou Henry, enquanto ele rodopiava pelo chão. Sabrina prendeu a respiração, surpresa, e o rosto de Libby foi tomado por uma expressão de reconhecimento.

— Henry? — Libby deu um passo vacilante para a frente.

Henry rodopiou na direção dela. Ficou paralisado.

— Libby?

— Meu Deus! — Com um grito de felicidade, ela se lançou na direção dele. — Eu sabia que você viria! Você está atrasado, mas eu sabia que viria!

Ele a encontrou na metade do caminho, levantando-a com uma força que Sabrina jamais pensou ser possível, depois balançando-a em um grande círculo. A risada dela levou aconchego e calor para o interior de Sabrina. A cena ficou embaçada, e uma incrível felicidade tomou conta dela. Sabrina sequer tentou impedir as cascatas de lágrimas de caírem por suas bochechas.

Libby tinha encontrado seu Henry.

Ele a sentou, seu sorriso era largo.

— Deus, Libby, você está tão bela quanto posso me lembrar.

Ele a sentou, apresentando um sorriso amplo.

— Meu Deus, Libby, você está tão linda quanto antes. Ela deu um tapinha no braço dele.

— Seu bode velho. Eu envelheci, assim como você. Por que demorou tanto?

— Porque pensei que estivesse morta. Liguei para cá para dizer que consegui uma igreja em Los Angeles para o casamento. Como você não apareceu nem mandou notícias, liguei para o proprietário do imóvel em que você morava. Ele disse que você havia morrido no incêndio que assolou este lugar. Acho que fiquei chocado demais para verificar com as autoridades. Acreditei nele.

Libby sacudiu a cabeça.

— Pobrezinho. Saí mais cedo naquela noite para levar minhas coisas com a minha irmã. Só soube do incêndio na semana seguinte. Não tinha idéia de que alguém pensava que eu estivesse morta.

— Nunca recebi seu recado e acho que você perdeu o meu. Liguei para o hotel em Houston e disse a eles para avisá-lo que estava pronta para fugir. — Ela passou a mão no rosto dele. — Odiava o fato de termos brigado. Acreditei que Deus entenderia. Tudo que eu queria era ser sua noiva.

Com um largo sorriso, Henry a abraçou, depois a afastou.

— Bem, graças ao gentil sr. Banks você terá mais uma chance.

Ela sorriu para ele, os olhos cheios de amor.

— Você realmente conseguiu uma igreja para casarmos?

— Com licença. — Sabrina contornou o balcão com o coração palpitando. — O senhor disse sr. Banks?

Henry virou-se para ela.

— Isso mesmo. Noah Banks. Disse que é um grande amigo seu e que estava muito feliz por unir-me a Libby novamente. — Ele cocou a cabeça. — Algo sobre ter de provar para alguém que ele acreditava em finais felizes. Você entende isso?

Sabrina engoliu o nó que tinha na garganta. Talvez entendesse.

— Oh, espero que sim. Vocês me dão licença? Tenho algo a fazer.

Ela olhou para Toby. Como sempre, ele estava ocupado organizando a área de ficção científica.

— Toby, você pode ficar e fechar a loja à noite? Ele retirou uma mecha de cabelo azul do olho.

— Claro. O que aconteceu? — Ele ergueu as sobrancelhas sugestivamente. — Tem um encontro quente?

Ela deixou uma risada escapar.

— Talvez tenha.

Depois de pegar as chaves e a bolsa, ela correu para a porta. Se Noah realmente acreditava em finais felizes, isso também significava que ele acreditava em amor?

— Onde ele está? — Sabrina mordeu os lábios e se apoiou na porta do escritório de Cliff.

Ele saiu de trás da tela do computador.

— Oi, mana. Está falando de Noah? Ela balançou a cabeça.

— Ele não está no escritório.

Dando de ombros, Cliff olhou para o relógio.

— Ele passou o dia como um animal enjaulado. — Olhou para ela com uma

curiosidade escancarada. — Tinha muita coisa na cabeça. Estava me deixando quase louco andando de um lado para o outro. Disse para ele ir para casa.

— Você o mandou para casa? — O coração dela pesou. Ela enrolou a alça da bolsa nas mãos.

— Eu sugeri. Noah não tem de me obedecer. Ele não estava trabalhando, de qualquer forma. Saiu há uma hora, mais ou menos.

— Mas espere — chamou Cliff, quando ela virou. Ele levantou e se apoiou na mesa.

— Preciso falar com você.

— Pode ser mais tarde?

— Não. Isso não pode esperar.

Rangendo os dentes, ela esperou que ele continuasse.

— As coisas acabaram com Dalton?

— Elas sequer começaram. Parece que ele e sua amiga Darcy deram certo. — Ela expirou forte. — Ele simplesmente não é o tipo de homem para mim.

— Ótimo. — As sobrancelhas de Cliff se uniram. — Quero falar com você sobre essa história de Darcy.

A raiva antiga dela ressurgiu.

— Não quero falar sobre isso agora, mas ainda não o perdoei por isso.

Ele levantou as mãos.

— Assumo toda a culpa. Foi idéia minha. Noah só concordou porque eu implorei. Sabe, ele nunca dormiu com ela.

Sabrina deixou escapar um suspiro pesado. A única nuvem negra em sua esperança era Darcy. Noah estivera com ela naquela noite.

— Ela estava com ele na noite do chá-de-panela. Eu a vi, mas...

— Eles não fizeram nada.

— Ela vestia o robe dele, Cliff. O robe dele. Ele se reclinou um pouco.

— É mesmo? Bem, ainda assim, não fizeram nada. Ele estava caindo de bêbado quando ela o encontrou no bar. Ela estava apenas ajudando. Aparentemente, ele estava mexido com o que acontecera com vocês dois.

— Ele contou o que aconteceu entre nós dois?

— Ele não me contou, mas eu juntei as peças, e Darcy tem algumas teorias.

Ela olhou ferozmente para ele.

— Você tem de aprender a se meter apenas na sua vida.

— Eu sei. Sou um bastardo intrometido, e prometi à minha querida esposa que isso vai mudar. — Ele lançou um sorriso esperançoso para ela. — Mas eu tenho boa intenção. Pensei que estava protegendo você.

— Não temos tempo para discutir isso, mas se você interferir na minha vida novamente, vou destituí-lo do cargo de irmão.

— Brina, vamos lá, ele está louco por você! Ela se encheu de esperança.

— É mesmo? Ele falou isso?

— Praticamente abriu um buraco no meu tapete tentando descobrir como conquistá-la.

Ela franziu o cenho.

— Então por que ele me deixou pensar que estava com Darcy?

— Quem sabe? Talvez pensasse que não fosse bom o bastante para você. Você exige muito de um homem.

— Tenho de falar com ele. Cliff balançou a cabeça.

Ela virou e acenou para ele por cima do ombro.

— Nos falaremos depois. Ele sorriu.

— Corra atrás dele.

Noah andou até a janela da frente e ficou olhando para o bordo no quintal. Sua cabeça latejava. Acontecera tanta coisa ultimamente que ele não teve tempo de assimilar.

Ontem, seu pai telefonou para dizer que a mãe tinha ligado e que eles se encontrariam para conversar. A viagem de Noah às montanhas valera a pena, afinal. Talvez isso fosse um bom augúrio. Se os pais dele pudessem se entender, ele também tinha uma chance de consertar as coisas com Sabrina.

Henry devia estar na livraria agora. Talvez Noah devesse ter isso junto para ver como foram as coisas.

Olhou nervosamente para as velas que piscavam pela casa. Ele as colocara em todos os quartos, antecipando a admiração de Sabrina quando as visse. Certamente ela iria até ele. Uma música suave tocava no rádio no quarto da frente. Ele balançou a cabeça. Se ela não aparecesse, ele se sentiria um grande tolo por ter criado um ambiente tão romântico.

E se o encontro de Libby e Henry tivesse dado errado por alguma razão? E se Libby não tivesse tido um final feliz? Por que Noah não tinha pensado em um plano alternativo? Sempre havia a chance de ele se jogar aos pés de Sabrina, implorando, pedindo misericórdia.

A campainha tocou. O coração de Noah se contraiu. Engolindo em seco, abriu a porta. Sabrina estava do outro lado.

— Sabrina, entre.

Os olhos dela se estreitaram e sua boca afinou quando ela entrou. As esperanças dele foram renovadas quando ela cruzou a porta. Parecia que ele estava implorando, ou talvez agora fosse a hora de colocar em prática aquela idéia do seqüestro.

— O senhor é um impostor. — Ela levantou um dedo acusatório na direção dele.

Ele inclinou a cabeça, mantendo a voz calma.

— Por quê?

Ela parou a alguns centímetros dele. Ele segurou o impulso de jogá-la por cima dos ombros. Os lábios dela se suavizaram em um pequeno sorriso.

— Você achou o Henry de Libby! Isso *não* foi trabalho de um cínico.

A esperança se renovou no coração dele. Noah deu de ombros.

— Eu vi os erros que cometi e decidi mudar.

— Henry disse que você alegou que queria provar para alguém que você acreditava em finais felizes.

O olhar dele foi na direção dela.

— É verdade.

Ela deu um passo adiante e olhou nos olhos dele, seus olhos brilhando com aquela pureza que mexia muito com ele.

— Por quê?

— Encontrei uma mulher que acredita no amor e em "felizes para sempre". Ela me ajudou a ver o mundo de uma nova forma. Me fez querer coisas que jamais pensei em querer.

O olhar dela se suavizou. Sabrina tocou o peito dele com a mão.

— Como?

— Uma casa, uma mulher... filhos.

Ela ficou em silêncio por um momento, depois virou de costas para Noah. Ele apertou o punho para não agarrá-la pelas costas. Ela tinha de ir até ele por vontade própria.

Quando ela levantou o olhar novamente, ele viu dúvida em seus olhos.

— Por que me deixou acreditar que estava com Darcy? Não sabe como isso dói?

Ele não podia resistir à urgência de confortá-la. Acabou com a distância entre eles e envolveu-a nos braços, sem apertar muito. Ele a segurava de forma solta, de forma que ela pudesse se soltar quando quisesse. Para profundo alívio dele, Sabrina não fez nenhum movimento nesse sentido.

— Você queria tanta coisa na vida. Me senti tão... sobrecarregado. Não pensei que pudesse lhe dar o que você merecia. Pensei que pudesse ter a atitude nobre de deixar você partir, até que você encontrou Dalton e ele pareceu querer dar tudo isso a você. Por favor, me diga que você não está saindo com aquele homem.

— Não estou saindo com aquele homem.

Ele fechou os olhos, aliviado além da medida. Quando os abriu, ela olhou para ele bem de perto.

— Tenho sido infeliz desde que deixei você na Flórida. Eu só penso em você, sonho com você. Quero fazê-la feliz de todas as maneiras. Oh, Deus, eu amo você, Sabrina.

Os olhos dela cintilaram. Ele segurou a respiração, esperando a resposta dela. Quando veio, não foi exatamente o que ele esperava.

— Prove.

Ele fez uma longa pausa.

— Desisti de mulheres e de tequila. — Fez nova pausa. Ela olhou para ele, esperando. Noah continuou: — Posso desistir do futebol às segundas-feiras...

Ela ainda estava parada, com a sobrancelha erguida. Ele teve uma idéia.

— Vou sair e... fazer uma tatuagem? Ela balançou a cabeça.

— Não, isso não adianta.

— O que, então?

Ela levantou os braços, envolvendo o pescoço dele e se aproximando.

— Não preciso de nada tão complicado. Estava pensando em algo mais... pessoal.

A pulsação dele acelerou.

— Como?

— Faça amor comigo, Noah. Ele a apertou.

— Meu Deus, sim, mil vezes sim.

Ela mordiscou o lábio dele e se apertou contra ele.

— Tenho tido os sonhos mais depravados com você. Ele fechou os olhos e sorriu, deixando os dedos descerem até o bumbum dela.

— Acendi velas para você e coloquei música suave.

— Sim, eu percebi. Você é um verdadeiro romântico. Os olhares deles se encontraram.

— Você me ensinou que o amor verdadeiro existe.

Sabrina sorriu, repleta de expectativa. Sim, é verdade, o amor *existia*. Ela nunca devia ter duvidado disso. Ficando na ponta dos pés, ela pressionou o corpo contra o de Noah.

— Esta é a parte em que você me arrebatava. Preciso saber se eu realmente o satisfação na cama.

— Você não tem dúvidas, tem? Não depois de tudo o que compartilhamos. Você tem de perceber que *nunca* foi assim com mais ninguém.

— Bem, você tem muito mais experiência que eu. Pensei...

Uma luz profunda brilhou nos olhos dele.

— Então vamos colocar essa preocupação de lado.

Ela se inclinou para se aninhar nos braços dele. Como antes, ele a carregou para a cama. Beijou-a profunda e vagarosamente e tirou as roupas dela, colocando a boca e a língua em cada centímetro de pele exposta. Ela estremeceu.

Ele recuou para olhar para ela.

— Vê como você responde a cada toque?

Ela balançou a cabeça, deixando escapar um gritinho quando ele passou a ponta da língua em seu mamilo endurecido. Ele a pegou na boca, sugando-a até ela se unir a ele, gemendo devagar.

— Claro que respondo. Você sabe o que faz.

Ele se despiu, depois se deitou ao lado dela, embalando-a com seu corpo.

— É o fato de você responder que me dá prazer.

— Você tem prazer por me dar prazer?

— Algo assim. Eu realmente fico excitado de ver você aproveitar a forma como a toco.

Ela deslizou o dedo pelo peito dele.

— Isso é bom.

— Confie em mim, Sabrina. Você não tem com que se preocupar. Eu juro.

Sorrindo, ela o empurrou, deleitando os olhos em suas curvas e retas. Ele era glorioso, cada centímetro masculino dele era maravilhoso.

— Acho que também tenho prazer em dar prazer a você.

Ela passou a mão pela frente dele, pela musciosa barriga, pela parte misteriosa que estava rígida, apontando para ela. Moveu-se para cima dele, tocando-o primeiro com a ponta dos dedos, depois ficando mais atrevida, pegando-o com a mão.

O peito dele se retesou. Noah olhou para ela.

— Bem, você está definitivamente me dando prazer. Ela se encheu de confiança, mas balançou a cabeça.

— Ainda não estou convencida. Acho que tenho de provocá-lo um pouco mais.

Ela balançava a mão para cima e para baixo.

— É tão duro, apesar de sedoso ao mesmo tempo e... — ela passou o dedo pela glândula — ...tão bonito.

Ele se sentou, segurando os seios dela, mas Sabrina afastou as mãos dele. Curvou-se por cima dele, os cabelos roçando nos músculos de Noah.

— Quero fazer isso desde aquela primeira noite no meu apartamento. Quero retribuir a você algo que fez comigo.

— Você não é obrigada, Sabrina.

Ela fez uma pausa enquanto sua respiração ventilava a carne aquecida dele.

— Você não quer que eu faça?

— Quero — ele engasgou. — Se você realmente quiser. Você definitivamente me dará prazer.

Ela pressionou os lábios na pele macia dele, se maravilhando com a rigidez subjacente. Devagar, explorou centímetro por centímetro usando os lábios, a língua e mesmo os dentes, como ele fizera. Dar prazer a ele também dava prazer a ela. A pulsação dela era lenta entre as coxas, inchando-a, umedecendo as partes sinuosas de sua feminilidade.

Quando ela o colocou totalmente na boca, o quadril de Noah se ergueu na cama. Ele gemeu, socando o colchão.

Ela se afastou.

— Machuquei você? Ele riu.

— Você está me matando... mas não me machucou. Ela franziu o cenho.

— Você parece tenso. Sentando-se, ele a agarrou pelos braços.

— Eu preciso... entrar... em você.

— Oh. — Ela olhou longamente para baixo. — Mas eu ainda não tinha acabado.

— Um calor subiu por ela. — Se me lembro bem, você me beijou assim por um bom tempo. Em várias ocasiões.

— Você terá de esperar outro momento. — Ele a jogou de costas na cama, abrindo as pernas dela e se aninhando entre elas. A ereção dele pressionava a junção das coxas dela. — Se você não mantiver isso assim, eu não poderia entrar em você.

— Oh. — Ela se arqueou quando ele beijou seus mamilos, massageando-os com

os lábios. — Oh.

Ele a tocava em todos os lugares, sugando os mamilos e enfiando os dedos em seu triângulo de cabelos, até aquela parte que pulsava à suas carícias. Ele a tocou até que ela jogasse a cabeça no travesseiro.

— Noah... preciso... de você... agora.

Ele juntou a boca à de Sabrina, beijando-a profundamente, enquanto adentrava as dobras macias dela. A ponta robusta dele sondou a entrada dela. Sabrina se mexeu, dando boas-vindas a ele, se admirando com a sensação dele apertando-a, preenchendo-a. Ele fez um movimento rápido com o quadril e entrou fundo nela. Lentamente, puxou o corpo dela para unir-se ao seu em uma dança rítmica, seus movimentos causando pequenas ondulações de prazer.

— Oh, Noah, é sempre tão bom. Ele riu.

— Essa é a parte em que os dois têm prazer.

Ela murmurou algo em concordância. As palavras escaparam dela, enquanto o desejo crescia e tomava conta dela. Um som de êxtase engasgava na garganta. Ela chegou ao clímax um segundo antes dele, seus gemidos se mesclando enquanto a noite cobria o quarto.

Por longos momentos, eles se abraçaram, o coração dela batendo forte. As luzes das velas piscavam pelas paredes. Ela se mexeu, se apoiando no cotovelo para sorrir para ele. Seu coração se encheu de calor.

— Então, creio que teremos um caso, afinal.

Ele ergueu as sobrancelhas espessas.

— Absolutamente não! Nem sonharia com isso. Um alarme disparou dentro dela.

— O que quer dizer, sem caso?

— Quero dizer... — Ele a aninhou nos braços. — Temos uma vida inteira de amor à nossa frente. Não vou me contentar com um mero caso. Com certeza você não quer brincar comigo.

Ela se encheu de felicidade.

— O que exatamente você está dizendo?

— Estou pedindo que case comigo, Sabrina. Eu realmente não espero nada

menos que isso.

— Então creio que terei de casar. De que outra forma viveremos felizes para sempre?